

ANDRÉ LUIS FREITAS DA SILVA

REDUÇÕES JESUÍTICO-GUARANI: espaço de diversidade étnica

DOURADOS – 2011

ANDRÉ LUIS FREITAS DA SILVA

REDUÇÕES JESUÍTICO-GUARANI: espaço de diversidade étnica

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: *História, Região e Identidades*.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cândida Graciela Chamorro Argüello

DOURADOS – 2011

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central - UFGD

980 S586r	Silva, André Luis Freitas da. Reduções Jesuítico-Guarani : espaço de diversidade étnica / André Luis Freitas da Silva. – Dourados, MS : UFGD, 2011. 174 f. Orientadora: Profa. Dra. Cândida Graciela Chamorro Argüello. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados. 1. Índios – América Latina. 2. Índios - História. 3. Índios Guarani. I. Título.
--------------	--

ANDRÉ LUIS FREITAS DA SILVA

REDUÇÕES JESUÍTICO-GUARANI: espaço de diversidade étnica

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH/UFGD

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Presidente e orientadora:

Cândida Graciela Chamorro Argüellol (Dr.^a,UFGD) _____

2º Examinador:

Julio Ricardo Quevedo dos Santos (Dr.,UFSM) _____

3º Examinador:

Antonio Dari Ramos (Dr.,UFGD) _____

Nossas vidas são iguais a embarcações que navegam sobre um mar eterno. Neste momento de lucidez quero dedicar este trabalho ao meu **Deus**, pela oportunidade que me deu, de em minha existência física estar cercado pelas pessoas certas. Minha mãe **Helena**, meu pai **Miguel**, minha filha **Bárbara**, minha esposa **Lucicleide**, irmãos e irmãs, e, em especial, ao meu querido sobrinho **Fernando**, pois, foi na tristeza de tua ausência que minha vida tomou um novo rumo e me trouxe até este dia. Fernando, ainda estou tentando me socializar...

AGRADECIMENTOS

Ao final desta caminhada gostaria de agradecer às pessoas que me oportunizaram ter finalizado este trabalho. A minha orientadora professora Graciela, que teve uma paciência de *Jó* para me orientar em minhas dificuldades, sanando minhas dúvidas e me corrigindo com firmeza quando necessário. Confesso que me reconstruí enquanto cidadão e, enquanto profissional durante o tempo em que estive sob sua orientação. *Muito obrigado professora!* Não posso esquecer meu primeiro professor e primeiro orientador Antonio Dari Ramos, que acreditou em mim enquanto graduando, me oportunizando ter chegado ao mestrado com seus ensinamentos e, mais tarde, por meio de sua disciplina e orientações que chamo de conselhos, ter me auxiliado a chegar até o final. Agradeço aos professores Guillermo Wilde e Isabelle Combès, pelas orientações e indicação de fontes e bibliografia necessária ao meu trabalho. Aos professores da UFGD, pelas aulas ministradas com maestria, que me possibilitaram adquirir as ferramentas necessárias para a realização da pesquisa. Aos profissionais que exercem funções técnicas dentro da UFGD, principalmente Carlos Barros e Cleber, que constantemente me auxiliaram em minhas demandas. Ao amigo e professor Losandro Tedeschi, pelos bons conselhos. Enfim, agradeço a todos aqueles que de uma forma ou de outra colaboraram para a realização deste trabalho.

RESUMO

Os estudos históricos sobre as missões jesuíticas nas Américas resultaram numa vasta e diversificada biblioteca sobre os colonizadores europeus e as populações indígenas. No caso da historiografia produzida sobre os jesuítas do antigo Paraguai, em vários trabalhos tem se buscado fazer novos aportes teóricos sobre as reduções, focar novos temas e aprofundar temas já trabalhados no âmbito desse evento na história indígena sul-americana. Situadas numa região pertencente hoje à Argentina, ao Uruguai e Paraguai, à Bolívia e ao Brasil, essas reduções aparecem geralmente na literatura missioneira como sendo exclusivamente formada por grupos Guarani, que sob a tutela dos jesuítas concretizavam a utopia de uma sociedade de indígenas cristianizados. Mas as reduções veem sendo descobertas como espaços de significativa diversidade étnica, linguística e cultural. Nesse sentido, este trabalho teve o objetivo de estudar o contexto histórico em que as reduções foram organizadas, a fim de identificar e descrever populações reduzidas que não eram Guarani nem guarani falantes, além de analisar os motivos que levaram a crer que as reduções eram habitadas somente por Guarani. Para alcançar tais objetivos a pesquisa que fizemos foi basicamente documental e consistiu numa leitura atenta e crítica das fontes selecionadas, com destaque às *Cartas Anuas* jesuíticas, apoiada em obras historiográficas e antropológicas. Isso nos permitiu concluir que num conjunto de 57 reduções organizadas por jesuítas e populações nativas ao longo de 159 anos, 25 foram constituídas por grupos diferentes entre si, cultural e linguisticamente. Concluimos também que a ideia de que as reduções eram habitadas só por Guarani está historicamente vinculada à política colonial iniciada no século XVI, de reduzir a vasta diversidade étnica a uns poucos grupos considerados principais.

Palavras-chave: Diversidade Étnica. Guarani Reduzido. Jesuítas.

ABSTRACT

Missionary historiography has created many approaches about the contact between Europeans and native people from Southern America. In the specific case of missionaries of Society of Jesus which worked with indigenous populations of the old Jesuitical Province of Paraguay, between 1607 and 1768. The approaches have had as an aim bringing new theoretical contributions or complement issues that had already been developed about this period of southern American indigenous history. Jesuits set up many villages with native people, usually called Reductions, located in the Jesuitical Province of Paraguay, which included the territory formed nowadays by Argentine, Uruguayan, Paraguayan and part of Bolivian and Brazilian Republic. Territory where the variety of people, languages, habits and traditions were quite diverse. Thus, we can state that the Guaraní Indians reductions inserted in this social cultural context were formed by a wide diverse. Nevertheless, it was not shown by part of the sources and missionary bibliography, because of many works that talk about this issue present the reduction of Guaraní Indians as the place belonging to them. It appears in the literature of missionaries as the main historical subject, under Jesuit guardianship, acting in a specific geographical space, and then it made them convert to Christianity. Therefore, this work has intended to study the historical context in which these reductions were organized; besides analyze the reasons that make us get wrong impressions that only Guaranís lived in the reductions. In order to get these aims, we analyzed mainly the Jesuitical letters written in that period that were called *Cartas Ánuas*. We have used ethnic history as method, which made us get the conclusion that from the amount of 57 reductions organized by Jesuits and native population, throughout 159 years, 25 were lived by different groups. This wrong impression comes from the colonial politics started in XVI century with the purpose of reduce the population into a few small groups.

Key-words: Diverse ethnic, ‘Reduced’(forcibly concentrated) *Guaraní, Jesuits*.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Reduções organizadas entre 1609 e 1768	68
Tabela 2 – Reduções com diversidade étnica	74

SUMÁRIO

Lista de tabelas	09
Introdução	11
Capítulo 1	
SOBRE CRONISTAS, POVOS INDÍGENAS E CONCEITOS TEÓRICOS: O CONTEXTO DA PROVÍNCIA GIGANTE DAS ÍNDIAS	
1.1. Introdução	26
1.2. Impressões dos cronistas sobre as terras e as gentes na Província: primeira parte	27
1.3. Nação indígena e etnia: considerações importantes	34
1.4. Impressões dos cronistas sobre as terras e as gentes: segunda parte	37
1.5. O Guarani e a <i>guaranização</i>	41
1.6. Impressões dos cronistas sobre as terras e as gentes: terceira parte	44
1.7. Os Etnônimos e a etnificação dos grupos	55
Capítulo 2	
JESUÍTAS, REDUÇÕES E ÍNDIOS: A COMPANHIA DE JESUS E SUAS REDUÇÕES DE GUARANI	
2.1. Introdução	65
2.2. Os Jesuítas: primeiros passos na América espanhola e a concepção das reduções ..	66
2.3. Organização das Reduções na Província Jesuítica do Paraguai	77
Capítulo 3	
DIVERSIDADE ÉTNICA NAS REDUÇÕES DE ÍNDIOS GUARANI	
3.1. Introdução.....	95
3.2. Diversidade nas reduções do Guairá	96
3.3. Diversidade étnica nas reduções do Tape	113
3.4. Diversidade étnica nas reduções do Tape (segundo ciclo missioneiro)	127
3.5. Diversidade étnica nas reduções do Uruguai	133
3.6. Outros casos de diversidade étnica	149
Considerações finais	157
Fontes e bibliografia	166
	10

INTRODUÇÃO

Por que diversidade étnica nas reduções de índios Guarani, quando o próprio nome *Reduções de Índios Guarani* pressupõe que essas reduções eram formadas só por indígenas dessa etnia? Ao menos era isso que eu pensava até meados de 2006, quando pela primeira vez ouvi falar que uma das reduções, *San Ángel*, teria sido habitada por índios da etnia Kaingang. Até então, as leituras que realizava sobre as missões jesuíticas – Guarani – não havia despertado minha atenção sobre o fato das reduções terem sido habitadas também por indígenas que não fossem Guarani. Mas, se elas eram habitadas por outras populações étnicas, porque então eram chamadas de reduções de índios Guarani, e, porque as leituras que eu realizava não me permitiam perceber a existência dessa diversidade? Seriam todas as reduções habitadas por diferentes etnias? Os Guaranis seriam a etnia majoritária? Por que a literatura produzida no período colonial e a bibliografia dos séculos posteriores não eram claras a esse respeito? Eram questionamentos que me incomodavam e para os quais eu não obtinha respostas mais objetivas. Também eram questionamentos de alguém que estava fazendo suas primeiras incursões na história das missões religiosas promovidas pela Companhia de Jesus nas terras do antigo Paraguai e, que ao mesmo tempo, se inseria no contexto histórico das populações nativas que habitavam o referido território.

Ingressei na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, URI / Campus de Santo Ângelo, situada no interior do estado do Rio Grande do Sul, em março de 2003. E, embora vivesse na cidade que foi fundada sobre os alicerces do último dos Sete Povos, *San Ángel*, fundada em 1706, a ideia que eu fazia das reduções Guaranis era como a que se tem quando se lê a *Republica Guarani*¹, ou seja, uma ideia construída na exaltação de um evento histórico, portanto, frágil enquanto conhecimento histórico².

¹ Com o título original *La République Communiste Chrétienne des Guaranis*, o padre suíço Clovis Lugon publicou sua obra em 1949, na qual exaltava a experiência jesuítica junto aos Guaranis. Em 1968 a editora Paz e Terra, publicou a versão em português da obra.

² Cf. REIS, J., C., *História e teoria*, p. 8-12.

Os primeiros contatos com o tema referente às missões ocorreram somente em fevereiro de 2004, quando o professor Dr. Antonio Dari Ramos (atualmente docente na UFGD), coordenador do curso de História, convidou-me para ser bolsista junto ao Programa de Iniciação Científica da FAPERGS - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul, para desenvolvermos uma pesquisa que tinha como tema *Análise do discurso jesuítico sobre as penitências contido nas cartas ânuas da Província Jesuítica do Paraguai entre os anos 1609 e 1637*. Neste sentido, de fevereiro de 2004 a junho de 2005 tive contato pela primeira vez com cópias de *Cartas Ânua*s e com outros documentos produzidos no período colonial pelas mãos dos padres jesuítas, além das *Constituições* da Companhia de Jesus e do livro de *Exercícios Espirituais* de Inácio de Loyola. A leitura desse material me permitiu conhecer a formação dos jesuítas e a proposta da Sociedade de Jesus, enquanto Ordem religiosa da Igreja Católica tridentina, e me inteirar do contexto sociocultural das terras do antigo Paraguai, visto pela ótica dos religiosos.

Como estava inserido em uma pequena universidade do interior do estado do Rio Grande do Sul, que na época tinha grande parte de suas pesquisas na área de história voltadas para o período reducional, e que também possuía um amplo acervo bibliográfico sobre as missões jesuíticas, acervo organizado com a importante colaboração do padre jesuíta Bartomeu Melià, passei a me dedicar com mais afinco ao tema, participando de eventos locais e regionais, pois estava inebriado pelo processo histórico que se desenvolveu em solo americano. No entanto, eu ainda não havia me dado conta da existência de outros grupos étnicos no interior das reduções de índios Guarani. Situação que somente veio a ocorrer quando eu participava na condição de bolsista em outro projeto acadêmico.

Era um projeto de extensão que objetivava constituir uma proposta de prática pedagógica inclusiva das comunidades Mbyá Guarani e Kaingang, que habitavam terras indígenas na região noroeste do RS. Durante o desenvolvimento desse projeto, tivemos assessoria do linguista Wilmar D'Angelis, especialista em línguas Jê, e mantivemos um constante diálogo com indígenas das etnias Kaingang e Mbyá Guarani, representadas pelo Mbyá Cláudio Acosta e pelo professor Kaingang Bruno Ferreira, que foram parceiros no desenvolvimento e aplicação do projeto. Foi justamente nas discussões com este último, que um dia comentava sobre a participação de seus antepassados na redução de Santo Ângelo, e das intervenções do professor Wilmar D'Angelis, que nasceu a ideia do projeto que

desenvolvi sob a orientação da professora Dra. Graciela Chamorro, no Programa de Pós-Graduação em História da FCH/UFGD.

Antes de passar propriamente ao objeto da pesquisa, preciso observar o quanto eu estava imaturo em relação à minha proposta de estudo quando ingressei no mestrado em História, na linha de História Indígena da UFGD. Eu ainda sou um aprendiz, e com certeza o serei em toda a minha vida, mas, naquele momento eu realmente precisava me formar e me reformar enquanto pesquisador. Com a orientação da professora Graciela e com as disciplinas (História Cultural, História Indígena e Interculturalidade, Cultura Material, Etnicidade e Territórios Indígenas, e Seminário de dissertação) ministradas respectivamente pelos professores doutores, Eudes Fernando Leite, Antônio Dari Ramos, Jorge Eremites de Oliveira e João Carlos de Souza, pude me inteirar com mais clareza e segurança do objeto que pretendia pesquisar, conforme Carlo Ginzburg³, pude ampliar minha capacidade de ler e interpretar os *sinais* (que me interessavam) presentes de maneira não muito clara na documentação que eu passava a examinar.

Isso só foi possível porque as aulas ministradas, além de ampliarem meu arcabouço teórico da própria disciplina histórica em suas várias vertentes, me permitindo a construção do conhecimento e da escrita histórica, também me permitiram constituir um intercâmbio positivo com a Arqueologia e principalmente com a Antropologia, que me ajudou a fundamentar a pesquisa. Grosso modo, a percepção em relação à evolução da minha condição de pesquisador foi possível de ser percebida durante o diálogo que estabeleci com o objeto pesquisado, visto que aumentava seu grau de complexidade, na mesma medida que eu via desaparecer minhas certezas anteriores durante minha (re)construção enquanto pesquisador.

Na segunda metade da década de 1580, os primeiros jesuítas começaram a realizar missões itinerantes nas terras do antigo Paraguai. Durante duas décadas e meia alguns poucos religiosos realizaram trabalhos itinerantes junto às populações nativas que viviam dispersas pelo território e, em alguns *pueblos* organizados pelos espanhóis. Eles não foram os primeiros a realizarem tais missões, haviam sido precedidos pelos franciscanos que chegaram à

³ Cf. GINZBURG, C., *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*, p. 143-275.

Assunção em 1575⁴, e já estavam fixando alguns grupos indígenas em determinados locais, onde os missionários procuravam converter os povos indígenas ao catolicismo tridentino, imprimindo neles uma nova maneira de se relacionar com o mundo, ou seja, no entendimento da época, tirando-os da condição de *sem fé, sem lei e sem rei*, para uma condição de civilidade, urbanidade e política, possivelmente semelhante ao padrão que viviam as classes mais pobres dos reinos ibéricos, tornando-os por sua vez, súditos dos reis católicos.

Eram os primeiros passos para o desenvolvimento de um conjunto de *pueblos*, conhecidos comumente como reduções, que alcançariam seu êxito enquanto modelo urbano e organização sociocultural, alguns anos mais tarde pelas mãos dos padres jesuítas.

Oficialmente a ação missionária dos padres da Companhia de Jesus se inicia somente em 1607, três anos após a criação da Província Jesuítica do Paraguai. Ao final desse ano, sob a direção do provincial Diego de Torres Bollo os jesuítas começam a dar os primeiros passos para constituir o que a historiografia consagrou como *Reduções Jesuíticas-Guarani* ou simplesmente reduções de índios Guarani, organizando ao final de 1609 a redução de *San Ignacio Guazú del Iguaracamygá*, na margem esquerda do Rio Tebicuari. Essa redução foi a primeira de uma série de reduções que seriam organizadas juntamente com populações nativas ao longo de um século e meio nas subprovíncias do Guairá, Tape, Uruguai, Itatim e Paraná, territórios que faziam parte da Província Jesuítica do Paraguai.

Desde então a literatura missionária procurou consagrar ao índio Guarani a primazia desse espaço, tanto fora da redução quanto no interior da mesma, dando a entender que os Guarani eram a população majoritária no território. Nesse sentido, observou o padre Nicolau Duran em 1628, que Guarani é o “nombre general que comprende todas las naciones del paraguay que son muchísimas”⁵, e também o padre jesuíta José Cardiel⁶, que participou ativamente do processo reducional durante parte do século XVIII, ao comentar que nas missões do Paraguai, “sus indios en rigor todos son Guaranís o Guaranies, y así los llaman los jesuitas y los escritos reales que de ellos tratan”.

A afirmação dos dois padres nos remete a uma ideia de que os Guarani formavam uma categoria étnica ampla e homogênea, que se fortaleceu com as reduções, uma vez que

⁴ Cf. MELIÀ., B. *La lengua Guaraní en el Paraguay Colonial*, p.21.

⁵ DURÂN, N. M., 1628 *apud* CORTESÃO, J., *Jesuítas e Bandeirantes no Guairá (1549-1640)* p.234.

⁶ CARDIEL, J., *Compendio de la Historia del Paraguay*, 1780 p. 74.

eles habitavam *pueblos* espalhados por um imenso território, falando um único idioma e reproduzindo padrões socioculturais que se assemelhavam em todos os povoados. Outros relatos e trabalhos da época já faziam afirmações que davam essa mesma impressão. Esses e outros trabalhos posteriores levaram Maria Cristina dos Santos e Jean Tiago Baptista⁷ a observarem que na “historiografia consolidou-se a imagem das reduções paraguaias como um espaço absolutamente de população Guarani,” que já havia sido instaurado durante o próprio processo reducional, quando “os próprios missionários assim se referem a elas: *Pueblos de Guaranies*”. Locais onde os Guaranis são apresentados como principal sujeito histórico que, sob a tutela jesuítica, age num determinado espaço geográfico concretizando uma sociedade de indígenas cristianizados.

Mas se essa era a imagem consolidada, qual a situação dos antepassados dos Kaingang que a tradição oral deste povo recorda como tendo habitado a redução de Santo Ângelo Custódio? Eles também foram considerados Guarani? Podemos considerá-los invisibilizados por parte da literatura colonial? Ou parafraseando Guillermo Wilde⁸, que analisa processos de etnogênese nas reduções, podemos supor que somos condicionados a ter uma falsa impressão de que nas reduções havia apenas índios Guarani?

Esse trabalho foi desenvolvido no intuito de responder esses questionamentos a partir da identificação e descrição das populações nativas que habitaram as reduções de índios Guarani da Província Jesuítica do Paraguai dos séculos XVII e XVIII, que não tinham como língua própria o idioma Guarani. Procurou-se, outrossim, analisar prováveis fatores que causam a falsa ideia de que as reduções eram habitadas somente por grupos Guarani.

Salientamos que ao procurarmos identificar a coexistência de diversas etnias no interior das reduções de índios Guarani, não temos a intenção de falar sobre as reduções, no que tange à sua organização, estrutura, economia, religiosidade, enfim, nos vários elementos que as definem, pois, entendemos que já há uma vasta literatura que dá conta do tema. Portanto, faremos apenas pequenas abordagens para complementar nossas ideias.

⁷ SANTOS, M.; BAPTISTA, J. *Reduções Jesuíticas e povoados de índios: controvérsias sobre a população indígena (século XVII-XVIII)*, p. 241.

⁸ WILDE, G., *Territorio y Etnogénesis Misional en el Paraguay del siglo XVIII* in Revista Fronteiras, Dourados, MS, v. 11, n°19, p. 84.

O referencial teórico que irá nos subsidiar na pesquisa está classificado em fontes documentais e bibliografia especializada, disponíveis em versão impressa e digital. As fontes documentais pertencem ao rol de documentos produzidos por religiosos da Companhia de Jesus, documentos administrativos do Estado espanhol, além de crônicas, diários, relatos e cartas produzidas ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII por militares, navegadores, viajantes e outros cronistas. As fontes bibliográficas são todos aqueles trabalhos posteriores ao período reducional, que buscaram de uma maneira ou de outra, narrar, descrever e analisar o contexto missioneiro. Também se inclui a bibliografia historiográfica e metodológica que nos proporcionará as ferramentas de análise e aporte teórico para a construção do texto. Observamos que na relação seguinte não consta todo o material que utilizamos para a pesquisa, mas apenas uma pequena amostra do que foi consultado e utilizado.

Fontes Documentais

Cartas Ánuas de La Provincia del Paraguay, Chile y Tucumán de La Compañía de Jesús (1609-1614); (1615-1637). Con advertencia de Emilio Ravignani e introducción del padre Carlos Leonhardt. En: Documentos para la Historia Argentina. Vol. XIX- XX, Iglesia.

As cartas anuais constituem uma série de correspondências elaboradas pelos jesuítas, possuindo um caráter administrativo e edificante. Elas apresentam narrativas e descrições sobre a realidade cultural, social e política da colônia. Nelas podem ser encontrados dados relativos à demografia, etnografia, psicologia e informações inerentes ao meio ambiente. Sua origem está relacionada com a presença dos padres Jesuítas por quase todo o mundo conhecido, atuando na Ásia, África, Europa e América. A preocupação da fragmentação e perda do foco missionário era uma constante no generalato jesuítico, pois as distâncias e a ausência de comunicação poderiam resultar numa falta de zelo apostólico e desvirtuar o trabalho catequético, já que os missionários estavam inseridos em culturas estranhas àquelas que eles conheciam na Europa. Uma das funções das cartas era, pois, manter a unidade da Companhia de Jesus. Na 8ª parte das Constituições da Companhia de Jesus, é descrita a finalidade das correspondências.

Para que las nuevas de la Compañía puedan comunicarse a todos, seguirás la forma siguiente. Los que son debajo de un Provincial de diversas Casas o colegios, escriban cada principio de cuatro meses una letra que contenga solamente las cosas de edificación en la lengua vulgar de la provincia y otra en latín del mismo tenor; y envíen la una y la otra duplicada al provincial,

para que envíe la una copia latina y vulgar al general con otra suya, donde diga lo que hay notable e de edificación que no tocan los particulares y la otra haga copiar tantas veces, que baste para dar noticia a los otros de su Provincia. (...) Para más información de todos se envíe cada cuatro meses al Provincial, de cada casa y colegio una lista breve duplicada de todos los que faltan por muerte o por otra cosa, desde la última imbiada hasta la data de la presente, diciendo en breves sus partes⁹.

Em seu caráter edificante, as cartas eram uma espécie de convite aos jovens, para que estes entrassem na Companhia. Devido a seu amplo raio de ação, a Sociedade de Jesus necessitava constantemente formar novos adeptos para a missão. Neste sentido, as cartas edificantes eram a propaganda externa e interna da Companhia. Muitas vezes eram lidas nos momentos em que os religiosos se reuniam para fazer suas refeições. A sugestão que ficava para quem as ouvia, era de que mostravam realizações próprias dos santos.

Manuscritos da Coleção de Angelis – MCA

O acervo que se encontra na Biblioteca Nacional foi adquirido por D. Pedro II junto ao italiano Pedro de Angelis. Ele contém boa parte da história da América colonial dos séculos XVI ao século XIX, principalmente no que tange as missões jesuíticas do Paraguai. Uma pequena parte desta documentação foi organizada e publicada por Jaime Cortesão e Hélio Viana, entre as décadas de 1950 e 1970, sob os títulos: Jesuítas e Bandeirantes no Guairá (1549-1640); Jesuítas e Bandeirantes no Itatim (1596-1760); Tratado de Madri: Antecedentes da Colônia do Sacramento (1669-1749); Antecedentes do Tratado de Madrid: Jesuítas e Bandeirantes no Paraguai (1703-1751); Jesuítas e Bandeirantes no Tape (1615-1641); Jesuítas e Bandeirantes no Uruguai (1611-1758).

Nestas publicações encontram-se cartas, memorandos, ofícios, censos, atas, relatórios descritivos, listas nominativas, requerimentos, informes de militares e de governadores. Elas abordam os primeiros contatos com as populações nativas, a fundação das reduções, o relacionamento dos jesuítas com os indígenas, o conflito com os bandeirantes e importantíssimos dados etnográficos. Bartomeu Melià¹⁰ observa que “más que en otros escritos de carácter oficial, se manifiesta aquí [en esos documentos] la vida diaria del misionero y del Guaraní con gran riqueza de detalles”. São fontes que devem ser lidas com

⁹ IPARRAGUIRRE., I., *Obras Completas de San Ignacio de Loyola*. p. 526.

¹⁰ MELIÀ, B., [et al] *Guaraníes y jesuitas en tiempo del las Misiones: una bibliografía didáctica*, p.30.

extremo zelo, tendo-se o cuidado de saber a quem elas foram destinadas e quem as produziu. Muitos são documentos oficiais do Estado espanhol e da Igreja Católica.

PASTELLS, R. P. Pablo, S.J. Historia de La Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay, según los documentos originales del Archivo General de Indias.

A obra completa é de oito tomos. Do primeiro ao quinto tomo a obra é de responsabilidade do padre Pablo Pastells, com a morte deste, do sexto ao oitavo tomo, a organização da obra fica sob a responsabilidade do padre Francisco Mateos. São centenas de documentos que abarcam um período histórico que vai de 1568 até 1769. Entre cartas e documentos oficiais, a obra reúne uma série de informações referentes à antiga Província Jesuítica do Paraguai. Para Bartomeu Melià¹¹ “la historia de los jesuitas en el Paraguay no podría en realidad ser escrita sin los aportes y la riqueza de esos documentos que ayudan a situar las acción de los jesuitas en un contexto mayor”.

MONTOYA, Antonio Ruiz. La Conquista espiritual del Paraguay, hecha por los religiosos de la Compañía de Jesús, en las Provincias del Paraguay, Paraná, Uruguay y Tape.

A obra nasceu da experiência do missionário Antonio Ruiz de Montoya entre as populações indígenas do antigo Paraguai. Publicada pela primeira vez em 1639, é considerado um dos melhores trabalhos etnográficos produzidos por um jesuíta, onde ele descreve as missões, o início das reduções, os primeiros contatos com as parcialidades indígenas, os costumes e aspectos da cultura dos povos contatados.

TECHO, Nicolás del. Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús. Versión del texto latino por Manuel Serrano y Sans. Con prólogo de Blas Garay. Tomo I. Librería y Casa Editorial A. de Uribe y Compañía, 1897.

O trabalho publicado por Nicolas Del Techo em 1673 pode ser considerado a primeira história formal das missões jesuíticas do Paraguai. Nesta obra o padre aborda todos os temas pertinentes às reduções, tal como economia, sociedade e religiosidade. Conforme Bartomeu Melià¹², o maior mérito desta obra pode estar no fato de seu autor ter sido testemunha ocular dos acontecimentos daquele período.

¹¹ *Idem*, p. 28.

¹² *Idem*, p.43.

Carta de Diego Garcia de Mouguer. Publicada pela Revista do Instituto Histórico e Geographico, Tomo XV (1852), Rio de Janeiro.

Nesta carta é apresentado o relato da viagem que fez o português Diego Garcia, do porto de La Coruña ao rio Paraná, no ano de 1528. O navegador estava a serviço da coroa espanhola, tendo a missão de reconhecer e explorar uma região ainda desconhecida aos olhos europeus, que procuravam, desde 1516, povoar e conquistar os territórios adjacentes à Bacia Hidrográfica do Rio da Prata. Sua missão também tinha o objetivo de encontrar um caminho que levasse às riquezas das terras altas no Peru. De acordo com Bartomeu Melià¹³, a carta é considerada um dos primeiros documentos a descrever populações falantes do idioma Guarani que habitavam as margens dos rios da bacia platina.

Carta de Luiz Ramires. Publicada pela Revista do Instituto Histórico e Geographico do Brazil, Tomo XV (1852), Rio de Janeiro.

É uma carta do mesmo período que a anterior, escrita entre 1526 e 1528, tanto que as naus que ambos os navegadores estavam se encontraram durante a exploração do rio Paraná. Este também é um importante documento que traz descrições das terras, dos rios e das populações da região. Luis Ramires fazia parte da tripulação comandada por Sebastião Gaboto. O autor narra que foram fundados fortes e resgatados naufragos de expedições anteriores. A carta é uma espécie de diário de bordo do navegador. Foram escritas com dois propósitos: o primeiro, servir de memória da viagem; o segundo levar as impressões das novas terras aos reis de Castela e Aragão, Isabel e Fernando.

LOPES DE SOUZA, Pero. Diário Publicado por Francisco Adolfo Varnhagen. Lisboa (1839).

Adolfo Varnhagen publicou esta carta sob o título: *Diário da Navegação da armada que foi a terra do Brasil em 1530, sob a Capitania-Mór de Martin Affonso de Souza, escripto por seu irmão Pero Lopes de Souza.*

O documento é de extrema importância para a história do Brasil, produzido por volta de 1530 pelo navegador Pero Lopes de Souza. As descrições das terras, dos rios, animais, plantas e populações somam-se aos relatos anteriores. Pero Lopes tinha dois índios Guarani a bordo de sua nau, que lhe serviam de intérprete com outras populações. Ele navegou até o Rio da Prata, contatando ao longo do litoral com indivíduos considerados como pertencentes às

¹³ *Idem*, p. 21.

populações Charrua, Chana e Chandule. Da mesma forma que os relatos anteriores, este foi produzido como memória da viagem e como documento que seria enviado ao rei de Portugal.

SCHMÍDEL, Ulrich. Viagem ao Rio da Prata de (1534 – 1554) por Bartolomé Mitre. Buenos Aires 1903.

O seu autor foi um militar e aventureiro alemão que participou da fundação de Assunção no Paraguai e da primeira Buenos Aires. Participou nas expedições organizadas por Domingos Martinez Irala e de Cabeça de Vaca, primeiros governadores do Paraguai. Nos vinte anos que permaneceu na região conheceu as terras e as gentes. Acompanhou as primeiras incursões realizadas pelo rio Paraguai buscando o caminho para as terras altas. Os escritos de Schmídel apareceram pela primeira vez em alemão no ano de 1567. O autor fala das populações indígenas antropófagas e dos levantes contra os espanhóis. São consideradas informações relevantes para a história platina. Bartomeu Melià¹⁴, o considera um pouco irônico em suas descrições, mas o coloca como um verdadeiro etnógrafo desse período, pois observa bem e descreve com precisão.

Fontes bibliográficas

AZARA, Félix de. Geografía Física y Esférica de las Provincias del Paraguay y Misiones Guaraníes. Anales del Museo Nacional: Montevideo, 1904.

A obra foi elaborada por Don Félix de Azara, demarcador dos limites entre Espanha e Portugal, no Tratado de Santo Ildefonso (1777). Possui vários apontamentos históricos sobre as missões, período posterior aos jesuítas. Trata da geografia e da cultura dos povos nativos que habitaram as regiões do antigo Paraguai.

FURLONG, Guillermo, S.J. Misiones y sus Pueblos de guaraníes. Buenos Aires: Ediciones Theoria, 1962.

Obra produzida pelo historiador Argentino Guillermo Furlong. Uma obra importantíssima para o tema a que nos propomos trabalhar. Contém longas citações de documentos, reprodução de muitos escritos, ilustrações e discussões inerentes às populações Guarani. Aborda aspectos da cultura, sociedade e geografia missioneira. Também traz algumas informações sobre as populações reduzidas que não pertenciam aos Guarani.

¹⁴ *Idem*, p. 21.

BARTH, Fredrik. O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas. Organizadora Tomke Lask. Tradução de John Cunha Comerford. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

A obra é uma coletânea de textos do antropólogo norueguês Fredrik Barth. Nela estão incluídos temas que foram considerados quase que um divisor de águas no campo da antropologia e de outras disciplinas ao trazer novos aportes teóricos para os conceitos de grupo étnico e etnicidade. Em sua obra Barth não vê os grupos étnicos como estruturas isoladas, *como portadores de cultura*. Para ele, a manutenção das identidades acontece nas *fronteiras culturais*, nos choques entre os diversos grupos. Neste caso, o autor identifica os grupos como uma forma de organização social que se identificam entre si por meio de fatores que lhes são inerentes. Neste sentido, este material será de grande valia para analisarmos a maneira como foram percebidas as populações nativas e como foram constituídos os grupos étnicos após a chegada dos primeiros agentes da conquista.

LARAILA, Roque de Barros, Cultura: um conceito antropológico. 16ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003.

Nesta obra o autor trabalha com conceitos antropológicos implicados no tema cultura. Dividido em duas partes, o livro inicia falando do desenvolvimento dos conceitos de cultura ao longo do tempo até a atualidade. Na segunda etapa o autor demonstra a influência da cultura na organização social e na diversidade humana. A importância do livro em nosso trabalho se liga ao fato dele nos subsidiar de maneira geral nas discussões que iremos propor sobre questões relativas à cultura das populações nativas.

SANTOS, Maria Cristina dos; BAPTISTA, Jean Tiago. Reduções Jesuíticas e Povoados de Índios: controvérsia sobre a população indígena (séc. XVII e XVIII) In Revista de História, UNISINOS, São Leopoldo, RS, v. 11, nº 2 p. 240-251, Maio/Agosto 2007.

Este material é um artigo publicado pela revista de história da UNISINOS, no ano de 2007. Nele os autores abordam um tema semelhante ao que estamos trabalhando. É um dos poucos materiais, se não o único material, que faz uma abordagem visando discutir a presença de outras populações nas reduções de índios Guarani. A professora pesquisadora Cristina dos Santos e o professor pesquisador Tiago Baptista discutem a questão da presença de diferentes populações não Guarani habitando as reduções, a partir da percepção de que após o ciclo jesuítico as autoridades espanholas tiveram grandes dificuldades em manter as populações nativas em seus respectivos povoados. Para estes autores, as queixas dos administradores,

entre outros motivos, estariam baseadas no afloramento das dificuldades de convivência das diferentes populações reduzidas, devido ao afastamento dos jesuítas. No mesmo trabalho, os autores abordam outro tema que será recorrente em nossa pesquisa, que é a questão da diversidade da própria população Guarani. Os autores entendem que o Guarani colonial é uma construção que se cristalizou na historiografia como sendo uma ampla população homogênea em sua cultura, que abarca grupos com idiomas, costumes e modos diferentes de ser. Os autores não refutam a questão de ser ou não ser Guarani. O que eles identificam é a aparente diversidade interna desta etnia. Neste sentido, o artigo produzido por estes pesquisadores, ao abordar a questão da diversidade étnica nas reduções e questões ligadas aos próprios Guarani, é de grande valor para nossa pesquisa.

WILDE, Guillermo. Religión y poder en las Misiones de Guaraníes. 1ª ed. Buenos Aires. Impreso en los Talleres Gráficos Mitre e Salvay, 2009.

Trabalho publicado pelo antropólogo Guillermo Wilde, que será de suma importância para as análises sobre a criação de etnônimos, identidade e principalmente de etnogênese. De acordo com este autor, os Guarani reduzidos chegaram a formar uma nova categoria social, homogênea na língua, cultura e no espaço geográfico em que estavam inseridos. Guillermo Wilde é um dos primeiros pesquisadores a trabalhar com o conceito de etnogênese aplicado ao processo missional dos jesuítas nas Américas. Para este autor, quando o estado espanhol, por meio dos jesuítas, procurou reunir diversos grupos indígenas em pequenos povoados, sua intenção, entre outras, era a de homogeneizar o espaço colonial a fim de dar estabilidade e administrar com mais facilidade essas áreas colonizadas. Neste sentido, ele teria favorecido o desenvolvimento de uma etnogênese missional, já que os grupos envolvidos nesta nova dinâmica social teriam gerado novas configurações sociais.

Nosso trabalho foi dividido em três capítulos. O *primeiro* trata das impressões de viagem dos cronistas *Luis Ramírez, Diego Garcia e Pero Lopes de Souza*. Esses três marinheiros, de acordo com a literatura colonial, teriam sido os primeiros a trazerem informações mais consistentes sobre as populações nativas que habitavam as margens dos rios que formam hoje a Bacia do Rio da Prata. O padre jesuíta Bartomeu Melià, em sua introdução

à obra *O Guarani Uma Bibliografia Etnológica*¹⁵, considera a descrição de Luis Ramírez como sendo o primeiro relato sobre os Guarani. “As notícias etnográficas relativas a eles vêm, pois, sem solução de continuidade, desde 1528, em que pela primeira vez se registra o nome Guarani na carta de Luis Ramírez”. As informações dos mesmos são complementadas com a opinião de outros cronistas e historiadores do período colonial. Nosso objetivo é mostrar a diversidade étnica e linguística que havia num espaço onde mais tarde foram organizadas as Reduções de Índios.

À medida que formos delineando este primeiro tema, iremos intercalando análises sobre *nação indígena e etnia; o Guarani e a guaranização; os etnônimos e a etnificação dos grupos*. Essa é uma forma que entendemos ser a mais correta para a compreensão deste texto, pois na medida em que as descrições dos cronistas entrarem em pontos que necessitem de uma abordagem mais apurada iremos elaborar um subtítulo para tratar da mesma. Um exemplo que podemos citar é o caso dos etnônimos. Haverá um momento em que a narrativa abordará com mais frequência a questão da nomeação dos grupos, fato que acaba gerando uma espécie de *confusão semântica* porque há casos em que os mesmos grupos são denominados de diferentes formas. É nesse momento que entendemos ser pertinente introduzir no texto um subtítulo que se propõe explicar essas questões.

Esses tópicos que compõem o capítulo nos ajudam a fortalecer a ideia sobre a diversidade étnica nas reduções e a ter uma melhor compreensão do sistema reducional implantado pelos jesuítas, que resultou no Guarani reduzido, conforme veremos nos capítulos II e III.

O segundo capítulo está dividido em dois tópicos. O primeiro trata de alguns eventos que dizem respeito à Companhia de Jesus. Ele começa com a sua criação, passando pela chegada dos inacianos ao Vice-Reino do Peru, a criação da província jesuítica peruana, até as discussões sobre a criação de *pueblos* de índios que aconteceram entre a assembléia provincial da Companhia de Jesus em 1576 e o Concílio de Lima de 1580-82. A principal proposta do primeiro tópico é mostrar o que eram as reduções e sua finalidade na política espanhola. Que a organização de povoados com indígenas era uma orientação que existia desde o início da conquista ibérica, que a criação de povoados habitados exclusivamente por indígenas não era uma ideia concebida apenas por jesuítas, e que a redução deveria atingir todas as populações nativas e não apenas grupos específicos.

¹⁵ MELIÀ, B; SAUL, M., V; MURARO, V., F., *O Guarani: uma bibliografia etnológica*, p. 17.

O segundo tópico já trata da organização das reduções na Província Jesuítica do Paraguai. Fala do contexto indígena e da diversidade que os padres da Companhia de Jesus encontraram. Neste tópico elaboramos duas tabelas: uma apresenta todas as reduções que os jesuítas teriam organizado na área das *Misiones de Guaraníes* desde a criação da Província Jesuítica do Paraguai até a expulsão dos mesmos em 1768; na segunda tabela apresentamos apenas as reduções que consideramos possuir diversidade étnica em seu meio. Também nos inserimos em acontecimentos históricos, tais como as bandeiras paulistas da primeira metade do século XVII, que além de destruírem muitas reduções, obrigaram muitas populações nativas a se deslocarem de um território para outro, numa migração forçada, fazendo com que essas respectivas populações se misturassem com povos de outras reduções mais distantes ou se acomodassem em suas proximidades. Essa questão torna-se importante devido à configuração de um espaço diversificado que se constituiu, primeiro com a dispersão, depois com a reunião das populações migrantes em outros ambientes já habitados e diversificados entre si.

Salientamos que a documentação colonial sobre as missões religiosas da Companhia de Jesus na região do Paraguai é imensa e que boa parte dela continua inacessível, encerrada em bibliotecas de diversas partes do mundo. Neste sentido queremos enfatizar que tivemos acesso a uma parte ínfima dessa documentação, que embora representativa para a temática tratada não é exaustiva, sendo, portanto, provável que possa surgir novos dados que venham a compor ou até alterar algumas informações que levantamos.

O *terceiro capítulo* atende o principal objetivo da proposta de pesquisa que é identificar nas “reduções de índios Guarani”, indivíduos, pequenos grupos ou populações indígenas não pertencentes à etnia Guarani, que viviam nas reduções com as populações Guarani ou em reduções exclusivas de não Guarani.

Considerando que no território onde as reduções foram organizadas habitava uma ampla população nativa, falante de diversos idiomas e portadora de variadas pautas culturais, iremos descrever e analisar como se deu a incorporação desses diferentes grupos nas reduções organizadas por jesuítas nas regiões do Guairá, Tape e Uruguai, identificando suas características culturais e verificando como se processou a inclusão dos grupos e indivíduos. Além do Guairá, Tape e Uruguai, apresentaremos algumas informações sobre reduções estabelecidas nas regiões do Paraná e Itatím que também tiveram indígenas pertencentes às etnias não Guarani em seu meio.

Este capítulo tem a finalidade de apresentar dados que mostrem que *as reduções de Guarani* não era apenas o espaço de um único grupo, mas sim, um espaço compartilhado por diferentes etnias.

Ao finalizarmos a exposição dos capítulos, gostaríamos de frisar a forma como iremos considerar uma determinada população indígena, ou uma etnia não Guarani para este trabalho. Como não é possível nos basearmos em Barth para esta finalidade, a fim de aferirmos a etnicidade desses grupos históricos presentes na documentação colonial, justamente porque não temos a fala dos indígenas, nos baseamos apenas nas informações dos cronistas coloniais quando eles entendem estar diante de um grupo diverso de outro, a partir do aspecto linguístico. Ou seja, se tratamos de populações Guarani com idioma Guarani, um grupo não Guarani será aquele que possui sua língua materna diferente do idioma Guarani. Também temos etnônimos já consagrados pela literatura colonial, que quando os localizamos no interior das narrativas entendemos tratar-se de outras populações nativas.

CAPÍTULO I

SOBRE CRONISTAS, POVOS INDÍGENAS E CONCEITOS TEÓRICOS: O CONTEXTO DA PROVÍNCIA GIGANTE DAS ÍNDIAS¹⁶.

1.1. Introdução

O capítulo trata das impressões de viagem dos cronistas *Luis Ramírez, Diego Garcia e Pero Lopes de Souza*. Esses três marinheiros de acordo com a literatura colonial teriam sido os primeiros a trazerem informações mais consistentes sobre as populações nativas que habitavam as margens dos rios que formam hoje a Bacia do Rio da Prata. O padre jesuíta Bartomeu Melià, em sua introdução a obra *O Guarani Uma Bibliografia Etnológica*¹⁷, considera a descrição de Luis Ramírez como sendo o primeiro relato sobre os Guarani. “As notícias etnográficas relativas a eles vêm, pois, sem solução de continuidade, desde 1528, em que pela primeira vez se registra o nome Guarani na carta de Luis Ramírez”.

As informações dos mesmos são complementadas com a opinião de outros cronistas e historiadores do período colonial. Nosso objetivo é mostrar a diversidade étnica e linguística que havia num espaço onde mais tarde foram organizadas as Reduções de Índios.

Na medida em que formos delineando este primeiro tema, iremos intercalando análises sobre *nação indígena e etnia; o Guarani e a guaranização; os etnônimos e a etnificação dos grupos*. Essa é uma forma que entendemos ser a mais correta para a compreensão deste texto, pois na medida em que as descrições dos cronistas entrarem em pontos que necessitem de

¹⁶ Província gigante era o nome atribuído pelos primeiros exploradores e colonizadores as terras abarcadas pela antiga província do Paraguai no século XVI, devido a sua ampla extensão de terras, sendo considerada a maior província das Índias Ocidentais. Para saber mais, ler *História do Paraguai* do padre Guevara da Companhia de Jesus ou *La Economía Colonial* de Juan Batista Rivarola Paoli.

¹⁷ MELIÀ, B; SAUL. M., V; MURARO, V. F., *O Guarani: uma bibliografia etnológica*, p. 17.

uma abordagem mais apurada iremos elaborar um subtítulo para tratar da mesma. Um exemplo que podemos citar é o caso dos etnônimos. Haverá um momento em que a narrativa abordará com mais frequência a questão da nomeação dos grupos, fato que acaba gerando uma espécie de *confusão semântica* porque há casos em que determinados grupos são denominados de diferentes formas. É nesse momento que entendemos ser pertinente, introduzir no texto um subtítulo que dê conta de explicar essas questões.

Esses tópicos que compõem o capítulo nos ajudam a fortalecer a ideia sobre a diversidade étnica nas reduções, e obter uma melhor compreensão do sistema reducional implantado pelos jesuítas, que resultou no Guaraní reduzido, conforme veremos nos capítulos II e III.

1. 2. **Impressões dos cronistas sobre as terras e as gentes na Província: primeira parte.**

Ciente de que a atuação dos jesuítas se daria num extenso território povoado por diversas e diferentes populações, o primeiro provincial da Província Jesuítica do Paraguai Diego de Torres Bollo¹⁸, escreveu no ano de 1609 ao Geral dos jesuítas uma carta anual dando conta da *mies* que a Companhia de Jesus tinha diante de si. “Esta provincia tiene tres gobernaciones. Habrá en todas ellas un millón y ciento sesenta mil infieles y hasta ciento y diez mil fieles y doce mil españoles poco más o menos”. Por essa mesma época, Ruy Díaz de Guzmán¹⁹, em sua obra *Anales del Descubrimiento, Población y Conquista del Río de la Plata* de 1612, observava que no território do antigo Paraguai havia uma multidão de “indios naturales de diversas naciones, costumbres y lenguajes”.

Tanto o padre Torres, quanto Guzmán tinham conhecimento que o quadro populacional indígena não estava mais intacto desde a chegada dos europeus, que parte da população nativa havia sofrido o impacto da conquista, em que centenas de milhares de nativos haviam morrido frente aos novos contágios, as guerras e a escravidão promovida pelos colonizadores, e que para fugir desse *etnocídio*²⁰, os nativos haviam dado início a uma dinâmica própria que buscava uma reorganização sociocultural que servia tanto para fazer

¹⁸ TORRES BOLLO, D., *Carta Anua de 1609* p. 185.

¹⁹ GUZMAN, R., D., *Anales del Descubrimiento, Población y Conquista del Río de la Plata*, p.32.

²⁰ Cf. MONTEIRO, J., *Entre o Etnocídio e a Etnogênese: identidades indígenas coloniais*, p. 35.

frente ao colonizador, quanto para se adaptar e se acomodar ao novo contexto, ao novo quadro que se desenhava.

A essa forma de adaptação é atribuído um conceito denominado de *resistência*²¹, que pode se manifestar de diferentes formas, e isso vai depender do grupo e do próprio contexto que ele atravessa. De maneira geral, ele pode ser aplicado às populações que procuraram se aliar aos conquistadores colaborando em expedições guerreiras ou realizando comércio de trocas. Comércio que incluía em boa parte dos casos o fornecimento de escravos a espanhóis e portugueses. A resistência também pode se manifestar quando um grupo agrega-se de maneira coletiva em povoados organizados por espanhóis, geralmente aceitando novas regras socioculturais que acabam sendo ressignificadas pelos mesmos com o passar do tempo.

Um caso típico é narrado por Azara²², quando ele comenta que índios *Chana* habitavam algumas ilhas no Rio Uruguai, próximo ao Rio Negro. De acordo com este autor, por temerem sofrer o mesmo destino de outras populações que haviam sido exterminadas, “solicitaron que los españoles de Buenos-Aires los defendiesen, ofreciendo ser cristianos. En efecto el gobernador de dicha ciudad los sacó de las islas, les formó el pueblo de Santo Domingo Soriano”.

Outro exemplo é narrado por Guillermo Furlong²³, quando fez alguns apontamentos biográficos sobre o padre jesuíta Martin Dobreshoffer. De acordo com Furlong, em 1763

una parcialidad de Abipones, cansados de sus guerras contra los españoles, y contra los guaraníes de las Reducciones, enviaron a tres delegados para pedir al Gobernador de la Asunción el que les formara pueblo y diera misioneros. José Martínez Fontes, que era Gobernador a la sazón, acogió el plan con entusiasmo y sobre todo el comandante Fulgencio Yegros aplaudió y apoyó la idea [...] Como puede comprobarse por todos los documentos cartográficos aducidos, estuvo situada la Reducción al norte de la desembocadura del Tebicuary, y como a tres leguas de la misma, aunque en la ribera opuesta

Em outros casos, não é a população como um todo que se alia aos ibéricos, são indivíduos que se colocam a serviço dos europeus. Eles tornam-se trabalhadores braçais,

²¹ *Idem*, p. 34.

²² AZARA, F., *Descripción y Historia del Paraguay y del Rio de la Plata*, vol. I, p.162.

²³ FURLONG, G., *Historia de los Abipones*, (prólogo) vol. I p. 17-8.

atuando nas chácaras e nas cidades dos espanhóis, tanto por um tempo determinado, quanto permanentemente.

Geralmente na adaptação ao novo, os grupos nativos adquiriram e incorporaram novas ferramentas socioculturais, ocasionando a ressignificação da própria cultura. Em alguns casos essas populações fortaleceram seu ethos guerreiro de tal forma que passaram de uma condição inferior a um patamar sociocultural superior que lhe proporcionou sobrepujar outros grupos e combater duramente os próprios colonizadores. Assim como ocorreu com a população Charrua das bandas do Uruguai, Guaicuru do Chaco paraguaio e também com os Mapuche do Chile²⁴, que incorporaram entre outros elementos o uso do cavalo no seu dia a dia, tornando-se populações equestres totalmente aguerridas.

Nesse caráter de resistência também se inclui o deslocamento de populações nativas para outros ambientes, onde passam a dividir novos territórios com outras populações, formando alianças comerciais e guerreiras ou incorporando-se uns aos outros.

Todo esse processo exposto acima – *resistência* – que mostra o indígena como um ator colonial impassível diante do novo fenômeno que se apresentou em seu contexto histórico, fenômeno representado com a chegada do europeu, leva a outro processo que somente alguns anos atrás começou a receber uma atenção devida: a *etnogênese*.

De acordo com Miguel Alberto Bartolomé²⁵, a etnogênese “refere-se ao dinamismo inerente aos agrupamentos étnicos, cujas lógicas sociais revelam uma plasticidade e uma capacidade adaptativa que nem sempre foi reconhecido pela análise antropológica”, o autor ainda observa que etnogênese é “o processo básico de configuração e estruturação da diversidade cultural humana”, que pode ser motivada tanto por fatores internos ao grupo, quanto externos. Portanto, a divisão ou união de determinados grupos podem ser geradores de etnogênese, ou geradores de novas configurações sociais, assim como teria ocorrido com algumas populações nativas, influenciadas pelo novo quadro histórico que se constituía com a chegada dos europeus.

Para Gary Clayton Anderson, citado por John Monteiro²⁶, alguns grupos indígenas “transformaram as suas culturas para se unir a outros grupos, abandonando as suas línguas,

²⁴ Um importante trabalho sobre este tema foi produzido por Guillaume Boccara - *Etnogénesis mapuche: resistencia y reestructuración entre los indígenas del centro-sur de Chile (siglos XVI-XVIII)*.

²⁵ BARTOLOMÉ, M. A., *As Etnogêneses: Velhos Atores e Novos Papéis no Cenário Cultural e Político*, p.40-1.

²⁶ CLAYTON, A. G., *apud* MONTEIRO, J., *Tempos Índios: Histórias e Narrativas do Novo Mundo*, p. 30.

suas práticas sociais e mesmo processos econômicos para atender às demandas da nova ordem”. Análise que se adequa a observação efetuada pelo padre Bartolomeu Ximenes, que no ano de 1703 chefiou uma expedição pelo rio Paraguai, onde buscava estabelecer ligação entre as missões de índios Guaraní e as missões de índios Chiquito. De acordo com o padre, “estos indios Guaranís que se nos vinieron nos cuentan, haberse muchas de las naciones de idiomas diversos mezclado unas con otras para poder vivir, y hacer algún cuerpo de defensa contra el Portugués”.²⁷

Mesmo com a mudança ocorrida no cenário das terras americanas, provocada com a chegada dos agentes ibéricos, e com a dinâmica social das populações nativas, inerentes as mesmas, o quadro populacional ainda se mantinha amplo e diversificado entre si. As populações nativas se mantinham dispersas por lugares ainda considerados inacessíveis aos espanhóis no período em que o padre Torres descreve suas primeiras impressões das terras e das gentes do antigo Paraguai. Neste sentido, ele tem a mesma percepção que tiveram os exploradores que lhe antecederam, com a diferença que ele já detinha um conhecimento que lhe dava uma visão geral das terras onde a Companhia iria atuar.

Conhecimento construído por jesuítas que lhe antecederam em missões no Peru e Paraguai, mas principalmente pelos agentes da conquista que tiveram em Américo Vespúcio um de seus primeiros representantes, quando este se aventurou pelo litoral do Atlântico meridional e pelo Rio da Prata por volta do ano 1502-3, chegando até as proximidades da atual Montevideu. O mesmo foi seguido um pouco mais tarde (1514), pelos portugueses Nuño Manuel e Cristóbal de Haro que também teriam navegado pelas águas do Rio da Prata²⁸ numa viagem exploratória para a Coroa portuguesa.

Dois anos se passaram (1516), quando outro navegador chamado Juan Díaz de Solís, com a missão de encontrar uma nova rota para o transporte das especiarias, do oriente para Europa, navegou em missão de reconhecimento pelas águas interiores da Bacia do Prata, vindo a ser morto por um grupo de indígenas que o atraíram até uma determinada praia²⁹.

²⁷ XIMENES, B., *Relação duma viagem de exploração no Rio Paraguai com o fim de estabelecer ligação com as Missões dos Índios Chiquito, 1703*, p. 53.

²⁸ Cf. PAOLI, J. B. R., *La Economia Colonial*, p. 8.

²⁹ GUEVARA, J., *Historia del Paraguay, Rio de la Plata y Tucumán*, p. 80.

Com a morte de Solís, o Rio da Prata, que anteriormente era chamado de *Mar Dulce*, passou a ser chamado de *Rio de Solís*³⁰.

Em fevereiro de 1520, Fernão de Magalhães e Sebastião Elcano navegaram pelas águas do Rio da Prata, até a altura de um monte que tinha a figura de um sombrero, batizando-o de *Monte Vidi*, atual Montevidéu³¹. Neste local, vários nativos em canoas se aproximaram das naus, mas sem manter contato. Somente um indígena, segundo fontes da época, se aventurou a subir em uma das embarcações numa determinada noite, “vestido de una pelleja de cabra”³². Esses primeiros exploradores deixaram poucas informações sobre a região do antigo Paraguai, fato que somente foi contornado por volta de 1526 e 1530, quando as descrições sobre as populações nativas ganharam contornos mais acentuados.

Sob as ordens de Carlos V, rei da Espanha, Diego Garcia partiu rumo à região do Rio de Solis com a finalidade de tomar posse das novas terras, explorá-las e resgatar alguns naufragos. No entanto, conforme o padre José Guevara³³, a viagem de Garcia teve tantos imprevistos que o veneziano Sebastião Gaboto em viagem as *Molucas*, lhe antecedeu na missão. Gaboto teria chegado ao Porto dos Patos, atual ilha de Florianópolis, antes que Diego de Garcia. A chegada a este porto fomentou e aguçou a expectativa dos europeus em relação às novas terras, ao saberem por meio de naufragos e de indígenas, que havia muitas riquezas nas terras altas a oeste.

Essa versão é pela parte dos espanhóis, pois, pelo lado português existe a história de Aleixo Garcia que teria sido o primeiro europeu que se tem notícias que teria passado pelas regiões do Mbiazá (atual Santa Catarina), Guairá (atual Paraná), região do Itatím (atual Mato Grosso do Sul) e penetrado nas terras do Chaco paraguaio até os “Chané e Karakarás (Charcas)”³⁴. Os autores são unânimes quanto à veracidade desse evento histórico. O cronista Luis Ramírez que acompanhava Gaboto comenta que os naufragos que estavam no Porto dos

³⁰ PAOLI, J. B. R., *La Economía Colonial*, p. 7.

³¹ NAVARRET, M. F., *Colección de los viajes y descubrimientos que hicieron por mar los españoles desde fines del siglo XV*, p. 32.

³² *Ídem*.

³³ Cf. GUEVARA, J., *Historia del Paraguay, Rio de la Plata y Tucumán*, p. 82.

³⁴ CYPRIANO, D. C. A., *Os Toba do Chaco: missão e identidade século XVI, XVII e XVIII*, p. 60.

Patos, em determinado momento se separado, enquanto dois deles permaneceram nas imediações do porto, outros se deslocaram em direção às terras a oeste.

Alguns anos mais tarde, Pero Hernandez, secretário escrivão de Cabeza de Vaca que acompanhava o mesmo numa expedição ao alto Paraguai por volta de 1542-3. Ouvia de alguns índios *Guaxarapos* de mais idade “que por ali viera Garcia, o português, que entrou por aquelas terras com muitos índios, fazendo guerra à gente dali, destruindo muitos povoados”³⁵. Esse Garcia é citado por Rui Diaz de Gusmão em 1612, como sendo *Alejo García*. No entanto, Gusmão erra ao afirmar que Garcia havia sido enviado por Martim Afonso de Souza no ano de 1526 para explorar o interior do território, em razão de sua chegada a São Vicente ter ocorrido somente por volta de 1531.

O jesuíta Nicolas del Techo, ao escrever a história do Paraguai no ano de 1673, endossa o comentário de Gusmão, mas sem citar datas. Para ele, Aleixo Garcia, sob as ordens da coroa portuguesa, representada na pessoa de Martim Afonso de Souza, teria sido o primeiro europeu a penetrar nas terras do antigo Paraguai. Também o padre jesuíta Jose Guevara³⁶, escreveu em sua *História do Paraguai, Rio da Prata e Tucumã*, que Aleixo Garcia teria explorado o interior do território por volta de 1526, por ordem de Martim Afonso de Souza.

Martim Afonso, quando incumbido pelo rei de Portugal a explorar e governar as novas terras brasileiras, trouxe consigo seu irmão Pero Lopes de Souza. Este escreveu em seu diário de bordo, que um náufrago chamado Francisco Chaves, grande *lengua* da terra, se ofereceu a Martim Afonso para explorar o interior das terras a oeste, dizendo que “em dez meses estaria de volta com 400 escravos carregado de prata e ouro”³⁷. Martim Afonso determinou a Pero Lobo e mais oitenta soldados para acompanharem Francisco Chaves. No diário de Pero Lopes, não há nenhuma menção a Aleixo Garcia, portanto é muito provável que ele realmente tenha partido por conta própria para descobrir as riquezas das terras a oeste.

De acordo com Rui Diaz de Gusmão, o português Aleixo Garcia era “estimado en aquella costa, por su gran lenguaraz, así de los Carijós, que son los Guaranís, como de los

³⁵ CABEÇA DE VACA, *Naufrações e Comentários*, p.235.

³⁶ GUEVARA, J., *Historia del Paraguay, Rio de la Plata y Tucumán*, p. 83.

³⁷ SOUZA, P., *Diário da navegação*, p. 29.

Tupis y Tamayos”³⁸. O padre Nicolás del Techo³⁹, comentando sobre os primeiros exploradores do antigo Paraguai, observou que os portugueses tiveram nessa “expedición un éxito desgraciado”

De acordo com Rivarola Paoli⁴⁰, a história transmitida pelos indígenas e náufragos sobre as riquezas do Rei Branco - império Inca – era ainda desconhecida dos espanhóis. De acordo com este autor, ao citar Rodolfo Puiggrós,

al pasar por las costas brasileñas las cuatro naves del veneciano Sebastián Gaboto, enviado por los reyes de España a recorrer la ruta descubierta poco antes por Magallanes y Elcano alrededor del mundo, los náufragos de Solís, informaron a los expedicionarios de la existencia de aquel Imperio, lo que determinó una modificación del itinerario de la armada⁴¹.

Sebastião Gaboto, que havia ancorado na ilha de Santa Catarina ao saber dos acontecimentos ocorridos com Solís, e de Aleixo Garcia que há pouco tempo tinha se deslocado às altas terras em busca das riquezas do Rei Branco, também conhecido na mitologia indígena como Candiré ou Paititi⁴², muda seu itinerário e navega em direção ao estuário do Prata, a fim de descobrir um caminho navegável para as ricas terras.

Quem relata as ocorrências dessa viagem, a notícia do ouro e da prata, o encontro com náufragos na ilha de Santa Catarina, as percepções acerca dos costumes dos naturais da terra, é o navegador Luis Ramírez⁴³. Segundo este cronista a “isla [Santa Catarina] era muy alta de arboleda, había en ella cinco o seis casas de Indios, y después que á ella llegamos, hicieron muchas más, porque de la tierra firme vinieron muchos y hicieron sus casas”.

³⁸ GUZMAN, R. D., *Anales del Descubrimiento, Población y Conquista del Río de la Plata*, p.15.

³⁹ TECHO, N., *Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús*, Vol. I, Cap. II, p. 107

⁴⁰ Cf. PAOLI, J. B. R., *La Economía Colonial*, p. 8

⁴¹ *Idem*.

⁴² Para saber mais sobre o mito do Rei Branco, ler o artigo de COMBÈS, I., *Pai Sumé, el Rey Blanco y el Paititi*, p. 99-114. Revista ANTHROPOS, 2011.

⁴³ RAMÍREZ, L., *Carta de Luis Ramírez, do Rio da Prata a 10 de julho de 1528*. p. 23.

Chamada de Porto dos Patos, a ilha de Santa Catarina estava habitada por índios *Carijós*. Sobre os mesmos, em 1587 o português Gabriel Soares⁴⁴ escreveu em seu *Tratado Descritivo* que,

este gentio é domestico, pouco belicoso, de boa razão, segundo seu costume, não come carne humana nem mata a homens brancos que com eles vão resgatar, sustentam-se de caça e peixe que matam, e de suas lavouras que fazem, onde plantam mandioca e legumes como os Tamoyos e Tupiniquins. Vivem estes índios em casas bem cobertas e tapadas com cascas de árvores, por amor do frio que há naquelas partes. Esta gente é de bom corpo, cuja linguagem é diferente da de seus vizinhos [Guaianazes], com quem tem suas entradas de guerra. [...] Costuma este gentio no inverno lançar sobre si umas peles de caça que matam, uma por diante, outra por de traz, tem muitas gentilidades, manhas e costumes, como os Tupinambás.

Esses indígenas habitantes da ilha, falavam a língua Guarani e foram considerados como pertencentes à mesma nação dos indígenas que habitavam nas imediações da atual Assunção, chamados de *Cariós* pelos espanhóis. Neste momento é interessante tentarmos esclarecer o significado de *nação indígena* usado no período colonial e como ele se aproxima do conceito de grupo étnico empregado atualmente pela antropologia. Essa análise é importante, pois nos ajuda a ter uma melhor compreensão do contexto sociocultural da colônia e também nos ajuda a identificar a diversidade étnica no interior das reduções de índios Guarani.

1.3. Nação indígena e etnia: considerações importantes

Conforme estamos observando, quando os primeiros europeus aportaram nas terras do continente americano eles se defrontaram com diversas realidades socioculturais as quais identificaram como sendo de diferentes *nações*. *Nação*, neste caso, não tem o significado de uma organização Estado-nação ou uma organização estatal na qual de acordo com João Pacheco de Oliveira⁴⁵, a primeira modalidade conhecida teriam sido os reinos⁴⁶.

⁴⁴ SOUZA, G. S., *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*, p. 103.

⁴⁵ OLIVEIRA, J. P., *Uma Etnologia dos “Índios Misturados”? Situação Colonial, Territorialização e Fluxos Culturais*, p. 56.

⁴⁶ Atualmente existe uma discussão em voga no Brasil, ao menos em alguns segmentos do indigenismo, de substituir o termo *etnia*, pelo termo *nação indígena*. Para saber mais, ler o artigo de Alcida Rita Ramos, *Nações dentro de Nação: um desencontro de ideologias*, 1993.

As populações indígenas das terras baixas da América consideradas *nação*, eram menos complexas, tanto na sua forma organizacional, quanto na sua economia e produção tecnológica. Felix de Azara⁴⁷, ao escrever sua obra *Descripción y Historia del Paraguay y del Rio de la Plata* em 1802, reproduzia essa conceituação expondo o que ele entendia por nação, quando se referia as populações indígenas.

Llamaré nación a cualquiera congregación de indios que tengan el mismo espíritu, formas y costumbres, con idioma propio tan diferente de los conocidos por allá, como el español del alemán. No haré caso de que la nación se componga de muchos o pocos individuos; porque esto no es carácter nacional. Para certificarme de la diversidad de idiomas y de naciones, me valí de los mismos indios y de españoles que entendían las lenguas y otras, o que habían tratado con muchas naciones; resultando de sus relaciones, que los idiomas que diré ser diferentes, no tienen una palabra común, ni pueden los más escribirse con nuestro alfabeto, siendo muchos narigales, guturales y en extremó difíciles.

O termo nação, ou o conceito de nação usado por Azara para se referir aos diferentes grupos indígenas, pode ser equiparado de forma análoga ao que entendemos como *etnia*. De acordo com Guillaume Boccara⁴⁸, a “preocupación de los conquistadores y colonizadores ha sido siempre la de determinar la existencia de naciones (período colonial) o de etnias (período republicano) indígenas”.

Para Giovani José da Silva⁴⁹, atualmente “o termo etnia é empregado nos estudos antropológicos para designar um grupo social que se diferencia de outros grupos por sua especificidade cultural”. Fredrik Barth⁵⁰, ao trabalhar sua teoria sobre etnicidade assinalou que comumente um grupo étnico é percebido por apresentar as seguintes características:

Perpetua-se biologicamente de modo amplo; compartilha de valores culturais fundamentais, realizados em patente unidade nas formas culturais; constitui um campo de comunicação e de interação; possui um grupo de membros que se identifica e é identificado por outros como se constituísse uma categoria diferenciável de outras categorias do mesmo tipo.

⁴⁷ AZARA, F., *Descripción y Historia del Paraguay y del Rio de la Plata*, vol. I p. 143.

⁴⁸ BOCCARA, G., *Mundos nuevos en las fronteras del Nuevo Mundo: Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, p. 10.

⁴⁹ JOSÉ DA SILVA, G., *Além do que os olhos vêem: reflexões sobre etnia, etnicidade e identidade étnica – os índios Atikum em Mato Grosso do Sul*, p. 98.

⁵⁰ BARTH, F., *O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas*, p. 27.

Por esse viés, o entendimento de Azara sobre nação, se aproxima do conceito empregado por Barth para identificar um grupo étnico e também sua formulação sobre *etnicidade*, conceito que fundamenta a identidade do grupo e sua noção de pertencimento ao mesmo. Em certo sentido, na opinião de Barth a categoria *etnia* somente existe sob o viés desse conceito. Etnicidade é a coesão que mantém a unidade do grupo e, essa noção de identidade e pertencimento a determinado grupo somente se manifesta nos casos de contato com outros grupos e não em isolamento.

Protásio Langer⁵¹ observou, apoiado em Barth, que “a organização social dos grupos e as relações sociais interétnicas definem a essência da identidade étnica”. Dito de outro modo, a teoria da etnicidade de Fredrik Barth é aquela na qual, um grupo étnico somente pode ser definido a partir da noção de pertencimento dos indivíduos que o compõem e a partir do reconhecimento de outros grupos.

Por esta ótica, quando estudamos o passado colonial tendo como fontes principais os documentos escritos, torna-se árdua a tarefa de aplicar esses conceitos para obter certezas quanto à verdadeira natureza étnica dos grupos. Visto que, de certa maneira, nos falta o essencial, que é a fala de um dos principais atores, os indígenas, pois só possuímos uma versão da história e contada pelo europeu.

Sobre esta aparente dificuldade em levar conceitos atuais para interpretar o passado colonial, Jorge Eremites de Oliveira⁵², ao tratar da *Cultura material e Identidade Étnica na Arqueologia Brasileira*, fazendo referências às noções de pertencimento dos atuais grupos falantes da língua Guarani, em que cada um se atribui um nome e possui um modo especial de ser, o autor se questiona: “Como perceber um fenômeno assim a partir dos registros textuais incompletos (etno-históricos) e evidências arqueológicas?”

De certo modo, a pergunta de Jorge Eremites é também compartilhada pelo antropólogo argentino Guillermo Wilde⁵³, que estuda a questão da *Etnogênese Misional no Paraguai do século XVIII*. Ele observa que,

⁵¹ LANGER, P. P., *Os Guarani - Missioneiros e o colonialismo luso no Brasil Meridional*, p. 19.

⁵² EREMITES DE OLIVEIRA, J., *Cultura Material e Identidade Étnica na arqueologia brasileira: um estudo por ocasião da discussão sobre a tradicionalidade da ocupação Kaiowá da terra indígena Sucuri*, p. 99.

⁵³ WILDE, G., *Territorio y Etnogénesis Misional en el Paraguay del siglo XVIII*, p. 83-4.

en los últimos veinte años las ciencias sociales han producido modificaciones sustanciales en el análisis de las transformaciones socioculturales. Nuevos conceptos permitieron acercarse a los procesos de construcción de identidades del pasado y del presente en tanto fenómenos históricos y dinámicos, sustituyendo categorías como la de raza - deficientes desde un punto de vista científico e ideológicamente retrógrado - por términos más operativos como los de “población” o “grupo étnico”. Pero si tales conceptos nuevos han sido particularmente eficaces para el análisis de realidades contemporáneas no lo han sido tanto para el abordaje de los complejos procesos socioculturales del pasado colonial americano.

Neste sentido, mesmo com a impossibilidade de não termos a *fala* do indígena, procuramos nos aproximar do contexto sociocultural dos primeiros séculos da conquista ao usarmos a ótica do próprio colonizador quando ele aplica o termo *nação* e a nomeia por meio de um gentílico para identificar diferentes aglomerações sociais. Desta forma, quando propomos neste trabalho identificar e analisar a ocorrência de diversidade étnica no interior das reduções de índios Guarani, nos fundamentamos nas classificações elaboradas acerca das diferentes estruturas sociais que foram percebidas e forjadas no quadro populacional da colônia. É sobre as estruturas sociais que mais tarde vão ser conceituadas como etnias, que debruçamos o nosso olhar. Na seqüência do capítulo vamos procurar acompanhar o processo de percepção e constituição de grupos por parte dos europeus, a fim de identificarmos nas fontes documentais, um marcador étnico que tenha sido relevante para os europeus constituírem diferentes grupos.

1.4. Impressões dos cronistas sobre as terras e as gentes: segunda parte.

Ancorados nas proximidades da ilha de Santa Catarina, em outubro de 1526, Luis Ramírez comenta que numa certa manhã,

vimos venir otra canoa de Yndios y un cristiano dentro dela, el cual dio nuevas al Capitán General como estaban en aquella tierra algunos cristianos que eran hasta 15, los cuales habían quedado de una nao de las que iban á la especiaría de que iba por Capitán General el Comendador Loayse, y aquellos iban en una nao de que iba por Capitán D. Rodrigo de Acuña [...] y también Melchor Ramírez y Henrique Montes, los cuales habían quedado de una armada de Juan Diaz de Solis⁵⁴.

⁵⁴ RAMÍREZ, L., *Carta de Luis Ramírez, do Rio da Prata a 10 de julho de 1528*. p. 19.

O cronista observa que Henrique Montes subiu na embarcação onde estava Gaboto e relatou os acontecimentos que teriam ocorrido há mais ou menos 12 anos, quando Solís teria sido morto, e “también la gran riqueza que en aquel rio donde mataron á su Capitán había”⁵⁵. De acordo com Luis Ramírez, Henrique Montes falou que se o capitão Gaboto quisesse segui-lo, ele iria guiá-lo, pois estava familiarizado com o lugar e com a língua dos índios. Ele,

estaba cierto que entrando por el rio de Solís iríamos á dar en un rio que llaman Paraná, el cual es muí caudolosisimo [...] dicho rio de Paraná, y otros que á el vienen á dar, iban á confinar con una sierra á donde muchos Yndios acostumbraban ir y venir, y que en esta sierra había mucho metal [...] había mucho oro y plata. [...] é como junto á la dicha sierra avía un Rey blanco que traía buenos vestidos como nosotros⁵⁶.

Sebastião Gaboto, até então não havia concordado em mudar a rota para conferir se as notícias sobre as riquezas eram verdadeiras ou fantasiosas. No entanto, ao perder uma embarcação enquanto tentava ancorar num porto da ilha de Santa Catarina, resolveu mudar de atitude. Segundo Felix de Azara⁵⁷, ele havia comprado o máximo de viveres dos “índios guaraníes, y viendo que no le bastaban para su viaje, para el cual también le hacia grande falta la embarcación perdida, determinó abandonar su navegación á la India Oriental, y compensarla continuando el descubrimiento del rio de Solís”.

Após três meses, tempo decorrido para a construção de uma pequena embarcação, içaram âncora “á 15 días de hebrero del dicho año de 1527⁵⁸”, levando “cuatro muchachos, para que en adelante le sirviesen de intérpretes”.⁵⁹ Seguiram costeando o litoral meridional pelos “seis días siguientes [até] al cavo de Santa María que es la boca del rio de Solís.”⁶⁰

⁵⁵ *Idem*, p. 20.

⁵⁶ *Idem*.

⁵⁷ AZARA, F., *Descripción y Historia del Paraguay y del Rio de la Plata*, vol. II, p. 8.

⁵⁸ RAMÍREZ, L., *Carta de Luis Ramírez, do Rio da Prata a 10 de julho de 1528*, p. 24.

⁵⁹ AZARA, F., *Descripción y Historia del Paraguay y del Rio de la Plata*, vol. II p. 9.

⁶⁰ RAMÍREZ, L., *Carta de Luis Ramírez, do Rio da Prata a 10 de julho de 1528*, p. 24.

Conforme o padre Guevara⁶¹, ao navegar pelo Rio da Prata, Gaboto deixou equipamento e um pequeno efetivo na atual ilha de São Gabriel, mais à frente ergueu um forte próximo a foz do Rio São Salvador com o Rio da Prata, a fim de se defender de uma possível hostilidade de Charruas e Yarós, que observavam a movimentação dos espanhóis. “Guarnecido con milicia el fuerte, saltó en un bergantín y carabela al majestuoso Paraná, y surgió en el Carcarañal, pechero suyo por la margen occidental; donde levantó segunda fortaleza, que denominó Sancti Spiritus”.⁶²

Para Azara⁶³, este local era chamado de Carcarañal porque “vivían allí los guaraníes llamados *Caracarás*”. Afirmção não compartilhada pelo etnógrafo Rodolfo Shüller⁶⁴, que afirma que os Caracarás faziam parte das nações indígenas pertencentes ao ramo dos índios considerados Guaicurus do Sul.

De acordo com Luis Ramírez⁶⁵, Sebastião Gaboto “había hecho su asiento y una fortaleza arto fuerte [...], la cual acordó de hacer para la pacificación de la tierra.” Nesse local onde foi erguido o forte, índios pertencentes a diferentes nações e falantes de diversos idiomas, teriam ido para se familiarizar com os novos estrangeiros e para falar com seu capitão.

Entre os nativos, “vino una gente de campo que se dicen Querandís. Gente muí ligera, mantienense de la caza que matan, y en matándola cualquiera que sea le beben la sangre.” Para o autor, o motivo de beber o sangue da caça estava no fato de que havia pouca água no território onde habitavam. “Estos Querandís pelean con arcos y flechas, y con unas pelotas de piedra redondas, tan grandes como el puño, con una cuerda atada que la guía las cuales tiran tan certero que no hierran. [...] nos dieron muí buena relación de la sierra y del Rey Blanco”⁶⁶.

⁶¹ Cf. GUEVARA, J., *Historia del Paraguay, Rio de la Plata y Tucumán*, p. 81.

⁶² *Idem.*

⁶³ AZARA, F., *Descripción y Historia del Paraguay y del Rio de la Plata*, vol II, p. 9.

⁶⁴ SCHULLER, R., *Geografía Física y Esférica de las Provincias del Paraguay y Misiones Guaraníes* (prólogo), p. 129.

⁶⁵ RAMÍREZ, L., *Carta de Luis Ramírez, do Rio da Prata a 10 de julho de 1528*, p. 26.

⁶⁶ *Idem.*

Conforme Ulrich Schmídel⁶⁷, a primeira Buenos Aires foi atacada e queimada em 1535 devido a um ataque promovido por 23 mil indígenas, pertencentes a quatro diferentes nações. De acordo com Branislava Susnik⁶⁸, foram os Querandí que “encabezaron [esta] revuelta interétnica”. Rui Dias de Gusmão observa que, por volta de 1612, grande parte desses Querandís estava dividida entre os encomendeiros de Buenos Aires.

Outras populações que habitavam nas imediações do Carcarañal, local onde foi erguido o forte Espírito Santo, “las cuales son Carcarais, Chanaes, Beguas, Chanaes Timbus y Timbus, con diferentes linguales”⁶⁹. De acordo com Luis Ramírez,⁷⁰ estas eram “gente muí bien dispuesta” todos furavam os narizes e as orelhas: “los hombres oradan los labios por la parte baja. Los Carcarais y los Timbus siembran abatí y cabazas y habas, y todas las otras naciones no siembran, y su mantenimiento es carne y pescado”. Rui Dias de Gusmão⁷¹ considerava os Timbús e Caracarás de melhor trato e costumes que os Querandís, “son labradores y tienen sus pueblos fundados sobre la costa del río. Tienen las narices horadas, donde sientan por gala en cada parte una piedra azul o verde, son muy ingeniosos y hábiles”.

Podemos perceber que nesses primeiros relatos, nos primeiros contatos com uma pequena mostra populacional do novo território, os cronistas já começam a delinear uma divisão geral entre as populações que com o passar dos anos vai se acentuar ainda mais. De um lado eles observam os agricultores que cultivam a terra, e de outro os caçadores e pescadores. Esses elementos serão levados em conta pelos europeus no momento em que eles começarem a sistematizar o espaço e a classificar as populações dentro de uma ordem em que serão estabelecidos os aliados e os inimigos. Na sequência do texto, constantemente vai surgir novos exemplos. Os agricultores em sua grande maioria serão os amigos, e os caçadores e pescadores os contumazes inimigos.

Luis Ramírez, em sua narrativa vai apercebendo-se do território e tecendo suas considerações sobre os nativos com que eles mantêm contato.

⁶⁷ SCHMIDEL, U., *Viaje al Río de La Plata*, p. 623.

⁶⁸ SUSNIK, B., *Las Características Etno-Socio-Culturales de los Aborígenes Del Paraguay en el Siglo XVI* p. 84.

⁶⁹ RAMÍREZ, L., *Carta de Luis Ramírez, do Rio da Prata a 10 de julho de 1528*, p. 26.

⁷⁰ *Idem*.

⁷¹ GUZMAN, R. D., *Anales del Descubrimiento, Población y Conquista del Río de la Plata*, p.10.

Aquí con nosotros esta otra generación que son nuestros amigos, los cuales se llaman *Guarenis* o *Chandis*: estos andan derramados por esta tierra, y por otras muchas como corsarios á causa de ser enemigos de todas naciones, y de otras muchas que adelante diré: son gente muí traidora, todo lo que hacen es con traición. Estos señorean gran parte de la India y confinan con los que habitan en la sierra. Estos tienen mucho metal de oro y plata en muchas planchas y orejeras, y en anchas con que cortan la montaña para sembrar: estos comen carne humana.⁷²

Nesta passagem, podemos retirar algumas informações que fundamentaram a visão que se construiu sobre os Guarani.

1.5. O Guarani e a *guaranização*.

Montoya⁷³ disse que “guaryni” é guerra, “aguaryni”, guerrear. O ethos belicoso do grupo manifestado por meio da palavra guaryni, somado a outras pautas culturais, passa a definir toda uma nação indígena. “Era una expresión muy de ellos, y los indios de otras tribus los llamaban guaryni o guarani”⁷⁴ teria dito Sanches Labrador.

Esses Guaranis descritos por Ramírez e também chamados de Chandis são apontados por Susnik⁷⁵ como sendo os Guarani que habitavam ilhas do delta do Rio Paraná conhecidos como Chandules. Conforme Bartomeu Meliá⁷⁶, *Guaryni* possivelmente era uma autodenominação desses indígenas das ilhas que se generalizou para outras populações com língua e características socioculturais semelhantes. Tal como os *Carijós* contatados na ilha de Santa Catarina e que serviram de intérpretes para os espanhóis em suas viagens de reconhecimento.

“Estos andan derramados por esta tierra, y por otras muchas como corsarios”, observou Luis Ramírez. Essa parece ser uma das características dessa população que faz seus

⁷² RAMÍREZ, L., *Carta de Luis Ramírez, do Rio da Prata a 10 de julho de 1528*, p.27.

⁷³ MONTOYA, A. R., *Tesoro de la lengua Guaraní*, p. 432

⁷⁴ LABRADOR, S., *apud FURLONG, G., Misiones y Sus Pueblos de Guaraníes*, p. 71.

⁷⁵ SUSNIK, B., *Las Características Etno-Socio-Culturales de los Aborígenes Del Paraguay en el Siglo XVI* p. 84.

⁷⁶ MELIÁ, B., *El pueblo guaraní: unidad y fragmentos* p. 152.

chamamentos, suas convocatórias e realiza grandes excursões guerreiras a fim de fazer escravos, conquistar e ampliar seu território. Mas como o autor conseguiu fazer uma análise dessa natureza conhecendo ainda tão pouco dessa população? E que foi reproduzida por quase todos os cronistas e historiadores que o sucederam, tal como escreveu Juan Lopes de Velasco⁷⁷ no ano de 1572, que na qualidade de cosmógrafo oficial de Felipe II, compôs sua obra *Descripción Universal de Las Indias y Demarcación de los Reyes de Castilla*, em que observou que os Guarani eram assim chamados “porque [iban] muy lejos de su tierra a guerrear”.

Tudo leva a crer que a análise de Ramírez baseia-se em informações prestadas por náufragos que viveram muitos anos entre os Carijós do litoral atlântico. Que inclui os relatos da epopeia do português Aleixo Garcia⁷⁸ que teria se deslocado da ilha de Santa Catarina até os Andes peruanos, acompanhado de centenas de guerreiros Guarani. E, da mesma forma que ele chama esses Guaranis de amigos, ele os qualifica como traiçoeiros e traidores. Possivelmente também é um dado baseado na história da morte de Garcia, que foi morto pelos Guaranis que lhe acompanhavam.

“Estos señorean gran parte de la India y confinan con los que habitan en la sierra”, aqui da para dizer que nasce outro dado importante sobre os Guarani. Sua demografia. Eles serão vistos como uma população composta por mais de um milhão de indivíduos⁷⁹, habitando um vasto território⁸⁰. Elementos que construíram a visão de uma população socioculturalmente homogênea espalhada por um amplo espaço geográfico. Pesquisadores⁸¹ de diferentes disciplinas estão rediscutindo as informações que colaboraram na construção dessa visão. Pelo fato de que nesta relação estariam inseridas populações não Guarani, que teriam sido guaranizadas muito mais pela pena dos próprios cronistas, do que pelos próprios Guarani.

⁷⁷ VELASCO, J. L., *Descripción Universal de Las Indias y Demarcación de los Reyes de Castilla*, p. 359.

⁷⁸ GUZMAN, R. D., *Anales del Descubrimiento, Población y Conquista del Río de la Plata*, p.16.

⁷⁹ CLASTRES, P., *A Sociedade Contra o estado*, p. 109.

⁸⁰ MONTOYA, A. R., *apud* MELIÁ B., *El pueblo guaraní: unidad y fragmentos*, p. 152.

⁸¹ Entre os autores que estão rediscutindo informações sobre os Guarani e outras populações indígenas, no que tange a visão homogênea que se percebe nas mesmas, podemos citar MONTEIRO, 2001; SCHIAVETTO, 2003; WILDE, 2009.

Moisés Santiago Bertoni⁸², falando sobre a *Prehistoria y Protohistoria de los Paisas Guaraníes*, comentou que “varios otros pueblos que han sido sometidos, ya sea por la fuerza, ya por la superioridad de la civilización, y que han adoptado el idioma guaraní (estos pueblos se suelen llamar guaranizantes)”. Em sua tese, o arqueólogo André Soares⁸³ mostra que na idéia de *guaranização* os “Guarani não somente aceitavam os outros grupos como os incorporavam” reforçando seu “*ethos* Guarani, impositor e guerreiro”. Ele comenta que nessa mesma ideia da guaranização, é percebido que existe “discriminação para com o ‘outro’, mas, neste caso, ele pode ser aceito, incorporado, constituir e perpetuar a noção tradicional do ‘modo de ser’ Guarani”.

Os pesquisadores Isabelle Combès e Diego Villar⁸⁴, ao tratarem sobre as representações das populações Chané e Chiriguanos, que carregam em si duas heranças culturais distintas e ao mesmo tempo misturadas, visto que a história nos diz que os Chiriguanos são “filhos” de homens Guaranis com mulheres Chanés, e que os mesmos carregam apenas traços Guarani, fazem uma crítica a essa visão. Eles comentam que esta ideia de guaranização pode ser resultado da “onipotência da identificação guaranizante” que guaranizou os próprios “pesquisadores que, em geral, apenas realçaram a dimensão guarani em detrimento da herança arawak”.

A nosso ver, guaranização é uma das idéias que subsidiou conceitos como o de *aculturação*, em que no choque entre duas culturas distintas, uma desaparece diante da outra. Ou como observou Carlos Rodrigues Brandão⁸⁵, quando discutia questões ligadas a identidade e etnia: “Aculturação é o nome do processo através do qual, culturas intercambiavam “traços” e “complexos” culturais, de tal sorte que os de uma delas, mais forte, mais impositiva, envolviam os da outra e do encontro surgia uma nova cultura”.

Como é o caso dos Chiriguanos, vistos apenas com traços Guarani. Trabalhos como o de Diego Villar e Isabelle Combès ajudam a desmistificar esses olhares. Branislava Susnik, indiretamente já havia questionado a guaranização dos Chiriguanos, ao elaborar um trabalho sobre cultura material indígena, em que observou que no caso das populações de Chiriguanos,

⁸² BERTONI, M. S., *Resumen de prehistoria y protohistoria de los países guaraníes*, p. 30.

⁸³ SOARES, A. L., *Organização Sócio-Política Guarani: Aportes para a Investigación Arqueológica*, p. 138.

⁸⁴ COMBÈS, I; VILLAR, D., *Os mestiços mais puros. Representações Chiriguano e Chané da mestiçagem*, p. 45-6.

⁸⁵ BRANDÃO, C. R., *Identidade e Etnia. Construção da Pessoa e Resistência cultural*, p. 90.

por mais que eles sigam pautas tradicionais Guarani, eles também reproduzem pautas de influência arawak e andina e “esto puede observarse *también* en La alfarería⁸⁶”.

Este é apenas um exemplo daquilo que alguns escritos coloniais e estudos posteriores nos trazem: o domínio sociocultural Guarani sobre outras populações. Estudos que a nosso ver não se apercebem que os Guarani também levam muito da outra população, no choque entre ambas, ou seja, não é uma via cultural de mão única.

Uma visão que se tornou uma prática discursiva, fortalecida também pelos religiosos da Companhia de Jesus. Antonio Serrano⁸⁷, ao estudar a *Etnografía da Antiga Província do Uruguai*, observava que os jesuítas guaranizavam diferentes grupos pela língua e não nos costumes, ou seja, se atribuía o nome Guarani a populações que não eram Guarani, justamente porque elas falavam o idioma Guarani, considerado língua geral do antigo Paraguai.

Antonio Serrano já fala do período reducional, que abordaremos no segundo e terceiro capítulo. Nas próximas análises que realizaremos, perceberemos que em certo sentido a redução de índios Guarani foi uma das responsáveis pela *guaranização* das populações nativas do antigo Paraguai.

1.6. Impressões dos cronistas sobre as terras e as gentes: terceira parte.

A partir do forte Espírito Santo, erguido junto ao Rio Carcarañal, Sebastião Gaboto subiu o Rio Paraná. Em sua margem esquerda contatou com índios Timbús, Calchaquis, Quiloasas e Colastines⁸⁸, com os quais adquiriu suprimentos para viagem. Com os Timbús eles tiveram um pequeno enfrentamento, matando e capturando muitos deles. Esses cativos foram entregues a indígenas que habitavam nas imediações do forte Espírito Santo em troca de mais viveres⁸⁹.

Em seu diário de bordo, Luis Ramírez escreveu que eles navegaram até um conjunto de ilhas muito povoadas. De acordo com Azara, “en la isla de Apipé, que tiene treinta leguas de largo [...] se formó después el actual pueblo de Ytati [...] denominó Gaboto á aquel sitio

⁸⁶ SUSNIK, B. *Artesanía Indígena*, p. 47-8.

⁸⁷ SERRANO, A., *Etnografía de la Antigua Provincia del Uruguay*, p. 84.

⁸⁸ AZARA, F., *Descripción y Historia del Paraguay y del Rio de la Plata*, vol. II, p. 7.

⁸⁹ RAMÍREZ, L., *Carta de Luis Ramírez, do Rio da Prata a 10 de julho de 1528*, p. 29-30.

puerto de Santa Ana”. Nesse local, Ramírez informou que eles contataram com um cacique chamado,

Yaguaron capitán que es de todas estas caserías que en esta comarca están, porque siempre tienen guerra con otros indios que están siete y ocho leguas el río arriba de su misma nación. Y llegados a estas casas así este mayoral como todos los otros mayores de la tierra nos trajeron mucho bastimento así de abatí, calabazas, como raíces de mandioca, é patatas é panes hechos de harina de las dichas raíces de mandioca.

De acordo com Branislava Susnik⁹⁰, esses índios das ilhas são os mesmos *Chandules* do delta do Paraná, população que o cacique Yaguaron considerava estar sob sua influência. Segundo a autora, com a divisão dos 14 cacicaços que compunham essa população por Garay, por ocasião da fundação da segunda Buenos Aires, “los Chandules desaparecieron como un grupo étnico”.

Conforme Luis Ramírez⁹¹, os espanhóis permaneceram trinta dias nesta ilha. Durante esse período eles viram muitos indígenas usando adereços feitos de ouro e prata, com quem trocaram por mercadorias de interesse dos nativos. Para saber a procedência dos ornamentos usados pelos indígenas, Sebastião Gaboto enviou o naufrago Francisco Porto, que falava a língua dos Chandules para obter informações.

Francisco Del Puerto era um naufrago das embarcações de Solís, que viveu aproximadamente dez anos entre os Yaró, até ser resgatado pela esquadra de Gaboto. Os Yarós habitavam na banda oriental do Rio Uruguai, entre os rios Negros e São Salvador⁹² e são classificados pela literatura histórica colonial como pertencentes às populações nômades, caçadoras e coletoras, que se tornaram equestres com o passar dos anos e possuíam idioma diferente dos Guarani⁹³. No entanto, podemos observar que a língua Guarani também era falada pelos Yarós, visto que Francisco Porto aprendeu o idioma, durante o período que viveu com eles. Indiretamente, essa informação do início da “conquista” além de reforçar a questão

⁹⁰ SUSNIK, B., *Las Características Etno-Socio-Culturales de los Aborígenes Del Paraguay en el Siglo XVI* p. 84.

⁹¹ Cf. RAMÍREZ, L., *Carta de Luis Ramírez, do Rio da Prata a 10 de julho de 1528*, p. 33.

⁹² Cf. AZARA, F., *Descripción y Historia del Paraguay y del Río de la Plata*, vol I, p. 5.

⁹³ Cf. TECHO, N., *Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús*, vol. I p. 109.

de a língua Guaraní ser um dos idiomas gerais do antigo Paraguai, mostra que, ao menos na região da Bacia do Prata, ela estava em franco uso.

Seguindo sua narrativa, Luis Ramírez⁹⁴ comentou que, “así fue el dicho Francisco del Puerto, lengua, e la relación que truje fue que los Chanduls, que son Yndios de esta misma generación que están sesenta, ochenta leguas el Paraguay arriba”. Conforme o autor, os índios contatados possuíam muitos metais que trocavam por canoas e outros itens de seu interesse. Ele ainda observa que “Francisco, lengua, se informó que tenían mucho metal porque según los Yndios le decían de las dichas caserías iban mujeres y niños hasta la dicha sierra é traían el dicho metal”⁹⁵.

A informação sobre as mulheres e crianças se deslocarem de suas aldeias até “la sierra”, requer um pequeno comentário sobre um objeto de estudo que a nosso ver não recebe a atenção merecida nos estudos sobre indígenas do período colonial. A mulher é vista na historiografia indígena como um indivíduo frágil com uma função social inferior ao homem. Quando elas se sujeitaram aos espanhóis na fundação de Assunção, com a finalidade de construir uma relação de amizade e parentesco entre europeus e Guaranis, cumprindo uma função social de mediar às relações entre os diferentes grupos, tiveram desde então uma imagem que as vulgarizou, tornando-as lascivas e sedutoras. São desde essa época vistas como simples objetos de troca ou ferramentas de trabalho.

A mulher indígena não é percebida pela função social de xamã, cacica ou a anciã conselheira, como havia entre os Guaraní, ou no caso das *Donas*, que tinham séquito de cativos e tinham poder sobre os capitães entre algumas populações equestres do Chaco. É interessante perceber que as relações de comércio entre esses Chandules com populações, possivelmente do pé dos Andes, eram efetuadas por mulheres e não somente por expedições guerreiras que tinham o único objetivo da pilhagem, conforme outra visão acentuada pela historiografia tradicional.

Seguindo as informações do cronista Luis Ramírez, Gaboto, zarpou da ilha do cacique Yaguaron no dia 28 de março de 1527, navegando o Rio Paraná abaixo até a foz com o Rio Paraguai. No trajeto foi possível identificar algumas outras populações, que foram chamadas de *Ingatus*, *Beoyos*, *Conameguae*, *Berese*, *tendeas* e *Nogaes*. Segundo consta na relação do

⁹⁴ RAMÍREZ, L., *Carta de Luis Ramírez, do Rio da Prata a 10 de julho de 1528*, p. 33.

⁹⁵ *Idem*.

autor os que habitavam “la tierra adentro [eram] innumerables [e] de diversos lenguajes; no siembran estos ni los de Paraná; su mantenimiento es carne y pescado”.

Rui Dias de Gusmão⁹⁶ ao escrever a historia do descobrimento e povoamento do Rio da Prata, observou que quando Gaboto zarpou do porto de Santa Ana, navegou pelo Rio Paraguai até a altura onde foi erguida alguns anos mais tarde a cidade de Assunção. De acordo com Luis Ramírez⁹⁷, “capitán general mando al teniente Miguel Riso que fuese [...] a una generación que dicen los Agaces, é hiciese paces con ellos porque estábamos informados [que eles possuíam] mucho oro y plata”.

De acordo com Azara⁹⁸, os espanhóis localizaram as *tolderias* dos Agaces num local conhecido como banhado de *Ñeembucú*. No entanto, não puderam

los españoles comunicarse con ellos sino por señas; y la interpretación que les dieron determinó á unos quince á veinte y cinco españoles con los oficiales Gonzalo Nuñez Balboa y Miguel Ruvis á tomar tierra y seguir á los pocos Agaces que caminaban delante hacia su pueblo. Pero apenas se apartaron de la orilla lo bastante para no poder ser socorridos del bergantín, fueron asaltados y muertos todos por los Agaces que salieron de una emboscada.

Sobre esse episódio, Gusmão comenta que saíram para enfrentar os espanhóis “más de 300 canoas de indios que llaman *Agaces* que entonces señoreaban todo aquel río”. Nas palavras do autor, “el día de hoy [por volta de 1612] son acabados, con las ocasiones de guerras que han tenido con los españoles”. Os Agaces são considerados como pertencentes à mesma população *Payaguá* que por muitos anos exerceram seu domínio por um bom trecho do Rio Paraguai. Enquanto os *Payaguá* exerciam seu domínio fluvial na região do alto Paraguai, os Agaces concentravam sua ação mais ao sul⁹⁹.

Ramírez informa que nesse meio tempo, enquanto Gaboto estava na região da atual Assunção, o mesmo soube por meio dos índios Chandules que haviam entrado no “rio de Solis tres velas, las cuales decían que se estaban juntas con nuestros navíos”. Eram as naves

⁹⁶ GUZMAN, R. D., *Anales del Descubrimiento, Población y Conquista del Río de la Plata*, p.20.

⁹⁷ RAMÍREZ, L., *Carta de Luis Ramírez, do Rio da Prata a 10 de julho de 1528*, p. 34.

⁹⁸ AZARA, F., *Descripción y Historia del Paraguay y del Río de la Plata*, vol I, p. 7.

⁹⁹ Cf. SUSNIK, B., *Las Características Etno-Socio-Culturales de los Aborígenes Del Paraguay en el Siglo XVI*, p. 84.

de Diego de Garcia, natural da cidade de Mouguer, que falamos anteriormente, logo no início do capítulo.

Da mesma forma que Ramírez, Garcia entra para a história ao trazer as primeiras informações sobre parte das populações nativas que habitavam as margens dos principais rios que formam a Bacia do Prata. Gaboto e Garcia se encontram com armadas de um mesmo Rei cumprindo uma missão muito semelhante. Um caso difícil de acontecer, visto que os custos de uma única expedição eram muito elevados, no caso de Garcia ele era financiado por muitos comerciantes de Madri¹⁰⁰.

O primeiro que retornou a Espanha foi Diego de Garcia, sendo seguido mais tarde por Gaboto, que deixou uma guarda de cento e trinta homens no dito forte, sob o mando de Ñuno de Lara¹⁰¹. Esse forte em pouco tempo foi destruído pelos índios *Timbus*, sendo que os poucos sobreviventes que não foram mortos ou capturados, navegaram até São Vicente¹⁰².

De retorno a corte de Madri, e com pretensões de voltar ao Paraguai, Sebastião Gaboto levou consigo uma embaixada de índios Guaraní para serem apresentados ao imperador espanhol. “Concurrieron al agrado del recibimiento los Guaranís, caracterizados con fisonomía peregrina, y modales índicas que llamaban la atención del Monarca; informándose largamente sobre sus genios, ritos y costumbres”¹⁰³. Por mais que o monarca espanhol tenha gostado do que viu e ouviu, as pretensões de Gaboto não puderam ser cumpridas pelo fato da Espanha estar envolvida com questões políticas com ingleses e franceses¹⁰⁴.

Quanto as descrições de Diego Garcia sobre a população contatada no litoral atlântico e nas águas do Prata, acontecem antes do encontro entre os dois navegadores. Ele narra os eventos até sua chegada a uma ilha batizada anteriormente por Gaboto com o nome de Santa Ana.

Em meados de fevereiro de 1527, Garcia chegou até a atual ilha de Santa Catarina. Nesse local ele contatou com os índios Carijós. “Una buena generación que hacen muy buena

¹⁰⁰ Cf. AZARA, F., *Descripción y Historia del Paraguay y del Rio de la Plata*, vol II, p. 8.

¹⁰¹ *Idem*, p. 9.

¹⁰² GUEVARA, J., *Historia del Paraguay, Rio de la Plata y Tucumán*, p. 141-2.

¹⁰³ *Idem*, p. 138-9.

¹⁰⁴ *Idem*.

obra á los cristianos, e llamanse Carrioces”¹⁰⁵. Conforme observamos anteriormente, Gaboto havia levado alguns Carijós da ilha para lhe servirem de intérprete em sua navegação. Por meio de Diego de Garcia soubemos que os mesmos eram filhos de alguns principais da ilha, e que foram levados para a Espanha, onde “tres delos los tiene el asistente de Sevilla”¹⁰⁶. Conforme Garcia, a atitude de Gaboto prejudicou as relações entre os nativos e os cristãos que aportavam naquele local.

Diego de Garcia navegou pelas águas do Rio da Prata, até uma ilha próxima a foz do Rio Uruguai. “Allí luego me partí me bergantín armado por el rio arriba porque hallamos rastro de cristianos, é andando por el rio arriba que se llama Ouriáy. [...] Veinte é cinco leguas por este rio arriba halle dos naos de Sebastián Gaboto”¹⁰⁷.

Após o encontro com a gente de Gaboto, Garcia partiu rumo ao forte Espírito Santo com a pretensão de encontrá-los. Conforme o cronista, nesse forte foi possível ver muitas casas de índios que habitavam umas ilhas próximas, que se chamavam “guaraníes”. Gaboto não se encontrava no forte Espírito Santo, portanto Garcia subiu o Rio Paraná em direção à ilha de Santa Ana. Ao chegar à ilha, Garcia observou que “en veinte é siete días anduve yo en mis bergantines por el rio arriba à descubrir tanto quanto anduvo Sebastián Gaboto en cinco meses que el avía partido dista casa suya que llamaba fortaleza”¹⁰⁸.

Ao navegar pelas águas do Rio da Prata, Uruguai e Paraná, Diego Garcia efetuou a seguinte descrição acerca das populações nativas que habitavam as margens desses rios:

la primera generación a la entrada del río a la banda del noreste se llama los *Charruases*, estos comen pescado y cosa de caza y no tienen otro mantenimiento ninguno la habitan en las Islas. Otra generación que se llama los *Guaraníes*, estos comen carne humana como arriba digo, tienen y matan mucho pescado e abatir, y siembran y cogen abatir é calvazas. Ay otra generación andando el río arriba que se laman los *Janaes*, y otros que se llaman *Janaes atembures*; estos todos comen abatir y carne y pescado: y de la otra parte del río esta otra generación que se llaman los *carcaraes*, y mas atrás esta otra generación muy grande que se llama los *Carandies*, y otros mas adelante ay que se llaman los *Atambues*. Todas estas generaciones son

¹⁰⁵ GARCIA DE MOUGUER, D., *Memoria de la navegación que hice este viaje en la parte del mar océano desde que Salí de Ciudad de la Coruña, que allí me fue entregada la armada por los oficiales de S. M. que fue en el año de 1526*, p. 10.

¹⁰⁶ *Idem*.

¹⁰⁷ *Idem*, p. 11.

¹⁰⁸ *Idem*, p. 13.

amigos y están juntos hácese buena compañía, y estos comen abatir y carne y pescado; e luego mas adelante de la banda del norte ay otra generación que se llama *Mecotaes* que comen pescado y carne¹⁰⁹.

Essa teria sido a primeira descrição dos Charruas, cujo nome, segundo o autor, é indiscutivelmente de origem Guarani. Observamos que na descrição de Garcia, esses Charruas habitavam algumas ilhas e viviam da caça e pesca¹¹⁰. Felix de Azara comenta que os mesmos,

tiene idioma muy narigal, gutural y diferente de todos. En tiempo de la conquista corría la costa septentrional del río de la Plata desde Maldonado hasta cerca de la boca del río Uruguay, extendiéndose por los campos como treinta leguas hacia el Norte Yaro, mediando un grande desierto hasta encontrar por el Norte algunas divisiones o pueblos de indios Tapes o Guaranís.

Conforme Nicolas del Techo¹¹¹, as mulheres *Charruas* da mesma forma que as *Yarós*, tinham um estranho costume de cortar as juntas dos dedos quando morria algum parente, uma prática comum também para as mulheres *Timbus*¹¹². De acordo com este autor¹¹³, antes da chegada dos espanhóis eles se alimentavam de “avestruces, liebres y ciervos, que cazaban, y de la pesca. Ahora que se han multiplicado los bueyes y caballos de manera que pueblan los campos en rebaños numerosos, devoran la carne de éstos medio cruda”. Para o filólogo Lorenzo Hervaz, os Charruas falavam a língua *guenoa*, que também era falada pelas populações Minuana, Yaró, Guenoa e os Bohane, com pequena diferença entre os Minuanos e Charruas perante os outros¹¹⁴.

Como já observamos anteriormente, com o domínio do cavalo, os Charruas assolaram as campanhas da banda oriental do Rio Uruguai, atacando outras populações nativas e

¹⁰⁹ *Idem.*

¹¹⁰ SHULLER, R., *Geografía Física y Esférica de las Provincias del Paraguay y Misiones Guaraníes* (prologo) p. 108.

¹¹¹ Cf. TECHO, N., *Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús*, vol. III p.46.

¹¹² RAMÍREZ, L., *Carta de Luis Ramírez, do Rio da Prata a 10 de julho de 1528*, p. 29.

¹¹³ TECHO, N., *Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús*, vol. III p.46.

¹¹⁴ HERVÁS, L., *Catálogo de las Lenguas de las Naciones Conocidas, y numeración, división, y clases de estas segun la diversidad de sus idiomas y dialectos*, p. 229.

especialmente estabelecimentos espanhóis, povoados, estâncias e reduções de índios. No entanto, em muitos eventos históricos que envolveram os índios das reduções do Tape, conforme veremos no próximo capítulo, grupos da nação Charrua, estiveram presentes na qualidade de aliados dos reduzidos.

Outras populações aparecem na citação de Garcia, os *Janaes* e *Janaes Atembures*. Falaremos um pouco sobre quem são elas e onde viviam, junto com as populações descritas por outro navegador que esteve na região um pouco mais tarde que os espanhóis.

Esse navegador foi Pero Lopes de Souza¹¹⁵, a serviço da coroa portuguesa que descreveu em seu diário de bordo as impressões que teve de algumas populações que contatou ao navegar pelo Rio da Prata e alguns rios da região, no ano de 1531.

Ele comenta que numa quarta-feira, em 11 de novembro de 1531 navegava num bergantín costeando a parte setentrional do Rio da Prata, na altura do que seria hoje a atual cidade de *Montevideu*, quando um grupo de nativos se aproximou rapidamente de sua embarcação, todos remando em pé sob quatro almadias.

Traziam arcos e flechas e azagaias (lança) de pau tostado, e eles com muitos penachos todos pintados de mil cores; [...] a fala sua não entendíamos; nem era como a do Brasil; falavam do papo como os mouros (...) as suas almadias eram de dez, doze braças de comprimento, e meia braça de largura. A madeira era de cedro, muito bem trabalhado. Os remos eram largos, parecendo umas pás muito compridas. Nos cabos dos remos havia enfeites de penachos. Cada almadia remava quarenta homens todos em pé¹¹⁶.

Pero Lopes não identifica que grupo era esse, mas observa que não eram Guaranis. Sua fala era gutural, possivelmente semelhante aos Charruas, descritos por Ramírez e García, que circulavam por aquele litoral.

Alguns dias após o encontro, Pero Lopes teria navegado em direção a margem ocidental do Rio da Prata chegando a um local que os intérpretes informaram ser a terra dos *Carandins*¹¹⁷. Conforme observamos anteriormente, Luis Ramírez nos fala dos índios Querandís que estavam localizados na margem sul do Rio da Prata, entre o Rio Carcarañal e a região onde está atualmente Buenos Aires, região onde teriam aportado os portugueses.

¹¹⁵ SOUZA, P., L., *Diário da navegação*, p.41

¹¹⁶ *Idem*, p. 41.

¹¹⁷ *Idem*, p. 46.

Daniel Conlazo¹¹⁸, no livro *os Aborígenes da Argentina: os Querandiz*, comenta que Pero Lopes colocou os escudos de Portugal numa terra que já era conquistada e explorada pelos castelhanos. Esse comentário é devido ao fato de Pero Lopes ter tomado posse daquelas terras em nome do Rei de Portugal.

Ao navegar pela Margem oposta do Rio da Prata, a atenção de Lopes é despertada quando ele estava próximo a uma ilha denominada pelo mesmo, como Ilha dos Corvos. Devido a grande quantidade de pássaros marinhos que havia na mesma. Em suas palavras, ele comenta que,

diante de um arvoredo ouvimos grandes brados, e fomos demandar onde bradavam: e saiu a nós um homem, á borda do rio, coberto com peles, com arco e flechas na mão; falou-nos duas ou três palavras guaranis, e entenderam-nas os línguas, que levava; tornaram-lhe a falar na mesma língua, ele não em tendeu; disse-nos que era *Beguoaa Chana*, e que se chamava *Yanhandú*. Chegamos com o bergantín a terra, e logo vieram mais três homens e uma mulher, todos cobertos com peles de animais. A mulher era muito formosa, trazia os cabelos compridos e castanhos. Os homens traziam na cabeça uns barretes de cabeça de pele de onças, com dentes e com tudo. Por meio de acenos, entendemos que havia um homem com outro grupo, que chamavam Chanas, e que sabia falar muitas línguas¹¹⁹.

Conforme o cronista, ele esperou o retorno dos nativos no tempo marcado. Como eles não apareceram, ele zarpuou com sua tripulação.

Sobre esse *Beguoaa Chana*, o caso é interessante no sentido que ele chamou atenção da tripulação do barco usando a língua Guarani, mas ao ser inquirido pelos intérpretes Carijós, não soube usá-la. O idioma Guarani era a língua geral no antigo Paraguai, neste sentido esse indígena contatado falava-o parcamente, sendo um indivíduo pertencente a outra etnia, ou sendo ele um falante de Guarani, seu dialeto era muito diferente dos Carijós que acompanhavam Lopes de Souza. E parece não ser este o caso, pelo fato de que o nome *Beguoaa Chana* estar ligado a outras populações nativas. E isso vale para os *Janaes* e *Janaes Atembures* citados por Diego Garcia mais acima. O apodo, *Janaes* tem o mesmo significado

¹¹⁸ CONLAZO, D., *Los Querandies. Tras las huellas de su cultura*, p.15.

¹¹⁹ SOUZA, P. L., *Diário da navegação*, p. 48.

de Chana ou Chané¹²⁰. A diferença está apenas na pronúncia, *Janae Atembure* seria o mesmo que Chana Timbu¹²¹.

Para Rodolfo Schüller¹²², o nativo identificado como sendo um *Beguoa Chana* pertencia ao que ele denomina ser do grupo “Charrua e seus congêneres”. De acordo com o autor, os nativos identificados com esse apodo - *Beguoa Chana* ou *Chana Timbu* – são vozes na língua Guarani, mas não são Guarani. “Chanáes, Beguaes y Chanáes Timbus era una gente tan dispuesta como los Charrúa. También ellos se horadaban las narices y el labio inferior, y, eran orejones”¹²³.

Sanches Labrador¹²⁴ comenta que de acordo com uma memória de um dos primeiros exploradores do Paraguai, Juan de Oyolas, o nome *Chana* teria o significado de “habitantes dos campos”.

O historiador Samuel Lafone Quevedo¹²⁵, ao escrever o prólogo da *Viagem ao Rio da Prata* de Ulrich Schmidel, analisou as nomenclaturas usadas para se referir a algumas populações. De acordo com ele, os “*Timbú* derivaban su sobrenombre de los adornos que se ponían en las narices. En cuanto a los *mbeguá* no podemos etimologar con la misma confianza; es sin embargo fundada la interpretación de gente de tembetá o barbote”. Ainda de acordo com o autor, “el nombre solo de *Timbú* es general de todo indio que horadaba las narices”¹²⁶. Ou seja, não importa se um nativo estivesse habitando um local específico do Guairá ou habitando próximo a Santa Fé. Se este índio usasse adornos nos narizes, tais como, pequenas pedras coloridas com formas variadas, eles recebiam o apodo Timbú.

¹²⁰ LABRADOR, S., *El Paraguay Católico*, vol. II p. 2.

¹²¹ CONLAZO, D., *Los Querandíes. Tras las huellas de su cultura*, p.20.

¹²² SHULLER, R., *Geografía Física y Esférica de las Provincias del Paraguay y Misiones Guaraníes* (prologo), p. 117.

¹²³ *Idem*, p. 120.

¹²⁴ LABRADOR, S., *El Paraguay Católico*, vol. II p. 1.

¹²⁵ QUEVEDO, S. L., *Viaje al Río de La Plata* (prologo), p. 24.

¹²⁶ *Idem*.

Pero Lopes de Souza em sua navegação de reconhecimento pela margem norte do Rio da Prata, num local chamado Rio dos Beguaes, que segundo Schüller¹²⁷ estaria a oito léguas do Cabo de Santa Maria, manteve contato com um grupo local.

A gente dessa terra são homens musculosos e grandes, de rosto são muito feios. Trazem o cabelo comprido, alguns deles furam os narizes e nos buracos trazem metidos pedaços de cobre que brilham muito. Todos andam cobertos com peles. Dormem no campo onde a noite lhes encontra. Não trazem outra coisa consigo, que não seja peles e redes para caçar. Trazem por armas um - piloro de pedra do tamanho de um falcão – e dele sai uma corda de uma braça e meia de comprido e no cabo há um maço de penas de ema. E atiram com essa arma como uma funda. Trazem também umas azagaias feitas de madeira, e umas maças de madeira do tamanho de um côvado. Não comem outra coisa, se não, carne e pescado. São muito tristes. A maior parte do tempo choram. Quando morre algum deles, segundo o parentesco, se cortam os dedos. Por cada parente morto, uma junta. E vi muito homens velhos, que tinham apenas o dedo polegar. O falar deles é de papo como os mouros. Quando vinham nos ver, não traziam nem uma mulher. Não vi mais que uma velha, que quando chegou a nós, lanço-se no chão de bruços e não mais levantou o rosto. Com nem um presente nosso eles folgavam. Não mostravam contentamento com nada. Se traziam pescado ou carne, davam-no de graça. E se lhes déssemos alguma mercadoria eles não folgavam. Se mostrávamos o quanto havíamos trazido, não se espantavam. Nem havia medo em nossa artilharia, se não, suspiravam sempre. Nunca tinham outro modo, se não de tristeza.

Essa narrativa é muito interessante. Esses indígenas descritos apresentam todas as características das populações consideradas atualmente pampianas¹²⁸, mas naquele período viviam essencialmente da caça e pesca. Eram grandes e musculosos, com o tipo físico dos grupos qualificados como Charruas, Minuanos, Chanas e Timbus. Usavam boleadeiras de pedra e lanças compridas da mesma forma que Charruas Querandiz.

Observamos anteriormente que parte dessas populações do campo, cortavam as falanges dos dedos, um hábito tradicional na morte de algum parente, principalmente entre as mulheres. No entanto, nesta descrição ele cita os homens. Para Rodolfo Shüller¹²⁹, esse grupo

¹²⁷ SHULLER. R., *Geografía Física y Esférica de las Provincias del Paraguay y Misiones Guaraníes* (prologo), p. 118.

¹²⁸ D'ORBIGNI, A., *apud* BECKER, I. B. *Os Índios Charrua e Minuano na Antiga Banda Oriental do Uruguai*, p. 69.

¹²⁹ SHULLER. R., *Geografía Física y Esférica de las Provincias del Paraguay y Misiones Guaraníes* (prologo), p. 121.

descrito pode ser tanto Charrua, quanto Beguoaa. Conforme este autor¹³⁰, quando em 1526, 1528, 1530, Luis Ramírez, Diego Garcia e Pero Lopes de Souza, falavam de Charruases, Beguoaa, Timbú, Curumbeguá, Guaycurú e Nengetures, os mesmos falavam por meio do idioma Guarani, visto que na língua desses grupos os nomes possivelmente seriam outros e teriam significados distintos.

Este autor reforça essa idéia da língua Guarani, justamente porque ele tem a percepção de que os nomes muitas vezes não representam o grupo que eles definem ser. Ou seja, as características aparentes apresentadas pelos grupos não são suficientes para explicar o próprio grupo citado, e muitas vezes eles nem sabem que são chamados por tal apelativo. Ao menos, no início da conquista isso foi uma prática comum. Tanto espanhóis quanto portugueses identificaram e classificaram as nações indígenas a partir da percepção de outra população. Na região do Paraguai os grandes *lenguaraces* eram os Guarani e no litoral português os Tupi.

Um exemplo pode ser extraído das palavras do Jesuíta Sanches Labrador¹³¹, quando descreve uma população chamada de *Eyiguayeguis*. Ele comenta que os espanhóis chamavam a estes índios de “Mbayás [...] y los antiguos los conocieron con el temible de *Guaycurú*, sobre el cual se aventurarán después algunas conjeturas. Uno y otro ignoran estos indios, apellidándose a sí mismos *Eyiguayeguis*.”

1.7. Os Etnônimos e a etnificação dos grupos.

Ao longo do texto já estamos tecendo algumas considerações sobre nação, etnia, etnogênese e guaranização. Os dois primeiros termos dão conta das organizações sociais indígenas localizadas no território e como elas foram conceituadas. O terceiro termo considerado uma condição de todos os grupos sociais, dá conta de explicar como as populações nativas se transformavam ao longo do tempo, como elas se reconfiguravam socioculturalmente. No caso da guaranização, trabalhamos um fato que tenta explicar a dispersão da língua e das populações Guarani por um amplo território, de como essa etnia teria imposto a outras populações suas pautas culturais e seu idioma de uma maneira verticalizada, impositiva.

¹³⁰ *Idem*, 125.

¹³¹ LABRADOR, S., *El Paraguay católico*, vol. I p.1.

Nosso próximo passo é compreender os processos que forjaram categorias sociais a partir de uma política que visava construir um espaço geográfico e social compreensível aos colonizadores. Em outras palavras, podemos dizer que num primeiro momento, quando os colonos ibéricos chegam às novas terras, eles identificam agrupamentos humanos em todo o território, onde passam a nomear os grupos a partir da ótica da conquista. Visto que eles começam a constituir espaços e categorias socioculturais fixas, nos dando a impressão que os grupos já preexistissem na forma em que foram nomeados.

Para falarmos de *etnônimos* e *etnificação*, iniciamos retirando o exemplo de Sanches Labrador sobre a questão de um grupo que se autodenominava em seu próprio idioma de *Eyiguayegui*, mas que era classificado por parte dos espanhóis, por meio de dois gentílicos no idioma Guarani, *Guaycurú* e *Mbayá*. Nessa situação acreditamos que o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro¹³², diria que esta seria apenas uma amostra de que a “identificação dos grupos por meio de etnônimos era fruto de uma incompreensão total da dinâmica étnica e política do socius ameríndio”. É John Monteiro quem cita Viveiros de Castro na sua Tese *Tupi, Tapuias e os Historiadores*, quando discutia questões ligadas às identidades coloniais dos grupos.

A opinião desse autor reflete aquilo que percebemos nas crônicas coloniais quando analisamos os informes sobre as populações. Ou seja, quando os europeus exploram as terras baixas do novo continente, eles encontram uma população dispersa por um amplo território, falando diversos idiomas e habitando diferentes paragens geográficas, tais como margens de rios e lagos, interior das florestas, o alto das montanhas, ilhas, áreas alagadas, campos abertos, enfim, onde a natureza permitisse um grupo nativo ali se estabelecia e se organizava de acordo com a capacidade adaptativa de sua cultura.

Nessa dispersão as principais populações que primeiramente vão manter contato amistoso com os ibéricos são grupos classificados como Tupis e Guaranis, que estavam estabelecidos na orla marítima. É por meio deles que os agentes da colonização começam a se inteirar do contexto geográfico e humano do território. No caso da província gigante do Paraguai, as populações contatadas pelos espanhóis foram identificadas por gentílicos na língua Guarani, pelo fato de terem sido os Guaranis, os intérpretes dos europeus ao longo da conquista e da colonização.

¹³² VIVEIROS DE CASTRO, E., *apud* MONTEIRO, J., *Tupis, Tapuias e Historiadores: estudos de historia indígena e do indigenismo*, p. 57.

Em nosso entendimento, isso se tornou um fator complicador porque a população nativa que estava sendo identificada passou a carregar um gentílico que correspondia à percepção que os Guaranis tinham dela naquele momento específico, que muitas vezes não correspondiam com a própria percepção do grupo em relação a si mesmo. E, possivelmente também não representava a visão que outros grupos, falantes de outros idiomas, tinham a respeito do mesmo. O agravante disso tudo, é que os espanhóis vão efetivar esse *apodo*, como se realmente estivessem identificando uma sociedade nativa distinta, dispersa entre si, mas homogênea em sua organização sociocultural. Ou seja, ao identificar um grupo como Charrua, transmitiam a impressão que os Charruas preexistiam enquanto organização social desde tempos mais antigos. Quando na verdade, Charrua era apenas um estereótipo na língua Guaraní, significando manchados, mutilados e sarnosos, justamente porque eles apresentavam determinados caracteres somáticos na pele¹³³ que eram percebidos pelos Guaraní. Outro exemplo que podemos citar é o caso dos Arachanes, que de acordo com cronistas antigos habitavam próximos a Lagoa dos Patos, situada no atual estado do Rio Grande do Sul. Ruí de Guzmán¹³⁴ observou que os mesmos se chamavam “Arachanes, no porque en las costumbres y lenguaje se diferencien de los demás de esta nación [Guaraní] sino porque traen el cabello revuelto y encrespado para arriba”. Já em outra tradução, “su nombre expresa el lugar que ocupaban con respecto á los demás Guaranís. Ara es día, y chane, el que ve. Así, pues, Arachanes, es un pueblo que ve asomar el día”¹³⁵. Justamente por eles habitarem mais ao oriente dos outros grupos, próximos ao litoral atlântico.

As populações intercambiavam, não estavam estagnadas em determinados locais, e não possuíam características físicas e culturais imutáveis. No segundo século da conquista, os 20.000 Arachanes já eram dados como extintos. Será mesmo que eles foram exterminados? Conforme veremos no terceiro capítulo, na região onde eles habitavam, os jesuítas usaram o gentílico Caágua para identificar as populações que ali habitavam. Também veremos, quando tratarmos da região do Tape, que o jesuíta Diego de Torres dirá que muitos grupos que habitavam próximos ao litoral, haviam migrado para o interior do continente, a fim de se resguardarem das investidas dos caçadores de escravos.

¹³³ Cf. SCHULLER, R., *Geografía Física y Esférica de las Provincias del Paraguay y Misiones Guaraníes* (prologo), p.110.

¹³⁴ GUZMAN, R., D., *Anales del Descubrimiento, Población y Conquista del Río de la Plata*, p.5.

¹³⁵ ANGELIS, P., *Indicé Geográfico e Histórico*, Tomo I (nota) p. 547.

Portanto, com isso queremos dizer que quando um gentílico era aplicado a determinado grupo, era muito mais em função da condição do próprio grupo em relação a seus vizinhos, do espaço onde habitava e de suas características aparentes naquele momento. As populações possuíam uma mobilidade muito intensa. Essa mobilidade tem relação com a mudança constante de território, de ambiente e com o acréscimo constante de novas pautas socioculturais. Quando uma população mudava definitivamente de habitat, ou migrava para outro local, em muitos casos ela recebia outra nomenclatura por parte da nova vizinhança étnica que estava organizada a sua volta, ou, ela mesma passava a se autodenominar de outra forma. Como diz John Monteiro¹³⁶, os grupos “se reinventavam constantemente”. E a nosso ver não somente no sentido de etnogênese, mas no sentido aparente da mudança, na simples mudança de ambiente ou na mudança de alguns hábitos.

Por este viés, quando os intérpretes Guaranis identificavam uma determinada população para os espanhóis, eles nomeavam-na pela característica que lhes era mais aparente. E isso podia ser uma cicatriz na pele, uma forma de fazer guerra, um tipo de corte no cabelo, um adorno material no corpo, o local de habitação, enfim, vários fatores influenciavam na nomeação. Vejamos o caso dos *Timbus* que citamos mais acima. Eram *Timbus* porque usavam adornos nos narizes. Se hipoteticamente esse grupo abandona esta prática e adota outra pauta, ele vai receber outra denominação pelos intérpretes que enxergam nos mesmos outros elementos significativos. E, se em outro território é localizado um grupo com adornos semelhantes nos narizes, possivelmente eles também serão chamados de *Timbus*, mesmo sem ter parentesco com a população anterior.

Antonio Serrano¹³⁷, ao analisar essa conjectura em seus estudos sobre as populações indígenas do Uruguai, dizia que “en los documentos jesuíticos los indígenas de esta amplia región aparecen agrupados en Camperos, Canoeros e Caiguás”. Categorias aplicadas a índios que habitavam áreas de campo, rios e o interior das florestas. Conforme o autor, essas classificações eram usadas tanto para identificar populações consideradas Guaranis, quanto para os Guañanas (consideradas atualmente populações Jê, conforme veremos no terceiro capítulo), visto que esses dois distintos grupos habitavam os mesmos ambientes.

¹³⁶ MONTEIRO, J., *Entre o Etnocídio e a Etnogênese: identidades indígenas coloniais*, p. 30

¹³⁷ SERRANO, A., *Etnografía de la Antigua Provincia del Uruguay*, p. 31-2.

Isso tudo que observamos acima, resulta em dois outros problemas de difícil compreensão e resolução. O primeiro deles é a generalização de uma população. O aumento significativo de sua demografia. Quando pensamos tratar de uma única população, dispersa por um amplo território, na verdade podemos estar falando de diferentes grupos, pois é isso que ocorre quando grupos com características semelhantes são agrupados sob um mesmo gentílico. São o que os autores chamam atualmente de macro-etnônimos.

O outro problema que ocorre, e não menos grave, é a situação inversa desta afirmação. Ocorre quando um grupo é identificado e categorizado sob determinado gentílico em um determinado espaço, se, por ventura, este grupo resolve mudar de ambiente e altera alguns elementos de sua cultura material, possivelmente ele será identificado e classificado sob outro gentílico, principalmente se os cronistas forem outros. Pois, conforme já observamos anteriormente, os indígenas como um todo, e neste caso os intérpretes Guaranis nomeavam o *outro*, a partir de elementos que lhes eram mais aparentes. Disso resulta que muitos grupos foram dados como exterminados e outros como sendo novas nações, como é o caso dos Arachanes que comentamos mais acima. A documentação colonial não é clara quando se refere a eles, ficando em aberto a hipótese deles terem sido exterminados, mudado de ambiente ou terem recebido um novo gentílico. O padre Martin Dobreshoffer¹³⁸ ao comentar sobre a confusão criada pelas descrições desconstruídas sobre o território e as populações do antigo Paraguai, observa que o único recurso que lhe resta quando lê tanta desinformação, é o riso. Segundo ele, a situação é mais complicada quando o cronista pertence a outro país europeu:

Pues ya sea que no poseen la lengua española o las americanas, o ya que la conocen sólo superficialmente, no saben ni interrogar debidamente a los habitantes, ni entender sus respuestas equivocadas; porque éstos suelen expresarse más bien por ciertos ademanes y señales que por palabras. Los relatos de los ignorantes marineros, de mercaderes y otros que han pasado más bien como un torbellino por los litorales americanos que examinándolos, son luego los infaustos canales por donde han penetrado tantas fábulas y errores en los vocabularios históricos o geográficos. Apenas se lee en ellos nombre alguno de una provincia americana o ciudad, de una nación. [...] (em que) substituyen lo verdadero por lo falso y producen una mezcla informe o bien un caos que todos cuantos conocen más de cerca a la América deben condenar con grande risa.

¹³⁸ DOBRESHOFFER, M., *Historia de los Abipones*, vol. I p. 56.

A situação exposta acima é muito complexa, para não dizer confusa. Neste sentido, procuramos apresentar mais alguns exemplos para tentarmos dar mais clareza em nossa argumentação bem como melhor fundamentação.

O padre jesuíta Tomas Falkner¹³⁹, numa viagem de exploração a Patagônia, enumerou as populações que habitavam desde Buenos Aires até o Estreito de Magalhães, tanto em seu litoral quanto no interior do continente. Em sua relação dos *Moradores da Parte Meridional da América* ele dizia que os índios que habitam essas partes se “distinguen por las denominaciones generales de Moluches y Puelches. Los Moluches son conocidos entre los españoles por los nombres Aucas y Araucanos. El primero de estos es un mote, que significa rebelde, salvaje ó bandido”. No entanto, em seu idioma materno o nome Moluche vem de “molun, que significa declarar guerra, y Moluche es un guerrero”.

De acordo com Falkner¹⁴⁰, os Moluche habitavam o lado ocidental e oriental da Cordilheira do Chile “desde los confines del Perú hasta el estrecho de Magallanes” e se dividiam entre diferentes nações chamadas *Picunches, Peguenches y Guilliches*. Os Picunches viviam em direção ao norte e chamavam a si mesmos de *Picun*, que na sua língua quer dizer “y che gente”. Os Peguenches “toman su nombre de la palabra peguen, que significa pino, porque el país abunda tales árboles. Como viven al sur de los Picunches algunas veces se llaman Guilliches ó pueblo meridional”.

Percebemos que numa das passagens acima, há alguns elementos que nos ajudam a entender a perspectiva e a atitude do europeu ao tentar estabelecer certa ordem diante de um cenário complexo. Uma é do índio automeado *guerreiro*, que ganha o estereótipo deturpado de *bandido*, justamente por sua resistência à investida estrangeira. Ele possui dois etnônimos com significados distintos de *bandido* e *guerreiro* que vão se manifestar dependendo da situação. No momento em que ele estiver na condição de aliado dos espanhóis, ele será Moluche, mas numa condição de enfrentamento ele será identificado como Araucano.

Caso semelhante ocorria no lado da América portuguesa. John Monteiro¹⁴¹ cita o exemplo das populações consideradas Tupi, estabelecidas em parte do litoral observando que em algumas situações, dependendo da relação com determinado grupo, os próprios

¹³⁹ FALKNER, T., *Descripción de Patagonia y de las partes adyacentes de la América Meridional*, p. 441.

¹⁴⁰ *Idem*.

¹⁴¹ MONTEIRO, J., *Entre o Etnocídio e a Etnogênese: identidades indígenas coloniais*, p. 25.

portugueses lhes atribuíam diferentes classificações. Se fossem amigos eram considerados Tupis, mas no caso de inimigos poderiam entrar no rol dos Tapuias. Para o autor, esses dados levavam a crer que os etnônimos indígenas em muitos contextos possuíam um “caráter historicamente específico”. Ou seja, podemos supor que os grupos indígenas *flutuavam* sob uma gama de categorias que estabeleciam a sua condição dentro da política colonial, podendo ser num dado momento aliadas, e, em outro momento, inimigas. Podendo existir enquanto grupo sociocultural na qualidade de Tupis ou Moluches, ou serem exterminadas fisicamente sob a condição de Tapuias ou Araucanos.

Em outra situação, Guillermo Wilde¹⁴² comenta que num primeiro momento os estados ibéricos tentaram “unificar conjuntos sociales discretos en términos binarios - indio-español, cristiano-infiel” índios bons ou maus, tupis/tapuias, enfim “asignándoles lugares o territorios concretos en una estructura social, simplificando una amplia diversidad previa de pertenencias socioculturales”. A incompreensão total da dinâmica étnica e política do socius ameríndio, observado anteriormente por Viveiros de Castro, é refletida nas palavras de Wilde. Justamente porque havia uma intencionalidade na ação dos agentes coloniais que obedecia a lógica da conquista, que era explorar o novo território, conhecer sua geografia, identificar as populações que nele habitavam, nomeando-as a partir de características que lhes eram peculiares e aparentes.

A *Recopilación de Leyes de los Reinos de las Indias*¹⁴³, de 1680, lei 8ª do libro 4º, é muito clara ao observar que “los descubridores pongan nombres à las provincias, montes, ríos, puertos y pueblos”¹⁴⁴. Na lei de número 9, os legisladores espanhóis observavam que aqueles que fossem descobrir novas terras, procurassem “llevar algunos Indios, y interpretes de las partes donde fueren más propósito [...], y por su medio hablen, y platiquen con los de la tierra, procurando entender sus costumbres, calidades, y forma de los comarcanos”¹⁴⁵.

¹⁴² WILDE, G., *Territorio y Etnogénesis Misional en el Paraguay del siglo XVIII*, p. 84.

¹⁴³ La Recopilación de las Leyes de los Reinos de las Indias reunió las Pragmáticas y Cédulas Reales, los autos acordados, las Ordenanzas, así como cualquier otra fuente legal, con registros de quiénes las habían puesto en vigor y cuándo se originaron; constituyó así un cuerpo legal del conjunto de disposiciones legislativas reunidas y ordenadas en 9 libros, que contienen alrededor de 6.400 leyes, constituyendo un elemento indispensable para conocer los principios políticos, religiosos, sociales y económicos que inspiraron la acción de gobierno de la monarquía española.

¹⁴⁴ La Recopilación de las Leyes de los Reinos de las Indias. De los Descubrimientos, Libro IV, Tít. Primero, Ley 8ª. Que los descubridores pongan nombres à las provincias, montes, ríos, puertos y pueblos.

¹⁴⁵ La Recopilación de las Leyes de los Reinos de las Indias. De los Descubrimientos, Libro IV, Tít. Primero, Ley

Simultaneamente a identificação e classificação das populações nativas, conforme sugere as leis castelhanas, ocorre à aplicação de etnônimos por parte dos agentes coloniais. Este foi um de seus primeiros atos no território. Esse etnônimo aplicado as populações nativas, conforme já estamos pontuando, vai determinar as singularidades socioculturais e suas relações com o estado colonial que se instalava.

Para o linguista Jürgen Untermann¹⁴⁶, o etnônimo “es el nombre propio de un etnos, de una agrupación étnica, de una tribu o de un pueblo”. De acordo com o linguista, para ele ser aplicado a um determinado grupo humano, este mesmo grupo deve apresentar algumas características gerais, tal como a “convivencia total de hombres, mujeres y niños, formando una comunidad económica y de domicilio y rasgos persistentes distinguidos de otros grupos coetáneos, que se someten, cada una por su parte, a condiciones del mismo tipo”.

Os traços persistentes observados pelo autor para diferenciar um grupo de outro podem ser sociais ou geográficos. Neste sentido, tanto pode ser o local habitado quanto a religiosidade do grupo. Conforme o autor, em cada caso particular um só traço pode ser suficiente para definir um grupo étnico “pero mucho más frecuente será el caso en que nos veamos frente a una combinación de varios factores, a veces sin posibilidad de reconocer cuál de ellos sea el factor primario o dominante”.

Dentro desse contexto colonial que teria acontecido a essencialização das etnias ou a etnificação dos grupos, é nele que se estabelece a crítica histórica sobre a forma como os etnônimos foram aplicados, e, que está manifestada nas palavras de Viveiros de Castro, citado anteriormente. O desconhecimento sugerido pelo autor sobre o contexto social nativo resultou na forja das etnias que conhecemos hoje, como se elas fossem populações prístinas¹⁴⁷. Para John Monteiro¹⁴⁸, esse processo de etnificação é resultado do que ele chama de “operação colonial de classificar os povos subordinados (ou potencialmente subordináveis) em

9º. Que los descubridores, lleven interpretes, y se informen de lo que esta ley declara.

¹⁴⁶ UNTERMANN, J., *Los Etnónimos de la Hispania Antigua y las Lenguas Prerromanas de la Península Ibérica*, p. 19-20.

¹⁴⁷ Cf. MONTEIRO, J., *Tupis, Tapuias e Historiadores: estudos de historia indígena e do indigenismo*, p. 13.

¹⁴⁸ MONTEIRO, J., *Tupis, Tapuias e Historiadores: estudos de historia indígena e do indigenismo*, p. 57-8.

categorias naturalizadas e estanques – condição fundamental da dominação colonial. Nas palavras de Guillaume Boccara¹⁴⁹, a etnificação dos grupos encontra sua origem,

en la explícita voluntad de las autoridades de circunscribir en un marco espacio-temporal específico, y a partir de categorías sociopolíticas bien especiales, entidades concebidas a priori como culturalmente homogéneas, funcionando en un equilibrio estable e inscritas en un espacio de fronteras étnico-políticas bien delimitadas. El espacio indígena total aparece de este modo compuesto de entidades culturales y políticas discretas: dividido rígida y fijamente en territorios o segmentos, habitados por grupos supuestamente dotados de una misma lengua, de una misma cultura y de instituciones políticas, cada una de ellas organizando segmentos.

Sob estas condições apontadas por Boccara, uma variedade de etnônimos foi produzida ainda no primeiro século da conquista, impondo as populações uma identidade, uma língua, um lugar no espaço e sua condição dentro da estrutura sócio-colonial. A etnificação aconteceu quando estruturas sociais tornaram-se Guarani, Charrua, Minuano, Timbu, Yaró, Chiquito, Payaguá, Guaná, enfim, uma série de etnias com seus lugares determinados no espaço, falando um único idioma, manifestando as mesmas pautas culturais de uma forma homogênea e dentro de uma condição de amigos ou inimigos.

No entanto, há que se explicitar que no entendimento de alguns autores também houve por parte das populações que se afinaram com os etnônimos uma aceitação da nova condição. John Monteiro, quando faz a crítica à forma como foram estabelecidas as singularidades coloniais, também reconhece que a “tendência de definir grupos étnicos em categorias fixas serviu não apenas como instrumento de dominação como também de parâmetro para a sobrevivência étnica de grupos indígenas, balizando uma variedade de estratégias”. Neste sentido, podemos salientar que a etnificação das populações nativas só não foi uma construção aleatória, porque elas assumiram seu papel no contexto colonial, tanto pelo enfrentamento quanto pelas alianças que estabeleceram. As mesmas construíram suas próprias alternativas de sobrevivência impulsionadas por uma dinâmica que lhes era inerente, se transformando e se moldando de acordo com a situação histórica que atravessavam. Elas se forjaram e se etnificaram dentro de um binômio aceitação/rejeição¹⁵⁰ para participar da nova condição histórica que lhes eram impostas. “Pelo menos para as terras baixas da América do

¹⁴⁹ BOCCARA, G., *Mundos Nuevos en las fronteras del Nuevo Mundo: nuevo mundo, mundos nuevos*, p. 25.

¹⁵⁰ Cf. MONTEIRO, J., *Tupis, Tapuias e Historiadores: estudos de historia indígena e do indigenismo*, p. 59.

Sul, o mosaico etno-histórico do mapa pós-contato contrasta com um panorama pré-colombiano que mais se assemelha a um caleidoscópio”, teria dito John Monteiro¹⁵¹, ao analisar o panorama sociocultural do primeiro século.

Ao finalizarmos este capítulo, gostaríamos de observar que os espanhóis quando aplicaram uma de suas políticas coloniais, com a meta de organizar o espaço físico e social, estabelecendo diferentes organizações socioculturais, se pautaram num dos principais marcadores étnicos, possivelmente no principal marcador, *o idioma*. Eles usaram o idioma para identificar as diferentes unidades socioculturais que habitavam o território do antigo Paraguai. Lorenzo Hervaz¹⁵², considerado por Guillermo Furlong¹⁵³ o pai da filologia moderna, em sua obra *Catálogo das Línguas e das Nações Conhecidas*, escreveu que o melhor meio para se identificar a afinidade e diversidade de nações, para “lograr con exactitud este conocimiento”, seria o critério das línguas, que a seu modo de ver “declaran y manifiestan el carácter y descendencia propia de cada nación”.

¹⁵¹ MONTEIRO, J., *Tupis, Tapuias e Historiadores: estudos de historia indígena e do indigenismo*, p. 59.

¹⁵² HERVÁS, L., *Catálogo de las Lenguas de las Naciones Conocidas, y numeración, división, y clases de estas según la diversidad de sus idiomas y dialectos*, p. 72.

¹⁵³ FURLONG, G., *Misiones y Sus Pueblos de Guaraníes*, p. 80

CAPÍTULO II

JESUÍTAS, REDUÇÕES E ÍNDIOS: A COMPANHIA DE JESUS E SUAS REDUÇÕES DE *GUARANI*.

2.1. Introdução

Neste segundo capítulo trabalhamos dois tópicos. O primeiro trata de alguns eventos que dizem respeito à Companhia de Jesus. Ele começa com sua criação, passando pela chegada dos inacianos ao Vice Reino do Peru, a criação da província jesuítica peruana, até as discussões sobre a criação de *pueblos de indios* que aconteceram entre a assembléia provincial da Companhia de Jesus em 1576 e o Concílio de Lima de 1580-2. A principal proposta do primeiro tópico é mostrar o que eram as reduções e sua finalidade na política espanhola. Que a organização de povoados com indígenas era uma orientação que existia desde o início da conquista ibérica, que a criação de povoados habitados exclusivamente por indígenas não era uma ideia concebida apenas por jesuítas, e que a redução deveria atingir todas as populações nativas e não apenas grupos específicos.

O segundo tópico já trata da organização das reduções na Província Jesuítica do Paraguai. Fala do contexto indígena e da diversidade que os padres da Companhia de Jesus encontram. Neste tópico elaboramos duas tabelas. Uma apresenta todas as reduções que os padres jesuítas teriam organizado na área das *Misiones de Guaraníes* desde a criação da Província Jesuítica do Paraguai até a expulsão dos mesmos em 1768. Na segunda tabela apresentamos apenas as reduções que consideramos possuir diversidade étnica em seu meio. Também nos inserimos em acontecimentos históricos, tais como as bandeiras paulistas da primeira metade do século XVII, que além de destruírem muitas reduções, obrigaram as populações nativas a se deslocarem de um território para outro, numa migração forçada,

fazendo com que essas respectivas populações se misturassem com povos de outras reduções mais distantes, ou se acomodassem em suas proximidades. Essa questão torna-se importante devido a configuração de um espaço diversificado que se constituiu, primeiro com a dispersão, depois com a reunião das populações migrantes em outros ambientes já habitados e diversificados entre si.

Salientamos que a documentação colonial sobre as missões religiosas da Companhia de Jesus na região do Paraguai é formada por milhares de documentos, dos quais muitos continuam inacessíveis em bibliotecas de diversas partes do mundo. Esse é um conhecimento que todo o pesquisador da área possui. Neste sentido, queremos enfatizar que tivemos acesso a uma parte ínfima dessa documentação, muito representativa é claro, mas que não representa toda a história dos jesuítas nessas terras, portanto é muito provável que possa surgir novos dados que venham alterar as informações que levantamos, principalmente sobre o número total de reduções e sobre a diversidade presente no interior das mesmas.

2.2. Os Jesuítas: primeiros passos na América espanhola e a concepção das reduções

A bula “*Regimini Militantis ecclesiae*” assinada por Paulo III, em 27 de setembro de 1540, oficializou a criação da Companhia de Jesus¹⁵⁴ como uma nova ordem religiosa da Igreja Católica. Ela nascia num momento conturbado da história do catolicismo. Período em que a Igreja romana se reestruturava para fazer frente à Reforma Protestante, fechando conventos e extinguindo ordens menores a fim de sanar mazelas internas¹⁵⁵.

Concebida por Inácio de Loyola e alguns companheiros, a vocação da Companhia de Jesus era voltada para a missão. Para que essa meta fosse alcançada, um 4º voto de obediência ao Papa era emitido justamente para que o pontífice pudesse se servir dos inacianos a qualquer momento que se tornasse oportuno, podendo enviá-los para qualquer lugar do mundo conhecido, naquele período, a fim de que prestassem serviços a igreja romana.

Será nossa obrigação executar sem tergiversações nem desculpas, imediatamente e desde que esteja em nosso poder, tudo o que sua Santidade nos ordenar para o bem das almas ou a propagação da fé, quer ele nos envie junto a turcos, ao novo mundo, junto aos Luteranos ou a quaisquer outros

¹⁵⁴ Cf. LACOUTURE, J., *Os jesuítas : os conquistadores*, p. 107.

¹⁵⁵ Cf. IPARRAGUIRRE, I., *Obras Completas de San Ignacio de Loyola*, p. 350.

infiéis [...] Esse (4º) voto pode nos dispersar em diversas partes do mundo¹⁵⁶.

Com essas prerrogativas observadas por Inácio de Loyola, os jesuítas se deslocaram ao *novo mundo* para civilizar e propagar a fé católica. Agindo dessa maneira eles acreditavam estarem salvando a alma das populações nativas que viviam numa espécie de *infidelidad*¹⁵⁷ diante de Deus, nem que para isso eles tivessem que sofrer a pena do martírio. Assim como escreveu em 1614 o provincial da Província Jesuítica do Paraguai, Diego de Torres¹⁵⁸, num relato necrológico do padre Martín Urtasún.

Hubiera bastante materia para escribir extensamente sobre su vocación religiosa y sus insignes virtudes, pero para no causar fastidio, me limito a indicarlo brevemente. Quiso entrar en la Compañía por el deseo de hacerse mártir. (...) Su antiguo deseo de hacerse mártir le hizo pedir la provincia del Paraguay, convencido de que allí más seguramente podía conseguir el anhelado martirio.

Além desses objetivos, os religiosos tinham a missão de atender os interesses dos estados ibéricos na conquista de novos súditos e expansão de seus territórios¹⁵⁹.

Portanto, diante de um quadro histórico em que os impérios ibéricos ampliavam seus domínios para distantes terras, a Companhia de Jesus era um braço que estava a serviço das cortes e do clero romano, conquistando por meio da fé cristã, um indivíduo que seria tanto um

¹⁵⁶ LACOUTURE, J., *Os jesuítas : os conquistadores*, p. 110.

¹⁵⁷ TORRES BOLLO, D., *Carta anual do ano de 1609*, p. 26.

¹⁵⁸ TORRES BOLLO, D., *Carta anual de 1615*, p. 454-5.

¹⁵⁹ Cf. PASTELLS, P., *Historia de La Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay, según los documentos originales del Archivo General de Indias* vol. II, p. 696, no ano de 1673 o padre Sebastián Izquierdo, representante das províncias jesuíticas da Espanha em Roma, lembrava ao Procurador Geral das Índias na Corte de Madri, os serviços prestados pelos religiosos e as principais finalidades desses serviços. Izquierdo dizia que, “los Reyes Católicos, después que la Compañía se extendió por el mundo, siempre y frecuentemente imbiaron, à expensas suyas, à las Indias, copiosos números de religiosos de ella, para que allá se ocupasen también à expensas suyas en la conversión y cultura de los indios. [...] De las cuales Misiones, los piadosísimos Reyes sacaban dos preciosísimas utilidades. La primera era el rescate de innumerables almas de Indios. [...] La segunda utilidad era el aumento temporal con que enriquecían su Corona, pues no sin verdad puede decirse que los Religiosos de la Compañía en las Indias han agregado à la Corona de Castilla, por medio de la predicación del Evangelio, mayores distritos de tierras y mayores números de vasallos que le agregaron, por medio de las armas, los soldados que se las conquistaron”.

novo súdito real quanto um novo fiel da igreja católica. Francisco Rico Callado¹⁶⁰ analisou as missões religiosas promovidas pelos jesuítas junto às populações camponesas no interior da Europa e junto às populações nativas de outros continentes, observou que “*la fè*” pretendida pela Igreja junto aos indígenas “sólo se podía asentar en una sociedad construida a imitación del modelo europeo, de ahí la necesidad de civilizar a las poblaciones indígenas”.

A análise do autor vai ao encontro da concepção eurocêntrica dos primeiros cronistas de que as populações nativas desta parte da América viviam na barbárie “sem fé, sem lei e sem rei”¹⁶¹, e que somente com uso da razão passariam ao estágio de civilização. Esse olhar esta presente nas palavras do jesuíta Pedro Lozano, que comparou os nativos que habitavam próximos ao Rio Tebicuari, a feras selvagens, quando narrou as dificuldades enfrentadas pelo padre Marciel de Lorenzana junto aos índios Paraná, no ano de 1610. Pedro Lozano observava que,

lastimaba su piadoso corazón el bárbaro modo de vida, y mas bárbaras costumbres de aquella gente, que trocados de hombres racionales, semejantes à Dios, en torpes, y fieros brutos, solo parecían bestias, y [...] tales se mostraban insensibles à cuanto se les aconsejaba para el bien de sus almas, frustrando las diligencias, que practicaba; para entablar entre ellos la vida política, que es el principio para introducir la cristiana, por medio de la enseñanza¹⁶².

O interesse dos jesuítas pelos nativos que habitavam a região da governação do Paraguai começou a se cristalizar logo após os primeiros passos da Companhia de Jesus na América¹⁶³. Esse interesse partiu dos jesuítas que estavam a serviço do rei de Portugal, tal como asseverou o padre Leonardo Nunes em 1551, quando escreveu ao jesuíta Gonzáles de Câmara, informando-o que,

en el Paraguay, 500 castellanos tienen sujetos a los indios Carios, los que ocupan más de 300 leguas de tierra, y no los sujetan al yugo de Cristo, sino a su codicia y tiranía, maltratándolos y haciéndolos servir peor que si fueran

¹⁶⁰ CALLADO, F. R., *Las misiones interiores en la España de los siglos XVII – XVIII*, p. 54.

¹⁶¹ PERAMÁS, J. M., *Platón y los Guaraníes*, p. 118.

¹⁶² LOZANO, P., *Historia de la Compañía de Jesús de la Provincia del Paraguay*, vol. II p. 198-9.

¹⁶³ Os primeiros religiosos a chegarem às terras americanas, foram os jesuítas portugueses junto com o primeiro governador geral do Brasil, Tome de Souza no ano de 1549.

esclavos, arrebatándoles sus mujeres, hijas e hijos y cuanto tienen. Diga V. A. A su Alteza que si quiere considerar esa ciudad como suya, mande que en breve se provee justicia, y, si mandaren gente tierra adentro, lleven consigo a Nuestro Señor y a un Capitán que sea celoso y virtuoso¹⁶⁴.

Mais tarde, em 1556, Inácio de Loyola escrevia ao Padre Rivadaneira informando que “de las Indias del Brasil” havia chegado notícias de “cómo han comenzado a comunicarse los nuestros, que están en la Capitanía de San Vicente, con una ciudad de castellanos que se llama Paraguay”¹⁶⁵.

As informações prestadas a Inácio de Loyola foram efetuadas pelo provincial do Brasil, Manuel da Nóbrega. O informante de Manuel da Nóbrega era o jesuíta Antonio Rodrigues, ex-soldado português que havia participado da primeira fundação de Buenos Aires e, posteriormente, da fundação da cidade de Assunção¹⁶⁶. Para os portugueses, segundo Guillermo Furlong, havia uma ideia de que o “Paraguay era parte integrante de una misma expresión geográfica, esto es, del Brasil”¹⁶⁷. Por esta ótica, Inácio de Loyola, Geral dos jesuítas, sabia que sob o manto da catequização havia a geopolítica entre os estados ibéricos, e, percebendo as pretensões portuguesas manteve consigo a resolução que os primeiros jesuítas a pisar em solo Paraguaio deveriam ser espanhóis a serviço dos reis espanhóis¹⁶⁸.

Desde a chegada dos primeiros jesuítas às terras brasileiras em 1549, dezoito anos havia se passado para que outros missionários da Companhia de Jesus recebessem autorização para se deslocar às *Indias del Emperador Felipe II*, ou mais propriamente ao Vice Reino do Peru, do qual a governação civil do Paraguai fazia parte¹⁶⁹. Guillermo Furlong observa que várias solicitações já haviam sido feitas neste sentido, mas Inácio de Loyola, conforme escreve o autor, cada vez que era consultado sobre o tema advertia que “*la empresa no esta madura*”¹⁷⁰.

¹⁶⁴ FURLONG, G., *Misiones y Sus pueblos de Guaraníes*, p. 24.

¹⁶⁵ *Idem*, p. 19.

¹⁶⁶ CF PORTO, A. *Historia das Missões Orientais do Uruguai*, vol. III, p. 24-5.

¹⁶⁷ FURLONG, G., *Misiones y Sus pueblos de Guaraníes*, p. 25.

¹⁶⁸ *Idem*, p. 26.

¹⁶⁹ FURLONG, G., *Misiones y Sus pueblos de Guaraníes*, p. 27.

¹⁷⁰ *Idem*, p. 27.

Somente em 1567 chegaram os primeiros jesuítas ao Vice-Reino do Peru. Um ano após a chegada desses religiosos foi criada a Província Jesuítica do Peru. Com a criação da mesma, o território paraguaio que antes pertencia à esfera religiosa dos jesuítas do Brasil, passou a pertencer à nova província¹⁷¹.

Nos primeiros anos após a chegada a Lima, os jesuítas se defrontaram com muitas dificuldades para realizar missões volantes e catequizar populações indígenas que viviam nas proximidades da cidade. Conforme Arthur Barcelos¹⁷², a dificuldade enfrentada pelos padres, centrava-se na falta de recursos, no diminuto número de sacerdotes e principalmente na proximidade dos indígenas com os espanhóis, pois, de acordo com Barcelos¹⁷³, isso fazia com que os nativos adquirissem “toda uma série de vícios dos colonizadores”, além do sofrimento e da morte dos mesmos, nos trabalhos forçados a que eram submetidos.

Arthur Barcelos comenta que devido a esses elementos negativos, muitos viam na criação de *pueblos* uma das únicas maneiras para se combater essas dificuldades¹⁷⁴. O autor observa que algumas propostas de criação de povoados exclusivamente indígenas viam sendo discutidas ao longo dos anos no Vice-Reino do Peru. Os “monges da ordem franciscana teriam sido os primeiros a apontar a necessidade de afastar os nativos do convívio de espanhóis, mestiços e negros”¹⁷⁵.

Para alguns inicianos essa questão não era agradável, eles entendiam que a Companhia de Jesus foi criada para realizar missões itinerantes, portanto, a Companhia não deveria assumir a tarefa de administrar povoados de indígenas. Deveriam deixar para outras ordens religiosas. Eles não deveriam se fixar em *pueblos* ao estilo dos párocos. Devido a este modo de pensar, o padre José de Acosta¹⁷⁶ comentou que naquela época havia uma forte crítica pesando sobre os ombros dos jesuítas peruanos.

¹⁷¹ BARCELOS. A., *O Mergulho no Seculum: exploração, conquista e organização espacial jesuítica na América espanhola colonial*, p. 120.

¹⁷² Cf. BARCELOS. A., *O Mergulho no Seculum: exploração, conquista e organização espacial jesuítica na América espanhola colonial*, p. 120.

¹⁷³ *Idem.*

¹⁷⁴ *Idem.*

¹⁷⁵ *Idem.*

¹⁷⁶ ACOSTA, J., *De Procuranda Indorum Salute*, p. 315.

En este Nuevo Mundo no se ha empleado hasta ahora otra manera de evangelizar sino la que los párrocos emplean para con sus feligreses. Por eso les parece a muchos que los de la Compañía, si no toman parroquias de indios conforme a la costumbre establecida, nada podrán hacer para su salvación, y creen que su venida de Europa será totalmente superflua. Juzgan, portanto, que hemos de arrimar completamente el hombro a esta carga, y encargamos directamente de parroquias de indios. Y cuando nos ven dudar y oscilar en ese campo, nos tachan de remisos y amigos de la comodidad, porque rehusamos el trabajo y vida agreste de los pueblos para vivir en las delicias de la ciudad.

Segundo Barcelos¹⁷⁷, durante a primeira Congregação Provincial realizada em 1576, quatro linhas foram debatidas para definir as futuras ações da Companhia. A primeira linha colocada em pauta foi a de “assumir Paróquias ou Doutrinas, como outras ordens vinham fazendo; realizar missões itinerantes, tal como faziam os *vecinos* espanhóis; criar assentamentos missionais permanentes ou fundar colégios para a instrução dos filhos das lideranças indígenas”.

Dessas quatro opções a terceira linha foi seguida pelos jesuítas peruanos, vencendo a tese de que a administração de povoados indígenas era a melhor opção a ser seguida. Neste sentido, no mesmo ano de 1576, assumiram o encargo da redução de Juli, uma doutrina administrada anteriormente por monges dominicanos que se situava na Província de Chucuito.

A Companhia Jesus atuava nas terras portuguesas desde 1549 e nas terras altas do Peru desde 1568. Neste sentido, somente em 1586 recebeu autorização para evangelizar no Paraguai. A carência de clero no bispado de Tucumã havia levado o bispo dominicano Francisco Vitória a solicitar aos provinciais do Peru, Baltasar Piñas e do Brasil, Cristóvão Gouvêa, o envio de religiosos para atuarem na evangelização de espanhóis, crioulos e nativos¹⁷⁸.

Do Peru foram enviados quatro jesuítas e do Brasil cinco, sendo que dois desses últimos retornaram às terras portuguesas. Os missionários exerceram seu apostolado realizando missões nas governações civis de Tucumã e do Paraguai¹⁷⁹. As missões no Paraguai foram realizadas pelos jesuítas portugueses Manuel Ortega, Juan Saloni e Tomás

¹⁷⁷ BARCELOS, A., *O Mergulho no Seculum: exploração, conquista e organização espacial jesuítica na América espanhola colonial*, p. 120.

¹⁷⁸ PASTELLS, P., *Historia de La Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay, según los documentos originales del Archivo General de Indias*, vol. I p. 49.

¹⁷⁹ CORTESÃO, J., *Jesuítas e Bandeirantes no Guairá*, p. 74.

Fields, que devido a trabalhos realizados com populações de índios Carijós do litoral português, tinham bom conhecimento do idioma Guarani, considerado língua geral do Paraguai¹⁸⁰.

É interessante observarmos que os primeiros padres jesuítas a realizarem missão na governação civil do Paraguai, foram religiosos que estavam servindo a congregação provincial do Brasil, que por sua vez prestava serviços à corte portuguesa. Fato que ia contra os preceitos de Inácio de Loyola. No entanto, os anos haviam se sucedido e, em 1580 a Companhia de Jesus já estava consagrando Claudio Aquaviva como novo preposto Geral. Desde a morte de Inácio de Loyola, ele era o quarto preposto geral a assumir a Companhia de Jesus. Nesse período de intensas sucessões, as políticas internas da Ordem sofreram novos ajustes. Mas, o fato que realmente influenciou para que houvesse uma mudança de discurso veio a ocorrer com a morte do Rei de Portugal. Esse acontecimento gerou um evento histórico conhecido como União Ibérica, em que por um período de 60 anos (1580-1640) o trono português ficou sob o cetro dos reis espanhóis, permitindo que certas barreiras políticas estabelecidas entre as duas cortes fossem rompidas, facilitando tanto o comércio e contrabando entre os súditos nas colônias ibéricas da América quanto a cooperação entre as casas provinciais do Rio de Janeiro e de Lima, favorecendo o envio de jesuítas portugueses para as terras espanholas.

Os jesuítas da casa provincial do Brasil ainda trabalhavam em missão na governação civil do Paraguai, quando em 1604 o padre Geral Cláudio Aquaviva autorizava a criação da Província Jesuítica do Paraguai. Segundo o padre Lozano¹⁸¹, alguns meses antes da criação da nova província, Aquaviva teria dito que estava determinado a fundar a nova província do Paraguai “por las noticias con que me hallo de ser necesarísimo para la conquista Espiritual de la Gentilidad, y conversión de innumerables infieles: Sea en hora buena provincia independiente de la del Perú”. Fato que somente se concretizou em 1607 com a chegada do primeiro provincial Diego de Torres Bollo.

Até o ano de 1617 a Província Jesuítica do Paraguai abarcou as governações civis do Chile, Tucumã e Paraguai. Neste mesmo ano ela se viu acrescida de mais um território civil, a governação de Buenos Aires que com a divisão do território civil paraguaio passou a ocupar

¹⁸⁰ FURLONG, G., *Misiones y Sus pueblos de Guaraníes*, p. 29.

¹⁸¹ LOZANO, P., *Historia de la Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay*, I. p. 550.

uma parte do mesmo. No ano de 1625, nova mudança ocorreu. A Província Jesuítica do Paraguai perdeu o território da governação civil do Chile para Província Jesuítica do Peru¹⁸². Após essa reorganização das fronteiras políticas e eclesiásticas ocorridas em meados do século XVIII, o território da Província Jesuítica do Paraguai estava formado pelas terras das governações civis de Tucumã, Paraguai, Buenos Aires e parte da governação civil de Santa Cruz da Serra.

De acordo com o historiador Moacir Flores¹⁸³, se levarmos em conta as fronteiras políticas atuais, o território da Província Jesuítica do Paraguai abrangeria as repúblicas da Argentina, Uruguai, Paraguai, sul da Bolívia, partes do sul e centro-oeste do Brasil, formando uma área equivalente a 700.000 km².

Nessa província jesuítica, os padres da Companhia de Jesus atuaram ao longo de 161 anos em diversas frentes missionárias. Durante pouco mais de um século e meio, organizaram com diferentes populações indígenas um conjunto de *pueblos* também chamados de *reduções* ou *doutrinas* de índios¹⁸⁴.

Possivelmente esse fato só foi possível porque a discussão sobre a condição estabelecida na Congregação Provincial, realizada em 1576, na cidade de Lima, dos missionários habitarem junto às populações indígenas, foi novamente retomada com a criação da Província Jesuítica do Paraguai que apresentava um contexto sociocultural diferente do contexto enfrentado pelos padres em suas atividades no Peru. Conforme o jesuíta Nicolas del Techo¹⁸⁵, foi novamente discutida a questão de se encontrar uma melhor maneira para instruir os indígenas. Nesse debate foi incluída a pauta sobre a questão de se ter dois ou três missionários vivendo distante dos colégios da Ordem, habitando junto aos indígenas, ou, o caminho a ser tomado seria realizar missões a partir dos colégios estabelecidos pelos inacianos. O padre Techo comenta que,

los que se oponían á esto no tomaban en consideración el peligro de la vida

¹⁸² LEONHARDT, C., *Documentos para la Historia Argentina*, vol. XIX p. LXXII – LXXVI.

¹⁸³ FLORES, M., *Colonialismo e Missões Jesuíticas*, p. 10.

¹⁸⁴ Neste trabalho optamos por usar tanto o termo redução, quanto o termo *pueblo*, pois, para Rafael Carbonell de Masy, “sigue en uso la palabra reducción en su sentido genérico de pueblo, resultado de reunir dispersos”. CARBONELL DE MASY, R., *La Reducción Jesuítica de Santos Cosme y Damián: su Historia, su economía y su arquitectura*, p. 105.

¹⁸⁵ Cf. TECHO, N., *Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús*, vol. I p. 105.

ni el tedio y penas de la soledad y otras molestias propias de trabajos apostólicos [...] había el peligro de que los misioneros, dedicados á viajes y ocupaciones exteriores, viviendo en medio de una atmósfera corrompida y de gente libre y desnuda, cometiesen alguna culpa, en tal caso más se perdería con la caída de pocos que se ganaría con los hechos heroicos de muchos. Los que opinaban lo contrario, afirmaban que les favorecía la experiencia de bastantes años; que enviar á las misiones solamente hombres adiestrados á la guerra espiritual, parecía temer demasiado los riesgos; que si se recelaba la pérdida del fervor y la vuelta á los antiguos hábitos, nada se oponía á que los religiosos fueran de cuando en cuando á los Colegios y allí reparasen las cansadas fuerzas de su alma y se encendiesen con los ejercicios espirituales. [...] Por otra parte, constaba que las expediciones hechas desde los Colegios eran útiles para los pueblos que tenían sacerdotes; mas no á los que carecían de estos, á causa de que recibían los indios sin dificultad el Bautismo, pero conservaban poco tiempo las costumbres cristianas, á menos que los sacerdotes con frecuentes pláticas les fortalecieran la voluntad. [...] Finalmente, decían que el P. Claudio Aquaviva conocía bien la condición de la provincia y sabía que no había allí Ciudades de españoles capaces para crear en ellas grandes Colegios, y, sin embargo, acordó fundarla por no dejar abandonada tan extensa región, antes bien, con ánimo de trabajar en su evangelización por medios extraordinarios. Así, pues, se acordó que los misioneros residiesen en países de gentiles y neófitos¹⁸⁶.

Conforme já observamos, a proposta inicial de reduzir as populações nativas não foi uma concepção inaciana¹⁸⁷. Enquanto a Companhia de Jesus na década de 1540 dava seus primeiros passos rumo ao Oriente e às Américas, fixar os indígenas em povoados administrados por leigos ou religiosos era uma das questões discutidas pelo Conselho Real e Supremo das Índias¹⁸⁸. No Livro VI da *Recopilación de Leyes de los Reinos de las Indias de 1680*, podemos observar que,

con mucho cuidado, y particular atención se ha procurado siempre interponer los medios, mas convenientes, para que los Indios sean instruidos en la Santa Fe Católica, y Ley Evangélica, y olvidando los errores de sus

¹⁸⁶ *Idem*, p. 105-8.

¹⁸⁷ Cf. MELIÀ, B., *Las reducciones jesuíticas del Paraguay: un espacio para una utopía colonial*, p. 157-167.

¹⁸⁸ Criado em agosto de 1524, *El Consejo Real y Supremo de Indias* foi o órgão responsável pela administração das colônias americanas. Sua influência se dava na administração da fazenda pública, na política e no governo eclesiástico. De acordo com Juan Bautista R. Paoli (1986), *La Economía Colonial*, p. 31. “El Consejo fue la suprema autoridad encargada de defender el real patronato, de proponer al soberano los candidatos para llenar las dignidades y prebendas, y de dictar, consultando al monarca, la legislación destinada a regir la vida de la Iglesia, sin inmiscuirse, por cierto, en los problemas espirituales. (...) La tarea fundamental del Consejo fue, la de proponer y redactar la copiosa legislación que se fue sancionando para organizar la vida social, económica y política de las Indias, hasta terminar con la valiosa Recopilación de 1680”.

antiguos ritos, y ceremonias vivan en concierto, y se ejecutase con mejor acierto se juntaron diversas veces nuestro consejo de Indias, y otras personas Religiosas, y congregaron los Prelados de Nueva España el año de 1546, por mandado de el Señor Emperador Carlos V. de gloria memoria, los cuales con deseo de acertar en servicio de Dios, y nuestro resolvieron que los Indios fuesen reducidos à Pueblos, y no viviesen divididos, y separados por las sierras, y Montes privándose de todo beneficio espiritual, y temporal.¹⁸⁹

De acordo com Arthur Barcelos¹⁹⁰, já no ano de 1503, o governador de La Española Frei Nicolas de Ovando (1502-1509), recebeu instruções no sentido de agrupar os índios em *pueblos*, onde os indígenas deveriam ter “terras para cultivo e cria de animais”, além de “igreja, capelão e alguém para exercer justiça e governo”.

Essa forma de aglomeração social não era novidade para muitas populações nativas, que à sua maneira já se organizavam em grandes aldeias. No entanto, esse novo modelo estava acompanhado de novos mecanismos de controle e administração social, que eram estranhos ao cotidiano nativo, tais como: as práticas econômicas, sociais, políticas e religiosas importadas do velho continente. Fatores externos, que ao serem implantados e disseminados em um novo povoado indígena, alteravam profundamente o modo de ser e de viver das populações que aceitaram a nova condição de vida.

Em sua obra *Conquista Espiritual* publicada em 1639, Antonio Ruiz de Montoya¹⁹¹ comentava que as reduções foram organizadas para concentrar e evitar a dispersão de populações nativas que anteriormente viviam “a su antigua usanza en montes, sierras y valles, escondidos en arroyos, en tres, cuatro o seis casas solas, separadas a legua, dos, tres y más unos”. A finalidade desta concentração era, segundo o próprio religioso, reduzir as populações nativas sob “diligencia de los padres a poblaciones grandes y a vida política y humana”. De acordo com o provincial Nicolas Mastrillo Duran¹⁹², essa tarefa consistia não somente em cuidar “de las almas de los indios sino también de sus cuerpos, y de todo lo que pertenece a la

¹⁸⁹ La Recopilación de las Leyes de las Indias. *De las Reducciones, y Pueblos de Indios*, Libro VI, Tít. Tercero, Ley primera. Que los Indios sean reducidos à Poblaciones: 1.

¹⁹⁰ BARCELOS, A., H., *O Mergulho no Seculum: exploração, conquista e organização espacial jesuítica na América espanhola colonial*, p. 105.

¹⁹¹ MONTOYA, A. R., *La Conquista Espiritual del Paraguay – Hecha por los Religiosos de la Compañía de Jesús en las provincias de Paraguay, Paraná, Uruguay y Tape*, p. 58.

¹⁹² DURAN, N. M., *Décima segunda carta ânua escrita no ano de 1628*, p. 265.

industria, trato y policía humana, porque los indios cuando los recogen los padres no descubren de hombres, mas que la figura”.

Na opinião de João Pacheco de Oliveira¹⁹³, fixar os indígenas em *pueblos* permanentes era uma forma de territorializá-los. Para este autor, a *territorialização* pode ser definida como um processo de reorganização social que traz consigo algumas implicações, tais como: a “criação de uma nova unidade sociocultural mediante o estabelecimento de uma identidade étnica diferenciadora”; a “constituição de mecanismos políticos especializados”; a “redefinição do controle social sobre os recursos ambientais” e a “reelaboração da cultura e da relação com o passado”. Para o autor, o “processo de territorialização é, justamente, o movimento pelo qual um objeto político-administrativo” seria chamado na América espanhola de “redução”¹⁹⁴.

Para Bartomeu Melià, por essas razões e por outras, “la reducción, se consideraba un instrumento esencial para el cambio que se pretendía en los indios, que era hacerlos pasar de la ‘infidelidad’ cristianismo y de la barbarie a la vida política”¹⁹⁵.

Com estas observações podemos frisar que antes que os inicianos organizassem ou estabelecessem reduções nas terras que faziam parte da Província Jesuítica do Paraguai, religiosos de outras ordens, principalmente os da ordem de São Francisco, já atuavam no interior da província organizando reduções com diferentes populações indígenas. Em 1750, o religioso Francisco Parras¹⁹⁶, visitou as reduções administradas por seus irmãos franciscanos. Algumas haviam sido estabelecidas antes da chegada dos jesuítas na região e outras eram mais recentes

Este año pasado de 1750, quiso el Señor que se redujesen por las armas ochenta familias de nación Charrúa, y pidieron doctrinantes de nuestra religión. Formose pueblo a treinta leguas de distancia de la ciudad, y hoy están dichos indios obedientísimos, muy instruidos en nuestra Santa Fe y en las artes mecánicas y de agricultura, y casi todos son ya cristianos, y los demás catecúmenos.

¹⁹³ OLIVEIRA, J. P., *Uma Etnologia dos “Índios Misturados”? Situação Colonial, Territorialização e Fluxos Culturais*, p. 54-6.

¹⁹⁴ *Idem*.

¹⁹⁵ MELIÀ, B., *Las reducciones jesuíticas del Paraguay: un espacio para una utopía colonial*, p. 157-167.

¹⁹⁶ PARRAS, P. J., *Diario y derrotero de sus viajes 1749-1753*, p. 46.

Mais à frente o padre Parras menciona que junto a confluência dos rios Paraná e Paraguai, próximo a *Corrientes*, havia sido organizada uma redução com índios Charrua e Guaicuru.

Está este pueblo en muy buen paraje, y todo él murado, para defenderse de los infieles. Tendrá como cuarenta familias, todas criadas en buena política, de la misma manera que luego diremos de los demás pueblos. Son de nación charrúa, y algunas familias son guaycurús, y siendo dos naciones muy distantes, se han unido lindamente. Fúndose este pueblo con los ascendientes de los que hoy lo habitan, el año de 1642¹⁹⁷.

Bartomeu Melià observou que “la reducción y la doctrina entre los Guaraníes hacía parte de un contexto mayor de Reducciones y Doctrinas, implantadas en casi toda la América española”¹⁹⁸. Contexto que conforme descreveu o Jesuíta Martim Dobreshoffer¹⁹⁹ estavam incluídos os “Chiquitos, Mocobíes, Abipones, Tobas, Malbaláes, Vilelas, Pusaines, Lules, Isistines, Homoampas, Chunipíes, Mataguayos, Chiriguanos, Lenguas o guaycurúes, Mbayás, Pampas, Serranos, Patagones, Yarós, Chamacoco”, entre outros.

Ou seja, há de se frisar que as reduções de Guarani fizeram parte desse complexo maior de reduções organizadas nas terras do Paraguai, especialmente por jesuítas, mas que nem todas as reduções organizadas por jesuítas no Paraguai eram de Guarani. Tanto outros povos integravam uma redução de Guarani quanto os jesuítas organizavam reduções exclusivas, aparentemente com outras populações indígenas.

2.3. Organização das Reduções na Província Jesuítica do Paraguai.

No caso das reduções organizadas pelos padres jesuítas junto aos índios Guarani, Guillermo Furlong²⁰⁰ comenta que a organização espacial e o modelo dessas reduções devem-se ao fato que os jesuítas teriam bebido em duas fontes para aplicar suas ideias: “las leyes de indias y las practicas de otras reducciones, en particular las que habían prevalecido en Juli”.

¹⁹⁷ *Idem*, p 51.

¹⁹⁸ MELIÀ, B., *Guaraníes y jesuitas en tiempo del las Misiones: una bibliografía didáctica*, p. 95.

¹⁹⁹ DOBRESHOFFER, M., *Historia de los Abipones*, vol. II p. 107.

²⁰⁰ FURLONG, G., *Misiones y sus pueblos de Guaraníes*, p. 183.

Nos primeiros tempos, de acordo com as orientações do padre Diego de Torres Bollo²⁰¹, a organização das reduções era orientada pelo traçado urbano “al modo de los del Perú”, ou da maneira que os índios melhor se adaptassem “con sus calles, y cuabras” onde cada quadra fosse habitada por “cuatro índios, [com] un solar cada uno” e que cada casa tivesse horta para produção de alimentos para as famílias.

Com o passar dos anos este traçado urbano sofreu modificações graduais até atingir o modelo das reduções do Paraná e Tape que subsistiam no início da segunda metade do século XVIII. Na década de 1747 o jesuíta José Cardiel, citado por Guillermo Furlong, observou que as reduções de Guaraní possuíam um mesmo traçado urbano, com “plaza muy capaz de 160 varas en cuadro, las calles todas en cordel de 16 ó 15 varas en ancho; las casas son en algunos pueblos de piedra e otros de piedra solo cimientos”²⁰².

Sem sombra de dúvidas, é possível afirmar que das 32 reduções de índios Guaraní que permaneciam em pé no período da expulsão dos jesuítas, trinta, teriam sido o *grand finale* da participação jesuítica nas terras da coroa espanhola nesta parte da América entre o século XVII e parte do XVIII. Enquanto duas reduções haviam sido organizadas há pouco mais de uma década, as outras trinta, chamadas comumente de *trinta povos*, estavam em seu auge. Elas fizeram parte de um conjunto maior de 57 reduções organizadas por índios e jesuítas ao longo de 159 anos, denominadas como missões ou reduções de índios Guaraní.

Para Blas Garay²⁰³, que em 1897 escreveu o prólogo da tradução do latim para o espanhol da obra de Nicolás del Techo, *Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús*,

el núcleo más importante de las misiones jesuíticas de la vasta provincia del Paraguay, aquél en que mayores riquezas obtuvo la Compañía y en donde constituyó un verdadero reino, estaba situado entre los 26° y 30° de latitud meridional y 56° y 60° de longitud occidental del meridiano de París. Ceñíanle por el Norte el río Tebicuary y los espesos bosques que cubren las pequeñas cordilleras que se dirigen hacia el Oriente; limitabanle por el Este las cadenas de montañas de las sierras de Herval y del Tape; el río Ybycui separabale por el Sur de lo que es hoy el Brasil, y por el Oeste la laguna Yberá y el Miriñay le dividían de Entre Ríos, y los esteros del Ñeembucú y el Tebicuary del resto del Paraguay.

²⁰¹ TORRES BOLLO, D., 1609. *Orientações aos jesuítas*, p. 147.

²⁰² CARDIEL, J., 1747 *apud*: FURLONG, G., *Misiones y sus Pueblos de Guaraníes*, p. 193.

²⁰³ GARAY, B., *Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús*, vol. I p. 15.

Conforme Bartomeu Melià²⁰⁴, de 1609 até 1634, haviam sido criadas 43 reduções. Neste um quarto de século, os jesuítas deram início a mais de 40 reduções entre os Guarani, e, nos 134 anos seguintes (1634/1768), organizaram um pouco mais de uma dezena. Esses números podem ser um indicativo de que passadas as primeiras décadas de missão, o entusiasmo da ação missionária tenha diminuído. Esse fato que chamou a atenção do historiador argentino Guillermo Furlong²⁰⁵ ao escrever a obra *Misiones y sus Pueblos de Guaraníes*. Para esse autor, na história das missões de Guarani no decorrer do século XVIII, não houve nem um aumento significativo no número de reduções, por mais que houvesse uma grande quantidade de índios *selvagens* espalhados pelo território.

Questionado sobre a falta do antigo ardor missionário dos primeiros jesuítas, o padre Bernardo Nusdorffer²⁰⁶ respondeu em 1737, que o motivo de não fundarem mais reduções no espaço das Missões de Guarani, na proporção em que tinham feito no início da missão, era porque a conservação de uma redução “era uma conquista continuada”.

A experiência adquirida pelos religiosos ao longo dos anos testemunhava a favor deles, pois, mostrava que realmente a manutenção de uma redução era um trabalho continuado e que demandava uma atenção permanente por parte dos jesuítas. Das primeiras reduções organizadas, muitas haviam sido abandonadas ou destruídas. Não se consolidaram devido a fatores como as bandeiras paulistas do século XVII, rebeliões internas e calamidades públicas ocasionadas por pestes, estiagens prolongadas, geadas e excesso de chuvas.

A questão do clima era tão emblemática para a manutenção de uma redução, que qualquer mudança ocasional poderia levar a uma desorganização interna nos povoados. Carbonell de Masy²⁰⁷ no seu estudo de caso da Redução de São Cosme e Damião reproduziu uma frase dita pelo padre Antonio Garriga, visitador da Província do Paraguai. Antonio Garriga teria observado que “con las heladas de 1710 se perdieron todas las sementeras de las misiones” ocasionando um “gran desparramo de indios a las ciudades y lugares de españoles y a tierras de infieles”.

²⁰⁴ MELIÀ, B., *Guaraníes y jesuítas en tiempo del las Misiones: una bibliografía didáctica*, p. 103.

²⁰⁵ Cf. FURLONG, G., *Misiones y sus Pueblos de Guaraníes*, p. 629.

²⁰⁶ NUSDORFFER, B., 1737 *apud*: FURLONG, G., *Misiones y sus Pueblos de Guaraníes*, p. 629-631.

²⁰⁷ GARRIGA, A., 1709-1713 *apud*: CARBONELL DE MASY, R., *La Reducción Jesuítica de Santos Cosme y Damián: su Historia, su economía y su arquitectura*, p. 131.

Além dessas dificuldades enfrentadas pelos inicianos para manter a ordem nos povoados já estabelecidos, nos primeiros anos do século XVIII, os padres pertencentes à Província Jesuítica do Paraguai passaram a se dirigir com maior frequência para outras regiões, a fim de fundarem novas reduções com populações portadoras de diferentes pautas culturais e falantes de outras línguas. Chiquito foi um desses conjuntos reducionais que passou a ser organizado com maior ênfase nas primeiras décadas do século XVIII, demandando um grande aporte logístico e humano para sua organização e manutenção.

Neste contexto, podemos salientar que no cômputo geral das reduções de índios Guaraní, conseguimos listar 57 reduções de acordo com a primeira data de fundação. Não consideramos como novo povoado uma redução que tenha recebido nova nomenclatura, ou que tenha sido transferida e reerguida em outro local. No entanto, na tabela que segue abaixo acrescentamos as novas nomenclaturas e os novos sítios onde elas teriam sido instaladas.

Ano	Nome	Província	Observações	Autor
1609	San Ignacio Guazú del Iguaracamygá	Paraná.	Estável até 1768. Também chamada de San Ignacio del Paraguay; San Ignácio del Paraná; ou San Ignácio.	LOZANO II, 1755, p. 193-4; BECKER 1992, p. 185.
1610	Nuestra Señora de Loreto del Pirapó	Guairá.	Transmigrou ao final de 1631, chegando ao mês de março de 1632, à margem do Rio Yabebuirí, afluente da margem esquerda do Rio Paraná.	TESHAUER 1980, p. 132.
1610	San Ignacio del Ipaunmbucú	Guairá.	Transmigrou ao final de 1631, chegando ao mês de março de 1632 à margem do Rio Yabebuirí, afluente da margem esquerda do Rio Paraná. O nome foi alterado para San Ignacio Miní ou San Ignacio del Yabebuirí.	TESHAUER. 1980, p. 132.
1614	Iaguapúa	Paraná	Organizada pelo padre Roque Gonzales. Por volta da década de 1630, com o assédio das bandeiras paulistas ela foi integrada a redução de Corpus.	TECHO, 1897 Vol. III, p.113,124. FURLONG, 1962, p. 352-4.
1615	Nuestra Señora de la Anunciación del Itapúa	Paraná.	Havia sido organizada na margem esquerda do Rio Paraná. Em 1621 foi transferida para a margem direita do mesmo rio.	MONTOYA 1996, p. 20.
1619	Concepción de Nuestra Señora	Uruguai.	Estável até 1768.	CARBONELL DE MASY 2003, p. 19.

1622	Corpus Christi	Paraná.	Localizada na margem direita do Rio Paraná, mudou em 1647 para a margem esquerda do mesmo rio.	MONTOYA 1996, p. 210.
1619	Natividad de Nuestra Señora del Acaray	Paraná.	Em 1632 parte de sua população juntou-se a Corpus e a Itapúa.	LEONHOARDT XX, 1929, p. 292.
1622	San Francisco Javier del Ibitirembetá	Guairá	Organizada próxima ao rio Tepotiatá, junto à área dos índios Camperos. Destruída.	BECKER 1992, p. 63-70; PASTELLS 1915, p. 328.
1625	San José del Tucuty	Guairá.	Destruída	PASTELLS 1915, p. 328.
1625	Nuestra Señora de la Encarnación del Ñuatingi	Guairá.	Destruída	PASTELLS 1915, p. 328.
1626	San Miguel del Ybitiruna	Guairá	Destruída	CORTESÃO 1951, p. 316
1626	San Nicolás del Piratini	Tape	Transmigrou em 1637 para a margem ocidental do Rio Uruguai, ficando entre Santa Maria la Mayor e Concepcion. Em 1651, fundiu-se com a redução de Apóstolos. Em 1687, separou-se e retornou ao antigo Tape.	BECKER 1992, p. 145.
1626	Santa Maria la Mayor del Iguazu	Guairá.	Também chamada de Nuestra Señora de las Nieves. Transmigrou em 1633, para a margem direita do Rio Uruguai.	BECKER 1992, p. 131; MONTOYA 1996, p.215;
1626	Los Santos Tres Reyes del Yapeyú	Uruguai.	Estável até 1768.	MONTOYA 1996, p.213.
1626	San Francisco Xavier del Yaguarités.	Tape	Transmigrou em 1629 para a margem direita do Rio Uruguai. Sendo chamada de San Francisco Xavier de Céspedes ou San Francisco Xavier del Tobatin.	CARBONELL DE MASY, 2003, p. 17 TESCHAUER 1928, p. 62; BECKER 1992, p. 136; CORTESÃO 1969, p. 181.
1626	Siete Arcángeles del Tayaoba	Guairá	Destruída	CORTESÃO 1951, p. 247-9.
1627	La Concepcion de los Lanceros de Guañanos	Guairá	Destruída	CORTESÃO 1951, p. 293
1627	San Antonio del Iñiay	Guairá	Destruída	BECKER 1992, p. 75.
1627	Nuestra Señora de la Candelaria del Ibicuy	Tape.	Destruída em pouco tempo.	TESCHAUER 1928, p. 65.
1627	San Pablo del Iñiay	Guairá	Destruída	LEONHARDT XX, 1929, p. 350.
1627	Santo Tomé del	Guairá	Destruída	PASTELLS 1915,

	Tayaoba			p. 328.
1627	San Pedro	Guairá	Destruída	BECKER 1992, p. 76.
1628	Jesús María	Guairá	Destruída	PASTELLS 1915, p. 328.
1628	Nuestra Señora de la Asuncion del Ijuhy	Tape	Em 1629 passou para a margem esquerda do Rio Uruguai com o nome de Nuestra Señora de la Asunción del Acaraguá. Mais tarde mudou para a margem do Rio Mbororé, assumindo este nome. Tempos depois a população se integrou a Yapeyú. Em 1657 a população fundou La Cruz.	VIANNA 1970, p. 337; PORTO 1954, p. 86; MONTOYA 1996, p. 219; CARBONELL DE MASY 2003, p. 27, 34.
1628	Candelaria del Piratiní	Tape	Também chamada de Candelária del Caazapamini, devido a região que se encontrava. Estava na região do Caazapà Miní, entre os rios Ijuí e Piratini. Em 1637 foi transmigrada para a margem esquerda do Rio Paraná.	TESCHAUER 1928, p. 73; CARBONEL DE MASY 2003, p.. 25.
1628	Todos los Santos del Caaró	Tape	Também chamada de Mártires ou Santos Mártires del Japón de Caaró. Transmigrou para a margem direita do Rio Uruguai entre Concepcion e Santa Maria Maior. Agregou-se a esta redução uma parte do que restou das populações de São Cristóvão, São Joaquim e Jesus Maria. Em 1704 mudou-se novamente para as proximidades do Rio Paraná junto a Corpus.	CARBONEL DE MASY 2003, p. 25; MONTOYA 1996, p.231; BECKER 1992, p. 143-4.
1631	San Carlos del Caapy	Tape	Também chamada de San Carlos Borromeu. A redução foi destruída pelos bandeirantes. Os sobreviventes, juntamente com índios de outros povos, reergueram-na na margem direita do Rio Uruguai em 1639.	MONTOYA 1996, p. 235; PORTO 1954, p. 92. PASTELLS, II 1915 p. 307.
1632	San Tome	Tape	Transmigrou em 1639 para a margem direita do Rio Uruguai.	MONTOYA 1996, p. 237.
1632	San Joseph del Ytaguatiá	Tape	Transmigrou em 1638, se fixando entre os povos de Corpus e São Inácio Mini, margem esquerda do Paraná. Em 1660, estabeleceu-se mais ao norte de Corpus.	CARBONEL DE MASY 2003, p. 28; PORTO 1954, p. 101; BECKER 1992, p. 143;
1632	San Miguel Arcanjo	Tape	Transmigrou em 1638 para a margem direita do Rio Uruguai, se estabelecendo próximo ao povo de Concepción. Em 1687, transmigrou novamente para a banda oriental do	MONTOYA 1996, p. 241

			rio Uruguai, fixando-se a margem direita do rio Piratini.	
1632	Santa Teresa del Ybitiru	Tape	Transferida em 1633 para uma nova paragem na cabeceira do rio Jacuí. Destruída pelas bandeiras, teve parte de sua população agregada a Itapuã.	MONTOYA 1996, p. 246; CORTESÃO 1969, p. 91.
1632	San Joseph del Icario	Itatim	Destruída	BECKER 1992, p. 109.
1632	San benito del Yatay ou Yutay	Itatim	Destruída	BECKER 1992, p. 111.
1632	Ángeles del Taruaty	Itatim	Destruída	BECKER 1992, p. 110.
1632	Natividad de Nuestra Señora del Taraguy	Itatim	Destruída	BECKER 1992, p. 110.
1633	Nuestra Señora de La Natividad	Tape	Transmigrou em 1638, para a Província do Uruguai com o nome de Apóstolos. Também chamada de Apóstolos San Pedro e San Paulo ou Santos Apóstolos. Em 1651, fundiu-se com São Nicolau.	PORTO 1954, p. 107; MONTOYA 1996, p. 237; CARBONEL DE MASY 2003, p. 28;
1633	San Joaquín	Tape	Destruída	PORTO 1954, p.106; C. DE MASY 2003, p. 30;
1633	Santa Ana	Tape	Transmigrou em 1637 para as proximidades da margem esquerda do Rio Paraná. Em 1660 mudou novamente para o sul de Loreto.	MONTOYA 1996, p. 248.
1633	Jesús Maria del Ybiticarai	Tape	Destruído	MONTOYA 1996, p. 253; CORTESÃO 1969, p. 95.
1634	San Cristóbal	Tape	Destruída	MONTOYA 1996, p. 251.
1634	San Cosme y San Damián	Tape	Transmigrou em 1638 para as proximidades do Rio Aguapey, incorporando-se mais tarde na redução de Candelária. Em 1718 separou-se de Candelária e em 1740 mudou-se para o norte do Rio Paraná, próxima a Itapua.	MONTOYA 1996, p. 244. BECKER 1992, p. 173.
1634	Andirápuca	Itatim	Uniu-se em 1634 a Yatebó.	BECKER 1992, p. 113.
1634	Tepoty	Itatim	Uniu-se em 1634 a Yatebó	BECKER 1992, p. 110.
1634	Yatebó	Itatim	Foi dividida em 1635 para formar Nuestra Señora de Fe del Taré e San Ignacio Caagaçú.	BECKER 1992, p. 114.
1635	Nuestra Señora de Fe del Taré	Itatim	Transmigrou em 1659 para a margem direita do Rio Paraná, passando a chamar-se Santa Maria	BECKER 1992, p. 116.

			da Fé.	
1635	San Ignacio Caagaçú.	Itatim	Em 1650, passa a ser chamada de San Ignácio del Ypané. Em 1659, transmigrou para a margem direita do Rio Paraná com o nome de Santiago.	BECKER 1992, p. 115.
1682	San Francisco de Borgia	Tape	Foi fundada com parte da População de São Tomé.	BECKER 1992, p. 153.
1698	Santa Rosa de Lima	Paraná	A redução se formou com parte da população de Santa Maria da Fé.	BECKER 1992, p. 100.
1685	Jesús	Paraná	Localizado junto ao Rio Monday.	BECKER 1992, p. 100.
1687	San Luís Gonzaga	Tape	A redução se formou com parte da população de Concepcion.	BECKER 1992, p. 156.
1697	San Juan Bautista	Tape	A redução se formou com parte da população de São Miguel Arcanjo.	SEPP 1980, p. 203.
1690	San Lorenzo Mártir	Tape	Esta redução formou-se com a divisão da redução de Santa Maria la Mayor.	BECKER 1992, p. 157.
1706	Trinidad	Paraná	É colônia de São Carlos.	BECKER 1992, p. 97.
1707	San Ángel Custodio	Tape	A redução se formou com parte da população de Concepcion.	BECKER 1992, p. 158.
1746	San Joaquín	Tarumá	Foi fundada com índios Tobatines, Itatins e Tobas.	AZARA 1867, p. 354-365. DOBRISHOFFER, capítulo I, p. 17.
1751	San Estanislao	Paraguai	Foi fundada com índios Monteses e de Santa Maria da Fé (Itatines)	AZARA 1867, p. 354-365 DOBRISHOFFER, capítulo I, p.107.

Desse total de 57 reduções, conforme observamos acima, apenas 32²⁰⁸ subsistiram à época da expulsão dos jesuítas, no ano de 1768. Na primeira metade do século XVIII, elas tiveram seu auge populacional. Conforme Carbonell de Masy²⁰⁹, o crescimento demográfico das missões do Paraná e Uruguai teve sua taxa mais elevada no ano de 1732, atingindo a cifra

²⁰⁸ Cf. SCHALLENBERGER, E., *Guairá e o espaço missioneiro: índios e jesuítas no tempo das missões rio-platenses*, p. 120-1. Comumente atribui-se a nomenclatura *Trinta Povos* as reduções de índios Guaraní que chegaram até ao final do ciclo jesuítico no ano de 1768, que tiveram um grande desenvolvimento nas artes, economia, arquitetura e organização social. No entanto, havia duas reduções organizadas na década de 1750, São Joaquim e São Estanislao, que devido ao seu insipiente desenvolvimento não figuram na relação dos 30 Povos. Ao escrever sobre a História dos Abipones, Martin Dobreshoffer (1967, p.57) comenta que “en ningún país de América el cristianismo ha producido progresos tan hermosos como en Paracuaria, entre los guaraníes, habitantes de **treinta y dos pueblos** que ellos mismos se han edificado.”

²⁰⁹ CARBONELL DE MASY, R., *La Génesis de las vaquerías de los pueblos Tapes y Guaraníes de la banda oriental del Uruguay a la luz de documentación inédita, apenas conocida*, p. 47.

de 141.182 habitantes. O padre Martin Dobreshoffer²¹⁰, escrevendo de seu exílio, comentou que “por esto en el año 1767 en que abandonamos América, se contaba en todas sus localidades no más de cien mil”.

A população reduzida tinha na língua guarani seu principal idioma e nos guaranis seu principal elemento humano. Por causa disso, na avaliação de Maria Cristina dos Santos e Jean Tiago Baptista²¹¹, na “historiografia consolidou-se a imagem das reduções paraguaias como um espaço absolutamente de população Guarani”, que havia sido instaurado durante o processo reducional, quando “os próprios missionários assim se referem a elas: *Pueblos de Guaranies*”.

Para Santos e Baptista, por trás da inscrição de *Guarani* havia uma pluralidade étnica relevante que se manteve nas sombras dos escritos históricos. Portanto, afirmar que a população reduzida tenha sido oriunda de apenas uma etnia indígena, mesmo que essa seja considerada “macro guarani”, não tem apoio nas fontes da época. Mesmo as reduções *de Guarani*, eram de indígenas que podiam ser chamados assim, mas tinham uma organização social heterogênea e, pelo menos, um antecedente linguístico e cultural distinto ao dos povos falantes de línguas da família tupi-guarani. Nas palavras de Guillermo Wilde²¹², “la idea de pueblo o reducción ha solido actuar como máscara de la diversidad y la heterogeneidad sociocultural interna de la población”.

O autor analisou a dinâmica sociocultural entre índios infieis e cristãos, percebendo que havia uma relação muito intensa entre esses dois atores sociais, indevidamente considerados antagônicos. Para Wilde, essa relação era geralmente negligenciada pelos religiosos da Companhia de Jesus nos informes e narrativas sobre as reduções, pois, somente davam ênfase em seus escritos à dinâmica social entre índios cristãos e infieis nos períodos de crise e nos importantes momentos políticos vivido pelas reduções. Assim como ocorreu durante a “guerra guaranítica”, em que índios reduzidos das etnias Charrua, Minuano e Guenoa, entre outros, mantiveram frequentes contatos com seus parentes não reduzidos, a fim

²¹⁰ DOBRESHOFFER, M., *Historia de los Abipones*, vol. I p. 71

²¹¹ SANTOS, M; BAPTISTA, J., T., *Reduções Jesuíticas e povoados de índios: controvérsias sobre a população indígena (século XVII-XVIII)*, p. 241.

²¹² WILDE, G., *Territorio y Etnogénesis Misional en el Paraguay del siglo XVIII*, p. 85.

de lhes apoiar militarmente. Este “parentesco operaba frecuentemente como articulador de las relaciones entre los indios reducidos y los infieles”²¹³.

Nesse contexto, por meio das fontes primárias e trabalhos realizados por outros pesquisadores, identificamos nas reduções de índios Guarani, 25 reduções em que é possível perceber a participação de outros indígenas no devir histórico dessas mesmas reduções. Observamos que na relação que segue logo abaixo, não há dados referentes ao número exato de indivíduos que tenha habitado estas reduções ao longo dos anos. Nelas podem ter vivido alguns poucos indivíduos e até centenas deles. Ainda há casos, conforme veremos mais a frente, que algumas reduções de índios Guarani eram formadas quase que exclusivamente por populações consideradas não Guarani, principalmente aquelas que foram organizadas na primeira metade do século XVII no Guairá.

Nome	Província	Populações	Autores
La Encarnación del Ñuatingui	Guairá	Campero, Cabeludo e Coroado.	SANTOS & BAPTISTA, 2007, p. 242; ARTIGAS DE REBES, 2001, p. 182; CORTESÃO, 1951, p. 237-39.
San Miguel del Ybitiruna	Guairá	Guañana, Campero, Coroado.	SANTOS & BAPTISTA, 2007, p. 242. PARELLADA, 2008, p. 7. TECHO, 1897 TOMO III, Livro 8, p.123
Siete Arcángeles del Taiaoba	Guairá	Guañana, Gualacho	SANTOS & BAPTISTA, 2007, p. 242; CORTESÃO, 1951, p. 343; TESCHAUER, p. 1980, p 144.
Concepcion de los Lanceros Guañanas	Guairá	Guañana, Gualacho, Chiqui.	MACHON, 2005, p. 12; ARTIGAS DE REBES, 2001, p. 82; SANTOS & BAPTISTA, 2007, p. 242. TECHO, 1897 TOMO III, Livro 8, p.119.
San Pedro	Guairá	Guañana, Campero	SANTOS & BAPTISTA, 2007, p. 242; MACHON, 2005, p.12; ARTIGAS DE REBES, 2001, p. 90.
San Pablo	Guairá	Gualacho	LEONHARDT, 1929, p. XXIX. PASTELLS, I, p. 227-32.
San Antonio del Ñiaiy	Guairá	Campero, Coroado	HERNÁNDEZ , 1913, p. 10-11. DEL TECHO, 1897, TOMO III, Livro 8, p.123.
Jesus Maria	Guairá	Gualacho	LEONHARDT, 1929, p. 351-52. CORTESÃO, 1951, p. 300.
Jesús de Monday	Paraná	Guayaki Caaiguá	FURLONG, 1962, p. 631. VIANNA, 1970, p. 249-50; WILDE, 2009, p. 144-5.

²¹³ *Idem*, p. 147.

Nuestra Señora de Loreto del Yabebyry	Paraná	Guenoa e Yaró	SANTOS & BAPTISTA, 2007 p. 244; VIANNA, 1970, p. 239-40, 507;
Corpus Christi	Paraná	Guañana	SANTOS & BAPTISTA, 2007 p. 243; MACHON, 2005, p. 29; FURLONG, 1962, p. 631; CORTESÃO, 1955, p. 171-73.
Natividad de Nuestra Señora del Acaray	Paraná.	Caaiguaras	PASTELLS, I, p.443-4.
Santa Maria la Mayor del Iguazu	Paraná	Caaiguá	DEL TECHO, 1967, p. 4-6.
Candelária	Paraná	Guañana	CORTESÃO, 1955, p. 118 GAY, 1863, p. 691-5
San Xavier	Uruguai	Caaiguá Guenoa	FURLONG, 1962, p. 631; CORTESÃO, 1969, p.66.
Los Santos Tres Reyes del Yapeyú	Uruguai	Guenoa, Yaró, Charrua.	SANTOS & BAPTISTA, 2007, p. 243; FURLONG, 1962, p. 631; MONTOYA, 1996, p. 213;
Lacruz	Uruguai	Guañana	PASTELLS, 1915, p. 490.
Concepción	Uruguai	Guenoa	SANTOS & BAPTISTA, 2007, p. 243; FURLONG, 1962, p. 631.
Nuestra Señora de Fe del Taré	Itatim	Guató	CORTESÃO, 1952, p. 85-6 -102.
Jesús Maria del Ybiticarai	Tape	Caaguá	VIANNA, 1970, p. 265.
Santa Teresa del Ybitiru	Tape	Guañana, Ybirayara	SANTOS & BAPTISTA, 2007, p. 243; CORTESÃO, 1969, p. 91.
San Francisco de Borgia	Tape	Guenoa, Charrua,	SANTOS & BAPTISTA, 2007 p. 243; FURLONG, 1962, p. 631; VIANNA, 1970, p. 238-39. PORTO, A., III, p. 31,48.
San Nicolas	Tape	Guenoa	FURLONG, 1962, p. 631
San Ángel Custodio	Tape	Caribe, Charrua	FURLONG, 1962, p. 631
San Joaquín	Tarumá	Itatím, Tobas e Tobatim.	AZARA 1867, p. 354-365. DOBRISHOFFER, capítulo I, p. 17.

Essas vinte e cinco reduções são um número significativo no conjunto de cinquenta e sete *pueblos*. Por mais que a população Guarani tenha sido superior em número a outras populações indígenas reduzidas e terem exercido uma influência política, sociocultural e econômica maior que outros grupos, aqui queremos enfatizar a participação das outras populações índias no âmbito das reduções organizadas nas regiões do Guairá, Tape, Uruguai, Itatim e Paraná. No entanto, gostaríamos de frisar que não é nossa proposta nesse trabalho, procurar identificar qual grupo teria exercido mais ou menos influência em determinado contexto. Nossa intenção como já observamos anteriormente, é apresentar dados que comprovem a existência, como diria João Pacheco de Oliveira²¹⁴, de uma “mistura” nas

²¹⁴ Cf. OLIVEIRA, J. P., *Uma Etnologia dos “Índios Misturados”? Situação Colonial, Territorialização e Fluxos Culturais*.

reduções, local onde grupos estranhos e afins teriam compartilhado de um mesmo espaço, de uma mesma cultura e de uma mesma trama social, originando dessa forma o índio Guarani reduzido.

A diversidade presente nos vinte e cinco povos pode ser estendida a outras reduções que não se encontram nessa relação. O que nos leva a esta suposição, são fatos históricos, tais como as bandeiras paulistas que assolaram as reduções do Guairá, Tape e Itatim, entre as décadas de 1620 e 1650, que obrigaram os reduzidos a migrarem para outras regiões, fazendo com que os mesmos mesclassem-se com populações locais de outras reduções ou se estabelecessem nas suas proximidades, a fim de se manterem a salvo das investidas dos *caçadores de escravos*.

O padre Francisco Diaz Taño²¹⁵ em uma relação enviada em 30 de abril de 1657 ao governador do Paraguai, falava sobre o estado que se encontravam as reduções do Paraná e Uruguai após o evento das bandeiras. Ela observou que entre os reduzidos havia populações indígenas procedentes de diferentes lugares. Enumerando e descrevendo as reduções por região, Diaz Taño observou que na província do Paraná a primeira redução era,

San Ignacio que llaman del Paraguay, está como 30 leguas desta ciudad, tiene mas de trezientas familias naturales de alli, y otras algunas de indios que se an atraido de la provincia del Uruguay por causa de las invasiones dichas de los Portugueses, para su seguridad; la segunda doctrina es la de Anunciacion de Nuestra Señora del Itapua; dista de San Ignacio 40 leguas; tiene quinientas y quarenta familias naturales del Parana; algunas dellas se an recogido de las invasiones; la tercera es la de Nuestra Señora de Loreto dista de la de Itapua como ocho leguas; tiene mas de quatrocientas familias. Este pueblo vino huyendo de las invasiones desde la provincia del Guayra, ay en ella gente de diversas doctrinas y reducciones, que destruyeron los Portugueses; la quarta es la doctrina de San Ignacio del Yababeri, tiene mas gente que la de Loreto. Dista della por el rio tres leguas y por tierra menos. Vino tambien huyendo de las invasiones y en ella se an agregado indios de diversas poblaciones que destruyeron los portugueses; la quinta es la reduccion del Corpus, toda gente del Parana. Tiene mas de quatrocientas familias, dista de la San Ignacio seis leguas, a ella se reduxo la gente del Acaray y la de Yaguapoha;

Continuando sua descrição, o religioso enumerou as reduções da província do Uruguai, a partir da redução de São Carlos. Observando que,

²¹⁵ TAÑO, F. D., *Informe de las cosas tocantes a las doctrinas que están a cargo de la Compañía de Jesús, hecho al gobernador del Paraguay antes de ir a la visita de las doctrinas. Firmado en la ciudad de la Asunción à 30 de abril de 1657*, p. 335-7.

la de San Carlos estava sitiada junto al rio del Parana, mudose la tierra a dentro como ocho leguas por la salud, tiene mas de quinientas familias esta entre ambos rios. Vino de la otra parte del Uruguay tambien huyendo de los Portugueses; 2^a la doctrina de San Nicolas esta quatro leguas de la de San Carlos, tiene mas de quatrocientas familias, pasose alli de otra banda del rio Uruguay huyendo de los enemigos Portugueses; 3^a la doctrina y pueblo de Los Santos Apostolos San Pedro y San Pablo esta junto a la de San Nicolas, sitiose alli viniendo huyendo de los Portugueses, tiene mas de quatrocientas familias; 4^a la doctrina del pueblo de Concepcion tine mas de ochocientas familias. Dista de San Nicolas cinco leguas, en ella se an reducido varias tropas de indios de las reducciones destruidas de los Portugueses; 5^a la doctrina y pueblo de San Miguel dista de la concepcion legua e media, tiene mas de quinientas familias, vino tambien huyendo de los Portugueses; 6^a la reducion de los Santos Martires tiene agora mas de trecientas familias, vinose retirando de el enemigo, perdio mucha gente en las invasiones de los enemigos; 7^a la reducion de Santa Maria la Maior tiene casi seiscientas familias dista de la de Concepcion tre leguas. Estaba antes en el rio del Yguaçu, retirose por causa de lo enemigo; 8^a la doctrina y pueblo de San Francisco Xavier tiene mas de trecientas familias, dista de la de Santa Maria quatro leguas rio arriba; 9^a la reducion de Santo Thome Apostolo tiene ochocientas familia, esta quatorce leguas rio abaxo de la de Concepcion, tambien se retiro huyendo del enemigo; 10^a la doctrina y pueblo de Nuestra señora del a Assumption del Acaragua y por otro nombre del Borore tiene mas de trecientas familias. Esta a peleado varias veces con el enemigo Portugues y ultimamente se retiro a otro puesto mas sano y seguro. Esta junto a la reducion de Yapeyu cinco leguas; 11^a la reducion de Nuestra Señora de los Reyes del Ypeyu tiene mas de quatrocientas familias, formose de la gente que se venia retirando del enemigo y de otra de alli que se fue reduciendo y cada dia se reduce de nuevo.

Conforme o padre Diaz Taño, além dessas reduções, outras quatro transmigraram do Tape e juntaram-se aos povos estabelecidos no Paraná e Uruguai. Sendo elas, Candelária, São Cosme e Damião, Santa Ana e São José. Ainda de acordo com o sacerdote, foram 26 as reduções destruídas pelos portugueses.

Outros dados que apontam para existência de uma heterogeneidade ampla nas reduções de Guarani encontram-se num relatório elaborado em 1657, entregue pelos padres da Companhia de Jesus ao visitador Juan Blázquez de Valverde. Esse relatório era uma “breve suma de los caciques, que los eran desde su gentilidad”, espécie de memória em que os padres informavam o número de caciques que fizeram parte da história de cada redução até o ano de 1656. Por meio dessa relação de caciques é possível identificar populações de diferentes ambientes vivendo num mesmo povoado.

Na redução de Itapuã, por exemplo, o padre Juan de Porras²¹⁶ informava que viviam “55 [caciques] de los cuales 37 pretensen á dicho pueblo, 11 al de la Natividad de Nuestra Señora del Acaray y 7 á la reducción de Santa Teresa”. Mais à frente, quando abordarmos especificamente cada redução, veremos que Santa Tereza estava situada no Tape e albergava índios Guañanas. Caso semelhante ocorreu na redução de San Ignacio de Yabebiri, local onde o padre Diego Salazar informou haver 34 caciques: “17 propios del pueblo de San Ignacio, cinco del pueblo de San José del Tucumán, destruído por los portugueses, y 10 del pueblo de San Javier, destruído por los mismos en el Ibitirembeta”.

Observamos que a redução de São Francisco Xavier estava situada no Guairá em uma região de circulação de índios Camperos, com quem os índios desta redução mantinham relações amistosas com frequentes visitas²¹⁷. Havendo, portanto, grande possibilidade de parte desses indígenas identificados como Campero, estarem mesclados aos de São Xavier.

De acordo com Maria Cristina dos Santos e Jean Tiago Baptista²¹⁸, a diversidade étnica que se estabeleceu em algumas reduções do Guairá se reproduziu nas reduções do Paraná, quando os religiosos reuniram diferentes populações para fugir do ataque dos bandeirantes, “levando adiante a junção entre grupos até então inimigos. [...], passam ao lado paraguaio numa dramática transmigração [...]. Ali são esparramados entre os povoados já existentes”.

A mesma análise fez o historiador Guillermo Wilde²¹⁹, a respeito desse evento histórico. De acordo ele,

durante el siglo XVII se produjeron numerosas migraciones poblacionales desde las regiones del Guayrá, el Itatín y el Tape, las cuales respondían a la destrucción de los primeros pueblos por parte de los bandeirantes paulistas que invadían los pueblos para capturar esclavos indígenas. Ellas también eran tributarias de la acción de los encomenderos, de la incursión de los grupos indígenas no reducidos llamados “infieles”, de las epidemias y la carestía (MAEDER, 1999). Estos factores llevaron a la relocalización de la

²¹⁶ PORRAS, J., *Breve suma de los caciques, que lo eran desde su gentilidad, contenidos en las peticiones y memorias que dieron los padres doctrineros al Visitador D. Juan B. de Valverde no ano de 1657*, p. 513-4.

²¹⁷ DURAN, N., *12ª Carta ânua da Província Jesuítica do Paraguai, escrita em 1628*, p. 233.

²¹⁸ SANTOS, M; BAPTISTA, J., T., *Reduções Jesuíticas e povoados de índios: controvérsias sobre a população indígena (século XVII-XVIII)*, p. 242.

²¹⁹ WILDE, G., *Territorio y Etnogénesis Misional en el Paraguay del siglo XVIII*, p. 87-8.

población reducida en otras regiones y a frecuentes fragmentaciones y mezclas.

Podemos constatar que a diversidade indígena dessas regiões se viu acrescida de novos contingentes nativos, que haviam sido impelidos pela presença belicosa dos europeus em seus antigos domínios. Isso talvez explique outro fato histórico, que foi o desaparecimento de muitos grupos identificados “logo” após a chegada dos europeus. De acordo com antigos relatos, populações inteiras teriam desaparecido de determinados ambientes, fazendo crer em seu extermínio físico. No entanto, sem desconsiderar esta hipótese, é muito provável que parte dessas populações tenha se deslocado para regiões mais distantes, passando a habitar outros ambientes.

Voltamos a frisar, conforme já observamos no primeiro capítulo, que as populações nativas não foram meras espectadoras diante do devir histórico que se processou nos primeiros tempos da conquista ibérica nas terras da América. De várias maneiras elas procuraram resistir e se adequar ao novo sistema que se instalava. Se evadir de um território não significou simplesmente uma fuga desordenada de determinado espaço. Foi uma forma de resistência adotada pelos grupos, com a qual eles puderam se estabelecer em novos sítios, onde a geografia do terreno pudesse lhes servir de proteção contra inimigos mais fortes e também porque possibilitava a formação de novas alianças com outros grupos.

O provincial Diego de Torres Bollo, no ano de 1611, comentou que muitos grupos indígenas que habitavam o Tape, haviam migrado do litoral em direção ao interior do continente, fugindo das malocas portuguesas²²⁰. Semelhante comentário efetuou Rui Diaz de Gusmão²²¹ ao falar sobre os Guarani que habitavam a ilha de Santa Catarina. De acordo com este cronista, “fue esta isla muy poblada de indios guaraní y en este tiempo [1612] está desierta porque se han ido los naturales a tierra firme dejando la costa, se han metido adentro en los campos y pinales de aquella tierra”.

De acordo com o padre Ximenes²²², no ano de 1703, durante uma navegação pelo Rio Paraguai, índios guaranis de mais idade, que o acompanhavam na viagem, observaram

²²⁰ Cf. TORRES BOLLO, D., *Primeira Carta Anua da Província Jesuítica do Paraguai escrita em 1609*.p. 17.

²²¹ GUZMAN, R. D., *Anales del Descubrimiento, Población y Conquista del Río de la Plata*, p. 30.

²²² XIMENES, B., *Relación del camino y viaje de los padres para los Chiquitos y su vuelta*, p. 53.

que as grandes aldeias que havia nas margens dos rios já não existiam mais porque muitos grupos tinham migrado para outros locais.

Nas cartas ânuas (1730/34), é descrito o encontro de uma tropa de índios Chiquitos da redução de São Miguel com alguns grupos de índios Guarayos. De acordo com a descrição, aproximadamente cem anos antes, os ancestrais desses Guarayos teriam se retirado das reduções Guarani, migrando em direção ao alto Paraguai, fugindo do assédio dos bandeirantes paulistas.

Hallaron algunas parcialidades de Guarayos, que son entes de algunos numerosos trozos de la Nacion Guaraní que se retiraron a dos parajes huyendo de los Portugueses del Brasil, quando ahora cien años invadieron nuestras Misiones del Paraguay y sus comarcas [...] Todavía mantienen su idioma Guaraní, aunque algo corrupto²²³.

O religioso não identifica as reduções das quais eles seriam procedentes. Para Susnik²²⁴, esses Guarayos teriam habitado entre os rios Aquidaban e Miranda. É muito provável que eles tenham habitado nas primeiras reduções do Itatim, pois em uma “certificación jurada” de 1652, o padre Manuel Berthold comenta que, no início da década de 1640, os portugueses atacaram consecutivamente as reduções do Itatim, provocando o abandono das mesmas por parte dos reduzidos que “huyendo del enemigo pasaron los indios a la otra banda del Paraguay, entre infieles; otros se ampararan del payagua y otros se escondieron”²²⁵.

Desse contexto todo, podemos inferir quão complexa era a política espanhola para administrar as terras e as gentes, principalmente no que tange a nomeação e classificação das populações. Para tentarmos entender um pouco mais esta situação, tomamos como exemplo o caso dos Guarayos supracitados.

²²³ Jesuíta Anônimo, *Carta ânuo do Paraguai relativa as Missões do Paraná, Uruguai e dos Chiquito, entre os anos de 1730 a 1734*, p 193.

²²⁴ Cf. SUSNIK, B., *Interpretación etnocultural de la complejidad sudamericana antigua: formación y dispersión étnica*, vol. I p. 82.

²²⁵ BERTHOD, M., *Certificación jurada del padre Manuel Berthod tocante a las reducciones de los Itatins, 1652* p. 320.

Esses Guarayos eram considerados Guarani que haviam habitado anteriormente as reduções do Itatim. Por esta ótica eles eram Guaranis itatins, portanto também eram índios cristãos, pois viviam em redução. Mas, quando se dispersaram por outras terras, perderam o etnônimo Itatim e deixaram de ser categorizados como cristãos, já que voltaram a viver de forma errante, tornando-se neste caso, índios Guarayos infieis.

Esses elementos corroboram o que já discutimos no primeiro capítulo, ou seja, quando os europeus iniciam a conquista e colonização das terras, eles passam a identificar, nomear e classificar as populações nativas. O ato de nomear as populações foi realizado aleatoriamente, alheio a vontade dos próprios nativos, ou seja, partiu da ação dos próprios colonizadores que procuraram organizar o espaço colonial à sua maneira. Alguns estudos atuais veem nesta ação, como sendo um ato de essencializar as populações nativas sob etnônimos que fixavam-nas no tempo e espaço, dando a impressão que as mesmas preexistiam desde antes da conquista como unidades socioculturais estanques. Mas, os mesmos estudos que identificam nesse processo colonial uma ação que se realizou alheia a vontade dos nativos, também identificam uma contrapartida das populações nativas, no sentido de que as mesmas se apropriam dessas classificações sociais, visando se adequar ao novo contexto, seja para fazer frente aos colonizadores e outros grupos nativos, seja para se diferenciar das novas unidades étnicas que se forjavam no território.

Com o exemplo dos Guarayos e outros exemplos citados anteriormente, temos a impressão que os grupos, ao menos naquele período, viviam comodamente com os sugestivos nomes que lhes eram impostos. Ou seja, enquanto portadores de uma própria autoidentificação, eles eram identificados e classificados por diferentes etnônimos, produzidos tanto por uma vizinhança interétnica quanto pelos próprios espanhóis. Pelo que podemos observar, essa situação era corriqueira e comum entre os grupos. Tanto que os próprios espanhóis na certeza de estarem organizando o espaço sociocultural da época, acabam acompanhando a lógica nativa, quando identificam e nomeiam um grupo de acordo com a situação na qual ele se encontra, mesmo que este grupo, *a priori*, já tenha sido classificado de forma diferente pelos mesmos espanhóis numa outra situação.

A nosso ver, entre outras questões, a organização das reduções teve a função de ajudar a acabar com essa confusão semântica, visto que, num primeiro momento os agentes ibéricos procuraram acentuar as diferenças entre as populações, outorgando as mesmas,

diferentes nomes e atributos. Com as reduções, eles passaram a diluir essas diferenças na tentativa de moldar um único grupo.

O Guarani reduzido foi resultado dessa política, e isso vale também para os Chiquito e outras populações reduzidas. O Guarani reduzido tornou-se uma nova identidade étnica no espaço colonial, pois, em seu conjunto, ele possuía: religiosidade, tecnologia, organização social e econômica que o diferenciava de todas as outras populações. No entanto, essa nova etnia foi forjada com uma diversidade de populações indígenas, que não tinha relação com a matriz étnica Guarani.

Neste sentido, podemos conceber que se a essencialização das populações foi uma realidade alheia a vontade nativa, que teve a função de acentuar as diferenças entre os grupos. Acreditamos então, que possivelmente essa tenha sido uma meta dos espanhóis que buscaram num primeiro momento, organizar e sistematizar o espaço colonial para ter uma visualização mais apurada das populações que povoavam este mesmo espaço, para assim poderem estabelecer políticas mais específicas no território. Sob esta ótica, podemos depreender que as reduções tornaram-se parte dessas políticas mais específicas, visto que também foram organizadas para diluir as diferenças que haviam sido acentuadas pelos agentes da conquista quando esses identificaram, classificaram e nomearam a população nativa em diferentes nações. Nações que, no início do século XVII, já estavam consagradas pelo discurso colonial como sendo diferentes identidades socioculturais.

Portanto, para o caso das Missões de Índios Guarani, da maneira pela qual em que essas reduções foram organizadas pelos jesuítas, elas reduziram uma ampla diversidade sociocultural a uma única população de índios reduzidos. O Guarani reduzido.

No próximo capítulo identificaremos a diversidade nativa em algumas das reduções de índios Guarani listadas acima, a partir das regiões onde elas estavam inseridas.

CAPITULO III

DIVERSIDADE ÉTNICA NAS REDUÇÕES DE ÍNDIOS GUARANI

3.1. Introdução.

Este capítulo atende um dos objetivos da proposta de pesquisa que é identificar nas “reduções de índios Guarani”, indivíduos, pequenos grupos ou populações indígenas não pertencentes à etnia Guarani, fato que ocasionava um caso de diversidade étnica. Consideramos que nas reduções de índios Guarani, havia indivíduos e grupos não Guarani, misturados aos mesmos e, em outras reduções, populações exclusivamente não Guarani.

Conforme pudemos observar no primeiro capítulo, a Província Jesuítica do Paraguai era habitada por uma ampla população nativa, falante de diversos idiomas e portadora de variadas pautas culturais. Neste sentido, iremos descrever e analisar como se deu a incorporação desses diferentes grupos nas reduções organizadas por jesuítas nas regiões do Guairá, Tape e Uruguai, identificando suas características culturais e verificando como se processou a inclusão dos grupos e indivíduos. Além do Guairá, Tape e Uruguai, vamos apresentar algumas informações sobre reduções estabelecidas nas regiões do Paraná e Itatím que tiveram indígenas pertencentes à etnias não Guarani, em seu meio.

A finalidade deste capítulo será o de apresentar dados suficientes que corroborem um dos objetivos deste trabalho, que é mostrar as reduções de índios Guarani não apenas como o espaço de um único grupo, mas sim um espaço compartilhado por diferentes etnias.

Gostaríamos de frisar, a fim de reforçar o que já comentamos anteriormente de que forma iremos considerar uma determinada população indígena, ou uma etnia não Guarani para este trabalho. Como não é possível aferirmos a etnicidade desses grupos históricos presentes na documentação colonial, justamente porque não temos a fala de um dos principais atores

coloniais, que são os indígenas, e assim conhecermos com clareza sua identidade étnica, nos baseamos naquilo que escreveram os cronistas coloniais; que um grupo é diverso de outro, quando ele fala outro idioma. Ou seja, se tratamos de populações Guarani com idioma Guarani, um grupo não Guarani será aquele que não fala este idioma. Aliado a isso, os cronistas usam de alguns apelativos genéricos para se referir a essas populações. Também temos, é claro, etnônimos já consagrados pela literatura colonial, que quando os localizamos, entendemos perfeitamente que se trata de outras populações.

Ao menos neste trabalho, esta é a chave para se encontrar a diversidade étnica nas reduções de índios Guarani. E sendo elas identificadas como outras etnias, carregam consigo toda a bagagem enumerada por Barth, que citamos no início do primeiro capítulo.

Lembramos que neste caso não nos importa como estas etnias foram criadas, se pelo discurso dos agentes ibéricos que essencializaram-nas em determinado momento, ou se elas formaram a si mesmas e aceitaram os etnônimos que lhes deram.

3.2. Diversidade nas reduções do Guairá.

O Guairá, assim como outras regiões, se define tanto por particularidades socioculturais quanto por particularidades físicas. Para o pesquisador Erneldo Schallenberg²²⁶, ao comentar sobre a importância e a representação da espacialidade para as culturas tribais “a terra, a floresta, as montanhas, os planaltos, os vales e os rios representavam um todo integrado e, por que não, sagrado, do que foram se reproduzindo formas e representações a partir do mundo vivido”. Por esta ótica, as regiões onde foram implantadas reduções possuíam especificidades locais que diferenciavam umas das outras, tanto em aspectos da cultura quanto em aspectos da organização social de cada população.

Ainda conforme este autor, o Guairá possuía seus limites a oeste definido pelo Rio Paraná, ao norte pelo Rio Paranapanema, ao sul pelo Rio Iguaçu e a leste pela linha de Tordesilhas.²²⁷ Essa última, uma linha imaginária que separava as terras da coroa espanhola das terras portuguesas.

²²⁶ SCHALLENBERGER, E., *O Guairá e o espaço missioneiro: índios e jesuítas no tempo das missões rio-platenses*, p. 9.

²²⁷ *Idem*, p. 53.

Quando os padres jesuítas se estabeleceram efetivamente no Guairá no ano de 1610, iniciou-se uma nova frente expansionista no interior da província em sequência a expansão promovida por Domingo Martinez Irala, em 1557, com a fundação da Ciudad Real²²⁸. Nessa frente missionária, os religiosos passaram a contatar no Guairá, além das populações falantes do idioma Guarani, outras populações nativas.

Os *Ybirayara*, “que quiere decir señores del palo”. Estes indígenas, afirma o padre Cataldino “tienen diferente lengua de la general no están encomendados a españoles”²²⁹. Outra população não Guarani eram os chamados *Camperos*. Seus integrantes, segundo Durán, “a distinción de las demás naciones todos viven en los montes y ríos”. Eram também chamados de *Cabeludos* “porque traen tendido el cabello tan crecido que les cubre los hombros” e por outro nome de *Coroados* “porque aun las mujeres y niños usan abrirse las coronas como los frailes”²³⁰. Também havia os *Chiquis*, que de acordo com o padre Ruiz de Montoya era uma “gentilidad de *Gualachos* que están entre el río del Piquirí y el Iguazú”²³¹.

Para o jesuíta Nicolas del Techo²³², “los Gualachies” eram “también llamados *guanianas*”. De acordo com este religioso, as terras dos mesmos “se extiende entre los dominios de Tayaoba y los pueblos del Uruguay é Iguazú; llega hasta el mar, y penetra no poco hacia el Brasil. Sus habitantes difieren en costumbres y lengua de los guaraníes”. Semelhante opinião tinha o abade Lorenzo Hervás, para o qual “la nación guañana antiguamente se llamó gualacha”.²³³

Alguns autores usam o termo *Gualacho* como indicativo de uma mesma população²³⁴. No entanto, ele pode ser entendido como uma categoria genérica que

²²⁸ DU GRATY, A. M., *La Republica del Paraguay*, p. 72, 74, 80.

²²⁹ CATALDINO, J., 1619 *Carta ao padre provincial Pedro de Oñate dando-lhe informes sobre os índios a reduzir e sua localização no Guairá*, p.162.

²³⁰ DURAN, N., 1628. *Carta que descreve o estado das reduções da província do Guairá durante os anos 1626 e 1627*, p. 242.

²³¹ MONTOYA, A. R., *Carta ânua escrita em 1628 ao padre Nicolau Duran, provincial da Companhia de Jesus em 1628*, p. 294.

²³² TECHO, N., *Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús*, tomo III, libro VIII p. 119.

²³³ HERVÁS, L., *Catálogo de las Lenguas de las Naciones Conocidas, y numeración, división, y clases de estas según la diversidad de sus idiomas y dialectos*, p. 230.

²³⁴ FRANCISCO, A. R., *Selvagens e intrusos em seu próprio território: A expropriação do território Jê no Sul do Brasil*, p. 47.

compreendia diferentes populações. Quem observa é o padre jesuíta Diogo Ferrer²³⁵, que trabalhou junto com o padre Montoya no Guairá. Na década de 1630, ele foi enviado para atuar no Itatim. Naquela província manteve contato com outras populações que foram também categorizadas como Gualachos. Ele explica que sob a categoria de Gualachos “compreenden se todas las naciones que no tienen por propia la lengua Guaraní”. Anteriormente, Rui Diaz de Gusmão já havia escrito, em 1612, que nas margens do Rio Paraná, próximo a Santa Fé, “algunas poblaciones de indios” eram identificadas sob o etnônimo de Gualacho²³⁶.

Para Sergio Baptista da Silva²³⁷, o conhecimento sobre grande parte dessas populações que não pertenciam aos Guarani e habitavam o Guairá e regiões adjacentes está fundamentado nas pesquisas arqueológicas que apontam para uma dispersão ocorrida por volta de 3 mil anos, em que grupos horticultores que habitavam o planalto central do Brasil, especificamente entre os rios São Francisco e Tocantins, se dividiram, tomando diferentes rumos.

As pesquisas mostram que o primeiro grupo a separar-se, se deslocou em direção ao sul, vindo a se estabelecer gradativamente em áreas de planalto do atual Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo. O segundo grupo teria seguido em direção ao norte²³⁸.

Por meio dos vestígios da cultura material, arqueólogos classificam essas populações como pertencentes às Tradições tecnológicas Taquara, Itararé e Casa de Pedra²³⁹. A essas análises somaram-se os estudos da História, Etnologia e Linguística, que identificam nas mesmas uma ancestralidade dos atuais Kaingang e Xokleng, pertencentes à família Jê Meridional do tronco linguístico Macro-Jê²⁴⁰.

No caso das populações descritas como Ybirayara, índios também de filiação Jê, existe a possibilidade de serem ancestrais de um grupo classificado como Kaiapó meridional.

²³⁵ FERRER, D., *Carta ânua para o padre provincial sobre a geografia e etnografia dos indígenas do Itatim escrita em 1633*, p. 45.

²³⁶ GUZMAN, R. D., *Anales del Descubrimientos, Población y Conquista del Río de la Plata*, p. 11.

²³⁷ SILVA, S. B., *Etnoarqueologia dos Grafismos Kaingang: um modelo para a compreensão das sociedades Proto-Jê meridionais*, p. 6,10.

²³⁸ MOTA, L. T., *Relações interculturais na bacia dos rios Paranapanema/Tibagi no século XI*, p. 6.

²³⁹ PROUS, A., *Arqueologia Brasileira*, p. 312; PARELLADA, C., I., *Estética Indígena Jê no Paraná: Tradição e Mudança no Acervo do Museu Paranaense*, p. 218.

²⁴⁰ SILVA, S. B., *Etnoarqueologia dos Grafismos Kaingang: um modelo para a compreensão das sociedades Proto-Jê meridionais*, p. 6,10.

Conforme Branislava Susnik, “Los Cayapo sureños, los Ybirayara, hoy extinguidos dominaban el sur del Mato Grosso, el este de Minas Gerais y la región de S. Pablo hacia el R. Tieté”²⁴¹.

De acordo com Aurélio Porto, os Ybirayara eram chamados pelos portugueses de bilreiros, devido aos compridos *tembeta* que prendiam no lábio inferior com a forma de bilros. Habitavam zonas litorâneas do Rio Grande do Sul até o Rio Mampituba e territórios interioranos ao norte do Rio Paraná. Eram também chamados de Bates, Chovas e Apinarés, sendo já conhecidos dos jesuítas portugueses na década de 1550.²⁴²

Um dado importante sobre os Ybirayara é fornecido pelos jesuítas Thomas Fields e Manoel Ortega, que no ano de 1590 realizaram missões itinerantes nas cidades espanholas de *Villa Rica* e *Ciudad Real*. De acordo com esses religiosos, uma peste assolou as populações indígenas que habitavam os arredores dessas cidades. Entre as populações atingidas, estavam os Ybirayara, outrora amigos dos espanhóis, conforme os religiosos da Companhia de Jesus. Se converteram em inimigos ferozes dos mesmos, sendo suas parcialidades calculadas em 10 mil índios de guerra.²⁴³

A documentação não é clara quando se refere a essas populações, justamente porque há um uso demasiado de ápodos para se referir a elas. Ora aparecem sob um etnônimo, ora sob outro. Há casos em que os etnônimos se juntam para identificar a população de uma redução. “Sin estas, están tres reducciones para una de las cuales envió a llamar al padre Joseph Doménech que es de guaraní, y de otra de camperos Ybirayaras, o lanceros que es nación distante”²⁴⁴, teria escrito Ruiz de Montoya em 1628.

Ao longo do capítulo vamos nos basear em outros estudos, principalmente por arqueólogos, para efetuaremos possíveis analogias entre algumas populações étnicas do período colonial e algumas populações atuais, tais como Ybirayara/Kaiapó e Guañana/Kaingang/Xokleng.

No Guairá, a organização de reduções com populações consideradas como não pertencentes aos Guarani, inicia-se em 1622 com o deslocamento de um grupo de jesuítas a

²⁴¹ SUSNIK, B. *Interpretación etnocultural de la complejidad sudamericana antigua: Formación y dispersión étnica*. Asunción p. 40-1.

²⁴² PORTO, A., *História das Missões Orientais do Uruguai*, p. 52-57.

²⁴³ PASTELLS, P., *Historia de La Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay, según los documentos originales del Archivo General de Indias*, p. 80-1.

²⁴⁴ MONTOYA, A. R., *Carta ânua escrita em 1628 ao padre Nicolau Duran, provincial da Companhia de Jesus*, p. 260.

partir das reduções do Paranapanema para áreas localizadas mais ao sul, nos vales dos rios Ivai, Tibagiba e Piquiri que banhavam terras habitadas por populações Guarani e Guañana. Essas novas povoações organizadas pelos jesuítas se estenderam até a margem direita do Rio Iguaçu, convertendo-se num caminho de ligação entre as reduções do Guairá, Paraná e Uruguai²⁴⁵. Padre Montoya comentava que a entrada naqueles campos onde havia grande população “de la cual tenemos noticia del mar y de como el Iguazú que sale al Paraná y el Uruguay están muí cerca, y otro yguaçu que va desaguar a la mar y sus principios los tiene junto a los del Yguaçu del Paraná por donde ay mucha gente Guarani y Guañanas”²⁴⁶. A primeira redução organizada nessas terras foi Nossa Senhora da Encarnação.

Nuestra Señora de la Encarnación del Tayati

Foi a primeira povoação organizada numa espécie de fronteira cultural entre os Guarani e índios Campeiros. Foi organizada no ano de 1625 numa região marcada por constantes conflitos entre cacicaços que disputavam territórios de caça e coleta²⁴⁷. Conforme Maria Cristina dos Santos e Jean Tiago Baptista²⁴⁸, a redução de Encarnação tornara-se um espaço exclusivamente de índios Coroados, porque eles não aceitavam compartilhar seus povoados com outros grupos, devido a uma forte belicosidade e antiga rivalidade.

Estando na redução de São Francisco Xavier, Ruiz de Montoya²⁴⁹ observava que estes Camperos não gostavam de ser chamados por tal apelativo, eles se consideravam mais nobres que os grupos que habitavam a redução de São Francisco Xavier, pois, a “su antigua nobleza la tienen puesta en ser naturales de los ríos de fama”.

²⁴⁵ DURAN, N., *Carta que describe o estado das reduções da província do Guairá durante os anos 1626 e 1627*, p. 248; CARBONELL DE MASY, R., *La Reducción Jesuítica de Santos Cosme y Damián: su Historia, su economía y su arquitectura*, p. 21.

²⁴⁶ MONTOYA, A. R., *Carta ânua escrita em 1628, ao padre Nicolau Duran, provincial da Companhia de Jesus*, p. 277.

²⁴⁷ DURAN, N., *Carta que describe o estado das reduções da província do Guairá durante os anos 1626 e 1627*, p. 242.

²⁴⁸ SANTOS, M.; C., BAPTISTA, J., T., *Reduções Jesuíticas e povoados de índios: controvérsias sobre a população indígena (século XVII-XVIII)*, 242.

²⁴⁹ MONTOYA, A. R., 1628 *apud* ARTIGAS DE REBES, M., I., *Antonio Ruiz de Montoya, Testemunha de seu tempo*, p.182.

A redução de Encarnação tinha como cacique principal o líder Pindoviiú. Durante os combates com inimigos este cacique segurava um escudo e empunhava uma espada, além de vestir um colete para lhe proteger o peito. “Despojos todos de un encuentro que tuvo con algunos portugueses, que dandoles la muerte se quedo con las armas”²⁵⁰. Esses despojos de guerra usados por Pindoviiú lhe garantiram a sobrevivência durante uma emboscada armada pelo seu grande inimigo, o cacique Tayaoba.

Após sofrer esta derrota, Pindoviiú procurou o padre Montoya na redução de São Francisco Xavier para ser reduzido com seu grupo²⁵¹. Mas, “el padre juzgo que no era conveniente” temendo pela antiga rivalidade entre os grupos já reduzidos e seus vassalos, também por que “le pareció muy a propósito para cabeza de nueva reducción”²⁵². De acordo com Montoya, naquele momento não havia religiosos suficientes para organizar uma nova redução, porém prometeu a Pindoviiú que assim que chegassem novos padres, ele iria iniciar uma redução com seu povo. Montoya, antes de se dirigir para Vila Rica, despediu o cacique para que voltasse a sua terra, oferecendo ao mesmo a vara de capitão.

Decorrido certo tempo, Antonio Ruiz de Montoya retornou à redução de São Francisco Xavier para organizar sua entrada na terra dos Campeiros, para organizar a redução que havia prometido a Pindoviiú. Porém, teve que convencer os índios de São Xavier, redução onde estava hospedado, de que não correria perigo nas terras dos Camperos, pois os índios de São Xavier temiam a sua morte, dizendo “padre, con la ferocidad que Pindoviiú te vino a matar? La gente que entonces junto? Ha conbocado mucha gente de los camperos, tienen preparadas flechas y macanas y lo demas necessario para celebrar nuestra muerte”²⁵³. O temor dos índios de São Xavier estava fundamentado no fato de que alguns anos antes, Pindoviiú havia tentado matar o padre Montoya²⁵⁴.

Em sua narrativa Montoya conta que conseguiu convencer aos de San Xavier que não corria perigo e acompanhado do padre Cristóvão de Mendonça, se deslocou para a terra de

²⁵⁰ DURAN, N., *Décima segunda carta ânua escrita no ano de 1628* p. 329.

²⁵¹ DURAN, N., *Carta que descreve o estado das reduções da província do Guairá durante os anos 1626 e 1627*, p. 236.

²⁵² *Idem*.

²⁵³ MONTOYA, A. R., *Carta ânua escrita em 1628, ao padre Nicolau Duran, provincial da Companhia de Jesus*, p. 237.

²⁵⁴ MONTOYA, A. R., 1628 *apud* ARTIGAS DE REBES, M., I., *Antonio Ruiz de Montoya, Testemunha de seu tempo*, p. 184.

Pindoviiú com o propósito de encontrar um local apropriado para a nova redução. “Hallamos un sitio muy a propósito en un campo al pie de una cierra, en las tierras bien nombradas del Taiati desde donde se descubren muchos campos cercados de piñales”²⁵⁵.

Nessa nova redução “tratamos luego de hacer republicanos y di vara de capitán al buen Pindoviiú, y hizimos alcaldes, regidores y sargentees, que como siempre son mozos”²⁵⁶. Montoya, ao retirar-se da redução de Encarnação deixou encarregado o padre Cristóvão de Mendonça, que lhe escreve mais tarde dizendo que estão sendo incorporados novos caciques. Após ter recebido a carta do padre Mendonça, Ruiz de Montoya escreveu ao provincial solicitando mais padres para a missão. Para o religioso, a “reducción es de los camperos cabelludos que tanto deseos hemos tenido de conquistar”²⁵⁷.

Em 1627, a redução de Encarnação foi transferida para outra paragem pelo fato de estar aumentando progressivamente sua população com a chegada de novos caciques, que vinham acompanhados de seus séquitos. “Se ha aumentado con algunos de los indios camperos que se han reducido a el y no entendí que se pudiera allí haber juntado tanta gente habiéndola destruida antes los portugueses”²⁵⁸.

Montoya dá a impressão de se surpreender com a quantidade de índios que ainda habitavam aquela região. No seu entender, os portugueses haviam destruído muitas aldeias e capturado grande parte das populações locais. No entanto, Encarnação já possuía 500 famílias, para uma meta de 800.

Concepción de los Lanceros Guañanas

Foi organizada em 1628 albergando uma população considerada exclusivamente não Guarani²⁵⁹. Estava a um dia de caminhada do Tambo das Minas de Ferro, local onde os

²⁵⁵ *Idem.* 239.

²⁵⁶ DURAN, N., *Carta que describe o estado das reduções da província do Guairá durante os anos 1626 e 1627*, p. 239.

²⁵⁷ MONTOYA, A. R., *Carta ânua escrita em 1628 ao padre Nicolau Duran, provincial da Companhia de Jesus*, p. 237, 239.

²⁵⁸ *Idem.* 241.

²⁵⁹ SANTOS, M., C., BAPTISTA, J., T., *Reduções Jesuíticas e povoados de índios: controvérsias sobre a população indígena (século XVII-XVIII)*, p. 242.

espanhóis de Villa Rica extraíam minério para confecção de instrumentos de ferro para o uso diário. Montoya²⁶⁰ observava que “como esta reducción está junto al tambo donde los españoles cultivan el, ha acudido el padre a la administración de los sacramentos así de los españoles como de los indios”. Assim como observou Nicolas del Techo²⁶¹ ao comentar que “gualachíes frecuentaban las minas de hierro que los españoles tenían cerca del Piquiri”. Para o arqueólogo Oldemar Blasi²⁶², as minas do tambo estariam atualmente localizadas no interior do município paranaense de Nova Cantu, às margens do Rio Cantu, afluente da margem direita do Rio Piquiri.

Os padres ergueram a redução de Concepción neste local devido à solicitação dos índios Chiqui. Como observamos anteriormente, esta era uma parcialidade de índios Gualacho. Conforme Techo, “los indios chiquitos que vivían al otro lado del Piquiri enviaron un hombre solicitando que los misioneros fundasen una reducción en su país”²⁶³. Antes de darem início à nova redução, os padres Montoya e Diaz Taño permaneceram oito meses realizando missões nas terras dos Gualachos e na cidade espanhola de Vila Rica, devido a uma peste que assolava essas terras. Após este período, os padres se deslocaram para a região onde seria erguida a nova redução.

[Que] estaba situada en las tierras de Cohé, cacique cuyos cinco hijos gobernaban las aldeas próximas. Los habitantes de otros lugares vecinos también querían establecerse en la nueva población. Procedió á erigir la cruz, á lo cual se hallaron presentes innumerables indios, y se echaron los cimientos del pueblo, que fue consagrado á la Inmaculada Concepción. Al poco tiempo se presentó á los religiosos Curiti, cacique poderoso entre los gualachíes, y prometió en nombre de sus vasallos fundar con éstos una población ó unirse á los moradores de la Concepción si esto último parecía mejor²⁶⁴.

²⁶⁰ MONTOYA, A. R., *Carta anual escrita em 1628 ao padre Nicolau Duran, provincial da Companhia de Jesus*, p. 351.

²⁶¹ TECHO, N., *Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús*, tomo III, livro VIII p. 123.

²⁶² BLASI, O., [et al] *Primeiras notícias sobre a descoberta dos vestígios do provável assentamento do Tambo das minas de ferro na antiga província do Guairá*, p. 237.

²⁶³ TECHO, N., *Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús*, tomo III, livro VIII p. 120.

²⁶⁴ *Idem*.

De acordo com Ruiz de Montoya²⁶⁵ quando esse se dirigiu para a terra dos Guañanas, seu primeiro objetivo foi conseguir um intérprete entre os Guarani que soubesse a língua local. O índio que se apresentou para a função era oriundo das reduções do Paranapanema (Loreto e Santo Inácio). Com o auxílio dele, foi possível compor um catecismo e um manual para confissão.

Ha estado en esta reducción el Padre Francisco Díaz [Taño] hasta ahora, fue en su lugar el Padre Diego de Salazar. Es esta Reducción de diversa lengua de la guaraní, aunque no muy dificultosa a los que saben la guaraní. Hizo el padre arte y vocabulario de ella y traducirán las oraciones e catecismo y rezan en ella todos los días y cantan y saben ya las oraciones los niños y niñas con gran admiración de los españoles que los han visto rezar, diciendo que ellos ha tanto años que tratan con estos indios y los han tenido en sus casas y no han podido aprender su lengua y que la Compañía, luego la aprendió para enseñarles la fe²⁶⁶.

Parece haver um pouco de exagero nas palavras do religioso ao comentar que provavelmente os espanhóis tivessem dificuldades em se comunicar com os Guañanas. Esse dado tem características de escrita edificante. Escrita em que os religiosos dão um tom ideológico às suas narrativas e descrições, procurando exaltar suas ações e as de seus companheiros durante as missões²⁶⁷. Lembre-se que há tempos que os colonizadores tinham contato com esses nativos, de tal modo que, em 1590, o jesuíta Manuel Ortega havia realizado uma missão itinerante por alguns meses entre esses indígenas, levando consigo ao final da empreitada, 300 deles, para se estabelecerem junto ao povoado espanhol de Vila Rica. Nesse mesmo período o padre Ortega já estudava língua Ybirayara²⁶⁸.

Além disso, por volta de 1627 o governador do Paraguai Luis de Céspedes esteve em Vila Rica do Espírito Santo, onde pretendia visitar a redução de Sete Arcanjos. Sua intenção era levar como escolta, além do efetivo militar que o acompanhava, mais um esquadrão de Gualachos Ybirayaras. Fato que levou o religioso Pedro Espinosa a tentar “disuadirle de que

²⁶⁵ MONTOYA, A. R., *Carta ânua escrita em 1628, ao padre Nicolau Duran, provincial da Companhia de Jesus*, p. 293.

²⁶⁶ MONTOYA, A. R., 1628 apud REBES, M., I., A., *Antonio Ruiz de Montoya, Testemunha de seu tempo*, p.82.

²⁶⁷ Cf. IPARRAGUIRRE, I., *Obras Completas de San Ignacio de Loyola*, p. 526.

²⁶⁸ Cf. PASTELLS, P., *Historia de La Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay, según los documentos originales del Archivo General de Indias*, Tomo I p. 81.

vaya á visitar las reducciones, como indica acompañado de 100 soldados y 400 Gualachos; si no quiere que, como venados, se metan los indios, temerosos en el monte”²⁶⁹.

De acordo com Montoya²⁷⁰, “son estos indios de estatura alta y por la mayor parte blancos, viven en pueblecitos cada cacique de por sí, los cuales ordinariamente tienen hasta cien vasallos”. A descrição da cor de pele desses índios é muito semelhante à efetuada pelo padre Nicolas del Techo²⁷¹, a partir da redução de Santa Maria la Mayor no ano de 1654, quando descrevia uma população indígena falante de outro idioma e que foi categorizada como Caaiguá. “Muchos de ellos tienen aspecto más agradable, especialmente las mujeres, que nacidas y criadas a la sombra, conservan el color del cuerpo bastante semejante al de los europeos”.

Siete Arcángeles del Tayaoba

Foi organizada em 1626 na terra de um poderoso cacique chamado Tayaoba. “Este nombre fue de uno principal cacique gobernador de muchos pueblos, del cual tomó toda aquella provincia el nombre”²⁷². Para Cristina dos Santos e Tiago Baptista²⁷³, “foi na principal redução do Guairá que uma legítima experiência de convívio entre culturas distintas se realizou: Los Angeles de los Tayaobá”, onde “30 caciques são tanto de parcialidade Guarani, quanto Jê”. Sobre esta redução Montoya observou o seguinte:

Están en esta reducción los Padres Pedro de Espinosa y el Padre Nicolás Ernacio muy fervorosos obreros de la viña del Señor, los cuales con su gran celo y solicitud han puesto aquella reducción muy buena haciendo nuestra casa e Iglesia muy capaz que con haber en esta reducción tanta gente, toda cabe en ella, trabajando en lo espiritual sin cansarse y en lo temporal de manera que puede competir con las antiguas, tienen ya vacas, cabras y ovejas y se da todo muy bien, es tierra muy fértil y con el cuidado de los

²⁶⁹ ESPINOSA, P., *Carta escrita em outubro de 1628 ao governador do Paraguai D. Luis de Céspedes Xeria*, p. 428.

²⁷⁰ JESUÍTA ANÔNIMO. *Relação da origem e estado atual das reduções de Los Angeles, Jesus Maria e Conceição dos Gualachos em 1629 e 1630*, p. 346-47.

²⁷¹ TECHO, N., *Tres encuentros con América. Relación de la gente Caaiguá que se empezó a convertir*, p. 2.

²⁷² MONTOYA, A. R., *La Conquista Espiritual del Paraguay – Hecha por los Religiosos de la Compañía de Jesús en las provincias de Paraguay, Paraná, Uruguay y Tape*, p. 136.

²⁷³ SANTOS, M., BAPTISTA, J., T., *Reduções Jesuíticas e povoados de índios: controvérsias sobre a população indígena (século XVII-XVIII)*, p. 242.

Padres dentro de pocos años habrá mucha abundancia de todo, han plantado una buena viña y cañaveral y hecho una buena huerta con que tendrán mucho regalo. El ganado comienza ya a parir con que tienen ya leche y manteca y hacen quesos. Hay ya muy buena multiplicación del ganado de cerdo²⁷⁴.

De maneira semelhante ao caso do cacique Pindoviiú que procurou o padre Montoya para solicitar redução, também o fez o cacique Tayaoba, mas agindo de outra maneira. Ao saber que religiosos estavam reunindo populações e organizando grandes povoados, Tayaoba enviou uma pequena embaixada liderada por seu filho mais velho, que ia acompanhado de um morubixaba chamado Maendi para entrarem na redução de São Francisco Xavier a fim de descobrirem como os padres agiam e como era a vida dos reduzidos.

Desta forma, eles entraram na redução dizendo-se serem naturais do Ybitiruna, local onde mais tarde veio a ser organizada a redução de San Miguel, com índios Camperos. “Os hóspedes, sob a capa de desconhecidos, podiam notar tranquilamente tudo quanto se passava no povo reduzido”. No entanto, passado algum tempo o padre Francisco Dias Taño descobriu a procedência do grupo. “Já sei, meus filhos, quem sois e não ignoro o motivo de vossa vinda nosso povoado! [...] Ficaram os hospedes ainda oito dias e, como tinham tirado as perucas, dobraram-se as festas e as manifestações de amizades”²⁷⁵.

Tayaoba sabia que os jesuítas vinham se dirigindo para suas terras a fim de contatá-lo e antecipara-se, pois, em tempos passados este cacique juntamente com outros caciques fora enganado por espanhóis de Vila Rica e presos. Os encomendeiros aprisionaram-no, obrigando-o a enviar um grande número de indígenas para trabalharem nas *encomiendas*. Na prisão, alguns caciques que não quiseram trair seu povo, acabaram perecendo de fome. Tayaoba conseguiu escapar da prisão, e conduziu sua parcialidade para lugares remotos. Proibindo e coibindo a entrada em suas terras de qualquer espanhol²⁷⁶.

Ao enviar uma falsa embaixada, ele tentava descobrir a real intenção dos jesuítas, e dependendo do resultado ele poderia antecipar-se às ações dos mesmos. Tal como ir para guerra contra os padres e seus índios aliados, se evadir novamente ou se reduzir. A última opção foi a escolhida.

²⁷⁴ JESUÍTA ANÔNIMO. *Relação da origem e estado atual das reduções de Los Angeles, Jesus Maria e Conceição dos Gualachos em 1629/1630*, p. 342.

²⁷⁵ TESCHAUER, C, *Padre Ruiz de Montoya, S.J. Apóstolo do Guairá e do Tape*, p. 90-3.

²⁷⁶ *Idem*. 87.

O cacique Tayaoba tinha 28 filhos com diferentes mulheres e era senhor de 80 caciques, 60 dos quais aceitaram se reduzir. Para marcar o local da redução foi erguida uma cruz de sete braços de altura com acompanhamento de 300 índios²⁷⁷. O padre Montoya observava que os tayaobas, antes inveterados antropófagos, haviam estabelecido fortes laços de amizade com seus antigos inimigos, os Gualachos.

Hechóse esto de ver en el trato y acogida que hacen estos indios a los gualachos. Eran estas dos naciones enemigas mortales matándose y cautivándose perpetuamente de una parte y de otra sin remedio alguno que para esto se pusiese. Pero ahora después que han recibido el Santo evangelio así estos como aquellos ya no como enemigos capitales, pero como unos muy grandes amigos se tratan todos ellos, viniendo los gualachos al Tayaoba y estos yendo a la tierra y pueblos de los gualachos. Hiciéronse estas amistades ahora año y medio o cerca de dos años.²⁷⁸

Na destruição de Jesus Maria pelo bandeira de Manuel Morato em 20 de março de 1629, os índios de São Tomé e de Sete Arcanjos uniram-se para destruir esta bandeira e libertar os cativos. Conforme Carlos Teschauer²⁷⁹, quando os mamelucos de São Paulo souberam que os de São Tomé vinham acompanhados com tropas de índios Guañanas de Sete Arcanjos, despacharam rapidamente os prisioneiros para São Vicente, pois temiam demasiadamente aos Guañanas, que no combate sempre se mostravam destemidos.

San Pedro

Redução organizada em 1626. Sobre a mesma o historiador Francisco Machon²⁸⁰ observou que “de la que se tiene escasos datos, es la de San Pedro, fundada entre los Guayanás camperos. Lo poco que sabemos de ella es por Javier Jarque, al ocuparse de los Guayanás y relatar las nuevas excursiones bandeirantes que asolaron, en 1630 a la región del Tayaoba”.

²⁷⁷ *Idem.* 96-7.

²⁷⁸ JESUÍTA ANÔNIMO. *Relação da origem e estado atual das reduções de Los Angeles, Jesus Maria e Conceição dos Gualachos em 1629/1630*, p. 343.

²⁷⁹ TESCHAUER, C, *Padre Ruiz de Montoya, S.J. Apóstolo do Guairá e do Tape*, p. 144.

²⁸⁰ MACHON, J. F., *San Francisco de Paula y los Kaingang de las Altas Misiones*, p. 19.

A redução foi organizada com famílias de Camperos que não puderam se estabelecer na redução de Encarnação, devido ao seu excesso populacional. O padre Montoya observava na carta de 1628, que orientou o padre Francisco Diaz Taño que fosse à terra dos Camperos e enviasse todos que conseguisse para a redução de Encarnação “hasta que tenga ochocientas familias y luego, fundar allí nueva reducción que ser dedicada al glorioso San Pedro”²⁸¹.

Também em 1626 foi organizada a redução de *San Miguel del Ybitiruna*, na região do Rio Iguaçu. Em 23 de março de 1629, foi invadida pela bandeira de Antonio Bicudo, sendo completamente destruída. Conforme Maria Cristina dos Santos e Jean Tiago Baptista²⁸², a redução de São Miguel, da mesma maneira que Encarnação, configurou-se num espaço exclusivo de índios Coroados. A pesquisadora Claudia Inês Parellada²⁸³ faz a mesma observação, comentando que a redução de San Miguel foi povoada com índios Camperos. Conforme observamos anteriormente, os Campeiros eram também chamados de Coroados ou Cabeludos.

O padre Nicolas del Techo²⁸⁴ ao narrar a história da Companhia de Jesus no Paraguai, comenta que a redução de San Miguel foi organizada a três dias de caminhada da redução de encarnação, próxima ao cerro do Ibitirún no território dos índios Coronados. “Sus habitantes, obedeciendo los mandatos de los religiosos, destruyeron los caseríos que tenían diseminados y se aprestaron á fijar su residencia en el paraje designado para la nueva población”.

De acordo com o padre Techo, o padre Mendonça seguiu em direção a uma região chamada Ibianguié, situada próximo ao litoral com a finalidade de organizar uma nova redução naquele local. No entanto, devido ao assédio das bandeiras paulistas eles se dispersaram pelo campo. O padre “reunió cien familias y las llevó á San Miguel”, de modo que “la nueva colonia contaba ya dos mil almas”. Nesta redução trabalhava “el P. Vanfurk

²⁸¹ MONTOYA, A. R., 1628 *apud* REBES, M., I., A., *Antonio Ruiz de Montoya, Testemunha de seu tempo*, p 190.

²⁸² SANTOS, M., BAPTISTA, J., T., *Reduções Jesuíticas e povoados de índios: controvérsias sobre a população indígena (século XVII-XVIII)*, p. 242.

²⁸³ PARELLADA, C. I., *Indígenas, Jesuítas, Espanhóis e Bandeirantes: as fronteiras étnicas na Província del Guairá (1609-1631)*, p. 7.

²⁸⁴ TECHO, N., *Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús*, Tomo III, libro VIII p. 123.

explicaba allí la doctrina cristiana leyendo en un libro, por desconocer la lengua de los indios, hasta que, trabajando con asiduidad, logró aprenderla y pudo enseñar de palabra”²⁸⁵.

San Pablo

Foi organizada em 1627 pelos padres Simão Maseta e Antonio Ruiz de Montoya, próxima ao Rio Iñeay (rio de muitos peixes), no território dos Guañanas²⁸⁶. Carlos Leonhardt²⁸⁷ nomeou-a de *Reducción de San Pablo de Indios Gualachos*. De acordo com o provincial Nicolas Mastrillo Duran²⁸⁸, para ela convergiram 27 dos mais valentes caciques do Tayaoba, estando no ano de 1628 com 400 famílias. Para Montoya²⁸⁹, muitos desses indígenas de San Pablo eram também oriundos da redução de Encarnación, que tinha suas chácaras muito próximas da redução de San Pablo, fator que favorecia o deslocamento dos índios de uma redução para outra. San Pablo estava a “dos días de Encarnación, y otros dos de los Angeles. Ha de ser muy buena reducción porque hay mucha en su comarca”²⁹⁰.

San Antonio del Iñiay

Sobre esta redução, Pablo Hernández²⁹¹ nos informa que sua organização se deu em 1627 pelas mãos do padre Montoya, e que índios Campeiros ou Coroados teriam se agregado a ela. Os padres Montoya e Cristóvão de Mendonça, nos anos 1626 e 1627, percorreram as terras dos índios Coroados, contando os vários grupos espalhados para que os mesmos se reduzissem.

²⁸⁵ *Idem*.

²⁸⁶ Cf. DURAN, Nicolau. *Carta que describe o estado das reduções da provincia do Guairá durante os anos 1626 e 1627* p. 227, 232.

²⁸⁷ LEONHARDT, C., *Cartas Anuas de la Provincia del Paraguay, Chile y Tucumán, de la Compañía de Jesús. Documentos para la Historia Argentina*. Tomo XIX (1609-1614), p. XXIX.

²⁸⁸ DURAN, N. M., *Décima segunda carta ânua escrita no ano de 1628*, Tomo XX, p. 351.

²⁸⁹ MONTOYA, A., R., 1628 *apud* REBES, M., A., Antonio Ruiz de Montoya, Testemunha de seu tempo, p 216.

²⁹⁰ *Idem*, p. 221.

²⁹¹ HERNÁNDEZ, P., *Organización Social de las Doctrinas de los Guaraníes*. Tomo I, p. 10-11.

Echados los cimientos de San Miguel, marchó el P. Antonio Ruiz donde lo llamaba Pataguirusú, cacique muy respetado; redujo muchos indios, y los estableció en un pueblo nuevo consagrado á San Antonio, el primero de los monjes. Quedó allí el P. Pedro Mola, hombre muy para el caso, y afluyeron tantos bárbaros, que á los dos meses había dos mil quinientos habitantes en San Antonio.²⁹²

Pouco tempo durou esta redução, pelo fato de ter sido a primeira a ser invadida pela bandeira de Simão Alvarez em 30 de janeiro de 1629. Quem relata os acontecimentos são os padres Justo Mancilla e Simão Masseta²⁹³ que escreveram ao Rei da Espanha em outubro de 1629, a partir da cidade de Salvador, na Bahia, para narrar os acontecimentos no Guairá nos anos 1628/1629, ocasionados pela grande Bandeira de Antonio Raposo Tavares. Nesta narrativa os padres observam que Raposo Tavares chegou com suas tropas em setembro de 1628, na região do Guairá, onde dividiu suas companhias de guerra em pequenas bandeiras que se estabeleceram em diferentes áreas da região, onde aguardaram o momento propício para agir.

De acordo com os padres, no início de janeiro de 1628 o bandeirante Simão Alvarez chegou à redução de Santo Antônio para requisitar junto ao padre Mola o cacique Tatavrana, considerado fugitivo de São Vicente. Com a negativa do padre em libertar o cacique, poucos dias mais tarde, Simão Alvarez, com autorização de Raposo Tavares, retornou e cercou a redução. Destruiu a mesma e capturou quatro mil índios²⁹⁴.

Jesus Maria

Outra redução organizada pelos jesuítas com diferentes grupos indígenas foi a de Jesus Maria, que de acordo com o provincial Nicolau Duran²⁹⁵, era para ser chamada de San Tiago. Sobre este fato, ele escreveu em uma carta anual relatando os acontecimentos dos anos de 1626 e 1627. Nela, o padre comentou que desde o Tayaoba até os campos dos gualachos eram quatro dias de caminhada. Ele ainda observou que um grupo de índios Gualacho

²⁹² TECHO, N., *Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús*, Tomo III, libro VIII p. 123

²⁹³ Cf. MANCILLA, J.; MASSETA, S., *Relação feita ao provincial e ao rei sobre os estragos causados pela grande bandeira de Raposo Tavares as Missões do Guairá nos anos de 1628-9*, p. 314-38.

²⁹⁴ *Idem*, p. 315.

²⁹⁵ DURAN, N., M., *Décima segunda carta anual escrita no ano de 1628*, Tomo XX, p. 351.

convidara o padre Antonio Montoya, para que “los redujese”, no entanto, Montoya estava naquele momento envolvido com outro projeto, que era a redução de índios tayaobas. “No pudiendo dejar luego aquella reducción, para hacer a dos manos, comenzó aprender la lengua de los gualachos que es muí diversa de la general”.

Quando terminou suas atividades junto aos tayaobas, Montoya²⁹⁶ escreveu ao provincial observando que, “hasta aquí [reducción del Tayaova] di una ligera, ahora me embarcaré en estos campos de los Gualachos que, según dicen, están llenos de indios y llegan al mar”. Ainda segundo Montoya, os espanhóis ficavam com inveja ao perceber que os padres conseguiam entrar em territórios tão inóspitos sem armas e sem exércitos. Eles ofereciam ajuda aos padres, “con muchos cumplimientos y yo, agradeciéndolas con los mismos y, ahora que han sabido que atraves, por medio de las tierras de guerra, para entrar a los gualachos, han quedado confusos”. Ao finalizar a carta do padre Montoya, Nicolau Duran²⁹⁷ observou, “esto me escribe el Padre Antonio, y va tan confiado a esta misión, que me la cuenta ya entre las fundadas dándole nombre de *Santiago*.”

Em 1629, o padre Simão Masseta²⁹⁸ escreveu de Jesus Maria ao provincial Duran, informando-o dos acontecimentos ocorridos naquela redução desde a fundação. Masseta comentava que após a ida do feiticeiro e cacique Guirabera à redução dos tayaobas, para solicitar ao padre Montoya à redução do mesmo e de seu povo, ficou acertado entre ambos que Montoya iria às suas terras para organizar uma nova redução, na qual Guirabera seria o capitão principal. Simão Masseta, conta que logo que Montoya “llego de los campos de San Pablo empapado de agua y enfermo” observou que “me trajo aquí con animo de dar a esta reducción el nombre de Santiago, empero como llegamos el día de año nuevo, día de la circuncisión, pareció darle el nombre de Jesús María”.

Com Jesus Maria, finalizamos a relação de reduções do Guairá. Constatamos que das treze reduções organizadas com populações nativas que habitavam esta província, oito reduções apresentavam diversidade populacional, formadas com índios Gualacho, Campeiro, Ybirayara, Guañana e Chiquito (Chiquis). Grupos históricos considerados pertencentes à família linguística Jê Meridional que, habitavam as regiões de planalto, próximas as nascentes

²⁹⁶ MONTOYA, A. R., 1628 *apud* REBES, M., I., A., Antonio Ruiz de Montoya, Testemunha de seu tempo, p 201

²⁹⁷ DURAN, N. M., *Décima segunda carta anual escrita no ano de 1628*, Tomo XX, p. 352.

²⁹⁸ MASSETA, S., *Carta para o padre provincial Nicolau Duran, dando-lhe conta d fundação da redução de Jesus Maria*, p. 300.

dos rios Ivai, Piquiri, as margens do Rio Iguaçu, áreas de campo e parte do atual litoral paranaense. Para Lucio Tadeu Mota²⁹⁹, à medida que os migrantes Guarani, iam se estabelecendo nos vales dos rios, os grupos Jê “foram empurrados para o centro-sul do Paraná [...] confinados nos territórios inter-fluviais [...] e impelidos para os contra-fortes da Serra Geral, próximos do litoral”.

Percebemos que havia uma grande mobilidade populacional no território. Os grupos faziam suas incursões guerreiras, mas também mantinham relações amistosas. Quando necessário, os indivíduos circulavam por territórios pertencentes a outros grupos, sendo necessário autorização dos mesmos. Tanto podia ser para colher erva (*Ilex paraguarienses*) quanto para conseguir boas madeiras para suas flechas³⁰⁰.

Quanto à organização e estrutura reducional dos *pueblos* citados acima, poucos dados podem ser levantados, devido ao curto período de vida deles. As reduções estavam em sua fase inicial, o que significa dizer que as populações reduzidas viviam parte do tempo na redução e outra parte em seus antigos sítios. Em uma carta escrita em 1633 ao provincial Duran, o padre Pedro Romero³⁰¹ comenta que,

Mucho se pasa en cualquiera reducción para acabarla de hacer y perfeccionar de suerte que venga tener forma de pueblo bastante para que puedan estar los nuestros, porque como los naturales nunca han tenido forma de republica sino que han andado siempre esparcidos aquí unos y acula otros, para júntalos es mister mucho, y tanto mas quanto están mas distantes y apartados, yendo muy poco a poco y a su paso delos haciéndoles venir al pueblo para hacer en el chácara y tener con que pasar la vida: de donde vuelven muchas veces a sus tierras antiguas hasta tanto que tienen bastante comida y las dejan del todo en lo cual se pasan algunos años con notable trabajo de los padres que van y vienen a darles priesa y sacarlos de allí.

No entanto, se no campo material algumas reduções pouco se diferenciaram de uma aldeia tradicional, o mesmo não pode ser dito quanto à organização e estabelecimento da estrutura de poder dentro da sociedade tribal, que com a redução ganhava novos elementos. A distribuição de insígnias, ou varas de comando entre os caciques representam a nova conjuntura que se estabeleceu entre os grupos que aceitaram a redução.

²⁹⁹ MOTA, L. T., *Relações interculturais na bacia dos rios Paranapanema/Tibagi no século XI*, p. 6.

³⁰⁰ TECHO, N., *Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús*, Tomo III, libro VIII p. 36, 65.

³⁰¹ ROMERO, P., *Carta Anua das missões do Paraná e do Uruguai escrita em 1634*, p. 61.

O aparato político-administrativo era parte da política espanhola e chegava junto com a cruz. Era a efetivação do poder do cacique dentro da redução. Conforme Arno Kern³⁰², este modelo de organização social e político fora aplicado nas reduções onde a organização tribal “passava a corresponder às exigências de uma sociedade global mais complexa, a hispânico-colonial, e em cujo seio assumiria uma posição de subordinação e dependência”.

Essa subordinação, conforme escreveu Ernesto Maeder³⁰³, converteu os caciques do cabildo em verdadeiros mandarins, tornando-os a expressão máxima da aculturação hispânico-colonial. Nesse sentido, com o objetivo de ganhar influentes aliados, os jesuítas procederam à distribuição de “varas” de poder aos caciques e outras lideranças proeminentes. Esse foi um dos primeiros atos efetuados pelos jesuítas no contato com as populações nativas.

No entanto, é interessante observar que nas reduções citadas, provavelmente os caciques não chegaram a se converter nos mandarins de Maeder. O tempo transcorrido foi muito curto para que ocorresse uma mudança profunda no caráter e personalidade dos indivíduos envolvidos. Mas com certeza, assim como está demonstrada na documentação histórica, eles foram os protagonistas, o elo entre a população nativa e os religiosos e, entre os diferentes grupos com quem partilharam o espaço nas reduções do Guairá. Irene Becker³⁰⁴ observou que os “caciques, sempre vistos como condutores de seus povos e sempre cooptados pelo conquistador [...], foram agora também chamados pelo missionário que por sua vez lhe conferia bastões de mando”.

3.3. Diversidade étnica nas reduções do Tape

No século XVI e parte do século XVII, habitava na região central do que é hoje o estado do Rio Grande do Sul, uma população indígena identificada e classificada pelos espanhóis como *tapes*. Conforme Diego de Torres Bollo³⁰⁵, frequentemente os espanhóis perguntavam aos índios do Uruguai que iam realizar comércio de troca em Assunção, quais populações habitavam na referida região. Conforme esse religioso, para responder a pergunta

³⁰² KERN, A. A., *Organização Política das Missões da Província Jesuítica do Paraguai*, p. 44-5.

³⁰³ MAEDER, E. J., *Misiones del Paraguay. Confito y Disolución de la Sociedad Guaraní (1768-1850)*, p. 72-3.

³⁰⁴ BECKER, I. B., *Lideranças Indígenas no começo das Reduções Jesuíticas do Paraguai*, p. 188.

³⁰⁵ Cf. TORRES BOLLO, D., *Primeira Carta Anua de 1609*, p. 17.

dos espanhóis, os indígenas pegavam “puñados de arena” e o deitavam no ar, dizendo que essa era a população que habitava o local. Ou seja, de acordo com os indígenas a população era muito grande, impossível de contar. Fundamentado em outras narrativas, o pesquisador Carlos Teschauer³⁰⁶ complementa esta observação comentando que os colonos espanhóis acreditavam que a nação Tape era tão numerosa que passaram a usar o termo Tape como designação genérica de muitas tribos.

O Tape possuía esta conotação genérica de grande população, mas de acordo com Nicolas del Techo³⁰⁷, Tape “recibe ésta su nombre de la cordillera que por espacio de casi cien leguas la rodea desde Oriente á Occidente; dista ocho días de camino del Uruguay y doble del mar Atlántico.

Por esta ótica, Tape era um topônimo que passou a identificar uma população indígena que habitava aquela região. “Si la palabra Tape alude al poblado, la región o provincia del Tape sugeriría un territorio muy atractivo para los indígenas”, teria dito o jesuíta Carbonell de Masy³⁰⁸ ao analisar o Tape pelo viés demográfico.

Ernelo Schallenberger³⁰⁹ cita o padre Roque Gonzáles de Santa Cruz, para observar que segundo esse religioso as estimativas demográficas estipuladas para o Tape antes das incursões dos jesuítas, eram aproximadamente 100 mil almas.

As primeiras impressões do padre Roque, citado por Schallenberger, mais tarde iriam mudar. De acordo com Carlos Teschauer³¹⁰, no dia 15 de novembro de 1627, Roque Gonzáles de Santa Cruz após ter realizado diversas missões pela região, e ter conhecido as reduções *in loco*, se deslocando por diferentes ambientes, elaborou um relatório a partir da redução dos Reis do Ypeyú para ser entregue ao padre provincial Nicolau Durán.

Este relatório continha uma descrição das terras do Uruguai nas quais o Tape estava incluído. O religioso comentou neste relatório que a densidade populacional do Tape, era de

³⁰⁶ Cf. TESCHAUER, C., *Vida e Obras do Padre Roque Gonzáles de Santa Cruz. Primeiro Apóstolo do Rio Grande do Sul*, p. 68.

³⁰⁷ TECHO, N., *Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús*, Tomo III, libro VIII p. 65.

³⁰⁸ CARBONELL DE MASY, R., *La Reducción Jesuítica de Santos Cosme y Damián: su Historia, su economía y su arquitectura*, p. 14.

³⁰⁹ SCHALLENBERGER, E., *O Guairá e o espaço missioneiro: índios e jesuítas no tempo das missões rio-platenses*, p. 92.

³¹⁰ TESCHAUER, C., *Vida e Obras do Padre Roque Gonzáles de Santa Cruz. Primeiro Apóstolo do Rio Grande do Sul*, p. 71.

20 mil índios que cultivavam a terra, com exceção de dois ou três mil que viviam da caça e da pesca. Portanto, de acordo com o jesuíta, os números estavam muito aquém das 100 mil almas projetadas em tempos anteriores para aquela Província.

Para Roque Gonzáles³¹¹, em anos anteriores a região era densamente povoada, mas naquele período não havia “puesto para siquiera reducir doscientas familias, porque como antiguamente debía de ser mucha la gente, destruyeron los Montes, y los acabaron, y agora están hechos Capueras; y así labran entre cerros y peñascos”.

O Tape não chegou a ser a única província delimitada no antigo território do atual Rio Grande do Sul. Aurélio Porto³¹² comenta que no século XVI, as terras do atual estado do Rio Grande do Sul eram designadas em três províncias: Uruguai, Tape, Ibiaçá ou Ibiá. Ítala Irene Becker³¹³ situa o Tape no centro-leste, em uma região da serra do mesmo nome. Tendo a oeste o Rio Ibicuí, importante afluente do Rio Uruguai e a sudeste - leste o Rio Jacuí que se deslocava em direção a Lagoa dos Patos.

Os indígenas categorizados como tapes foram identificados como pertencendo a uma população com traços linguísticos e culturais semelhante aos Guarani. Assim como observa Nicolas del Techo³¹⁴, ao comentar que os “habitantes del Tape en casi nada se diferencian, por lo que toca á sus costumbres é idioma, de los guaraníes; sin embargo, son de carácter más dulce y menos corrompido por los vicios”. Este religioso ainda observa que da mesma forma que os Guarani, os Tape “moraban en pequeñas aldeas, situadas en lo alto de los cerros ó en las espesuras de los bosques, cerca de los ríos y fuentes” e por serem a população mais expressiva no território “el pueblo del Tape, dio su nombre á toda la provincia”.

É importante salientar que a generalização do Tape nas crônicas jesuíticas, enquanto etnônimo de todas as populações reduzidas na banda oriental do Rio Uruguai, começa a ocorrer com mais frequência somente a partir do retorno efetivo de indígenas reduzidos e jesuítas, no ano de 1682, para organizarem a redução de San Francisco de Borja. É o que

³¹¹ CRUZ, R. G. S., 1627 *apud* BARCELOS, A., *O mergulho no Seculum: exploração, conquista e organização espacial jesuítica na América espanhola colonial*, p. 19.

³¹² PORTO, A., *História das Missões Orientais do Uruguai*. III, p. 48.

³¹³ BECKER, I. I. B., *Lideranças Indígenas no Começo das Reduções da Província do Paraguai*, p. 166.

³¹⁴ TECHO, N., *Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús*, Tomo III, libro VIII p. 66.

observa o pesquisador Carbonell de Masy³¹⁵, ao analisar o início das vacarias da banda oriental do Uruguai.

La distinción entre indios tapes y guaraníes va borrándose a lo largo de la documentación de los últimos decenios del XVII e inicios del XVIII para expresar que coparticipan en el disfrute de la Vaquería: los tapes por derecho; los guaraníes, por concesión; otros textos hablan de tapes y guaraníes, o genéricamente de guaraníes.

Assim como observa a documentação colonial do final do século XVII até a expulsão dos jesuítas, é possível perceber que os europeus distinguiram as duas populações, mantendo em boa parte dos casos o etnônimo Tape, para diferenciá-los dos Guarani³¹⁶.

Possivelmente, a manutenção desta diferenciação entre os grupos pode estar marcada pela percepção de que a população Tape possuía determinadas especificidades culturais que as diferenciavam dos Guarani, tal como observou o arqueólogo Pedro Inácio Schmitz³¹⁷. Segundo ele, em tempos históricos, os Guarani e Tape estavam organizados em aldeias reunidas em confederações e que estudos arqueológicos realizados nos diferentes locais habitados por eles, apontam para presença de elementos da cultura material, que podem representar uma autoidentificação diferenciada entre ambos os grupos.

Esses dados podem ser fundamentados pela interpretação histórica de outros autores. Bartomeu Melià³¹⁸, que possui uma série de estudos sobre os Guarani históricos, num artigo intitulado *El pueblo guaraní: unidad y fragmentos*, comenta que um número grande “de tribus venían siendo contactadas desde 1505 [...] aunque con nombres diferentes, presentaban un perfil cultural y homogéneo bastante similar”, fato que levou as mesmas a serem, mais tarde, classificadas com o nome de Guarani. Entre essas tribos estavam “los Chanduls, los Arechané, los Kario, los Tobatín, los Guarambaré, los Itatín, los Guairá, los del Paraná, los del Uruguay, los Tape, los Tarumá y hasta los Chiriguaná”. Ainda conforme o autor “tanto

³¹⁵ DE MASY, C., *La Génesis de las vaquerías de los pueblos Tapes y Guaraníes de la banda oriental del Uruguay a la luz de documentación inédita, apenas conocida*, p. 22.

³¹⁶ CF. PASTELLS, P., *Historia de La Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay, según los documentos originales del Archivo General de Indias Madrid*, Tomo I. p. 353, 500, 511-2.

³¹⁷ SCHMITZ, P. I., *Os Primitivos habitantes do Rio Grande do Sul*, p. 50.

³¹⁸ MELIÀ, B., *El pueblo guaraní: unidad y fragmentos*, p. 152.

por la lengua como por ciertas características culturales, se puede hablar de un pueblo guaraní con una amplia unidad sistemática [...] todos llamados de Guaraní. A veces Guaraní y Tape”.

Antonio Serrano³¹⁹, ao escrever a *Etnografía de La Antigua Provincia del Uruguay*, citou o jesuíta Charlevoix, quando este observou que durante muitos anos, quase que exclusivamente os Guarani foram os formadores da cristandade reducional. Mas que, “después de ellos los más numerosos” foram “los Tapes, que hablaban la misma lengua y probablemente tenían el mismo origen.”

Por meio destas observações é possível perceber a enorme heterogeneidade humana que se manifestava no interior da macro-etnia classificada como Guarani. Essa heterogeneidade possuía semelhanças e diferenças que possivelmente se acentuavam no modo de ser e de viver de cada grupo. Fato que possivelmente influenciou a determinação dos espanhóis de acentuarem, em muitos casos, a identificação étnica de Guarani por um lado e, Tape por outro.

De acordo com Roque Laraia³²⁰, muitos teóricos concordam entre si quando observam que a cultura, entre outras definições, é “primariamente um processo de adaptação equivalente à seleção natural”. Ou seja, as condições do ambiente e a vizinhança interétnica são fatores que influenciam na organização da cultura, na dinâmica social, na língua e na especialização tecnológica de determinada população.

Se por um lado os Guarani apresentavam uma diversidade entre si, por outro, eles conviviam com uma vizinhança multiétnica nos territórios que habitavam. Aurélio Porto³²¹ afirma que a divisão das três províncias em Uruguai, Tape e Ibiaçá, era marcada não apenas pela existência de acidentes geográficos específicos, mas devido a presença de diferentes grupos indígenas que ali habitavam.

Inácio Schmitz³²² observou que no contato com outras populações, os Guarani/Tapes faziam incursões “regulares ao planalto, predominantemente habitado pelos Guayanás”, e com os “Minuanos e Charruas mantinham conflito acentuado, em virtude da sua fronteira

³¹⁹ SERRANO, A., *Etnografía de La Antigua Provincia del Uruguay*, p. 84.

³²⁰ LARAIA, R. B., *Cultura: um conceito antropológico*, p. 59,60.

³²¹ PORTO, A., *História das Missões Orientais do Uruguai*. III, p. 44

³²² SCHMITZ, P. I., *Os Primitivos habitantes do Rio Grande do Sul*, p. 50.

instável”. Maria Cristina dos Santos³²³ comenta que os índios Tape faziam fronteira ao norte “con los Gualachos- Ibytyrúna y al sur los grupos pampeanos Charrúa y Minuano”.

Se definirmos o Tape como uma província com área equivalente ao atual estado do Rio Grande do Sul³²⁴, e nos fundamentarmos no mapa etnográfico elaborado por Kurt Nimuendaju³²⁵, podemos conceber as populações distribuídas da seguinte forma: nas regiões noroeste, norte e nordeste os Ybirayara e Guañanas; a leste e parte do nordeste, os Caàguas; ao sul as populações Charrua e Minuano; nas regiões sudoeste, oeste e parte da noroeste, populações Guarani e na região central os próprios Tape.

Conforme observamos anteriormente, os Ybirayaras e Guananes eram populações identificadas como pertencentes à família linguística Jê meridional, cuja dispersão dava-se do Sudeste ao Sul do Brasil, inclusive atingindo áreas correspondentes a atual província de *Misiones* na Argentina. No caso das populações Charrua e Minuano, de acordo com Ítala Irene Becker,³²⁶ as mesmas eram também chamadas de Yarós, Mbohanes e Guenoas.

Para Aurélio Porto,³²⁷ Charruas e Minuanos eram subgrupos da nação Guenoa que juntamente com Chanás, Yarós e Mbohanes, pertenciam ao ramo dos Guaicuru do Sul. Quanto aos seus etnônimos, conforme já observamos no primeiro capítulo, o etnógrafo Rodolfo Schüller³²⁸ comentou que todos esses nomes seriam de origem Guarani, pois, foram eles que vieram como intérpretes nas armadas dos europeus na época da conquista. “Sus nombres son voces de este idioma” e carregam significados distintos, tais como manchados, mutilados e sarnosos.

Quanto a esses grupos serem considerados Guaicurus do sul, a opinião de Schüller é a mesma de Porto. Para Schüller, as tribos Charrua, Minuano, Yaró, Mboane e Chaná eram

³²³ SANTOS, M. C., *Aspectos de la Resistencia Guarani: Los Proyectos de Integración en el Virreinato del Río de la Plata (1768-1805)*, p. 67.

³²⁴ Ao final do século XVII e parte do século XVIII, o topônimo Tape suprime as províncias do Ibiacá e do Uruguai e torna-se indicativo de uma província mais ampla, que abrange grande parte das terras do atual estado do Rio Grande do Sul. A documentação jesuítica deste período é muito clara quando faz referência ao Tape, enquanto província situada entre o Rio Uruguai e oceano Atlântico.

³²⁵ NIMUENDAJU, K., *Mapa Etno-Histórico*. Rio de Janeiro: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

³²⁶ BECKER, I. I. B., *Os Índios Charrua e Minuano na Antiga Banda Oriental do Uruguai*, p. 54.

³²⁷ PORTO, A., *História das Missões Orientais do Uruguai*, Vol. III, p. 66.

³²⁸ SCHULLER, R., *Geografía Física y Esférica de las Provincias del Paraguay y Misiones Guaraníes* (prologo), p.110.

todas as parcialidades da nação Guenoa, inclusive os próprios guenoas. Citando o abade Lorenzo Hervás, Schüller comenta que as diferenças linguísticas entre os grupos eram apenas de ordem dialetal.³²⁹

No caso dos grupos identificados como Caàgua, devemos fazer algumas considerações. O etnônimo Caàgua significa habitantes do mato e foi usado de maneira genérica para classificar populações que resistiam ao assédio dos padres em habitar as reduções. Pelo que pode ser percebido em algumas passagens da documentação, esses grupos poderiam pertencer tanto às populações Guarani quanto às outras populações. De acordo com Antonio Serrano³³⁰, “en Misiones había caiguás guaraníes y caiguás guayanás”.

Em 1627, o jesuíta Cláudio Ruyer escreveu que próximo à redução de Santa Maria Maior, situada na margem direita do Rio Iguaçu, os índios desta redução haviam combatido outro grupo que não falava a língua Guarani. Chamados *Caaiguas*, que “quiere decir Indios que viven dentro de los montes sin habitación o casas [...] tienen una lengua peregrina muy dificultosa a modo de los Guaycurús de lo cual no se entiende palabra”.³³¹

Alguns anos mais tarde, em 1634, o padre Pedro Romero³³² relatou ao provincial Diego de Boroa os acontecimentos ocorridos em 1633, nas reduções do Paraná e Uruguai. Da redução de São Francisco Xavier, Romero informava que nela “llegaron 24 almas de otra nación que llaman Caaiguas, que quiere decir vecinos del monte”. O religioso observava que no grupo havia seis homens, sendo o restante mulheres e crianças, que “hablan la lengua guaraní; pero con dificultad entiende y son entendidos”.

Percebemos nas duas citações que num intervalo de sete anos entre uma descrição e outra, havia duas populações indígenas possivelmente distintas, pois falavam idiomas diferentes, circulavam em diferentes espaços geográficos, porém não muito distantes entre si, foram categorizadas como Caáguas. Uma atribuição genérica na língua guarani, para identificar outros grupos.

Quando o padre Cristóvão de Mendonça esteve trabalhando na redução de Jesus Maria, ele manteve diversos contatos com uma população indígena chamada de Caágua.

³²⁹ *Idem*, p.122.

³³⁰ SERRANO, A., *Etnografía de La Antigua Provincia del Uruguay*, p. 82.

³³¹ RUYER, C., *Carta Ánua da redução de Santa Maria do Iguaçu escrita em 1627*, p. 65.

³³² ROMERO, P., *Carta Ánua das missões do Paraná e do Uruguai escrita em 1634*, p.66.

Segundo o padre, era uma população que habitava na outra margem do Rio Taquari “hacia el mar en unas serrarías muy fértiles y abundantes de comida que es como otra Prov^a distinta desta de la Sierra, que llaman Caágua, donde ay infinita gente y en la Reducción de Jesús María había ya algunos naturales de allí”.³³³

As populações Caàguas eram parte do contexto sociocultural que os jesuítas encontraram ao excursionar no Tape, no início do século XVII, pois, de 1626 até 1634 os religiosos fundaram 17 reduções juntamente com as populações nativas, sendo que dessas 17 reduções, a documentação nos permite identificar duas como um espaço de diversidade étnica; Jesus Maria e Santa Tereza.

Santa Tereza del Ybitiru.

Em 1634, Pedro Romero³³⁴ superior das missões do Paraná e Uruguai escreveu uma carta ânua ao provincial Diego de Boroa, dando conta dos acontecimentos ocorridos nas reduções supervisionadas por ele no ano de 1633. Ele comentou que a redução de Santa Tereza em 1632 estava situada “en un monte grandioso que los Yndios llaman en su lengua el Ybitiru”.

De acordo com o religioso, em 1633 o padre Francisco Jimenez³³⁵ foi enviado para executar a transferência da mesma para um novo local. Jiménez teria escrito ao padre Romero, que “llegue a tan buen tiempo que con l agracia del señor, efectué la mudanza del pueblo y aunque estaba rehacia la parcialidad del cacique Quarae por el amor de su tierra”. Para Aurélio Porto,³³⁶ a redução foi transferida para um local que seria atualmente as imediações da cidade de Passo Fundo, na época uma área densamente coberta por uma floresta de pinos, próxima a vertente mais ocidental do Rio Jacuí.

³³³ JESUÍTA ANÔNIMO. *Relação do ocorrido nas reduções da serra, especialmente de Jesus Maria, depois da morte do padre Cristovão de Mendoza*, p. 265.

³³⁴ ROMERO, P., *Carta Ânua das missões do Paraná e do Uruguai escrita em 1634*, p. 90.

³³⁵ *Idem*.

³³⁶ PORTO, A., *História das Missões Orientais do Uruguai*. Vol. III, p. 103.

Era uma redução de índios Guarani, que de acordo com Pedro Romero³³⁷ estaria composta em 1633 por aproximadamente 800 indígenas. No entanto, também habitavam na mesma, índios Guañanas. “Están aquí junto los Guañanas, nación muy extendida según dicen estos Indios”.

Os Guañanas citados por Romero possivelmente foram reduzidos pelo jesuíta Pedro Mola³³⁸, que em uma certificação escrita em 1652 comentou que após terminar seus estudos em Córdoba, fora enviado no ano de 1632 para trabalhar nas reduções do Uruguai e Tape. O religioso observou que andou seis dias a partir da redução de Candelária do Caazapa Miní, em direção as cabeceiras do Rio Uruguai, “pasando por tierra de los Guañanas, y redujo tres pueblecitos de 150, 40 y menos el tercero, los cuales todos se redujeron”.

Em relação à redução de Santa Tereza, a redução de Candelária estava situada a oeste, entre os rios Piratini e Ijuí. A partir dela, o padre Mola teria tomado o rumo norte/nordeste, penetrando na província do Ibiaçá, local de dispersão das populações Ybirayara e Guañana. Em seus estudos, Maria Cristina dos santos e Tiago Baptista apontam para a presença Guañana na redução de Santa Tereza. Para estes pesquisadores, “parte considerável da população é composta por Guañanas”, que segundo eles, teriam transmigrado para o lado paraguaio em 1641.

Jesus Maria del Ybiticarai

A redução de Jesus Maria foi organizada em 1633 e conforme foi observado anteriormente, indígenas oriundos de populações identificadas e classificadas como Caáguas, haviam habitado ali. De acordo com Aurélio Porto,³³⁹ Caágua era o nome de uma pequena região situada no interior do Ibiaça. Guillermo Furlong³⁴⁰, observa que “la más avanzada de las reducciones, en dirección al Oriente, fue la de Jesús María, ubicada sobre la orilla derecha del río Pardo”.

³³⁷ ROMERO, P., *Carta Ânua das missões do Paraná e do Uruguai escrita em 1634*, p 92.

³³⁸ BERTHOD, M., *Certificación jurada tocante a las reducciones de los Itatines*, p. 317.

³³⁹ PORTO, A., *Historia das Missões Orientais do Uruguai*, Vol. III p. 50.

³⁴⁰ FURLONG, G., *Misiones y sus pueblos de Guaraníes*, p. 115.

Para Aurélio Porto, os Caáguas, “parecem ser os últimos representantes do povo autóctone da região, os remanescentes dos primitivos homens sambaquis do sul, com características singulares e de uma rusticidade primitivíssima”, segundo ele, os Tupi os designavam por “Iraiti-inhacame, que significa cera na cabeça, pois sobres as largas coroas que usavam, punham cera e, por isto eram também conhecidos por cerados”.³⁴¹

Pelo fato do território dos Caáguas estar situado próximo a uma rede de rios navegáveis, tais como as bacias do Rio Pardo e Jacuí, que tem ligação com o oceano Atlântico, por meio da Lagoa dos Patos, havia se tornado um local de comércio de escravos, onde os Ybirayaras trocavam indígenas capturados nas lutas com os guaranis, tapes e os próprios Caáguas, por mercadorias trazidas pelos vicentinos. Segundo Aurélio Porto, “os tupis subiam pelo Guaíba em canoas ligeiras, resgatando Tapes que os Ibirajaras cativavam”.³⁴²

Em uma carta ânua escrita em 1635 o padre Francisco Ximenes³⁴³ comentava ao padre superior que ao realizar algumas missões volantes, ele localizou alguns mercadores indígenas chamados de *mus*.

Dos mercadores, o *mus* de los Portugueses halle por estas tierras. El uno estaba sobre el Mbocaroi y se llama Ibiraporabi [...] el otro se llama Parapopi, y esta en el Tebibiquar. Este es grandísimo bellaco y el que a vendido toda esta nación, a el vienen a parar todos los Tupis así por el rio como por tierra, del fian los portugueses todos sus rescates, y de su casa parten todos los años las flotas de miserables cautivos.

Aproximadamente um ano havia se passado desse relato, quando o padre Pedro Romero responde a uma carta do provincial Diego Boroa, na qual ele solicita informações para serem repassadas ao governador de Buenos Aires. Ele queria informações sobre os fatos que levaram à morte de 29 portugueses no Caágua. Pedro Romero³⁴⁴ escreve em junho de 1636 informando que os portugueses foram mortos porque “ellos se tuvieron la culpa de meterse la tierra adentro y hacer agravio a sus mus”.

³⁴¹ PORTO, A., *Historia das Missões Orientais do Uruguai*, Vol. III p. 50.

³⁴² *Idem*, p. 113.

³⁴³ XIMENES, F., *Carta do padre Francisco Ximenes para um superior, dando-lhe conta de uma entrada ao Rio Tebicuari*, p. 100.

³⁴⁴ ROMERO, P., *Cartas do padre Diego de Boroa ao padre Pedro Romero sobre pedidos do governador de Buenos Aires e do padre Pedro Romero sobre o mesmo assunto e morticínio de 29 portugueses no Caaguá*, p. 136.

Após esse fato, os acontecimentos que se sucederam no Tape com o avanço das bandeiras paulistas é uma continuidade dos acontecimentos do Guairá. E os motivos que levaram os portugueses a avançar sobre as reduções desta província também podem ser os mesmos. No Guairá os padres começaram a fustigar as pequenas bandeiras de apresamento indígena, assim como pode ser observado na *Ânua* de 1628, escrita pelo padre Ruiz de Montoya³⁴⁵. No Tape, o mesmo fato aconteceu com a morte dos 29 portugueses. Os jesuítas estavam investindo contra esse comércio de escravos realizado entre Vicentinos e Ybirayaras. Jaime Cortesão³⁴⁶ observa que os jesuítas “empenharam-se em destruir a organização comercial dos portugueses, ali preexistente e que se assentava na aliança entre bandeirantes e os *mus*, chefes indígenas da região”.

Estes motivos elencados na sequência dos acontecimentos teriam motivado a intensificação e o fortalecimento das ações predatórias das bandeiras paulistas na região. Praticamente uma perseguição aos jesuítas e seus índios reduzidos, uma retaliação promovida devido à interferência dos padres em suas ações de “caça” aos mamelucos vicentinos. É o que podemos perceber em uma certificação emitida pelo franciscano Vicente Grife ao governador do Paraguai, na década de 1640, na qual ele observa que os padres da ordem seráfica, passaram a temer o belicismo bandeirante, devido a presença de muitos índios do Paraná em suas reduções do Yuti e Caaçapa. Conforme o frade Vicente Grife³⁴⁷, muitas eram as razões para eles temerem o belicismo bandeirante, pelo fato que,

retirándose los padres de la Compañía con sus indios del Paraná, y huyendo de la porfiada y obstinada guerra que les hacen los portugueses años a, como es publico e notorio y llegándose a las tierras de los indios de nuestras reducciones, les traen en consecuencia la guerra. Por que aunque nosotros religiosos de la orden de nuestro seráfico San Francisco nos avemos dado ocasión en nenguna manera hasta agora a los portugueses para que nos guerreen nuestras reducciones y el haber que ello es que en sus guerras no tocan ni maltrataran a los indios de las reducciones de los clérigos y nuestras. Por que la ocasión hace al hombre ladrón. Viendo el portugués las reducciones de los padres de la Compañía entrevizadas con las nuestras quien no ve que las guerrearán y mucho mas.

³⁴⁵ MONTOYA, A. R., *Carta Ânua escrita em 1628 para o padre Nicolau Duran, provincial da Companhia de Jesus*, p. 271-2.

³⁴⁶ CORTESÃO, J., *Jesuítas e Bandeirantes no Tape*, p. 4.

³⁴⁷ GRIFE., V. *Cópia de petição sobre os indígenas das reduções jesuíticas que estão a cargo dos franciscanos nos ervais*, p. 282-3.

A redução de Jesus Maria por ser a mais avançada das reduções, situada a leste das reduções do Tape³⁴⁸, ou seja, muito próxima do litoral, e por estar numa área de circulação de comerciantes de escravos, foi a primeira a ser atacada pelas bandeiras paulistas ao final de 1636. Em uma ânuia escrita a partir da redução de Corpus em março de 1637, o provincial Diego de Boroa³⁴⁹ narra que,

estando las reducciones con mucha paz, quietud y consuelo así de los indios como de los padres que se emplean con su cultura y enseñanza a los 2 de diciembre del año de 1636 por la mañana llegaron a la vista de la reducción de Jesús María que era a ultima que teníamos hacia el mar de 140 portugueses e 1500 Tupis armados.

De acordo com Irene Becker³⁵⁰, a partir de Jesus Maria começou o êxodo e o abandono das reduções do Tape em direção às reduções da margem direita do Rio Uruguai e do Paraná. Em 1638, o padre Antonio Ruiz de Montoya recebeu uma carta do padre Francisco de Céspedes escrita na redução de Natividade. Céspedes narrou os últimos acontecimentos das reduções, observando que muitas populações dispersadas pelas bandeiras, estavam se agregando na redução de Santa Ana, e que havia muitos índios para serem recolhidos. “Fuera de la gente del caagua, que es mucha, que trataba de reducirse en la Tapera de Jesús María”.³⁵¹ Assim como observou Nicolas del Techo³⁵², ao comentar que em 1640 os padres da Companhia de Jesus “Agustín Contreras, Pablo de Benavides, Pedro Mola y Miguel Gómez, fueron enviados al Tape con mil neófitos de escolta para que escudriñasen todos sus rincones y sacaran los indios diseminados y escondidos por miedo á caer en la servidumbre”. Nessa busca, eles localizaram “en las ruinas de Jesús y María [...] trescientas almas, y más en varios lugares”.

É interessante frisarmos que nem toda a relação entre os diversos grupos nativos que habitavam esse território deve ser considerada belicista. Trabalhos arqueológicos têm

³⁴⁸ FURLONG., G., *Misiones y Sus Pueblos de Guaraníes*, p. 115.

³⁴⁹ BOROIA. D., *Carta do provincial ao rei dando-lhe conta da invasão do Tape pela bandeira de Antonio Raposo Tavares e pedindo amparo para os índios e castigo para os bandeirantes*, p. 142.

³⁵⁰ BECKER, Í. B., *Lideranças Indígenas no Começo das Reduções Jesuíticas da Província do Paraguai*, p. 177.

³⁵¹ CESPEDES, F., *Carta Ânua escrita na redução de Natividade em 30 de setembro de 1638*, p. 12.

³⁵² TECHO., N., *Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús*, Tomo V p. 37.

mostrado por meio de elementos da cultura material, que diferentes grupos teriam tido uma convivência pacífica, até mesmo partilhado de um mesmo espaço por determinados períodos de tempo. Tal como o trabalho do arqueólogo Jairo Henrique Rogge³⁵³, que ao escrever sua tese sobre a situação de contato entre as populações ceramistas pré-históricas no RS, cita que na Bacia do Rio Pardo foram registrados “vários sítios arqueológicos nos quais há a ocorrência de cerâmica da tradição Tupiguarani junto à da tradição Taquara e, mais raramente, também Vieira”. O autor ainda observa que após uma análise mais profunda do material arqueológico coletado, outros arqueólogos confirmaram “a existência de um contato mais longo entre aquelas tradições cerâmicas, não somente a partir de relações de trocas mas, em algum momento, de convivência”. Lembramos que as tradições arqueológicas Tupiguarani, Taquara e Vieira, são respectivamente identificadas por muitos estudos, conforme mencionamos mais acima, como correspondentes diretas das populações étnicas Guarani, Kaingang/Xokleng e Minuano.

Com o constante ataque das bandeiras paulistas sobre as reduções do Tape, as populações sobreviventes que conseguiram escapar da morte e da futura escravidão nas terras vicentinas fugiram para diferentes locais ou transmigraram sob a orientação dos padres da Companhia de Jesus, para junto das reduções da margem ocidental do Rio Uruguai e Paraná. Sendo que alguns grupos se mesclaram com populações locais e outros reergueram ou organizaram novas reduções.

Durante aproximadamente 40 anos parte das populações que habitavam as terras do Tape permaneceram na outra banda do Rio Uruguai. Isso não significa que tenham abandonado de vez as antigas terras. Em 1541, sob o comando de ex-soldados que naquele momento serviam aos exércitos de Cristo, os indígenas triunfaram efetivamente pela primeira vez contra uma grande bandeira paulista que ameaçava invadir as reduções do Uruguai. A batalha naval do Mbororé foi um fato histórico que assinalou de vez a condição dos indígenas reduzidos portarem armas de fogo³⁵⁴ e tornarem-se guardas de fronteira.

Possivelmente é por esse período que o índio reduzido se efetiva na condição de índio cristão. Na documentação jesuítica, frequentemente ele é citado como um índio civilizado que cumpre suas obrigações de súdito espanhol. Para relatar os atributos das

³⁵³ ROGGE, J. H., *Fenômenos de Fronteira: Um estudo das situações de contato entre os portadores das tradições cerâmicas pré-históricas*, p. 40.

³⁵⁴ FURLONG, G., *Misiones y sus pueblos de Guaraníes*, p. 126.

populações reduzidas e mostrar sua importância no contexto socioeconômico das províncias de Buenos Aires e do Paraguai, em 1735, o jesuíta Bernardo Nusdorffer³⁵⁵, superior das reduções do Paraná e Uruguai, elaborou uma relação de todos os trabalhos realizados desde 1637 até 1734, pelos índios reduzidos nas missões Guarani, para ser enviado à corte espanhola. Essa relação mostra que em aproximadamente um século, os indígenas reduzidos foram mobilizados para combater dissidências internas entre os próprios espanhóis, combater levantes organizados por tropas de índios infiéis e defender os portos contra possíveis ataques de nações estrangeiras. Também foram constantemente mobilizados como força de trabalho para ajudar na implantação e desenvolvimento da infra-estrutura das cidades coloniais, além de prestarem serviços no pastoreio, na agricultura e em outras atividades essenciais à vida e à economia colonial.

Portanto, é possível perceber nos escritos coloniais, principalmente os elaborados pelos jesuítas já pela década de 1640, que o etnônimo Guarani não faz mais alusão aos índios falantes desse idioma que ainda habitavam as florestas. Monteses e Caaiguas são os etnônimos usados com mais frequência para se referir a essas populações, que insistiam em se manter ao largo das reduções.

A destruição da grande bandeira paulista no Mbororé, não significou o fim das investidas dos vicentinos. Conforme Carbonell de Masy³⁵⁶, em 1651 “cuatro grupos de bandeirantes atacaron casi que simultáneamente a las reducciones de Corpus, Yapeyú, Santo Tomé y Santa Cruz del Mbororé y fueron vencidos”. O autor ainda observa que seis anos mais tarde, nova derrota havia sido infligida pelos indígenas aos paulistas, no entanto, fora do perímetro territorial onde as reduções estavam estabelecidas. Para Carbonell de Masy, esse fato implicava que “las patrullas de vigilancia se reforzaron así como las visitas de los guaraníes a sus tierras primitivas”³⁵⁷.

Conforme o autor, nada mais agradava aos índios Tape que retornar aos lugares de origem para “hacer espía” e colher erva nos seus antigos ervais³⁵⁸. Isso significa que nos anos que se sucederam, os indígenas reduzidos foram acompanhando o aumento significativo do

³⁵⁵ Cf. NUSDORFFER, B., *Certificação escrita na redução de candelária no ano de 1635*, p. 155-73.

³⁵⁶ CARBONELL DE MASY, R., *La Génesis de las vaquerías de los pueblos Tapes y Guaraníes de la banda oriental del Uruguay a la luz de documentación inédita, apenas conocida*, p 20.

³⁵⁷ *Idem.*

³⁵⁸ *Idem.*

gado bovino que se multiplicava aos milhares nas antigas terras. Fato que veio a gerar um comércio sem precedentes para os anos vindouros, trazendo a cena novos atores coloniais.³⁵⁹

3.4. Diversidade étnica nas reduções do Tape (segundo ciclo missioneiro)

Este momento é chamado de segundo ciclo missioneiro, pois em 1682 inicia um novo período reducional nas terras do Tape, com o retorno de grande parte das populações que anteriormente haviam fugido do assédio bandeirante. As populações que retornaram encontraram um novo cenário humano, se deparando também com um novo cenário político.

No cenário político houve uma intensificação das tensões entre portugueses e espanhóis, que se desdobrou para um plano político internacional, devido a fundação da Colônia do Sacramento, em 1680 por Dom Manuel Lobo, na margem oriental do Rio da Prata, praticamente em frente ao porto de Buenos Aires.

O cenário humano que se apresentava era de índios categorizados genericamente de infiéis por resistirem ao assédio colonizador europeu. Havia domesticado os cavalos selvagens que vagavam pelos campos, tornado-se peritos na arte de montar. Esses grupos indígenas varriam os campos arrebanhando gado bovino e equino, utilizados tanto para comércio e contrabando de couro quanto para consumo e uso próprio. Eles partilhavam o território com outros grupos de índios infiéis que habitavam o interior das matas, qualificados como Ybirayaras, Guañana, Tupi, Caàgua, Monteses e Caribes.

Os grupos identificados como Ybirayaras figuram muito pouco nas crônicas da região do Tape, inclusive o etnônimo Guarani não representa mais o índio selvagem. Ele está cristianizado. Surgem com frequência os etnônimos Caribe e Tupi. Ambas as identificações se estendem até meados do século XIX. No caso desses Tupis, eles não têm relação com os Tupis que habitavam o litoral português.

A la banda del sur de Uruguay, en los montes que principian desde el pueblo de San Francisco Javier, habita la nación nombrada Tupís. Esta parece no es muy numerosa, ó andan muy dispersos, por que nunca aparecen muchos juntos [...] sus armas son arcos y flechas, que así aquéllos como éstas son de más de dos varas de largo[...] Estos mismos indios se extienden por aquellos montes hasta cerca del pueblo de Santo Ángel, y por todos los montes que median entre el Uruguay y los pueblos del destacamento de San Miguel³⁶⁰.

³⁵⁹ Para saber mais, CARBONELL DE MASY, R., *La Génesis de las vaquerías de los pueblos Tapes y Guaraníes de la banda oriental del Uruguay a la luz de documentación inédita, apenas conocida* p. 13-48.

³⁶⁰ DOBLAS. G., *Memoria Histórica, Geográfica, política y Económica sobre la Provincia de Misiones de Indios*

Era um apodo genérico utilizado para se referir a grupos que evitavam o contato com os religiosos e, que constantemente, atacavam os índios reduzidos em suas chácaras ou nos ervais. Conforme o cômico João Pedro Gay³⁶¹, uma “tribo desses tupis conhecida pelo seu nome genérico ocupava também da entrada dos jesuítas na província do Paraguai, os montes da margem oriental do Uruguai, em frente a redução de São Xavier até a redução de Santo Ângelo”. De certa maneira, o termo tupi ganhou o significado de índio mau, pois, era a representação de “inimigos históricos” dos índios das reduções e dos falantes do idioma Guarani que ainda habitavam as matas. De acordo com Rodolfo Shüller³⁶², “los Caaiguá del Paraguay suelen llamar á todo indio sanguinario tupi”. Provavelmente ainda estava muito vivo na memória dos mais velhos, os ataques promovidos por mamelucos de São Vicente e índios Tupis, contra as missões do Guairá, Tape e Itatim.

Nesse novo contexto histórico do Tape, sete reduções vão ser novamente organizadas entre o final do século XVII e início do XVIII. São Francisco de Borja (1682), São Miguel, São Nicolau e São Luís Gonzaga (1687), São Lourenço Mártir (1690), São João Batista (1697), e Santo Ângelo Custódio (1706-7)³⁶³. Dessas sete reduções, consideramos as reduções de São Francisco de Borja, São Nicolau e Santo Ângelo Custódio como sendo reduções que possuíam em seu meio, indígenas pertencentes a etnias não Guarani.

Dessas três reduções abordaremos apenas a redução de São Borja, por estar localizada em um local de grande circulação de índios cavaleiros, e pelo fato de ter sido organizado próximo da mesma, o povoado de Jesus Maria dos Guenoas. Alguns dados sobre a diversidade étnica em San Angel e San Nicolas serão fornecidos ao longo do trabalho.

San Francisco de Borja

Guaranís, p. 54-5.

³⁶¹ GAY, J. P., *História da Republica Jesuítica do Paraguai desde o descobrimento do Rio da Prata até nossos dias, ano de 1861*, p. 60.

³⁶² SHULLER, R., *Geografía Física y Esférica de las Provincias del Paraguay y Misiones Guaraníes* (prologo), p. 295.

³⁶³ FREITAS DA SILVA, A. L.; TEDESCHI, L., A., *Bens e Riquezas das Missões*, p. 159-60.

Conforme Aurélio Porto³⁶⁴, a redução de São Francisco de Borja foi organizada próxima a um antigo passo por onde tropeiros indígenas de São Tomé passavam para retirar gado das vacarias do Tape, sendo que a organização delas marcou o retorno efetivo dos jesuítas e seus “neófitos nativos” às antigas terras. De acordo com Irene Becker³⁶⁵, este foi o mais antigo dos chamados *Sete Povos das Missões Orientais do Uruguai*. Conforme a autora, ele nasceu de uma colônia de povoadores de Santo Tomé que ocuparam “as terras de vasta estância que lhes haviam sido adjudicadas para cria de gado vacum”. De acordo com Aurélio Porto³⁶⁶, “São Tomé, lançando essa colônia, retomava posse efetiva das terras que pertenciam, por direito de hereditariedade, aos seus primitivos fundadores de origem tape”.

A população de São Borja teve seu auge populacional em 1750, período em que contou com 3.540 indivíduos³⁶⁷. Não teve o contingente humano, nem a importância política e econômica de outras reduções, tais como Candelária e São Miguel Arcanjo, no entanto, ela foi uma das que apresentou grande diversidade étnica em sua composição social.

De acordo com Aurélio Porto³⁶⁸, foi o padre Francisco Garcia, cura de São Tomé, “fundador da doutrina de São Francisco de Borja, que conhecendo perfeitamente além do Guarani a língua dos Guenoas que falava fluentemente, havia feito várias entradas na Banda dos Charruas, para catequizar aqueles índios”. Conforme observamos anteriormente, muitas vezes o etnônimo Guenoa é citado para indicar apenas um grupo, outras vezes ele é citado de forma genérica para identificar diversos grupos indígenas, tais como: Chanas, Charruas, Minuanos, Yarós, Guanás e Mbohanes. Assim como observou o jesuíta Martín Dobrizhoffer³⁶⁹, ao escrever a história dos Abipones. Conforme este religioso, fora do Chaco também havia outras populações equestres, entre as quais se encontravam os Guenoas, que habitavam entre o Rio Uruguai e Rio da Prata, porém seu paradeiro era sempre incerto, devido

³⁶⁴ Cf. PORTO. A., *Historia das Missões Orientais do Uruguai*, Vol. III p. 31

³⁶⁵ BECKER., I. B., *Lideranças Indígenas no começo das Reduções Jesuíticas do Paraguai*, p. 153.

³⁶⁶ PORTO. A., *Historia das Missões Orientais do Uruguai*, Vol. III p. 32.

³⁶⁷ Cf. FURLONG., G., *Misiones y sus pueblos de Guaraníes*, p. 143.

³⁶⁸ PORTO. A., *Historia das Missões Orientais do Uruguai*, Vol. III p. 35

³⁶⁹ Cf. DOBRIZHOFFER, M., *Historia de los Abipones*, Vol. I p. 166.

a seu constante deslocamento. “En esta numerosísima nación se cuentan los Charrúas, Yaros, Mbohanes, Minuanos y Costeros, que son todos jinetes y de costumbres bárbaras”³⁷⁰.

Para alguns autores, Minuanos e Guenoas eram etnônimos diferentes que correspondiam a um mesmo grupo³⁷¹. No entanto, de maneira geral todos esses grupos foram considerados como não pertencentes às populações consideradas Guarani.

Felix de Azara³⁷², ao escrever a *Descripción e Historia del Paraguay y del Rio de la Plata*, comentou que o índio Charrua possuía um idioma “narigal, gutural y diferente de todos”. E que no tempo da conquista estavam dispersos pela parte norte do Rio da Prata “desde Maldonado hasta cerca de la boca del rio Uruguay, extendiéndose por los campos como treinta leguas hacia el Norte Yaro, mediando un grande desierto hasta encontrar por el norte algunas divisiones ó pueblos de indios Tapes ó Guaranis”.

Para os índios Yaró, que tinham muitas semelhanças com os Charrua, principalmente o de cortar “um dedo (falange) da mão esquerda”³⁷³, no caso da morte de algum parente próximo, Felix de Azara³⁷⁴, situa-o na banda oriental do Rio Uruguai, mais exatamente entre os rios Negro e Salvador, ao lado de outro grupo étnico classificado como Mbohane, que habitavam mais ao norte.

De acordo com uma carta ânua escrita, em 1708, pelo jesuíta Salvador Rojas³⁷⁵, a partir da redução de São Borja, é possível perceber que as relações entre os diferentes grupos de índios infieis eram em dado momento de amizade e comércio e, em outro momento de completa hostilidade. O mesmo processo ocorria entre os índios reduzidos e os infieis. Tudo dependia dos interesses momentâneos. E nesse quesito os jesuítas sabiam perfeitamente como tirar proveito de determinada situação.

O religioso nos fala que várias estâncias das reduções e de *correntinos*, foram atacadas e saqueadas por índios Guenoas, naquele período. No entanto, estes índios atribuíam a culpa aos Yarós e Mbohanes. “Cebados ya estos cruelísimos barbaros, amigos solapados,

³⁷⁰ DOBRIZHOFFER, M., *Historia de los Abipones*, Vol. I p. 166.

³⁷¹ BECKER, I. I. B., *Os Índios Charrua e Minuano na Antiga Banda Oriental do Uruguai*, p. 60.

³⁷² AZARA, F., *Descripción e Historia del Paraguay y del Rio de la Plata*, p. 144.

³⁷³ SEPP, A., *Viagem às Missões Jesuíticas e Trabalhos Apostólicos*, p. 114.

³⁷⁴ Cf. AZARA, F., *Descripción e Historia del Paraguay y del Rio de la Plata*, p. 160-1.

³⁷⁵ ROJAS, S. *Situação das reduções do Uruguai em 1707*, p. 235.

que al mismo tiempo entraban, y salían y comerciaban en San Borja”. Ou seja, o padre informa que eles confiavam tanto no que apregoavam que tinham certeza de que os religiosos estavam acreditando “que ellos, sino sus enemigos los Yaros y Mbohanes eran, los que cometían estas hostilidades”³⁷⁶, que eles continuaram a visitar seus parentes na redução de São Borja e a realizar comércio com os reduzidos.

Conforme o relato desse jesuíta, num confronto anterior, os Yarós e Mbohanes teriam se unido aos reduzidos, ajudando os padres a combaterem grupos de Guenoas que pilhavam as campanhas. Nos embates ocorridos, várias mulheres e crianças Guenoas foram capturadas pelos Yarós e Mbohanes. Segundo o religioso, a mentira empregada pelos Guenoas foi uma maneira encontrada por eles de se vingarem, visto que eles pretendiam motivar os índios das reduções a atacarem seus desafetos³⁷⁷.

Observa o padre Rojas, que os Guenoas motivados pela crença de que os religiosos ainda creditavam em suas mentiras, atacaram novamente uma estância de Yapeyú, matando treze pessoas e capturando varias mulheres e crianças. Com novo dano causado por estes indígenas, o jesuíta procurou ver,

que reparo se podía poner á tanto. Y quise valer de los Guenoas Cristianos de Jesús María, rogándoles, que hablasen à sus parientes, pues venían allí cada día, y les exhortasen à la paz, y que entregasen à los cautivos recién levados, ofreciéndoles por ellos rescate, y que se les perdonarían todos los insultos pasados³⁷⁸.

Porém, segundo o informe do padre Rojas³⁷⁹, os Guenoas reduzidos em Jesus Maria estavam convencidos e resolutos em acreditar que os verdadeiros culpados pelos acontecimentos recentes eram os Yarós e Mbohanes. “Envié de propósito embajada à los caciques infieles mas cercanos, convidándolos à conferencia sobre el caso. Los cuales no rehusaron venir”. Conforme o padre Roja, de todas as maneiras tentaram convencer os Guenoas entregarem os cativos. Várias ameaças foram feitas neste sentido, mas sem sucesso.

³⁷⁶ *Idem*, p 239.

³⁷⁷ ROJAS., S. *Situação das reduções do Uruguai em 1707*, p. 237-9.

³⁷⁸ *Idem*, p. 239

³⁷⁹ *Idem*.

Vendo que não era possível convencer tanto os reduzidos quanto seus parentes *infiéis*, o provincial mandou fazer guerra a esses últimos. No entanto, segundo o padre Rojas, antes desse procedimento foi necessário retirar de São Borja todos os indígenas de Jesus Maria dos Guenoas, visto que eles poderiam apoiar seus parentes infiéis. A execução do plano, observou o padre Rojas, ocorreu com “no poca dificultad, y sentimiento de ellos; pero no sin traza, y ardid de nuestra parte, dando con todo su pueblecillo, de cerca de cien familias, cuando ellos menos lo pensaron, en el Paraná. Donde los agregaron á la Doctrina Loreto”³⁸⁰.

Conforme Aurélio Porto³⁸¹, Jesus Maria dos Guenoas foi uma aldeia de índios Guenoas organizada na estância de São Tomé, próxima ao Rio Ibicui, por volta do ano de 1674, por estes mesmos índios a pedido dos padres da Companhia de Jesus. Com a organização da redução de São Francisco de Borja (1682), a população desta aldeia foi agregada à mesma, num bairro reducional que manteve o nome de Jesus Maria dos Guenoas.

Santos e Baptista³⁸² observam que os bairros reducionais acabavam mantendo a distinção entre os grupos reduzidos. Eles citam o jesuíta José Cardiel, para dizer que todos os povoados eram divididos por bairros, tendo cada bairro seus respectivos nomes, tais como “Santa Maria, São José, São Ignácio, etc., [com] até oito ou dez [bairros], segundo o povoado maior ou menor, e cada um [teria] quatro ou seis cacicaços, de que [o] chefe ou maioral [era] algum Cabildante”. O pesquisador Fúlvio Vinícius Arnt³⁸³, ao estudar *As reduções dos Zamuco no contexto colonial do século XVIII*, comenta que com a separação residencial por bairros, “os padres fomentaram a manutenção dos antigos costumes indígenas, pois em seus redutos era-lhes permitido o uso de sua própria língua, ao invés da língua geral”.

No nosso entender a fixação de diferentes grupos em bairros exclusivos, tinha apenas um caráter de curto prazo, ou seja, facilitar a ambientação dos grupos recém reduzidos, visto que por um determinado tempo eles poderiam manter sua exclusividade étnica até o momento em que eles fariam parte de apenas uma única população. Por outro lado, salientamos que os bairros reducionais eram parte integrante da organização dos povoados. Mesmo as reduções

³⁸⁰ *Idem*, p. 239-40.

³⁸¹ PORTO, A. *Historia das Missões Orientais do Uruguai*, p. 39 - 41.

³⁸² SANTOS, M., BAPTISTA, J., T., *Reduções Jesuíticas e povoados de índios: controvérsias sobre a população indígena (século XVII-XVIII)*, p. 24244-5.

³⁸³ ARNT, F. V., *As reduções dos Zamuco no contexto colonial do século XVIII*, p 189.

que não apresentavam diversidade populacional, fixavam seus indivíduos em diferentes bairros de acordo com seus respectivos cacicaços.

Em outra narrativa, o padre Bernardo Nusdorffer³⁸⁴ comenta que no ano de 1731, mais de 50 espanhóis pertencentes ao porto de Buenos Aires, haviam sido mortos por índios Guenoas. Fazendo com que o então governador Bruno Zavala, convocasse índios das reduções para castigá-los e apaziguá-los. No entanto, segundo Nusdorffer, o padre Jimenes, cura de São Borja na época, percebendo a iminente guerra com os Guenoas que se confederava com outras populações equestres, se reuniu “con algunos caciques Guenoas parientes de los infieles alterados, que están en pueblo y con otros indios cristianos, que por todos fueron 87, se adelantaron y fueron de paz á los infieles”.

Durante seis dias os padres, Guenoas cristãos e infiéis conferenciaram, buscando uma maneira de apaziguar os ânimos. Participou dessas conferências como intérprete um Guenoa de sessenta anos, batizado no ano anterior com o nome de Francisco de Borja. Ele “Era muy conocido entre los Guenoas, muy practico de los caminos, muy ajustado en su proceder”³⁸⁵.

3.5. Diversidade étnica nas reduções do Uruguai

Em novembro de 1628 o provincial Nicolas Mastrillo Duran³⁸⁶ escreveu uma carta anual ao Geral da Companhia de Jesus em Roma, informando sobre os acontecimentos ocorridos na Província Jesuítica do Paraguai, nos anos de 1627 e 1628. Em parte dessa carta é descrito o espaço geográfico da província do Uruguai, percorrido poucos anos antes por Roque Gonzáles de Santa Cruz.

De los últimos términos de Guayrá hemos menester viajar mas de cuatrocientas leguas otra vez al puerto de Buenos Ayres, para dar noticia de la tercera i ultima provincia que ocupan los nuestros que es la del Uruguay, i toma el nombre de su rio, compuestos de dos dicciones que significan agua de caracoles, por la grande abundancia que ay delos en sus riveras. [...] Corre norte a sur, 300 leguas entre la costa del Brasil i rio Paraná. Otras tantas leguas se extiende la provincia del Uruguay entre su rio i las espaldas del

³⁸⁴ *Idem*, p. 167-8.

³⁸⁵ JESUÍTA ANÔNIMO. *Ánua relativa as missões do Paraná, Uruguai e dos Chiquito entre os anos de 1730 a 1734*, p. 164.

³⁸⁶ DURAN, N. *Décima segunda carta anual escrita no ano de 1628*, p 355.

Brasil [que le cae a levante] i el rio Parama [al poniente, el mismo con nombre de la plata al septentrion, la provincia del Guayrá al medio día]. Es toda esta de muí benigno i apacible clima, de terreno fértil i abundante, de campo vistoso partido a trechos con muchas isletas que forman espesos montes i de cada uno delos brota un hermoso manantial.

De acordo com Erneldo Schallenger³⁸⁷, o espaço missioneiro do Uruguai corresponde às atuais regiões brasileiras e argentinas mais próximas do médio curso do rio que lhe empresta a denominação. Ítala Irene Becker³⁸⁸ comenta que a maior significação desta província não se resume “apenas em termos geográficos”, mas no número de reduções que foram organizadas. De acordo com a autora, a província abrangia ambas as margens do Rio Uruguai, sendo que na margem ocidental as reduções ocuparam parte das atuais províncias argentinas de “Corrientes e Misiones, delimitadas pelos rios Uruguai a leste e Paraná a oeste. Na margem oriental as reduções se localizaram no que hoje corresponde ao estado do RS, entre os rios Ibicuí, Piratini e Ijuí”³⁸⁹. Lembramos, conforme observamos anteriormente, que o atual estado do RS era dividido em três províncias: Uruguai, Tape e Ibiaça. Com o passar dos anos o nome Tape passou a ser empregado nos escritos coloniais para designar todo o espaço do atual RS.

As populações que habitavam essa província foram identificadas e classificadas desde a chegada dos primeiros colonizadores no antigo Paraguai, conforme já observamos no primeiro capítulo, como Charruas, Mbohanes, Chaná-Mbguas, Guaranis, Yarós, Minuanos, Chaná-Timbú, Martidanes, Caracarás, Chaná-Selvages, Guaiquiraró, Guananas³⁹⁰, entre outros.

Nicolas Del Techo comenta que o primeiro europeu a visitar as terras dessa província “fue un tal Ramón, enviado por Sebastián Gaboto con una nave de Liorna para explorar el Uruguay; trabó pelea con los charrúas, gente ferocísima, y fue muerto con la mayor parte de sus compañeros en el año 1526”³⁹¹. Conforme a documentação colonial, esta província estava fechada aos espanhóis até aproximadamente o final da segunda década do século XVII. Por

³⁸⁷ SCHALLENBERGER, E., *O Guairá e o espaço missioneiro: índios e jesuítas no tempo das missões rio-platenses*, p 89.

³⁸⁸ BECKER., I. B., *Lideranças Indígenas no começo das Reduções Jesuíticas do Paraguai*, p. 121.

³⁸⁹ *Idem*.

³⁹⁰ NIMUENDAJÚ, C., *Mapa Etno-histórico*.

³⁹¹ TECHO., N., *Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús*, Tomo III p. 20-1

duas vezes Hernando Harías de Saavedra havia tentado subjugar as populações nativas pela força das armas. Sendo que ambas fracassaram frente a tenaz resistência indígena. Em 1610, ele se dirigiu às terras do Uruguai “con alguna tropa de españoles; pero aterrado por lo que oía contar de los indios, volvió sin hacer cosa de provecho, desesperando de poder sujetar á los bárbaros, y con harto sentimiento de ello, pues el país era tan vasto como fértil”³⁹².

Conforme Del Techo³⁹³, com a morte do governador do Paraguai e Rio da Prata Diego Marin Negron, assumiu o governo interinamente Diego Gonzáles de Santa Cruz, irmão do jesuíta Roque Gonzáles. O primeiro desejava aumentar “el lustre de su familia, pensó en dominar la provincia del Paraná, donde nunca habían penetrado las armas de España”. O governador conversou a respeito com seu irmão, o padre Roque, e de “acuerdo con el rector Lorenzana, dio autorización á la Sociedad para crear cuatro pueblos en las inmediaciones del Paraná y del Uruguay, fundar en ellos iglesias y establecer funcionarios civiles”.

Os jesuítas sob a liderança do provincial Pedro de Oñate se organizaram para conquistar a província, mas estavam receosos do ardor militar do novo governador Arias de Saavedra, que substituiu o governador interino, pretendendo a todo custo dominar pelas armas aquelas terras³⁹⁴.

D. Hernando Arias, quien pretendía entrar con ejército en el Uruguay, donde nunca los españoles habían penetrado, y ordenó el alistamiento de soldados, no obstante la oposición de los misioneros, quienes le hacían ver cómo los indios no llevarían á bien tal ostentación de fuerzas, y que una vez enojados, se negarían á recibir el cristianismo. El Provincial ordenó al P. Roque González que hablase al gobernador con cuanta libertad le permitía el parentesco que á los dos ligaba, rogándole que no empezase una guerra perjudicial á todas luces, y que se acordase de las Reales cédulas por las que se prohibía en absoluto predicar el Evangelio á los idólatras con gente armada; aún insistió D. Hernando Arias en su intento, preocupado en adquirir gloria, y dorando su interés con la utilidad pública; los españoles con sus consejos le hicieron desistir finalmente, pues le hicieron recordar los desastres de la expedición al Paraná y lo mucho que después duró la guerra, además de que no se mostraron dispuestos á formar parte de la milicia³⁹⁵.

³⁹² *Idem* p. 21.

³⁹³ TECHO., N., *Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús*, Tomo II p. 111-2.

³⁹⁴ Cf. TECHO., N., *Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús*, Tomo II p. 111-2.

³⁹⁵ *Idem*, 124-5.

O padre provincial visitou as recentes reduções do Paraná e juntamente com seus companheiros resolveu que deveriam estabelecer uma sede provisória na região, para que servisse de apoio as missões que se realizariam no Paraná e Uruguai. O local escolhido foi a redução de Iaguapúa, onde o provincial distribuiu as funções de cada religioso³⁹⁶. O padre Diego Boroa “quedó en Itapúa como Superior de los padres del Paraná y del Uruguay, y con él el P. Pedro Bosquier, belga”. Na redução de San Ignacio e Iaguapúa, “los PP. Ignacio Claudio Ruyer, borgoñón, y Francisco del Valle, andaluz y los PP. Pedro Romero, sevillano, y Tomás Ureña, santanderino”. E o responsável pela expedição ao “Uruguay quedaba encargado el P. Roque González”³⁹⁷.

As primeiras reduções organizadas nesta província foram as de Nuestra Señora de la Concepción; Nuestra Señora de los Reyes del Yapeyú; San Nicolas del Piratiní e San Francisco Xavier e Nuestra Señora de la Candelaria. São Nicolau, São Francisco Xavier e Candelária foram organizadas na margem oriental do Rio Uruguai, enquanto Conceção e Yapeyú na margem ocidental³⁹⁸.

Com o avanço das bandeiras paulistas sobre as reduções do Guairá e Tape, durante a década de 1630, houve uma migração forçada de diversas populações reduzidas para a província do Uruguai e Paraná, causando uma reconfiguração do território, onde parte dos grupos que migraram foram assimilados nas reduções de Conceção e Yapeyú, e outros organizaram novas reduções sob nova nomenclatura ou reergueram os antigos povoados. Conforme o jesuíta Carbonell de Masy³⁹⁹, houve uma drástica redução demográfica entre os anos de 1636 e 1643, nas reduções organizadas na *cuenca* do Paraná e do Rio Uruguai, fato que coincidiu com um espaço geográfico menor, que por sua vez, facilitou a comunicação entre religiosos e indígenas das reduções. De acordo com o autor⁴⁰⁰, isso se deve as

³⁹⁶ Cf. TECHO., N., *Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús*, Tomo III p. 18.

³⁹⁷ *Idem*.

³⁹⁸ Conforme já observamos anteriormente, as reduções localizadas próximas a margem oriental do Rio Uruguai, em dado momento figuram na documentação colonial como pertencentes ao Tape, e em outros momentos como pertencentes a província do Uruguai. Lembramos que esta confusão acontece por que o território da província do Uruguai entrava várias léguas para o interior do atual estado do RS, onde fazia fronteira com o Ibiaça e com o Tape. No entanto, com o transcorrer dos anos o Tape passou a representar todo aquele espaço geográfico, que hoje faz parte do RS.

³⁹⁹ CARBONELL DE MASY, R., *La Reducción Jesuítica de Santos Cosme y Damían: su Historia, su economía y su arquitectura*, p. 93.

⁴⁰⁰ *Idem*.

características comuns entre os grupos, “pese a la diferencias innegables, reflejo de la historia y del ámbito geográfico y cultural de cada una, y a relaciones más estrechas entre reducciones próximas y en la misma cuenca”.

Nesse contexto histórico de parte dos séculos XVII e XVIII, as reduções que identificamos por apresentarem diversidade nativa na província do Uruguai foram Concepción, San Xavier, Yapeyú e La Cruz.

Concepción del Uruguay

Esta redução foi a primeira das reduções do Uruguai a ser organizada. Conforme Nicolas del Techo⁴⁰¹, enquanto o padre Boroa e Roque Gonzáles ainda trabalhavam nas reduções do Paraná, um grupo de caciques do Uruguai chegou até eles para realizar comércio e solicitar religiosos para suas terras.

Passado algum tempo, Roque Gonzáles se dirigiu a missão acompanhado de um pequeno grupo de neófitos do Paraná. Navegando por um rio chamado Aracutain, afluente do Rio Uruguai, várias vezes foi ameaçado por grupos de indígenas que se posicionavam na margem deste rio⁴⁰². De acordo com Techo⁴⁰³, após este difícil começo “se le presentó Cuaracipú, cacique noble, prometiéndole su favor y protección. Hizo más el indio, porque persuadió á varios caciques para que acudiesen un día”. Um desses caciques que se apresentou ao religioso foi “Nieza, poderoso cacique de los uruguayos” que “le invitó á hospedarse en su aldea, la cual distaba solamente dos leguas del río. Hízolo así el p González, y habiendo reunido un gentío inmenso, colocó en la orilla del Uruguay una cruz de gran tamaño, la que adoró”.

A nova redução foi organizada no ano de 1619 a uma légua do Rio Ibitiracua, onde “concurrieron muchos caciques; el Padre González celebró Misa en una iglesia provisional y acordó llamar al nuevo pueblo La Concepción por ser esta fiesta aquel día”⁴⁰⁴.

⁴⁰¹ Cf. TECHO., N., *Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús*, Tomo III p. 21.

⁴⁰² *Idem*.

⁴⁰³ *Idem*, p. 22

⁴⁰⁴ *Idem*, p. 22.

Puçás são as informações que conseguimos levantar sobre a diversidade populacional nesta redução. Mas em que pese a falta de documentos, as informações que possuímos são importantes para determinar a presença de indígenas de outras etnias. Ou conforme observam Santos e Batista⁴⁰⁵, para os quais, “Concepción apresentava traços de diversidade cultural, diante de uma maioria Guarani”.

Em depoimento efetuado em 1698, o padre Salvador Rojas⁴⁰⁶ comenta que durante sua estadia em Conceção, conheceu um cacique de uma parcialidade distinta que havia sido capturado em anos anteriores e vivia naquele povoado. Na transcrição deste depoimento que faremos logo abaixo, não é possível identificar a que grupo o mesmo pertencia, visto que são citados grupos identificados como Caáguas, Ybirayaras, Monteses e Iraitis circulando na região onde estava este cacique. Em outro documento (1737), temos o relato do padre Bernardo Nusdorffer que observou que na redução de Conceção, índios da parcialidade Guenoa haviam sido agregados a ela nos anos anteriores⁴⁰⁷. Também há um relato interessante do padre Martin Dobreshoffer⁴⁰⁸, que ao escrever a *História dos Abipones*, comenta que mulheres desta etnia haviam sido reduzidas em Conceção, após terem sido capturadas nas guerras com espanhóis.

San Francisco Xavier

Esta redução havia sido organizada primeiramente no ano de 1626, na margem oriental do Rio Uruguai, a oito léguas de Conceção. Formada inicialmente com 600 famílias⁴⁰⁹, situava-se na terra dos índios Yaguaretés quando migrou em 1629 para a margem direita do mesmo rio, sendo reorganizada com estes mesmos índios pelo jesuíta José Ordoñez junto ao arroio Tabytihú⁴¹⁰, onde permaneceu ao longo de toda sua história⁴¹¹.

⁴⁰⁵ Cf. SANTOS, M., BAPTISTA, J., T., *Reduções Jesuíticas e povoados de índios: controvérsias sobre a população indígena (século XVII-XVIII)*, p. 243.

⁴⁰⁶ ROJAS, S., *Cópia de Títulos de Terras do Uruguai*, p. 35-6.

⁴⁰⁷ NUSDORFFER, B., 1737 *apud* FURLONG, G., *Misiones y sus pueblos de Guaraníes*, p. 629, 631.

⁴⁰⁸ Cf. DOBRESHOFFER, M., *Historia de los Abipones*, p. 165.

⁴⁰⁹ Cf. CARBONELL DE MASY, R., *La Reducción Jesuítica de Santos Cosme y Damián: su Historia, su economía y su arquitectura*, p. 21.

⁴¹⁰ Cf. AZARA, F., *Geografía Física y Esférica de las Provincias del Paraguay y Misiones Guaraníes*, p. 295.

No ano de 1634 o padre Romero⁴¹², superior das missões, comentou em uma carta ânua escrita ao provincial Diego de Boroa, que ao final do ano anterior surgiram sinais de uma grande “colheita de almas” de índios infiéis que habitavam nas matas próximas àquela redução. De acordo com Romero, chegaram ao povoado vinte quatro indígenas de outra “nación que llaman Caaiguas, que quiere decir vecinos del monte [...] llegaron hasta los pueblos antiguos de los Yndios y allí oyendo su bon proceder y modo de vida, pasaron adelante hasta entrarse por las puertas”. De acordo com este religioso, seis eram homens adultos, sendo o restante do grupo formado por mulheres e crianças que mal falavam o idioma guarani. Em 1737, o padre Bernardo Nusdorffer⁴¹³ comenta que em anos anteriores foram agregados a São Francisco Xavier índios equestres da etnia Guenoa.

Havia constantes confrontos entre índios de São Francisco Xavier com grupos indígenas de outro idioma que habitavam e circulavam pelas antigas chácaras que os mesmos possuíam na margem esquerda do Rio Uruguai. Relatos sobre estes acontecimentos estão presentes numa *Cópia de Títulos de Terras do Uruguai*⁴¹⁴ que falava sobre uma disputa de terras entre os indígenas de São Xavier e indígenas da redução de Concepción, que afirmavam que as antigas terras da banda oriental do Uruguai lhes pertenciam por hereditariedade.

Nessa disputa de terras, vários religiosos que trabalharam em ambas as reduções foram chamados para dar seus depoimentos. Nesses depoimentos muitas vezes é citado a presença hostil de indígenas identificados como Ybirayaras, Iraitis, Caáguas e Monteses.

O padre Salvador de Roxas que citamos mais acima, fala a favor de Concepción e tece comentários sobre outros indígenas.

Cierto es que de la otra banda hubo infieles de otra lengua, y que de éstos redujeron los de la Concepción a un cacique que había quedado, lo conocí yo en la Concepción, pero tengo por cierto estos eran demás arriba y de tierras mas distantes; si bien después que esas tierras quedaron desamparadas de los del Mbororé [redução] que se mudaron y de los de S. Xavier que se

⁴¹¹ Cf. BECKER., I. B., *Lideranças Indígenas no começo das Reduções Jesuíticas do Paraguai*, p. 137.

⁴¹² ROMERO, P., *Carta Ânua das missões do Paraná e do Uruguai escrita em 1634*, p.66.

⁴¹³ NUSDORFFER, B., 1737 *apud* FURLONG, G., *Misiones y sus pueblos de Guaraníes*,. p. 629, 631

⁴¹⁴ VALVERDE, J. B., *Títulos del Oidor*, p. 31- 58.

redujeron a esta banda [margem direita], no es mucho que ellos se alargasen a ellas, como se alargaban los Iraitis⁴¹⁵.

Nas análises que realizamos sobre o Tape e suas populações, citamos Aurélio Porto, que comenta que os Iraitis eram Caáguas identificados por tupis como Iraití-inhacame, cujo significado era cera na cabeça, devido a cera que usavam sobre as grandes coroas, sendo chamados pelos espanhóis de cerados.⁴¹⁶ Sobre estes indígenas Nicolas Del Techo⁴¹⁷ comenta que nas cabeceiras do rio Livi, havia um “país de los gentiles, llamados *ceratos*, porque se untan con cera silvestre el pelo y lo embadurnan por completo”.

Em outro depoimento, o padre Hernando de Orga⁴¹⁸ escreve a partir da redução de Santa Maria da Fé, em 22 de setembro de 1698. Sendo a favor de São Xavier, ele divide seu depoimento em quatro pontos. No terceiro ponto ele afirma que, no ano de 1659, esteve nesta redução como cura temporário, e que durante uma manhã os indígenas lhe avisaram “como los indios montaraces de la otra banda, avían muerto a un indio de ay [...] al punto envié a la otra banda y trajeron el cadáver sin cabeza.” Com essa informação o padre procurava mostrar que há muitos anos os índios de São Xavier já ocupavam aquelas terras.

O padre Jerônimo Delfin⁴¹⁹, em um pequeno depoimento emitido a partir da redução de São Inácio, no mês de novembro de 1697, escreveu a favor da redução de Conceição. Para ele, “si el herbal es el Nucora es de la Concepción sino será otra cosa, aquella tierra que vimos quando fuimos por allá toda es de la Concepción y de la nación Ybirayaras en donde nunca hubo Guaraníes y siempre tenían guerra estas naciones y sus defensas eran los ríos Uruguay pita y el Yyui guaçu.

Ao final do pleito foi dada aos indígenas do cabildo de São Xavier a posse das terras. No entanto, o que interessa para nós nesses depoimentos, além da aproximação constante entre os reduzidos e os infieis, são as diversas classificações atribuídas aos grupos ou a um grupo que circulava naquela área. Caáguas, Monteses, Ybirayaras e Iraitis. Outro fato são as

⁴¹⁵ ROJAS, S., *Cópia de Títulos de Terras do Uruguai*, p. 35-6.

⁴¹⁶ PORTO, A., *Historia das Missões Orientais do Uruguai*, Vol. III, p. 50.

⁴¹⁷ TECHO, N., *Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús*, Tomo V p. 38

⁴¹⁸ ORGA, H., *Cópia de títulos de terra do Uruguai*, p. 39-40.

⁴¹⁹ DELFIN., G., *Cópia de títulos de terra do Uruguai*, p. 40.

terras identificadas com o topônimo de Nucora, citadas pelo padre Jerônimo Delfin. Este mesmo topônimo aparece no mapa da América Meridional, elaborado por M. D'Anville no ano de 1764⁴²⁰. Atualmente na região Noroeste do RS, há um município com nome de Inhacorá, e na área de abrangência do mesmo localiza-se a terra indígena Kaingang de Inhacorá.

Los Santos Tres Reyes del Yapeyú

Esta redução foi o quarto povoado organizado nas terras do Uruguai. O padre provincial Nicolas Mastrillo Duran⁴²¹, em uma carta ânua escrita em 1628, correspondente aos anos 1626 e 1627, situa a mesma a trinta léguas de Concepción (rio abaixo) e a cem léguas de Buenos Aires. “Desta reducción comienza propriamente rio arriba la nación de los indios del Uruguay [que aunque], sus tierras corren con el rio [asta el de la plata] pero están habitadas de los indios Charrúas, Yaros, i otras naciones inhumanas e bárbaras”. Ele observa, que por mais que os Charruas visitassem muitas vezes o porto de Buenos Aires, para realizar comércio de trocas com a população local, eles jamais se inclinaram a aceitar a “nuestra santa fe, ni acomodado a reducirse al trato popular [...] i así viven de robos e insultos, i de cautivar los que pueden rendir de las naciones vecinas para venderlos por esclavos a los españoles por donde sus arcos i flechas son sus rentas i juro perpetuos”⁴²².

Em sua narrativa sobre os primeiros anos da redução de Yapeyú, o padre provincial Nicolas Duran, acrescenta alguns dados interessantes sobre comércio e ajuda mútua entre os recentemente reduzidos e os índios *infiéis* que ainda habitavam o interior do Tape, e a importância dessa nova redução para a Companhia de Jesus e a administração espanhola.

Tratan también con los indios del Uruguay en particular con los deste puesto [que] es como la llave de toda la provincia, porque demás de estar al mismo paso por donde forzosamente han de navegar los que quieren ir la tierra adentro, están también pegados con el rio Ibiquiti (Ibicuí) que desboca en el Uruguay, i corre desde la costa del Brasil i ay grande fama que por este rio

⁴²⁰ FREITAS DA SILVA, A. L., [et al] *Kanhgàg ag Venh Kógan Kar ag Venhgrén: pintura e dança kaingang*, p.22.

⁴²¹ DURAN, N., *Décima segunda carta ânua escrita no ano de 1628*, p. 367.

⁴²² *Idem*.

adentro , avía grandísimo numero de infieles que tratan también con estés del Yapeyú i toman delos habla sus tierras, como las naciones de mas vecinas, que estos sirven a todos de espías. Por esto juzgue siempre de suma importancia, que ocupaba la Compañía este puesto, porque aseguraba por suya a conversión de toda esta provincia, e de los del Ibicuí, que también es parte dela, i nos aciamos señores del o paso para subir i bajar a Buenos Ayres, cosa de suma importancia para el gobierno i comodidad de estas reducciones por la brevedad del camino⁴²³.

O padre Nicolas del Techo, contemporâneo do padre provincial, comenta em sua *História da Província do Paraguai* que o padre Duran encontrava-se no Guairá quando se deslocou juntamente com Roque Gonzáles e o padre Romero para estabelecer oficialmente os fundamentos iniciais da redução de Santos Reis. O ano era 1626, quando acompanhado dos religiosos chegou ao Yapeyú, e “viendo la condición del país y la multitud de indios que habían congregados, hizo cuanto pudo para la terminación del nuevo pueblo, que fue consagrado á los Reyes Magos, y á cuyo cargo quedó el Padre Pedro Romero”⁴²⁴. De acordo com Techo, “con provecho grande para los habitantes de los campos, pues aparte de que fueron bautizadas más de cuatro mil personas, se pudo trabajar en la conversión de los yaros, Mbayáes, Charrúas, Guanás y otros pueblos indomables”⁴²⁵.

Essa diversidade é observada por Antonio Ruiz de Montoya⁴²⁶ que em sua obra *A Conquista espiritual do Paraguai*, salienta que a redução dos Santos Três Reis Magos, ou comumente chamada de Yapeyú, “forjó la Compañía de varias naciones de indios de diversas lenguas” que se entendem na língua comum a todos, que “es la Guaraní”.

Além de indígenas oriundos dos grupos Charrua, Guaná, Yaró, Mbohane, que se “misturaram” aos Guarani reduzidos, indivíduos de populações distantes foram inseridos nessa redução, tornando-a uma verdadeira babel.

Em 1644, o padre jesuíta Francisco Lupércio de Zurbano escreveu nos *Anales de la Provincia Del Paraguay*, que no ano anterior os padres Cristovão de Arenas e Domingo de Muñoa estavam tendo grande dificuldade para administrar a redução de Nossa Senhora da Fé, no Itatim. Constantemente eles eram repreendidos e agredidos fisicamente por algumas

⁴²³ *Idem.*

⁴²⁴ TECHO, N., *Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús*, tomo III, p. 83-4.

⁴²⁵ *Idem.*

⁴²⁶ MONTOYA, A. R., *La Conquista Espiritual del Paraguay*, p. 213.

lideranças indígenas locais. “Les han perdido el respeto a los padres en tanto grado que han llegado a poner las manos sobre ellos, y aun a darles con palo, como lo hicieron con el padre Domingo Muñoa”⁴²⁷.

Para contornar a situação em que os dois padres se encontravam, o provincial enviou o jesuíta Vicente Abadia, considerado um religioso de grande experiência. Após chegar à redução, o mesmo foi visitado pelo cacique Nandua, causador do levante entre os indígenas. De acordo com Zurbano⁴²⁸, o cacique estava com seus sentidos alterados devido à grande ingestão de *vino*. Vendo-o naquele estado o padre lhe perguntou se “era aquel el ser que los padres les enseñaban; a que respondió con libertad y desvergüenza: es el ser que hemos de tener y nuestros abuelos nos enseñaron”

Esse cacique, juntamente com seus sobrinhos, fomentava outras lideranças a não aceitarem a palavra dos padres, dizendo que tudo que eles falavam eram mentiras e embustes. “Con esto ya todos los indios del pueblo miraban a los padres como a gente ultrajada; y no había ya indio por vil que fuese que con obras y palabras afrentosas no hiciese suerte en sus personas”⁴²⁹

Em uma cultura onde o prestígio pessoal em relação a outros indivíduos respalda a autoridade, os padres estavam fragilizados. Neste sentido, antes que a missão se perdesse, resolveram em comum acordo com outros líderes locais, prender e desterrar Nandua e seus seguidores para Yapeyú.

Deseando, pues, los padres poner remedio eficaz a tantos males y excesos hallaron por único el sacar del Tare a los principales cuatro motores contra los padres, que eran Nandua, su hijo y dos sobrinos, y así los sacaron (después de rompidas muchas dificultades) y llevaron al Yapeyú, que es la reducción inmediatamente a Buenos Aires, y con su salida se apaciguo todo el pueblo y resucitó de muerte a vida aquella pobre cristiandad⁴³⁰.

O desterro de Nandua mostra outra face da missão, que é a questão da reorganização social, política e econômica dos povoados, visto que toca diretamente nos cacicaços. E este

⁴²⁷ ZURBANO, F. *Anales de la Provincia del Paraguay*, p. 123.

⁴²⁸ *Idem*.

⁴²⁹ *Idem*, p. 124.

⁴³⁰ *Idem*.

como observou Guillermo Wilde⁴³¹, “no es un dato menor ya que, como se sabe, el cacicazgo constituía un aspecto central en la organización de la vida política y económica de los pueblos misioneros”. Sendo assim, o afastamento e a incorporação de um cacique de determinada redução motivava por um lado, a heterogeneidade, já que muitos caciques eram desterrados juntamente com seus parentes e por outro, um enfraquecimento no sistema de cacicaços na redução que aquela liderança pertencia. Um exemplo para esse argumento foi o desterro de caciques pertencentes ao cabildo das reduções de São Carlos e Corpus, que juntamente com seus parentes foram desterrados para Yapeyú.

Los más principales y como tales mas culpados en todas estas liberalidades como para repartirles algunos rescates, habiendo ido en compañía de otro padre y un hermano gozando de buena ocasión los mando uno a uno hincar de rodillas y afeándoles sus malos modos de proceder comenzando por el capitanejo antiguo, los fue haciendo poner en grillos y tener en prisión hasta que llegaron otros padres que el uno llevaba mis veces, y gente con armas secretas, por lo que pudiese suceder y habiendo caminado por rio toda la noche, llegaron media hora después de hecha la prisión. [...] se les dieron sendas vueltas de azotes y se mandaron luego embarcar con sus mujeres y familias, quitándoles las cosas de mas estima que tenían en su reducción, y dejándoles sin corregidor ni alcalde más de un solo varista, los llevaron todos como 12 familias a la ultima reducción del Uruguay donde estaban los dos primeros a quienes se llevaron también sus familias con que se persuadieron que y va deberás su ausencia”⁴³².

Para complementar essas observações, podemos dizer que uma nova redução surgia pela opção voluntária de determinados caciques em se reduzir com seu povo. Neste caso eles procuravam os padres ou eram os padres que contatavam os mesmos. Vários fatores colaboravam para que lideranças indígenas procurassem os religiosos ou aceitassem os seus argumentos quando contatados. No caso de uma redução já estar organizada, a incorporação de novos grupos dava-se normalmente de duas formas.

A primeira seria a captura no campo de batalha, em que os prisioneiros (principalmente mulheres e crianças) eram os despojos dos perdedores a serem distribuídos nas reduções. O padre Bernardo Nusdorffer⁴³³ informa que um exército composto por dois mil índios reduzidos, saiu das missões para combater Yarós e charruas confederados com outros

⁴³¹ WILDE, G., *Territorio y Etnogénesis Misional en el Paraguay del siglo XVIII*, p. 146-7.

⁴³² JESUÍTA ANÔNIMO. *Carta Anua das reduções do Paraná e Uruguai de 1661*, p. 180-1.

⁴³³ NUSDORFFER, B., 1735 *apud* TESCHAUER, C., *Historia do Rio Grande do Sul dos Dois Primeiros Séculos*, p. 163-4.

grupos de índios cavaleiros, *infiéis* que constantemente saqueavam estâncias espanholas e jesuíticas. Segundo este religioso “pelearon cinco días y cogieron más de 500 personas de infieles” que foram distribuídas entre as reduções do Paraná, Uruguai e Tape.

Outro caso ocorreu no ano de 1707, em que índios Yarós haviam atacado índios cristãos, matando dezenove deles. Como represália, duzentos índios das reduções saíram para combater os infiéis, matando muitos deles e aprisionando outros cem, que foram divididos nos povos para serem batizados e convertidos⁴³⁴.

Esses prisioneiros de guerra eram integrados às reduções onde passavam a viver de acordo com as regras locais e a conviver com outros indivíduos, casando e aprendendo novos hábitos e costumes. O padre Martin Dobreshoffer ao escrever a história dos Abipones, comentou que muitas mulheres e crianças aprisionadas em batalhas eram distribuídas pelas reduções de índios Guarani. O padre apresenta dois casos interessantes.

Kieemke, con otros muchos, vengó por muchos años con sus robos y muertes su cautividad y la de los suyos dañando a su regreso toda la provincia hasta que se firmó la paz con los españoles. Como mientras estuvo cautivo había aprendido las lenguas españolas y guaraní, las costumbres de los españoles y sobre todo sus lugares estratégicos, nadie mejor que él cumplía con éxito la función de espía. Algunos de los cautivos fueron enviados desde Corrientes a las más alejadas fundaciones del Uruguay y del Paraná para que, perdida la esperanza de volver a los suyos, fueran iniciados entre los guaraníes cristianos en la santa religión. Yo mismo conocí a una de ellas en la fundación de los Santos Apóstoles, a su madre Mónica en la de la Concepción y a una tercera en la de Candelaria, todas muy contentas con su suerte, casadas con guaraníes, ponderadas por sus buenas costumbres y su habilidad; les hablé en abipón, lo que las llenó de gozo, aunque les reavivó el deseo de [volver a] su suelo natal, todavía turbado por continuos disturbios.

A segunda forma de novos grupos ou indivíduos serem incorporados em uma redução já estabelecida dava-se quando os mesmos eram seduzidos pela palavra dos missionários nas incursões que estes realizavam na busca de *infiéis*, ou quando eram capturados por índios convertidos, chamados *escravos de nossa senhora*, que acompanhavam os padres nessas missões. Esses índios eram frequentadores das Congregações Marianas, e de acordo com documento de 1661, eles eram “en buen numero [...] no a reducción donde unos co otros no pase de doscientos”⁴³⁵.

⁴³⁴ *Idem*, p. 165.

⁴³⁵ JESUÍTA ANÔNIMO. *Carta Anua das reduções do Paraná e Uruguai*, p. 184-5, 193.

Era uma espécie de milícia especializada dentro de cada redução, em que os índios que dela participavam se submetiam constantemente a uma rígida disciplina e penitências de sangue. Eles estavam preparados para diversos fins, entre eles, contatar e capturar outros nativos para reduzi-los⁴³⁶. Em determinadas ocasiões os padres saíam com esses grupos de caçadores e levavam consigo autorização dos superiores para dar início a uma nova redução, principalmente no caso da população contada ser muito grande⁴³⁷.

La Cruz

Conforme Irene Becker⁴³⁸, esta redução estava localizada na margem ocidental do Rio Uruguai, oito léguas ao norte de Yapeyú. Mas a história de parte dessa população tem sua origem na margem oriental, junto ao Rio Ijuí, afluente do Uruguai. Atual região noroeste do estado do RS.

No ano de 1628 o padre Roque Gonzáles de Santa Cruz juntamente com Juan de Castillo, organizaram os primeiros fundamentos desta redução. De acordo com Techo⁴³⁹, “en el día de la Asunción echaron los cimientos de una villa y de un templo, ambos dedicados á la Virgen; crearon autoridades é hicieron varios regalos á los indios principales”.

Nuestra Señora de la Asunción del Ijuí, foi organizada numa região onde seus habitantes eram extremamente hostis aos espanhóis. O local onde estava a redução tirou seu nome de um afluente do Rio Uruguai chamado de *Livi*. Tinha ao norte as terras do *Caasapamini* e *Caró* e ao sul o *Piratini* e *Ibitiracúa*⁴⁴⁰, nas nascentes onde viviam populações indígenas identificadas e classificadas como cerados. Sobre os mesmos já falamos na página 57⁴⁴¹.

⁴³⁶ *Idem*.

⁴³⁷ Cf. NUSDORFFER, B., *Carta de 1722*, p. 248-250.

⁴³⁸ BECKER., I. B., *Lideranças Indígenas no começo das Reduções Jesuíticas do Paraguai*, p. 135.

⁴³⁹ TECHO, N., *Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús*, tomo III, p. 103.

⁴⁴⁰ *Idem*, p. 105

⁴⁴¹ *Idem*, Vol. V p. 38

Pouco tempo após a organização desta redução a mesma foi literalmente dissolvida, pelo fato de que os indígenas do *Livi* haviam participado do levante organizado pelo cacique feiticeiro Niezú, contra os missioneiros, culminando na morte dos padres Roque Gonzáles, Alonso Rodríguez e Juan Castillo, em novembro de 1628. Neste sentido, em meados de 1629, grande parte da população de Assunção do Ijuí foi transferida para uma redução que estava no princípio. Ela estava situada na margem direita do Rio Uruguai junto a um afluente chamado Acaraguá. Os indígenas foram integrados junto a grupos locais dando início efetivo a nova redução de Assunção do Acaraguá⁴⁴². Carbonell de Masy⁴⁴³ comenta que para consolidar as “últimas reducciones fundadas por el padre Roque, la de Asunción del Ijuí fue situada junto al Acaraguá, afluente del Uruguay en su banda occidental, con el nombre de Asunción del Acaraguá”.

A redução permaneceu neste local até meados da década de 1630, pois teve que mudar para junto do Rio Mbororé, afluente da margem direita do Uruguai, pouco mais abaixo do Acaraguá. A mudança ocorreu devido ao assédio constante dos vicentinos. O topônimo Mbororé, deu nome a nova redução e a célebre batalha ocorrida entre indígenas das reduções e mamelucos de São Paulo, liderados por Antonio Raposo Tavares⁴⁴⁴ no ano de 1641. O padre Francisco Lupercio Zurbano⁴⁴⁵ em seus *anales*, exalta os indígenas da *Reducción de la Asunción de el Borore*, pois para este religioso foi “el palenque de bien sangrientas batallas: aquí donde se hizo temer el indio Guaraní de mas insolente enemigo”.

Conforme Guillermo Furlong⁴⁴⁶, passada a ameaça das bandeiras, a redução do Mbororé começou a ser castigada pelas investidas dos índios Charrua e Yaró. Para evitar danos maiores, sua população se agregou a redução de Yapeyú, permanecendo nela até o ano de 1657, quando mudou definitivamente para “la región más austral de las Misiones, ubicándose sobre el Uruguay, a 8 leguas al norte del Yapeyú”⁴⁴⁷.

⁴⁴² *Idem*, p. 39

⁴⁴³ CARBONELL DE MASY, R., *La Reducción Jesuítica de Santos Cosme y Damián: su Historia, su economía y su arquitectura*, p. 27.

⁴⁴⁴ PORTO, A., *Historia das Missões Orientais do Uruguai*, Vol. III p. 180-1.

⁴⁴⁵ ZURBANO, L.. *Anales de la Provincia del Paraguay* p. 81.

⁴⁴⁶ Cf. FURLONG, G., *Misiones y Sus Pueblos de Guaraníes*, p. 154.

⁴⁴⁷ *Idem*.

Como podemos perceber esta redução congregou populações de diferentes ambientes devido a sua constante mudança. Não há muitos documentos que abordem a questão da diversidade étnica, no entanto, em julho de 1657 foi realizado um censo em todas as reduções do Uruguai, a fim de saber o número de habitantes e a quantidade de armas de fogo que cada uma possuía. O censo foi realizado pelo ouvidor de *la Real Audiencia de la Plata, Gobernador y Capitán General del Paraguay y Visitador de las provincias del Uruguay e Paraná*. Na redução da Cruz ou Assunção do Mbororé, como ainda era chamada, o visitador contou “365 familias, 1514 personas de ambos os sexos, 40 reservados y 325 tributarios efectivos, sin contar 43 familias de neófitos nuevamente convertidos de nación Guañanas, ni los que se volvieron del mameluco portugués voluntariamente”⁴⁴⁸.

Quarenta e três famílias correspondem aproximadamente a mais de uma centena de indivíduos. Conforme observamos anteriormente, os Guañanas são considerados ancestrais da família linguística Jê Meridional, atuais Kaingang e Xokleng. A possibilidade desses Guañanas serem oriundos do Tape é muito grande, pelo fato de que essa redução estava num território de grande circulação desses grupos, principalmente quando esteve localizada primeiramente no *Livi* e, posteriormente no *Acaraguá*.

Outro detalhe que merece ser citado, e que também merece estudos mais aprofundados, são as informações sobre indígenas que fugiam de São Vicente e que voltavam, conforme as palavras do padre Diaz Taño, voluntariamente para as reduções. Geralmente eles retornavam casados com mulheres tupis e acompanhados de outros indígenas que lhes acompanhavam na fuga. O contrário também ocorria. Na documentação há casos que mostram como alguns indígenas passaram a viver nas terras portuguesas após serem escravizados, e quando localizados pelos jesuítas em São Vicente ou no Rio de Janeiro, se negavam a retornar às reduções ou às suas antigas terras.

Os motivos dessa negativa aparece na cédula real de março de 1639, enviada ao governador do Rio da Prata, em que a Corte de Madri expõe dados de seu conhecimento sobre “algunos indios” que, “por no tener en sus tierras parientes, ó por estar ya casados con indias, ó indias con indios del Brasil, ó por vejez ú otras justas causas no quieren volver al Paraguay ni al Río de la Plata”, observando que “por ser pueblos gentiles y ellos ya cristianos no convenga que vuelvan”. Nesta cédula ainda é observado que, com a anuência de “los

⁴⁴⁸ VALVERDE, J. B., *Visita y padrón de los indios, familias y muchachos del pueblo de la Asunción de Nuestra Señora del Mbororé*, p. 490-1.

religiosos de la Compañía”, é importante deixá-los em sua liberdade para que se reduzam “á las aldeas del Brasil más cercanas, para que sirvan á quien quieran y les pagare su trabajo”⁴⁴⁹.

3.6. Outros casos de diversidade étnica

Assim como ocorreu no Tape, no Guairá e Uruguai, também na frente missionária do Itatim e, especialmente, na do Paraná a população era etnicamente diversa. A Província do Paraná estava estabelecida entre a margem esquerda do Rio Tebicuari e a margem esquerda do Rio Paraná, até a foz com o Rio Paraguai, ou seja, uma parte ficava em atual território paraguaio e outra parte na atual Argentina. De acordo com Branislava Susnik⁴⁵⁰, as populações do Tebicuari faziam fronteira com os índios Cario de Assunção, sendo entre eles que os jesuítas começaram efetivamente seus primeiros trabalhos na missão do Paraná.

Ao final de 1609 na margem esquerda do rio Tebicuari havia três reduções. Duas, Caazapá e Yutí, eram de Franciscanos; a terceira, Yguarón, era dirigida por um clérigo. Os caciques de Yguarón tinham parentes entre os índios Paranás, motivo que os levou a acompanhar o padre Marciel de Lorenzana nos primeiros contatos com aquelas populações.

As populações consideradas Paranás possuíam povoações que se espalhavam do Rio Tebicuari até ilhas do Rio Paraná. No primeiro capítulo comentamos sobre uma dessas ilhas, batizada por Gaboto como ilha de Santa Ana. Nela habitava o cacique Iguaron, que se considerava a maior liderança entre os Chandules. É muito interessante haver por volta de 1610 também uma liderança influente na região chamada Iguaron. Seria o cacique contatado por Gaboto anteriormente, ou era um filho do mesmo? Seriam os Chandules das ilhas, os mesmos Paranás canoeiros? Susnik, conforme já abordamos anteriormente, havia observado que os Chandules desapareceram enquanto grupo étnico. Não há tempo hábil neste trabalho para responder essa questão, e nem é nosso objetivo tentar rastrear historicidades, mas fica a pergunta.

⁴⁴⁹ *Real Cédula al gobernador del Rio de la Plata*, p. 34-8.

⁴⁵⁰ SUSNIK, B., *Interpretación etnocultural de la complejidad sudamericana antigua: Formación y dispersión étnica*. Asunción, p. 92-3.

Foi junto aos Paraná considerados da “terra firme”, distantes aproximadamente doze léguas do grande Rio Paraná, em direção ao norte, num sítio chamado Iguaracamygt, que foi erguido o povoado de San Ignácio Guazú, a primeira redução dessa frente missionria⁴⁵¹.

Os grupos Paranás que habitavam as margens e ilhas do Rio Paraná, eram chamados canoeiros e considerados extremamente belicosos. Conforme Susnik⁴⁵², suas aldeias eram verdadeiros portos de onde partiam barcos tanto para o comércio quanto para a guerra. Eram os grandes senhores do rio. “Y así nos dice el, que era seor del río, y que su palabra ira luego hasta el ro grande, y por todo el Uruguay, hasta la mar”⁴⁵³. Essas são palavras do padre Lorenzana em sua primeira carta nua, escrita em quatro de janeiro de 1610 ao provincial Diego de Torres, contando da visita que recebera de um poderoso cacique canoeiro chamado Tabacambi.

Conforme o relato de alguns jesuítas, tais como o padre Bernardo Nusdorffer, as populações contatadas nessa frente missionária eram em sua grande maioria falantes do idioma Guaraní, entre os quais estavam os Guayak. A esse respeito, Nicolas del Techo⁴⁵⁴ comenta “ninguna población de importancia se levantaba  orillas del Paraná”, onde, prossegue o autor, “los habitantes vivían esparcidos por el campo y en pequenas aldeas”, constituindo “varias naciones uniformes (excepto la de los guaraníes) en las costumbres y carácter indolente, extranas entre s por la diversidad de idiomas que hablaban”.

As redues que, conforme a documentação colonial e, estudos mais recentes, albergaram populaes de diferentes pautas culturais foram as de *Nuestra Señora de Loreto del Yabebyry* (antiga Nossa Senhora de Loreto que transmigrou do Guairá na década de 1630, fugindo do assédio das bandeiras paulistas), com Guenoa e Yar; *Corpus Christi* com Guañana; *Natividad de Nuestra Señora del Acaray* com Caaiguaras; *Santa María la Mayor del Iguazú* com Caaig e *Candelária* com os Guaana⁴⁵⁵.

⁴⁵¹ Cf. LOZANO, P. *Historia de la Compania de Jesús de la Provincia del Paraguay*, Tomo II p. 189- 94

⁴⁵² SUSNIK, B., *Interpretación etnocultural de la complejidad sudamericana antigua: Formación y dispersión tica*, p. 93.

⁴⁵³ LORENZANA, M., *apud*. LOZANO, P., *Historia de la Compania de Jesús de la Provincia del Paraguay*, Tomo II p.188-189.

⁴⁵⁴ TECHO, N., *Historia de la Provincia del Paraguay de la Compania de Jesús*, Tomo II p. 110.

⁴⁵⁵ Conforme tabela no segundo capítulo.

Algumas das reduções dessa província foram organizadas a partir do início do século XVII e se mantiveram até a expulsão dos jesuítas na segunda metade do século XVIII. Ao longo desse período, conforme já observamos anteriormente, várias populações oriundas de outras regiões foram incorporadas a elas, ou deram início a novas povoações. Grupos falantes de outros idiomas e portadores de outras pautas culturais foram incorporados constantemente ao longo do processo reducional. Bernardo Nusdorffer⁴⁵⁶, em uma ânua de 1737, comentou que “se hacen frecuentes excursiones, desde estos mismos pueblos a los infieles circunvecinos, como son los Guañanas, que viven el Río Paraná arriba” e a “los que andan por los bosques más arriba del pueblo de Jesús, de nación Gualchaquí”. Neste sentido “no deja de aumentarse casi cada año con ellos el rebaño de Cristo Nuestro Señor; y en especial de la nación Gualchaquí y Guañana”. Nusdorffer observa que ele mesmo levou e cuidou na redução de Jesus Maria de “18 personas, y otras 6 del Paraná arriba” o autor ainda observa que “después, los años siguientes, se han traído otros de los mismos; muchos más han sido los que se agregaron al Corpus de la nación Guañana”.

A Província do Itatim, de acordo com dados geográficos atuais, esteve localizada na margem oriental do rio Paraguai, entre os rios Taquari ao norte e Apa ao sul⁴⁵⁷. Conforme Guillermo Furlong, “*Ita-ti*” significava pedra branca, material que havia em abundância na região, “y de ahí el nombre de Itatines”⁴⁵⁸ com que foram nomeados os falantes do idioma Guarani que habitaram naquela região. De acordo com uma carta ânua escrita pelo jesuíta Diogo Ferrer⁴⁵⁹ no ano de 1633, os Itatins eram uma população, por um lado próxima aos Tupi e por outro aos Guarani.

Todos estos Itatines son de buen natural, y no difieren de los demás guaraní, sino que tienen, mas trato y policía de cuantos Guaranís avemos visto hasta agora, y también en la lengua tienen alguna diferencia de los demás Guaranís aunque poca acercándose algo al lenguaje Tupi, de suerte que algunos dicen que non son verdaderos Guaranís ni Tupis que llaman Temiminós.

⁴⁵⁶ NUSDORFFER, B., 1737 *apud* FURLONG, G., *Misiones y sus pueblos de Guaranés*, . p. 629, 631

⁴⁵⁷ Cf. CORTESÃO, J., *Jesuítas e bandeirantes no Itatim*, p. 3.

⁴⁵⁸ FURLONG, G., *Misiones y sus pueblos de Guaranés*, p.116.

⁴⁵⁹ FERRER, D., *Carta ânua para o padre provincial sobre a geografia e etnografia dos indígenas do Itatim escrita em 1633*, p.30.

O historiador John Monteiro comenta que no século XVI havia no litoral da América portuguesa uma população nativa classificada como Tememinó. Para o cronista Rui Díaz de Gusmão, os Itatins eram uma população de índios Cario. Os cario eram uma das parcialidades Guarani, localizados entre os rios Manduvirá ao norte e Tebicuary ao sul⁴⁶⁰. Conforme já observamos no primeiro capítulo, no litoral da América portuguesa, havia uma população nativa chamada de Carijó. Para Nicolas Del Techo⁴⁶¹, os habitantes do Itatim “en nada se diferenciaban de los del Paraná y Uruguay por lo que se refiere á idioma y costumbres”. No ano de 1632, o padre Diogo Ferrer comentou que os Itatins eram,

agiles para la caza y su común ejercicio de recreación es llevar un palo a cuestas que pesa mas de medio quintal, y corren dos juntos cada uno con su palo a cuestas, y el que lo lleva mas a priesa al termino sale por vencedor”. Sus armas son arco y flecha y macana, y algunos tienen lanzas. En tiempo de guerra envenenan las puntas de sus flechas de modo que el herido aun levemente con ellas a de morir: son diestros a correr caballos, porque en campo raso cogen venados de puro cansancio corriendo tras ellos a caballo hasta que los rindan. Así hombres como mujeres tienen vestidos de algodón con listas muy vistosas de varios colores⁴⁶².

Além dos Itatim, população que dava nome a província, também havia muitas outras populações indígenas espalhadas pelo território em questão. O padre Diogo Ferrer⁴⁶³, dividiu essas populações segundo os critérios empregados pelos jesuítas em outras regiões do antigo Paraguai. Tendo assim, de um lado os falantes do idioma Guarani e de outro os Gualachos. De acordo com o religioso, estes últimos falavam outros idiomas e possuíam língua geral entre si.

De aquí el Norte sobre y cerca del río Butetey de esta banda del río Paraguay ay muchos Gualachos labradores que tienen pueblos fijos e chacaras grandes y en ellas todo lo que tienen los Guaranís, y no difieren en nada delos sino en la lengua, aunque diz que también ellos entre si tienen una lengua e dos universales, y entran a contratar con estos Itatines. Tengo

⁴⁶⁰ Cf. SUSNIK, B. *El Rol de los indígenas en la plasmación sociobiologica y en la formación culturo-economica de la Provincia del Paraguay*, p. 32.

⁴⁶¹ TECHO, N., *Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús*, tomo IV p. 73.

⁴⁶¹ *Idem*.

⁴⁶² FERRER, D., *Carta ânua para o padre provincial sobre a geografia e etnografia dos indígenas do Itatim escrita em 1633*, p. 30-1.

⁴⁶³ FERRER, D. *Carta ânua para o padre provincial sobre a geografia e etnografia dos indígenas do Itatim escrita em 1633*, p. 48.

escritos delos mas de veinte pueblos, tienen buen natural y algunos dicen es aun mejor que el de los Guaranís. Tienen mucho arroz que recogen por sus lagunas, y son grandes pescadores.

Em 12 de outubro de 1644, o jesuíta Francisco Lupercio Zurbano⁴⁶⁴, relaciona em um catálogo, informações sobre diversas populações indígenas que a Companhia de Jesus pretendia reduzir no Itatim.

Los Cuantos, Guacamas, Guchitas, Los Guatos; hablan la lengua Guayarapo e son labradores. La entienden las Naciones siguientes: Nambiquaruco, Characu, Quiriquichi, Doii, Curmani: no siebran. Goñi, Cocone, Aygua, Guaquichi, Tata, Guetual, Guinchum, Cureche, Ciyu, Charare, Guayarapos, y todos [estos] son labradores, q es gran medio para plantar en ellos la fee, como impedimento el no serlo.

De acordo com dados fornecidos pelo religioso, era uma gama de populações vivendo de uma banda a outra do rio Paraguai, tendo idioma diferente do Guarani e habitando dentro da área de abrangência das reduções do Itatim. Essas populações faziam parte do mapeamento populacional que os jesuítas elaboravam para futuras ações missionais. “A vista de tanta gentilidad, claro está que los fervorosos padres de estos Itatines han de estar muy ansiosos de convertirla al Evangelio de Cristo”⁴⁶⁵.

Os índios Guató que estão incluídos nessa relação aparecem citados em outro documento da década de 1640. Nele constam informações sobre as tentativas efetivadas para submetê-los à redução de *Nuestra Señora de Fe del Taré*. Segundo Jaime Cortesão, este documento que não possui rubrica, faz parte do caderno de registros da Companhia de Jesus que descrevia o estado das reduções do Itatim na década de 1640.

Reducción de N. S^a de Fee de Taré... Era esta reducción la 2^a. Y ultima de esta Misión y la mas nueva y la esperanza de otras, por estar a la vista de varias Naciones, aunque pequeña de gentiles de las cuales ay algunas mas próximas y aptas para el evangelio. La mas cercana es de los Guatos, cuyo primero pueblo está como 14 leguas de distancia adonde fue enviado el P.e Alonso Arias a ver la disposición de aquella gente...ya por interprete, ya por sí, con algunas palabras que sabia de su lengua ...Les habló con agrado, quitándoles el miedo y recelo a que los tenían...en señal del amor y

⁴⁶⁴ ZURBANO., L., *Catalogo de las naciones de indios que ay de la una y otra banda del rio Paraguay para convertir al evangelio de xpo*, p. 126.

⁴⁶⁵ *Idem*, p. 126.

confianza que cobraron, mudaron luego su pueblo de esta banda del río, deponiendo el recelo que antes les obligaba a vivir de la tras y eran ya muy frecuentes las visitas que hacían viniendo de su pueblo al de los padres⁴⁶⁶.

De acordo com a citação acima, os Guató estavam próximos de aceitar a redução. Já haviam se estabelecido à mesma margem do rio em que estava Taré, onde faziam visitas constantes ao povoado. A redução dos Guató junto a redução de Taré veio a se confirmar na carta do padre Manuel Berthod⁴⁶⁷, escrita em 1652, quando observou que o padre Domingo Muñoa havia “sacado algunos [índios fugidos] entre los infieles Guatós, Yndios de otra lengua” para reintegrá-los aos do Taré. Na opinião de Jorge Eremites de Oliveira⁴⁶⁸ que estudou a população Guató, “na redução de *Nuestra Señora de Fee del Taré*, também participavam alguns Guató”.

Sobre a redução desses grupos, Nicolas del Techo⁴⁶⁹ comenta que “los guatos, gualachíes y otros pueblos que hablaban varios idiomas, no distantes de Jerez, deseaban, al parecer, recibir el Pan de la doctrina evangélica si hubiese quien se lo partiera”. Ou seja, de acordo com as palavras de Techo, subentende-se que no Itatim as reduções não eram apenas uma proposta dos padres, mas sim, em alguns casos, uma solicitação que partia dos próprios indígenas, assim como é narrado pelo próprio Techo, quando fala dos começos de uma redução de índios Paiagua.

Los payaguas, nación que habitaba á la otra parte del nuevo pueblo de San Pedro y San Pablo, en las márgenes del Paraguay, eran tan crueles, que no sin razón se les comparaba á los guaicurúes; desde que los españoles se establecieron en aquella región, tenían devastadas las cercanías con incesantes incursiones. Agregáronse á ellos en distintas ocasiones los neófitos que huían por ser de malas costumbres ó estar vejados con servicios personales; por tal conducto supieron los payaguas que los religiosos, sin perjudicar á los indios en su libertad, cuidaban nada más que de las almas; no concibiendo ya sospechas de la Compañía, se presentaron al P. Rançonner, y manifestaron su deseo de establecerse en poblaciones. A las palabras unieron los hechos, y tomando sus casas de esteras las pusieron en

⁴⁶⁶ JESUÍTA ANÔNIMO., *Conflitos da missão de Itatim com o bispo de assunção e com algumas bandeiras Paulistas*, p. 84-6.

⁴⁶⁷ BERTHOD, M., *Testemunho sobre a historia das reduções do Itatim*, p. 102.

⁴⁶⁸ EREMITES DE OLIVEIRA, J., *Os Argonautas Guató: aportes para o conhecimento dos assentamentos e da subsistência dos grupos que se estabeleceram nas áreas inundáveis do Pantanal Matogrossense*, p. 90.

⁴⁶⁹ TECHO, N., *Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús*, tomo IV p. 76.

forma de aldea cerca de San Pedro y San Pablo, por indicación del P. Rançonner. Mas como son de carácter voluble, muy pronto abandonaron esta residencia y se fueron á los escondrijos donde antes moraban. En otras cuatro poblaciones que se establecieron cuidaron los misioneros de instruirlos en el Cristianismo y de bautizar los niños⁴⁷⁰.

Outros grupos também se aproximaram da redução de Taré, levando-nos a conceber a hipótese que essa redução tenha tido uma grande diversidade em seu meio, pois, no mesmo catálogo elaborado pelo padre Francisco Lupercio Zurbano⁴⁷¹, é observado que haviam se dirigido a Nossa Senhora do Taré “algunas veces por sus intereses” alguns “Guarapos, y con ellos algunos indios de la otra banda”, o religioso comentou que “se les ofreciesen padres quizás los admitieran, por el interés de sus rescates, y con eso avía mucho camino andado para lo q. vbiere de indios Guaranís por allá, y también para otras naciones de Gualachos”.

As reduções do Itatim, devido a uma série de fatores que vão desde a dificuldade em se enviar missioneiros até os assédios das bandeiras vicentinas e dos índios Guaicurus, tiveram uma vida efêmera. No entanto, como podemos observar, esse fato não impediu que diferentes grupos pertencentes a populações que não faziam parte dos Guarani, fossem contatados pelos jesuítas e solicitassem a redução.

Ao concluirmos este capítulo gostaríamos de salientar que as populações citadas como não pertencentes aos Guarani e que participaram da vida reducional, entre elas os Guañana, Gualacho, Ybirayara, Charrua, Minuano, Yaró, Caágua entre outras, portando nomes que encontram seu significado na língua Guarani. Não foram meras espectadoras no *mundo das reduções*, e também não foram alheias aos acontecimentos históricos que remodelavam o contexto sociocultural nas terras do antigo Paraguai.

A seu modo, esses grupos estiveram presentes na organização e manutenção das reduções. Participando direta ou indiretamente da economia, religiosidade e das políticas espanholas que influenciaram a vida das populações reduzidas, seja para serem colocadas como índios amigos ou como inimigos a serem combatidos.

Os enfrentamentos contra as bandeiras paulistas e a guerra motivada pelo Tratado de Madrid, entre outros conflitos, mostram uma participação direta dessas populações, que

⁴⁷⁰ *Idem.*

⁴⁷¹ ZURBANO., L., *Catalogo de las naciones de indios que ay de la una y otra banda del rio Paraguay para convertir al evangelio de xpo*, p. 126.

por manterem uma comunicação constante com seus parentes *infieis*, que evitavam a redução, acabaram influenciando os rumos da história colonial.

Foi graças à ação das populações identificadas como *Gualacho e Guañana* que muitas bandeiras não puderam se reorganizar e se fortalecer, visto que após o conflito com populações reduzidas, elas eram destroçadas por esses indígenas no interior das grandes matas⁴⁷². Assim também ocorreu na *Guerra Guaranítica*, em que os Charrua, Minuano, Yaró, Guana, entre outras populações, lutaram ao lado de seus parentes reduzidos, ou serviram de espiões e correios para as milícias reducionistas⁴⁷³.

Um exemplo interessante do que representavam essas populações, muitas vezes vista como apenas inimigas históricas de espanhóis e índios cristãos, encontra-se nas palavras de Nicolas del Techo, cronista e historiador da Companhia de Jesus. Segundo este autor, no Itatim, após a destruição das reduções, os mamelucos de São Paulo, “temiendo que los payaguas, gualachies y españoles se unieran en defensa de los de Itatín, se retiraron á toda prisa”⁴⁷⁴.

Portanto, a diversidade étnica no seio das reduções, não representa apenas a inclusão e permanência de diferentes grupos no espaço reducional, mas indica que houve uma dinâmica sociocultural muito intensa entre as diferentes populações, que não podem ser vistas apenas como “inimigas históricas” entre si, mas também como participantes de um mesmo contexto histórico, onde, como hoje, o amigo do presente foi inimigo no passado e poderá ser novamente inimigo no futuro.

⁴⁷² Cf. PASTELLS, P., *Historia de La Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay* Tomo I, p. 82, 125.

⁴⁷³ HENIS, T. X., *Diario histórico de la rebelión y guerra de los pueblos guaraní, situados en la costa oriental del río Uruguay, del año 1754*, p. 22, 25, 27.

⁴⁷⁴ TECHO, N., *Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús*, tomo IV p. 80.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo identificar e descrever grupos nativos não guarani que habitaram e dividiram o espaço sociocultural das reduções jesuíticas com populações Guarani. Com isso, fizemos frente à ideia generalizada de que as reduções eram habitadas unicamente por povos Guarani, o que já é induzido pelo próprio nome *reduções guarani* e por parte da literatura missioneira.

Nosso interesse pela diversidade étnica nas reduções surgiu quando tivemos conhecimento de relatos transmitidos por velhos Kaingang, da região noroeste do estado do Rio Grande do Sul, sobre a presença de seus antepassados na redução de *San Ángel Custodio*. Nossa questão era a seguinte: Se outras etnias habitaram as reduções, por que isso passou despercebido aos olhos das pessoas que se debruçaram no estudo das missões jesuíticas em terras paraguaias, causando a impressão de que as reduções eram habitadas apenas por povos Guarani?

À medida que a pesquisa avançava fomos percebendo que a questão de não haver clareza na bibliografia missioneira colonial sobre a diversidade étnica estava ligada ao fato de o Guarani reduzido ser uma “nova etnia”, uma identidade forjada a partir de diferentes populações nativas. Tal era resultado da política espanhola de “homogeneizar os povos”, posta em marcha desde o início da conquista. Nesse sentido, em muitos aspectos, as reduções primaram em criar características socioculturais homogêneas, que os missionários chamaram “guarani” e, hoje se especifica como “guarani missioneiro”. Os povos reduzidos eram, pois, guaranizados, “guarani missionerizados”. Quem olhava de fora não percebia o processo, não percebia que as reduções eram heterogêneas do ponto de vista da sua constituição social,

justamente por serem designadas pelo etnônimo Guarani. Neste sentido, nas regiões do Guairá, Tape, Uruguai, Itatim e Paraná, os grupos reduzidos, independente de sua origem étnica, eram considerados Guarani.

No final da nossa pesquisa, pudemos constatar que, de um total de 57 reduções Guaranis, organizadas entre os anos de 1609 e 1768, 25 eram constituídas por nativos pertencentes a outras etnias indígenas, sendo que, algumas dessas reduções eram consideradas exclusivamente não-Guarani, tal como a de *Concepción de los Lanceros Guañanas*, organizada no Guairá.

Esse mesmo fenômeno também se deu em outros contextos reducionistas, como ocorreu com os povos Chiquitos, na Bolívia. No entanto, o fato de o gentílico Guarani representar uma vasta população, reduzida em uma determinada região do antigo Paraguai, tinha uma peculiaridade interessante que, a nosso ver, influenciou a forma como as reduções passaram a ser percebidas, e posteriormente descritas na literatura colonial. Essa peculiaridade era a continuidade de uma ideia que esteve em voga num patamar discursivo antes do desenvolvimento efetivo das reduções jesuíticas, quando se considerava o Guarani a representação nativa de todas as populações do antigo Paraguai.

Para compreendermos de maneira mais clara essa questão é interessante retomarmos de maneira breve alguns pontos que foram vistos ao longo deste trabalho. Em primeiro lugar é preciso termos claro que as reduções foram parte de políticas ibéricas que buscavam organizar o espaço físico e social para melhor administrar as terras e as populações que se encontravam dispersas pelo território; que as reduções de índios Guarani não foram as únicas organizadas por jesuítas, elas fizeram parte de um conjunto maior de reduções que acolheram diversas e diferentes populações em seu meio, sendo também organizadas por missionários pertencentes a outras ordens religiosas, principalmente os da ordem franciscana. Portanto, as reduções foram a continuidade de uma série de políticas que começaram a ser aplicadas logo no início da conquista, quando os primeiros navegadores chegaram às terras do antigo Paraguai, e iniciaram um processo de identificação e nomeação das populações locais por meio de intérpretes Guaranis que os acompanhavam em suas armadas.

Conforme já observamos no primeiro capítulo deste trabalho, no livro *Recopilación de Leyes de los Reinos de las Indias*, de 1680, lei 8ª, do livro 4º, está escrito que os descobridores deveriam pôr “nombres à las provincias, montes, ríos, puertos y pueblos”⁴⁷⁵. Também na lei

⁴⁷⁵ La Recopilación de las Leyes de los Reinos de las Indias. De los Descubrimientos, Libro IV, Tít. Primero, Ley 158

de número 9 do mesmo livro, era observado que aqueles que fossem descobrir novas terras levassem consigo “algunos Indios, y interpretes [...], y por su medio” se comunicassem “con los de la tierra, procurando entender sus costumbres, calidades, y forma de los comarcanos”⁴⁷⁶. Essa ação disposta em lei se processou quando os espanhóis navegavam pelo litoral Atlântico e pelos afluentes da bacia hidrográfica do Rio da Prata. A cada indivíduo ou grupo contatado, os intérpretes Guarani lhes atribuíam uma espécie de apelido, ápodó, em função do modo de ser ou de determinadas características apresentadas por eles. Da mesma forma que Guarani também não era nome de determinado grupo, mas sim uma palavra que de acordo com o jesuíta Bartomeu Meliá⁴⁷⁷, era uma espécie de autoatribuição usada pelos indígenas das ilhas, chamados *Chandules*, que se generalizou para outras populações com língua e características socioculturais consideradas semelhantes.

Concordamos com antropólogos e historiadores, que em suas pesquisas atuais veem esse ato de identificar e nomear as populações nativas como um ato de essencialização das etnias, justamente por entenderem que as populações possuíam uma dinâmica sociocultural que talvez não tenha sido captada pelos agentes da conquista. Ou seja, quando os europeus exploraram as terras baixas do novo continente, eles encontraram uma população dispersa por um amplo território, falando diversos idiomas e habitando diferentes paragens geográficas, onde permaneciam por períodos determinados. Além da marcha por novos e melhores ambientes ser uma constante na vida dessas populações nativas, havia o fato delas agregarem em seu meio indivíduos provenientes de diferentes etnias, principalmente indivíduos do sexo feminino que traziam consigo novos elementos culturais, principalmente técnicas da cultura material que em determinados casos poderia ser novidade para alguns grupos. Esses elementos somavam-se a outros fatores e influenciavam no modo de ser e de viver de distintas populações.

Nesse contexto, a população nativa que estava sendo identificada pelos espanhóis, passava a carregar um gentílico que correspondia à percepção que os intérpretes tinham dela naquele momento histórico específico, que muitas vezes não correspondia com a própria percepção do grupo em relação a si mesmo e, possivelmente também não representava a visão que outros grupos tinham a respeito da mesma. Os espanhóis efetivam esse ápodó como se

^{8ª}. Que los descubridores pongan nombres à las provincias, montes, ríos, puertos y pueblos.

⁴⁷⁶ La Recopilación de las Leyes de los Reinos de las Indias. De los Descubrimientos, Libro IV, Tít. Primero, Ley ^{9ª}. Que los descubridores, lleven interpretes, y se informen de lo que esta ley declara.

⁴⁷⁷ MELIÁ, B., *El pueblo guaraní: unidad y fragmentos* p. 152.

realmente estivessem identificando uma sociedade nativa distinta em relação a outros grupos. Ou seja, quando os Guaranis identificaram um grupo como *Charrua*, os espanhóis efetivaram o apelido como sendo o nome de uma população que aquele grupo contatado representava.

Se algum pesquisador desavisado se debruça sobre a documentação colonial e se defronta com o nome Charrua, ele tem a impressão de estar diante de uma imagem antiga. Conforme Guillermo Wilde, uma imagem *prístina*⁴⁷⁸, que preexiste desde tempos pré-colombianos, ou seja, diante de um nome que seria uma antiga representação social do referido grupo. No entanto, Charrua nada mais era que um estereótipo negativo na língua Guarani. De acordo com Pedro de Angelis⁴⁷⁹, “Charrua, en guaraní, quiere decir, somos turbulentos y revoltosos: Cha, nosotros, y rru, enojadizo”. Justamente porque eles apresentavam determinados caracteres somáticos na pele. Essa forma de identificação se reproduziu em grande parte das populações nos primeiros anos da conquista.

Mesmo com o passar dos anos, em seus relatos os espanhóis continuaram a identificar grande parte das populações por meio de ápodos na língua Guarani. O historiador John Monteiro⁴⁸⁰ comentou, nesse sentido, que o “mosaico etno-histórico do mapa pós-contato contrasta com um panorama pré-colombiano que mais se assemelha a um caleidoscópio”. Se no momento do pré-contato era difícil perceber imagens nítidas, no pós-contato as imagens essencializadas também não eram muito claras.

Em nossas assertivas, acreditamos que a observação de John Monteiro pode ser ainda melhor aplicada a uma segunda fase da política espanhola, na qual se buscava organizar o espaço geográfico e social, quando os agentes ibéricos, já conscientes da ampla diversidade nativa, passam a simplificá-la, reduzindo a diversidade a um pequeno número de populações.

Guaycurú, Frentone, Mbaya, Guaná, Guenoa, Chané, Chaná, entre outras, fazem parte destas populações em que cada gentílico representaria uma única população, mas que na verdade era um macro-etnônimo que encerrava dentro de si várias populações semelhantes entre si. Valham como exemplos os grupos Terena e Kinikinau, do Mato Grosso do Sul, atualmente reconhecidos com historicidade e identidade próprias, então foram considerados idênticos, sob a denominação Guaná. Rastrear a história dos Kinikinau no passado colonial

⁴⁷⁸ Cf. WILDE, G., *Territorio y Etnogénesis Misional en el Paraguay del siglo XVIII*, p. 86.

⁴⁷⁹ ANGELIS, P., *Colección de obras y documentos relativos a la Historia Antigua y moderna de las Provincias del Río de la Plata*, Tomo I p. XVIII.

⁴⁸⁰ MONTEIRO, J., *Tupis, Tapuias e Historiadores: estudos de historia indígena e do indigenismo*, p. 59.

torna-se uma tarefa quase impossível, justamente porque eles estão assimilados ou diluídos dentro do macro-etnônimo Guaná.

Reiterando, as populações foram identificadas e nomeadas a partir de seus caracteres físicos, sua organização social e seu habitat, sobretudo. Pois bem, dentro desse processo de sistematização do espaço, os ibéricos procuraram aproximar e identificar os semelhantes; sendo que semelhantes também dizia respeito a grupos rebeldes ou amigos, convertidos ou infiéis. Ou seja, as populações consideradas rebeldes, selvagens, indômitas, entravam para o rol dos Tapuias pelo lado dos portugueses e Caribes, Tupis, ou infiéis, pela parte dos espanhóis. Observamos que neste caso, Tupi, assume uma condição de índio mau para os espanhóis, após o evento das bandeiras paulistas, em que estes índios foram os algozes das reduções do Guairá e Tape. Portanto, assim como observou Guillermo Wilde⁴⁸¹, era uma maneira de simplificar “una amplia diversidad previa de pertenencias socioculturales”.

Entendemos que esta forma de organizar o espaço social - mesmo que esteja neste momento muito mais no campo do discurso do que na prática, visto que as populações encontravam-se dispersas, em muitos casos alheias à vontade soberana dos espanhóis - colaborou para muitas populações permanecessem praticamente invisibilizadas nos escritos coloniais. Isso se deve ao fato de a historiografia colonial tratar apenas daquelas populações que foram catalogadas, seja como uma unidade singular, ou como uma unidade formada por uma diversidade interna, difícil de ser percebida.

É por esta mesma linha de raciocínio que consideramos que os Guarani tenham ganhado contornos de uma macro-etnia. Pois, se no momento do contato entre os agentes da conquista e determinados grupos nativos, Guarani era referência a uma determinada população nativa, com o passar dos anos, por ser a população que mais interagiu com os espanhóis, por ser horticultora, e principalmente por possuir um idioma que era usado como língua geral num vasto território, o mesmo passou a ser considerado o representante único das populações nativas do antigo Paraguai oriental. Nos escritos coloniais ele passava a figurar como a única identidade nativa.

É muito provável que essa guaranização das populações nativas por meio da escrita tenha começado com uma observação efetuada logo no início da conquista pelo marinheiro Luis Ramirez⁴⁸², quando ao comentar que os Guarani “señorean gran parte de la India”⁴⁸³.

⁴⁸¹ WILDE, G., *Territorio y Etnogénesis Misional en el Paraguay del siglo XVIII*, p. 84.

⁴⁸² A citação completa e as análises sobre a mesma estão na página 15 do primeiro capítulo, onde trabalhamos as impressões dos cronistas sobre terras e as gentes do antigo território do Paraguai.

Uma das primeiras, se não a primeira referência escrita aos Guarani⁴⁸⁴, que possivelmente veio influenciar as descrições efetuadas sobre eles no decorrer dos anos.

Por volta de meio século mais tarde, quando a conquista já havia se efetivado e a colonização estava em pleno desenvolvimento, Juan Lopes de Velasco⁴⁸⁵, cosmógrafo real de Felipe II compôs sua obra *Descripción Universal de Las Indias y Demarcación de los Reyes de Castilla*. Nesse trabalho de caráter oficial, escrito por um funcionário real para apreciação da corte espanhola, o autor observava que nas províncias do Rio da Prata os índios se “reducen á dos diferencias de naturales; unos que llaman *gandules*, no siembran, y se sustentan de la caza y pesca, los otros son los indios labradores *guaraníes*”. Para ele, Guarani não era um nome que correspondia a uma única população; equivalia a uma categoria genérica que identificava uma ampla gama de populações nativas que trabalhavam a terra, em oposição aos índios nômades. Estes últimos sempre carregaram a pecha de rebeldes, infiéis, inimigos do estado espanhol, enquanto que os índios lavradores Guarani eram tidos como aliados e amigos dos espanhóis.

Em 1628, o provincial da Província Jesuítica do Paraguai, Nicolau Duran, também seguiu por este mesmo caminho ao observar que Guarani é o “nombre general que comprende todas las naciones del Paraguay que son muchísimas”⁴⁸⁶. Ambos os comentários não eram observações isoladas e destituídas de sentido. Dentro da política espanhola, Guarani, seria uma classificação geral que deveria representar não apenas um número de populações que se assemelhavam em sua organização sociocultural. Pela ótica de Lopes de Velasco, Guarani, era um macro-etnônimo que abrangia todas as populações agricultoras, mas, nas palavras do provincial Nicolau Duran, ele assumia a condição de representar *todas* as populações nativas do Paraguai.

Hipoteticamente, a conclusão à qual chegamos neste caso é a de que se um europeu falasse de Paraguai, automaticamente ele estaria se referindo a um local habitado por Guarani. Entendemos que na época, o nome Guarani não tinha a pretensão de exaltar um único grupo em detrimento dos outros grupos; era simplesmente a escolha de um gentílico que encerrava a ideia de uma unidade linguística, de horticultor, de guerreiro e, que mais tarde, com as reduções iria agregar a condição de um indivíduo cristão e civilizado.

⁴⁸³ RAMÍREZ, L., *Carta de Luis Ramírez, do Rio da Prata a 10 de julho de 1528*, p.27.

⁴⁸⁴ Cf. MELIÀ, B., [et al] *O Guarani: uma bibliografia etnológica*, p. 17.

⁴⁸⁵ VELASCO, J., L., *Descripción Universal de Las Indias y Demarcación de los Reyes de Castilla*, p. 359.

⁴⁸⁶ DURAN, N. M., *Décima segunda carta anual escrita no ano de 1628*, p. 234.

A ideia de singularizar uma pluralidade étnica ainda estava baseada muito mais num discurso do que numa prática. O gentílico Guaraní não fugia a essa questão, no entanto, isso só começou a mudar efetivamente com o desenvolvimento pleno das reduções. Conforme Guillermo Wilde⁴⁸⁷, foi no século XVIII que se intensificaram as políticas que buscavam a unificação e a homogeneização das populações. Neste caso, a ideia de um Guaraní hegemônico materializou-se na prática reducional.

As reduções, que tinham entre outras funções o objetivo de desnaturalizar as populações nativas, com fins de urbanizá-las, civilizá-las e cristianizá-las, tiveram também a função de diluir as diferenças socioculturais entre as mesmas, ao reduzirem uma pluralidade étnica nativa, a alguns poucos grupos, pelo fato que estes ficaram sujeitos à ação transformadora dos agentes da conquista. No caso das reduções de índios Guaraní a redução provocou uma nova forma de territorialização, alterando a relação dos grupos nativos com a terra e com o espaço, promovendo profundas mudanças no que tange à religiosidade, às formas políticas, econômicas, organização social e cultural. Processo de transformação que Guillermo Wilde⁴⁸⁸ considera ser “un complejo proceso de Etnogénesis del cual participaron grupos y actores socioculturales muy diversos durante un período prolongado”.

O índio reduzido designado como Guaraní era antes de tudo um índio formado por uma base étnica de falantes do idioma Guaraní, considerados a maioria nestas reduções, e por uma base étnica formada por grupos falantes de outros idiomas. Entre os grupos que identificamos como falantes de outros idiomas e que foram reduzidos, estavam os Guañanás, Chiquis, Gualachos, Ybirayaras, Yarós, Charruas, Minuanos, Tobas, Abipones, Caaiguaras, entre outros. Essas populações começaram a ser reduzidas junto com as populações falantes do idioma Guaraní, logo no início da organização das reduções pelos jesuítas, e continuaram sendo até o final do período jesuítico. Observamos que o termo Gualacho⁴⁸⁹, conforme já explicitamos no terceiro capítulo deste trabalho, é um etnônimo genérico usado em alguns casos pelos cronistas para se referir às populações que não falavam o idioma Guaraní. Quando ele está referenciado não sabemos sobre qual população estamos falando. Hipoteticamente, pode ser um grupo que não tenha sido nomeado pela literatura colonial. Falar de Gualacho é falar de não Guaraní.

⁴⁸⁷ Cf. WILDE, G., *Territorio y Etnogénesis Misional en el Paraguay del siglo XVIII*, p. 84

⁴⁸⁸ WILDE, G., *Religión y Poder en las Misiones de Guaraníes*, p. 25.

⁴⁸⁹ Cf. FERRER, D., *Carta Anua para o provincial sobre a geografia e etnografia dos indígenas do Itatim*, p. 45.

De maneira análoga, entendemos que a mesma observação que tecemos sobre os Gualacho, também serve para os Guarani. Quando lemos na bibliografia missioneira informações sobre esta população não sabemos ao certo com que tipo de representação estamos lidando, visto que antes das reduções, como já observamos, tentou-se construir uma ideia de um Guarani como sendo um povo único, representante de todas as castas nativas do antigo Paraguai. Esse Guarani monolítico se confunde com a ideia de uma etnia Guarani, ampla e dispersa pelo território. Com a redução, surge outro Guarani, o Guarani missioneiro. Uma nova representação sociocultural que influencia no desaparecimento do Guarani, entendido como uma etnia ampla e dispersa. Ao menos nos escritos coloniais é isso que acontece, quando por volta da segunda metade do século XVII não há mais Guaranis fora dos muros das reduções. O que encontramos são referências a grupos que falam o idioma Guarani. Caaguás e Monteses eram as principais referências que identificavam estes falantes, mas também eram referências para populações que não falavam o idioma Guarani.

Neste contexto, o etnônimo Guarani torna-se confuso, justamente porque as crônicas referentes a esta população, elaboradas por religiosos, militares ou agentes civis, não são muito claras. Essa questão também passa para as reduções, porque os padres em seus escritos não tiveram a intenção de falar com clareza se o Guarani reduzido era uma referência à língua Guarani, a uma etnia Guarani majoritária ou à ideia de uma representação Guarani monolítica. “Sus indios en rigor todos son Guaranís o Guaraníes, y así los llaman los jesuitas y los escritos Reales que de ellos tratan”, observava o padre José Cardiel⁴⁹⁰. Em nosso entender quando ele diz, “*em rigor* todos são Guaranis”, indiretamente ele pressupõe que todos não eram Guaranis. Falando sobre a redução de Yapeyú, o padre Montoya⁴⁹¹ comentou que a mesma “forjó la Compañía de varias naciones de indios de diversas lenguas” que se entendem na língua comum a todos, que “es la Guarani”. Neste caso, pode ser que Montoya esteja nos dando uma pista de que realmente seja a língua o fator que determina as reduções de índios Guarani.

Nossa proposta não é buscar uma maneira de desconsiderar a participação Guarani no evento das reduções, muito menos diminuir sua importância histórica. Seja enquanto povo reduzido seja enquanto povo horticultor não reduzido ao espaço das reduções. O cabedal de obras produzidas desde que os padres jesuítas passaram a organizar *pueblos* de índios no

⁴⁹⁰ CARDIEL, J., *Compendio de la Historia del Paraguay*, p. 74.

⁴⁹¹ MONTOYA, A., R., *La Conquista Espiritual del Paraguay*, p. 213.

Paraguai até este momento, é imensurável e inibe qualquer tentativa de tentar descaracterizá-lo. O que procuramos mostrar com este trabalho, e que em nosso entender está muito claro na documentação que acessamos, é que as reduções de índios Guaraní foram resultado, não apenas de índios Guaraní, mas sim de várias outras etnias, invisibilizadas pelo Guaraní missioneiro.

Para finalizarmos nossas considerações, salientamos que quase um século mais tarde, em relação à organização das primeiras reduções de índios Guaraní, iniciou-se a organização de outro sistema reducional também de grande importância para a história colonial. As reduções de Chiquito, que embora organizadas com uma população menor que a Guaraní, também era resultado de políticas coloniais que procuraram organizar o território. Nasceram com as mesmas propostas das reduções Guaraní, e foram organizadas por padres que durante muitos anos haviam trabalhado nessas reduções. Pelo que percebemos, praticamente não houve diferenças marcantes entre ambos os modelos organizados. No entanto, para quem estuda a história dessas reduções nos escritos dos religiosos, a diferença entre ambas é que nas reduções chiquitanas foram registradas claramente as diversas populações nativas que constituíram esse espaço sociocultural. Assim, a cada redução citada na obra de Sánchez Labrador pode-se identificar o grupo reduzido, o idioma que falava e a que etnia pertencia. Em 10 reduções de índios Chiquito é possível identificar 37 diferentes etnias⁴⁹².

Com este dado, queremos reforçar a ideia de que a diversidade étnica nas reduções de índios Guaraní, possivelmente, estava presente num número superior as 25 reduções que identificamos por meio da documentação colonial e por meio de trabalhos mais recentes

O padre jesuíta Bartomeu Melià ao publicar no ano de 1995, juntamente com a pesquisadora Liane Nagel a obra *Guaraníes y jesuitas en tiempo de las Misiones*, comentou nas primeiras páginas do livro, que ano após ano, cresce a bibliografia sobre as reduções jesuíticas de Guaraní, tornando-se uma “frondosa y recia árbol bibliográfica”⁴⁹³. Neste sentido, ao concluirmos este trabalho, que não esgota o assunto sobre o tema que levantamos, e considerando que nossos objetivos foram alcançados, esperamos que o mesmo, de forma positiva, possa fazer parte desta *árvore* cujos ramos não param de crescer.

⁴⁹² Cf. LABRADOR, S., *El Paraguay Católico*, vol. VI p. 6-10.

⁴⁹³ MELIÀ, B., NAGEL, L., *Guaraníes y jesuitas en tiempo de las Misiones*, p. 9.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes documentais impressas

ACOSTA. Jose de. *De Procuranda Indorum Salute: Educación y Evangelización*. Consejo Superior de Investigaciones Científicas. Madrid, 1984.

BERTHOD, Manuel. *Certificación jurada del padre Manuel Berthod tocante à las reducciones de los Itatins, 1652*. In: PASTELLS, R. P. Pablo, S.J. *Historia de La Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay, según los documentos originales del Archivo General de Indias*. Tomo II. Madrid: Librería General de Victoriano Suárez, 1915.

_____. *Testemunho sobre a historia das reduções do Itatim*. In: CORTESÃO, Jaime. *Jesuítas e Bandeirantes no Itatim (1596-1760)*, Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1952

BOROA. Diogo. *Carta do provincial ao rei dando-lhe conta da invasão do Tape pela bandeira de Antonio Rapôso Tavares e pedindo amparo para os índios e castigo para os bandeirantes*. In: CORTESÃO, Jaime. *Jesuítas e Bandeirantes no Tape (1615-1641)*, Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1969.

CABEZA DE VACA. *Naufrágios e Comentários*. Prefácio de Henry Muller. Introdução de Eduardo Bueno. Porto Alegre: L&PM, 1999.

CARDIEL, José. *Compendio de la Historia del Paraguay (1780)*. Buenos Aires: Fecic, 1984.

CATALDINO, José. *Carta ao padre provincial Pedro de Oñate dando-lhe informes sobre os índios a reduzir e sua localização no Guairá*. In: CORTESÃO, Jaime. *Jesuítas e Bandeirantes no Guairá (1549-1640)*: Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1951.

CESPEDES, Francisco de. *Carta Ânua escrita na redução de Natividade em 30 de setembro de 1638*. In: PASTELLS, Pablo. *Historia de La Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay, según los documentos originales del Archivo General de Indias*, Tomo II. Madrid: Librería General de Victoriano Suárez, 1915.

DELFIN, Geronimo. *Cópia de títulos de terra do Uruguai*. In: VIANNA, Helio. *Jesuítas e Bandeirantes no Uruguai (1611 – 1758)*: Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1970.

DURAN, Nicolau. *Décima segunda carta ânua escrita no ano de 1628*. In: LEONHARDT, Carlos. *Cartas Anuas de la Provincia del Paraguay, Chile y Tucumán, de la Compañía de Jesús. Documentos para la Historia Argentina*. Tomo XX (1615-1637), Iglesia. Talleres S.A. Casa Jacobo Peuser. Buenos Aires, 1927.

DURAN, Nicolau. *Carta que descreve o estado das reduções da província do Guairá durante os anos 1626 e 1627*. In: CORTESÃO, Jaime. *Jesuítas e Bandeirantes no Guairá (1549-1640)*: Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1951.

ESPINOSA, Pedro. Carta escrita em outubro de 1628 ao governador do Paraguai D. Luis de Céspedes Xeria. In: PASTELLS, Pablo. *Historia de La Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay, según los documentos originales del Archivo General de Indias*, Tomo I. Madrid: Librería General de Victoriano Suárez, 1912

FERRER, Diogo. *Carta ânua para o padre provincial sobre a geografia e etnografia dos indígenas do Itatim escrita em 1633*. In: CORTESÃO, Jaime. *Jesuítas e Bandeirantes no Itatim (1596-1760)*, Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1952

FURLONG, Guillermo, S.J. *Misiones y sus Pueblos de Guaranies*. Buenos Aires: Ediciones Theoria, 1962.

GRIFF, Vicente. *Cópia de petição sobre os indígenas das reduções jesuíticas que estão a cargo dos franciscanos nos ervais*. In: VIANNA, Helio. *Jesuítas e Bandeirantes no Uruguai (1611 – 1758)*: Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1970.

HERNÁNDEZ, Pablo. *Organización Social de las Doctrinas de los Guaranies*. Tomo I. Barcelona: Ed. Gustavo Gili, 1913.

JESUÍTA ANÔNIMO. *Carta ânua do Paraguai relativa às Missões do Paraná, Uruguai e dos Chiquito, entre os anos de 1730 a 1734*. In: : CORTESÃO, Jaime. *Antecedentes do Tratado de Madri: jesuítas e bandeirantes no Paraguai (1703-1751)*. Biblioteca Nacional, 1955.

_____. *Relação da origem e estado atual das reduções de Los Angeles, Jesus Maria e Conceição dos Gualachos em 1629/1630*. In: CORTESÃO, Jaime. *Jesuítas e Bandeirantes no Guairá (1549-1640)*: Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1951.

_____. *Relação do ocorrido nas reduções da serra, especialmente de Jesus Maria, depois da morte do padre Cristovão de Mendoza*. In: VIANNA, Helio. *Jesuítas e Bandeirantes no Uruguai (1611 – 1758)*: Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1970.

_____. *Carta Ânua das reduções do Paraná e Uruguai de 1661*. In: VIANNA, Helio. *Jesuítas e Bandeirantes no Uruguai (1611 – 1758)*: Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1970.

_____. *Conflitos da missão de Itatim com o bispo de assunção e com algumas bandeiras Paulistas*. CORTESÃO, Jaime. *Jesuítas e Bandeirantes no Itatim (1596-1760)*, Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1952.

LABRADOR, Sánchez. *El Paraguay Católico*. Tomo I. Buenos Aires, 1910.

LEONHARDT, Carlos. *Cartas Anuas de la Provincia del Paraguay, Chile y Tucumán, de la Compañía de Jesús. Documentos para la Historia Argentina*. 2 Tomos (1609-1614), (1615-1637) Iglesia. Talleres S.A. Casa Jacobo Peuser. Buenos Aires, 1927/29.

MANCILLA, Justo; MASSETA, Simão. *Relação feita ao provincial e ao rei sobre os estragos causados pela grande bandeira de Raposo Tavares as Missões do Guairá nos anos de 1628-9* In: CORTESÃO, Jaime. *Jesuítas e Bandeirantes no Guairá (1549-1640)*: Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1951.

MASSETA, Simão. *Carta para o padre provincial Nicolau Duran, dando-lhe conta d fundação da redução de Jesus Maria*, In: CORTESÃO, Jaime. *Jesuítas e Bandeirantes no Guairá (1549-1640)*: Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1951.

MONTOYA. Antonio Ruiz de. *La Conquista Espiritual del Paraguay – Hecha por los Religiosos de la Compañía de Jesús en las provincias de Paraguay, Paraná, Uruguay y Tape*. Asunción: El Lector, 1996.

_____. *Carta ânua escrita em 1628 para o padre Nicolau Duran, provincial da Companhia de Jesus*. In: CORTESÃO, Jaime. *Jesuítas e Bandeirantes no Guairá (1549-1640)*: Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1951.

NUSDORFFER, Bernardo. *Certificação escrita na redução de candelária no ano de 163*. In: TESCHAUER, Carlos. *História do Rio Grande do Sul dos dois primeiros séculos*. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1922.

_____. *Carta de 1722*. In: VIANNA, Hélio. *Jesuítas e Bandeirantes no Uruguai (1611 – 1758)*: Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1970.

ORGA, Hernando de. *Cópia de títulos de terra do Uruguai*. In: VIANNA, Hélio. *Jesuítas e Bandeirantes no Uruguai (1611 – 1758)*: Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1970.

PERAMÁS, Joseph Manuel. *Platón y los Guaraníes*. Asunción: Centro de Estudios Paraguayos Antonio Guasch, 2004.

PORRAS, Juan de. *Breve suma de los caciques, que lo eran desde su gentilidad, contenidos en las peticiones y memorias que dieron los padres doctrineros al Visitador D. Juan B. de Valverde no ano de 1657*. In: PASTELLS, R. P. Pablo, S.J. *Historia de La Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay, según los documentos originales del Archivo General de Indias*. Tomo II. Madrid: Librería General de Victoriano Suárez, 1915.

Real Cédula al gobernador del Rio de la Plata In: : PASTELLS, R. P. Pablo. *Historia de la Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay (Argentina, Paraguay, Uruguay, Perú, Bolivia y Brasil)*. Según los Documentos Originales del Archivo General de Indias. T. II. Madrid: Librería General de Victoriano Suárez, 1915.

ROJAS Salvador. *Situação das Reduções do Uruguai em 1707*. In: VIANNA, Hélio. *Jesuítas e Bandeirantes no Uruguai (1611 – 1758)* Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1970.

_____. *Cópia de Títulos de Terras do Uruguai*. In: VIANNA, Hélio. *Jesuítas e Bandeirantes no Uruguai (1611 – 1758)* Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1970.

ROMERO, Pedro. *Carta Ânua das missões do Paraná e do Uruguai escrita em 1634*. In: CORTESÃO, Jaime. *Jesuítas e Bandeirantes no Tape (1615-1641)*, Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1969.

_____. *Cartas do padre Diego de Boroa ao padre Pedro Romero sobre pedidos do governador de Buenos Aires e do padre Pedro Romero sobre o mesmo assunto e morticínio de 29 portugueses no Caaguá*. In: CORTESÃO, Jaime. *Jesuítas e Bandeirantes no Tape (1615-1641)*, Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1969.

RUYER, Claudio. *Carta Ânua da redução de Santa Maria do Iguaçu escrita em 1627*. In: VIANNA, Hélio. *Jesuítas e Bandeirantes no Uruguai (1611 – 1758)*: Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1970.

SEPP, Padre Antonio, S.J. *Viagem às Missões jesuíticas e Trabalhos Apostólicos*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia/São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

TAÑO, Francisco Diaz. *Informe de las cosas tocantes a las doctrinas que están a cargo de la Compañía de Jesús, hecho al gobernador del Paraguay antes de ir a la visita de las doctrinas. Firmado en la ciudad de la Asunción à 30 de abril de 1657*. In: VIANNA, Helio. *Jesuítas e Bandeirantes no Uruguai (1611 – 1758)*: Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1970.

TESCHAUER, Carlos. *Padre Ruiz de Montoya, S.J. Apóstolo do Guairá e do Tape*. São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas. 1980.

TORRES BOLLO, Diego de. *Primera Carta Ânua de 1609*. In: PASTELLS, R. P. Pablo. *Historia de la Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay (Argentina, Paraguay, Uruguay, Perú, Bolivia y Brasil)*. Según los Documentos Originales del Archivo General de Indias. T. I. Madrid: Librería General de Victoriano Suárez, 1912.

_____. *Sexta Carta Ânua de 1615*. In: LEONHARDT, Carlos. 1927. *Cartas Anuas de la Provincia del Paraguay, Chile y Tucumán, de la Compañía de Jesús. Documentos para la Historia Argentina*. Tomo XIX (1609-1614), Iglesia. Talleres S.A. Casa Jacobo Peuser. Buenos Aires.

_____. *Primeira Carta Ânua de 1609*. In: LEONHARDT, Carlos. 1927. *Cartas Anuas de la Provincia del Paraguay, Chile y Tucumán, de la Compañía de Jesús. Documentos para la Historia Argentina*. Tomo XIX (1609-1614), Iglesia. Talleres S.A. Casa Jacobo Peuser. Buenos Aires.

VALVERDE, Juan Blázquez de. *Títulos del Oidor*. In: CORTESÃO, Jaime. *Jesuítas e Bandeirantes no Tape (1615-1641)*, Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1969.

VALVERDED, Juan Blázquez de. *Visita y padrón de los indios, familias y muchachos del pueblo de la Asunción de Nuestra Señora del Mbororé*. PASTELLS, R. P. Pablo. *Historia de la Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay (Argentina, Paraguay, Uruguay, Perú,*

Bolivia y Brasil). Según los Documentos Originales del Archivo General de Indias. T. II. Madrid: Librería General de Victoriano Suárez, 1915.

XIMENES, Bartolomeu. *Relação duma viagem de exploração no Rio Paraguai com o fim de estabelecer ligação com as Missões dos Índios Chiquito, 1703*. In: CORTESÃO, Jaime. *Antecedentes do Tratado de Madri: jesuítas e bandeirantes no Paraguai (1703-1751)*. Biblioteca Nacional, 1955.

XIMENES, Francisco. *Carta do padre Francisco Ximenes para um superior, dando-lhe conta de uma entrada ao Rio Tebicuari*. In: CORTESÃO, Jaime. *Jesuítas e Bandeirantes no Tape (1615-1641)*, Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1969.

ZURBANO, Lupércio. *Anales de la Provincia del Paraguay*. In: PASTELLS, R. P. Pablo. *Historia de la Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay (Argentina, Paraguay, Uruguay, Perú, Bolivia y Brasil)*. Según los Documentos Originales del Archivo General de Indias. T. II. Madrid: Librería General de Victoriano Suárez, 1915.

_____. *Catalogo de las naciones de indios que ay de la una y otra banda del rio Paraguay para convertir al evangelio de xpo*. In: PASTELLS, R. P. Pablo. *Historia de la Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay (Argentina, Paraguay, Uruguay, Perú, Bolivia y Brasil)*. Según los Documentos Originales del Archivo General de Indias. T. II. Madrid: Librería General de Victoriano Suárez, 1915.

Fontes documentais em meio digital

ANGELIS, Pedro de. *Colección de obras y documentos relativos a la Historia Antigua y moderna de las Provincias del Río de la Plata*. Compilados por Pedro de Angelis. Tomo. I. Imprenta del Estado. Buenos Aires, 1836.

Disponível em: <<http://books.google.com.br>>

Acessado: 22/02/2010.

AZARA, Felix de. *Descripción é Historia del Paraguay y del Rio de la Plata*, 2 vol. Madrid: Imprenta de Sánchez, 1847.

Disponível em: <<http://books.google.com.br>>

Acessado: 15/04/2009.

BERTONI, Moisés Santiago. *Resumen de prehistoria y protohistoria de los países guaraníes*. Conferencias dadas en Colegio nacional de segunda enseñanza de la Asunción los días 26 de julio, 8 y 21 de agosto de 1913. Prólogo de Ignacio A. Pane. Editor Juan E. O'Leary. Asunción, Establecimiento Gráfico M. Brossa, 1914. 162 p.

Disponível em: <<http://www.bvp.org.py/>>

Acessado: 12/07/2010.

DOBRIZHOFFER, Martin. *Historia de los Abipones*. 3 Vol. Traducción de Edmundo Wernicke. Universidad Nacional del Nordeste. Facultad de Humanidades. Departamento de Historia. Resistencia, 1967.

Disponível em: <<http://www.bvp.org.py/>>

Acessado: 21/05/2010.

DOBLAS, Gonçalo. *Memoria Histórica, Geográfica, política y Económica sobre la Provincia de Misiones de Indios Guaranis*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836.
Disponível em: <<http://books.google.com.br>> acessado: 28/12/2009.

FALKNER, Tomas. *Descripción de Patagonia y de las partes adyacentes de la América Meridional*. In: ANGELIS, Pedro de. *Colección de obras y documentos relativos a la Historia Antigua y moderna de las Provincias del Río de la Plata*. Tomo. I. Imprenta del Estado. Buenos Aires, 1836.
Disponível em: <<http://books.google.com.br>> Acessado: 22/02/2010.

GARAY, Blas. In: TECHO, N., *Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús*. Versión del texto latino por Manuel Serrano y Sans. Con prólogo de Blas Garay. 5 vol. Librería y Casa Editorial A. de Uribe y Compañía, 1897.
Disponível em: <<http://www.bvp.org.py/>> Acessado: 15/04/2010.
GARCIA DE MOUGUER, In: *Revista do Instituto Historico e Geographico do Brazil*. Vol. XV (1852) (2º da terceira série). Tradução de Francisco Adolfo de Varnhagen.
Disponível em: <http://books.google.com.br> Acessado: 17/01/2009

GUEVARA, José., *Historia del Paraguay, Rio de la Plata y Tucumán*. In: ANGELIS, Pedro de. *Colección de obras y documentos relativos a la Historia Antigua y moderna de las Provincias del Río de la Plata*. Tomo II. Buenos Aires. Imprenta del Estado, 1836.
Disponível em: <<http://books.google.com.br>> Acessado: 08/04/2009.

GUZMÁN, Ruy Díaz de. *Anales del Descubrimientos, Población y Conquista del Río de la Plata*. Asunción: Ricardo Rolón, 1980.
Disponível em: <<http://www.bvp.org.py/>>. Acessado em: 27/03/2010.

_____. *Anales del Descubrimientos, Población y Conquista del Río de la Plata*. In: *Colección de obras y documentos relativos a la Historia Antigua y moderna de las Provincias del Río de la Plata*, Tomo I. ANGELIS, Pedro de. Imprenta del Estado. Buenos Aires, 1836.
Disponível em: <<http://books.google.com.br>> Acessado: 22/01/2010.

HENIS, Tadeo Xavier. *Diario histórico de la rebelión y guerra de los pueblos guaraníes, situados en la costa oriental del río Uruguay, del año 1754*. Versión castellana de la obra escrita en latín por el P. Tadeo Xavier Henis de la Compañía de Jesús.
Disponível em: < <http://www.dominiopublico.gov.br>> Acessado: 07/05/2010

HERVÁS, Lorenzo. *Catálogo de las Lenguas de las Naciones Conocidas, y numeración, división, y clases de estas según la diversidad de sus idiomas y dialectos*. Vol. I. Lenguas y Naciones Americanas. En la imprenta de la Administración del Real Arbitrio de Beneficencia. Madrid, 1800.
<<http://books.google.com.br>> Acessado em: 15/05/2009.

LOZANO, Pedro. *Historia de la Compañía de Jesús de la Provincia del Paraguay*. Tomo I - II. Madrid: Imprenta de la Viuda de Manuel Fernández y del Supremo Consejo de la inquisición, 1754.

<<http://books.google.com.br>>

Acessado em: 22/04/2010.

MONTOYA, Antonio Ruiz de. *Tesoro de la lengua Guaraní*. Madrid: Juan Sánchez, 1639.

Disponível em: <<http://books.google.com.br>>

Acessado em: 09/08/2009.

NAVARRET, M., F., *Colección de los viajes y descubrimientos que hicieron por mar los españoles desde fines del siglo XV*. Coordinada é Ilustrada por D. Martin Fernandez de Navarrete. Vol. IV. Expediciones al Maluco. Viagem de Magallanes y de Elcano.

Disponível em: < <http://www.bnm.me.gov.ar/cgi-bin/>>.

Acessado em: 02/05/2010.

PARRAS. Pedro José de. *Diario y derrotero de sus viajes 1749-1753: España-Río de la Plata-Córdoba-Paraguay*. Ediciones Buenos Aires. Ediciones Argentinas Solar.

Disponível em: < <http://bib.cervantesvirtual.com/>>.

Acessado em: 07/02/2011

QUEVEDO, Samuel Lafone. In: SCHMÍDL, Ulrich. *Viaje al Río de la Plata (1534-1554)*.

Notas bibliográficas y biográficas por Bartolomé Mitre. Prólogo, traducción y anotaciones por Samuel A. Lafone Quevedo. Buenos Aires, Editores Caubat y Cia., 1903.

Disponível: <<http://www.bvp.org.py/>>

Acessado: 10/03/2010

RAMÍREZ, Luís. In: Revista do Instituto Histórico e Geographico do Brazil. Vol. XV (1852) (2º da terceira série). Tradução de Francisco Adolfo de Varnhagen,

Disponível em: <<http://books.google.com.br>>

Acessado: 17/01/2009.

La Recopilación de las Leyes de los Reinos de las Indias, Mandadas imprimir y publicar por la Majestad Católica del Rey Don Carlos II, Nuestro Señor. Tomo I, 1686.

Disponível em: <http://www.gabrielbernat.es/espana/leyes/>

Acessado em: 10/02/2010.

SCHMÍDL, Ulrich. *Viaje al Río de la Plata (1534-1554)*. Notas bibliográficas y biográficas por Bartolomé Mitre. Prólogo, traducción y anotaciones por Samuel A. Lafone Quevedo. Buenos Aires, Editores Caubat y Cia., 1903.

Disponível: <<http://www.bvp.org.py/>>

Acessado: 10/03/2010.

SCHULLER, Rodolfo. In: AZARA Félix de. *Geografía Física y Esférica de las Provincias del Paraguay y Misiones Guaraníes*. Anales del Museo Nacional: Montevideu, 1904.

Disponível em <:<http://books.google.com.br>>

Acessado: 07/05/2009.

SOUZA, Gabriel Soares de. *Tratado Descritivo do Brasil em 1587* In: Revista do Instituto Histórico e Geographico do Brazil. Vol. XIV (1851) (1ª da primeira série). Com comentário de Francisco Adolfo de Varnhagen.

Disponível em: <<http://books.google.com.br>>

Acessado: 12/07/2009.

SOUZA, Pero Lopes de. *Diário da navegação da armada que foi a terra do Brasil em 1530, sob a Capitania-Mór de Martin Affonso de Souza, escrito por seu irmão Pero Lopes de Souza*. In: VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. Souza. Tipografia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, 1839.

Disponível em: <<http://books.google.com.br>>

Acessado em: 12/01/2009.

TECHO, Nicolas del., *Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús*. Versión del texto latino por Manuel Serrano y Sans. Con prólogo de Blas Garay. 5 Tomos. Librería y Casa Editorial A. de Uribe y Compañía, 1897.

Disponível em: <<http://www.bvp.org.py/>>

Acessado: 15/04/2010.

_____. *Tres encuentros con América*. Traducción, Edición y notas por Arturo Nagy y Francisco Pérez – Maricevich. Asunción, Editorial del Centenario, 1976.

Disponível em: <http://www.bvp.org.py/>

Acessado: 06/03/2010.

TORRES BOLLO, Diego de. *Orientações aos jesuítas* In: LOZANO, Pedro. *Historia de la Compañía de Jesús de la Provincia del Paraguay*. Tomo I. Madrid: Imprenta de la Viuda de Manuel Fernández, 1755.

VELASCO, Juan Lopes. *Descripción Universal de Las Indias y Demarcación de los Reyes de Castilla*.

Disponível em: <<http://www.lablaa.org/blaavirtual/historia/india>>

Acessado: 08/08/2010.

Bibliografia impressa

ARNT, Fúlvio Vinícios. *SAN IGNÁCIO DE LOS ZAMUCOS: Índios e Jesuítas no coração do deserto Sul-americano, século XVIII*. (Tese) Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2005, 233p.

ARTIGAS DE REBES, Maria Isabel. *Antonio Ruiz de Montoya, Testemunha de seu tempo*. (tese). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2001, 400 p.

BARCELOS. Arthur Henrique. *O Mergulho no Seculum: exploração, conquista e organização espacial jesuítica na América espanhola colonial*. (Tese). Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006, 543 p.

BARTH, Fredrik. *O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Tradução de John Cunha Comerford. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

BECKER, Ítala Irene Basile. *Lideranças Indígenas no Começo das Reduções Jesuíticas da Província do Paraguai*. São Leopoldo, RS: Instituto Anchietano de Pesquisas, 1993.

_____. *Os Índios Charrua e Minuano na Antiga Banda Oriental do Uruguai*. São Leopoldo, RS: Editora UNISINOS, 2002.

BLASI, Oldemar; Pastina Fº., José; Pontes Fº., Almir *Primeiras notícias sobre a descoberta dos vestígios do provável assentamento do Tambo das minas de ferro na antiga província do Guairá*. Revista de Estudos Íbero-Americanos, 1989. p. 235-244.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Identidade e Etnia. Construção da Pessoa e Resistência Cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CALLADO, Francisco Rico. *Las misiones interiores en la España de los siglos XVII – XVIII*. (Tese) Filosofia y Letras. Universidad Autonoma de Madrid, 2002.

CARBONELL DE MASY, Rafael. *La Reducción Jesuítica de Santos Cosme y Damián: su Historia, su economía y su arquitectura*. Fundación Paracuaria – Missionsprokur S.J. Nürnberg – Alemania. 2003.

_____. *La Génesis de las vaquerías de los pueblos Tapes y Guaraníes de la banda oriental del Uruguay a la luz de documentación inédita, apenas conocida*. Instituto Anchietano de Pesquisas. História nº 27, 1989 152 p.

CLASTRES, Pierre. *A Sociedade Contra o Estado*. 2.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

CONLAZO, Daniel. [et al] *Los Querandíes. Tras las huellas de su cultura*. Buenos Aires: Galerna, 2006.

CORTESÃO, Jaime. *Jesuítas e Bandeirantes no Tape (1615-1641)*, Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1969.

CYPRIANO, Dóris Cristina de Araujo. *Os Toba do Chaco: missão e identidade século XVI, XVII e XVIII*. (tese). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2000, 201 p.

DU GRATI, Alfredo M. *La Republica del Paraguay*, Traducida del Francés al español por Carlos calvo, encargado de negocios del Paraguay. Asunción: Imprensa de Jose Joaquim, 1862.

EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge. *Cultura Material e Identidade Étnica na arqueologia brasileira: um estudo por ocasião da discussão sobre a tradicionalidade da ocupação Kaiowá da terra indígena Sucuri*. Revista Cultura e sociedade, Goiânia, 10(1):95-113.

_____. *Os Argonautas Guató: aportes para o conhecimento dos assentamentos e da subsistência dos grupos que se estabeleceram nas áreas inundáveis do Pantanal Matogrossense*. (Dissertação) Programa de Pós-Graduação em História, Área de concentração em Arqueologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995, p. 210.

FRANCISCO, Aline Ramos. *Selvagens e intrusos em seu próprio território: A expropriação do território Jê no Sul do Brasil (1808-1875)*. (Dissertação) Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2006.

FLORES, Moacyr. *Colonialismo e Missões Jesuíticas*. Porto Alegre: Instituto de Cultura Hispânica do RS, 1983.

- FURLONG, Guillermo, S.J. *Misiones y sus Pueblos de Guaraníes*. Buenos Aires: Ediciones Theoria, 1962.
- FREITAS DA SILVA, André Luis; TEDESCHI, Losandro Antonio. In: ANA, Olivia Nascimento. *Bens e Riquezas das Missões*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2008.
- FREITAS DA SILVA, André Luis [et al] *Kanhgàg ag Venh Kógan Kar ag Venhgrén: pintura e dança kaingang*. Santo Ângelo: Ediuri, 2009.
- GINZBURG, Carlo. *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*. In: *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*. São Paulo. Companhia das Letras, 1990.
- IPARRAGUIRRE, Ignacio. *Obras Completas de San Ignacio de Loyola*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristãos, 1952.
- KERN, Arno Alvarez. *Organização Política das Missões da Província Jesuítica do Paraguai. (1614-1707)*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979.
- NIMUENDAJU, Curt. *Mapa Etno-Histórico*. Rio de Janeiro: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1987.
- LACOUTURE, Jean. *Os Jesuítas – os conquistadores*. Porto Alegre: L&PM, 1991.
- LANGER, Protasio Paulo. *Os Guarani-Missioneiros e o Colonialismo Luso no Brasil Meridional*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2005.
- LARAIA, Roque de Barros, *Cultura: um conceito antropológico*. 16ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- LEONHARDT, Carlos. 1927. *Cartas Anuas de la Provincia del Paraguay, Chile y Tucumán, de la Compañía de Jesús. Documentos para la Historia Argentina*. Tomo XIX (1609-1614), Iglesia. Talleres S.A. Casa Jacobo Peuser. Buenos Aires
- MAEDER, Ernesto J. A. *Misiones del Paraguay. Confíto y Disolución de la Sociedad Guaraní (1768-1850)*. Buenos Aires: MAPFRE, 1992.
- MACHÓN, Jorge Francisco. *San Francisco de Paulo y los Kaingang de las Altas Misiones*. Junta de Estudios Históricos, Sociales y Literarios de Jardín América – Misiones. 2005.
- MELIÀ, Bartomeu; SAUL, Marcos, V, A; MURARO, V, F. *O Guarani: uma bibliografia etnológica*. Santo Ângelo: FUNDAMES, 1987.
- _____. *Las reducciones jesuíticas del Paraguay: un espacio para una utopía colonial*. Asunción. Estudios Paraguayos, 1978.
- MELIÀ, Bartomeu & NAGEL, Liane Maria. *Guaraníes y jesuitas en tiempo de las Misiones: una bibliografía didáctica*. Asunción/ Santo Ângelo: CEPAG/URI, 1995.

MELIÀ, Bartomeu. *El pueblo guaraní: unidad y fragmentos*. Tellus, ano 4, nº6 p. 151-162. Abr. 2004. Campo Grande.

_____. *La lengua Guaraní en el Paraguay colonial*. Asunción: CEPAG, 2003.

MONTEIRO, John. *Tupis, Tapuias e Historiadores, Estudos de História Indígena e do Indigenismo*. (Tese) Área de Etnologia, Subárea História Indígena e do Indigenismo. UNICAMP: 2001.

PASTELLS, R. P. Pablo, S.J. *Historia de La Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay, según los documentos originales del Archivo General de Indias*. Tomo I. Madrid: Librería General de Victoriano Suárez, 1912.

_____. *Historia de La Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay, según los documentos originales del Archivo General de Indias*. Tomo II. Madrid: Librería General de Victoriano Suárez, 1915.

PORTO, Aurélio. *História das Missões Orientais do Uruguai*. vol. III, Porto Alegre: Livraria Selbach, 1954.

PROUS, André. *Arqueologia brasileira*. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1992.

REIS, José Carlos. *História e Teoria: Historicismo, Modernidade, Temporalidade e Verdade*. 3ª ed. Rio de Janeiro. FGV, 2006.

ROGGE, Jairo Henrique. (Tese) *Fenômenos de Fronteira: Um estudo das situações de contato entre os portadores das tradições cerâmicas pré-históricas*. Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2004. 241p.

SANTOS, Maria Cristina dos; BAPTISTA, Jean Tiago. *Reduções Jesuíticas e Povoados de Índios: controvérsia sobre a população indígena (séc. XVII e XVIII) In Revista de História, UNISINOS, São Leopoldo, RS, v. 11, nº 2 p. 240-251, Maio/Agosto 2007*

SCHALLENBERGER, Erneldo. *O Guairá e o espaço missioneiro: índios e jesuítas no tempo das missões rio-platenses*. Cascavel: Editora Coluna do Saber, 2006.

SCHMITZ, Pedro Inácio. *Os Primitivos habitantes do Rio Grande do Sul*. Anais – II Simpósio Nacional de Estudos Missionários. Santa Rosa: FFCL Dom Bosco, 1977, p. 50-60.

SERRANO, Antonio., *Etnografía de la Antigua Provincia del Uruguay*. Paraná, Melchior, 1936.

SILVA, Sergio Batista da. *Etnoarqueologia dos Grafismos Kaingang: um modelo para a compreensão das sociedades Proto-Jê meridionais*. (tese) Doutorado em Antropologia Social, FFLSCH/USP, São Paulo. 2001. 366 p.

SOARES, André Luis. *Organização Sócio-Política Guarani: Aportes para a Investigação Arqueológica*. (Dissertação). Curso de Pós-Graduação em História: Área de Concentração em Arqueologia. Porto Alegre, 1996.

SUSNIK, Branislava. *Interpretacion etnocultural de la complejidad sudamericana antigua: Formacion y dispersion etnica*. Asuncion : Museo Etnografico “Andres Barbero”, 1994.

_____. *Artesanía Indígena: ensayo analítico*. Asunción: El Lector, 1998.

_____. *Las Características Etno-Socio-Culturales de los Aborígenes Del Paraguay en el Siglo XVI*. Museo Etnográfico Andrés Barbero. Asunción, 1993.

_____. *El Rol de los indígenas en la plasmación sociobiologica y en la formación culturo-economica de la Provincia del Paraguay*. Instituto Paraguayo de Estudios Nacionales IPEN. Asunción 1982.

TESCHAUER, Carlos. *Vida e Obras do Padre Roque Gonzáles de Santa Cruz. Primeiro Apóstolo do Rio Grande do Sul*. Typographia do Centro. Porto Alegre, 1928.

WILDE, Guillermo. *Territorio y Etnogénesis Misional en el Paraguay del siglo XVIII*, In Revista Fronteiras, Dourados, MS, v. 11, nº19, p. 83-106, jan./jun. 2009.

Bibliografia em meio digital

BARTOLOMÉ, Miguel Alberto. A., *As Etnogêneses: Velhos Atores e Novos Papéis no Cenário Cultural e Político*, Mana vol.12 no.1 Rio de Janeiro. 2006, p. 39-68.
Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf> > Acessado: 12/07/2010.

BOCCARA, Guillaume. *Mundos nuevos en las fronteras del Nuevo Mundo, Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Debates, 2005, [En línea], Puesto en línea el 08 février 2005. URL :
Disponível em: < <http://nuevomundo.revues.org> > Acessado: 26/04/2011.

COMBÈS, Isabelle. VILLAR, Diego. *Os Mestiços mais Puros. Representações Chiriguano e Chané da Mestiçagem*. Revista Mana, 2007.
Disponível em: < <http://www.scielo.br/scielo.php> > Acessado: 12/07/2009.

GAY, J., P., *História da Republica Jesuítica do Paraguai desde o descobrimento do Rio da Prata até nossos dias, ano de 1861*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1863.
Disponível em: < <http://books.google.com.br> > acessado: 08/02/2009.

JOÃO. Pacheco de Oliveira. *Uma Etnologia dos “Índios Misturados”? Situação Colonial, Territorialização e Fluxos Culturais*. Mana, São Paulo, 4(1):47-77, 1998.
Disponível em: < <http://pt.scribd.com/doc> > Acessado: 10/11/2010.

JOSÉ DA SILVA, Giovane., *Além do que os olhos vêem: reflexões sobre etnia, etnicidade e identidade étnica – os índios Atikum em Mato Grosso do Sul*. Tellus, ano 3, nº5 p. 9-106. Out. 2003. Campo Grande.

Disponível em: <<ftp://neppi.ucdb.br/pub/tellus>> Acessado: 15/03/2011.

MONTEIRO, John. *Entre o Etnocídio e a Etnogênese: identidades indígenas coloniais*. In: FAUSTO, Carlos; MONTEIRO, John. *Tempos Índios: histórias e narrativas do novo mundo*. Museu Nacional de Etnologia Assírio & Alvin, Antologia Índios 5/15/07, p. 25-65.

Disponível em: <<http://www.ifch.unicamp.br/ihb/>>. Acessado: 03/01/2010.

MOTA, Lucio Tadeu. *Relações interculturais na bacia dos rios Paranapanema/Tibagi no século XI*.

Disponível em: <www.ifch.unicamp.br/ihb/Textos> Acessado: 07/08/2010

PAOLI, Juan Bautista Rivaroli. *La Economía Colonial*. Asunción, Paraguay. Editora Litocolor, 1986.

Disponível em: <<http://www.bvp.org.py/>>. Acessado: 05/03/2010.

PARELLADA, Claudia Inês. *Estética Indígena Jê no Paraná: Tradição e Mudança no Acervo do Museu Paranaense*. Revista Científica / FAP, Curitiba, v3, p. 213-229, jan/dez. 2008.

Disponível em: <www.fap.pr.gov> Acessado: 27/06/2010.

SANTOS, Maria Cristina dos. *Aspectos de la Resistencia Guaraní: Los Proyectos de Integración en el Virreinato del Río de la Plata (1768-1805)*. Tese de doutorado apresentada na Facultad de Geografía e Historia da Universidad Complutense de Madrid, 1993.

Disponível em: <<http://eprints.ucm.es/teses>> Acessado: 12/03/2010.

UNTERMANN., J., *Los Etnónimos de la Hispania Antigua y las Lenguas Prerromanas de la Península Ibérica*.

Disponível em: <www.ucm.es/BUCM/revistas/ghi> Acessado: 07/10/2010.

Obras consultadas

ABLAS, Luis. A. Q. *Heranças Fundiárias na Colonização Brasileira Sesmarias e Propriedade Territorial*. Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, 1995.

BECKER, Ítala Irene Basile. *O Índio Kaingang no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 1976.

BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina*. São Paulo: Edusp; Brasília, DF: Fundação Alexandre Gusmão, 1998, v.I. (América Latina Colonial).

BORBA, Morosine Telêmaco. *Atualidade Indígena*. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1908.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BURKE, Peter. *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP. 1992.

CERTEAU, Michel de. *A operação historiográfica*. In. _____. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense, 1982.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

HEMMING, John. *Ouro vermelho: A conquista dos índios brasileiros*. São Paulo: EDUSP, 1978.

LEVAGGI, Abelardo. *Los tratados entre la Corona y los indios, y el plan de conquista pacífica*. ; *Revista Complutense de Historia de América*, Madrid; 1993,
Disponível em: <<http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo>>. Acesso: 10/06/2009

PINSKY, Carla B. (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

ROSA, Coelho de la Rosa. *Mas Allá del Incário. Imperialismo e historia en José de Acosta, SJ. (1540-1600)*. *Revista Complutense de Madrid*, {S.I.:s.n}.
Disponível em: <<http://www.ucm.es/BUCM/compludoc>> Acessado: 05/03/2009.

SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

SUESS, P.; MELIÀ, B.; BEOZZO, J. O.; PREZIA, B.; CHAMORRO, G.; LANGER, P. *Conversão dos cativos: povos indígenas e missão jesuítica*. São Bernardo do Campo, SP: Nhanduti Editora, 2009.

TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes. 1996.

TYLOR, E.B. (1975, or. 1871): "*La ciencia de la cultura*", em KAHN, J.S. (comp.): *El concepto de cultura: textos fundamentales*. Barcelona: Anagrama.

VEIGA, Juracilda. *Aspectos Fundamentais da Cultura kaingang*. Campinas: Kurt Nimuendaju, 2006.

Autorizo a reprodução deste trabalho.

Dourados, 29 de agosto de 2011.

André Luis Freitas da Silva